



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

CARLA DANIELA ALVES RODRIGUES

**ENTRE LUTAS E CONQUISTAS:
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO EM
TERESINA NA DÉCADA DE 1950**

TERESINA-PI
2011

CARLA DANIELA ALVES RODRIGUES

**ENTRE LUTAS E CONQUISTAS:
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO EM
TERESINA NA DÉCADA DE 1950**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro.

TERESINA-PI
2011

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

R696e

Rodrigues, Carla Daniela Alves

Entre lutas e conquistas: a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950 / Carla Daniela Alves Rodrigues. – 2011.

200 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2011.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro.

1. Mercado de Trabalho - Mulher. 2. Educação Feminina - Teresina. I. Título.

CDD: 331.4

CARLA DANIELA ALVES RODRIGUES

**ENTRE LUTAS E CONQUISTAS:
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO EM
TERESINA NA DÉCADA DE 1950**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação aprovada pela banca examinadora em 10 de junho de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Prof.^a. Dr.^a Cláudia Cristina da Silva Fontineles (Examinadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto (Examinador)
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

A meus pais, Oscar e Francisca, pelo incentivo, apoio, carinho e amor incondicional.

Ao Francisco Almeida, pelo companheirismo, amor, carinho e por me proporcionar momentos felizes e inesquecíveis.

AGRADECIMENTOS

Parece que foi ontem que recebi a notícia da aprovação no mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. A felicidade foi tanta que não tive como conter as lágrimas de emoção. Iniciava em março de 2009 uma nova e importante etapa nos meus estudos. Sabia das dificuldades que encontraria, mas sabia também da minha determinação e do apoio que teria de pessoas que me amam, o que foi importante para que superasse qualquer dificuldade. Com a conclusão da pesquisa e o término do mestrado, reservo esse espaço para agradecer a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram nessa caminhada.

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha existência e por ter superado os obstáculos encontrados.

Aos meus pais, Oscar e Francisca, ou melhor, Nascimento e Chiquinha, pela educação, apoio e amor. Embora nunca tenham frequentado uma escola para estudar, sempre me incentivaram nos meus estudos, vibrando com todas as minhas vitórias.

Às minhas irmãs Maria do Desterro, Francinete, Elisa e aos meus irmãos Mauro Sérgio e Antonio Wilson, pelo carinho e estímulo.

Aos meus sobrinhos Kirlan, Michel, Misael, Maciel, Mateus, as minhas sobrinhas Débora, Larissa, Amanda e as minhas sobrinhas-afilhadas Kaylane e Kissiane por trazerem alegria a minha vida.

Ao Francisco Almeida, pelo amor, apoio, incentivo e por ter compartilhado os momentos de alegria e angústia vivenciados ao longo desta trajetória. Durante esses dois anos de mestrado me ouviu atentamente falar da minha pesquisa, sempre disponível para ajudar e para me acalmar nos momentos de angústia. O meu eterno obrigado a essa pessoa que tanto amo e que escolhi para dividir a minha vida.

À Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro, por ter orientado este trabalho, pela colaboração, motivação e prazerosa convivência marcada, principalmente, pelo respeito e admiração.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, especialmente, a Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, ao Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco e ao Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento pelo aprendizado em suas aulas.

À Prof.^a Dr.^a Elizangela Barbosa Cardoso, pelas sugestões que fez a este trabalho na Banca de Qualificação, contribuindo significativamente para a redação final da dissertação.

À Prof.^a Dr.^a Cláudia Cristina da Silva Fontineles por todo o apoio dado na minha graduação pela Universidade Estadual do Piauí – Campus Clóvis Moura, pelo incentivo na seleção do mestrado e valiosas sugestões dadas ao trabalho na Banca de Qualificação. O meu obrigado a essa pessoa e a essa profissional que fez despertar em mim o interesse e o amor pela História e a quem quero seguir como exemplo de professora e historiadora.

Ao Prof. Ms. Pedro Pio Fontineles Filho, meus sinceros agradecimentos, por ter sempre acreditado em mim, incentivando-me sempre a alçar voos mais altos. Com competência e humildade ensinou-me não apenas História, mas a importância de acreditar em mim mesma. Obrigado ao meu querido professor e amigo pelo apoio dado na minha graduação e incentivo no decorrer do mestrado, e por ter ajudado a dar passos importantes na minha vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto e a Prof.^a Ms. Márcia Castelo Branco Santana, professores que também tiveram um papel importante na minha graduação e na estudante e pesquisadora de História que me tornei.

À minha querida amiga Iêda Moura da Silva, amizade construída durante o mestrado. Nesses dois anos compartilhamos nossas angústias, tristezas, medos, alegrias, sempre na certeza que conseguiríamos vencer os obstáculos. Agradeço pelo convívio e amizade, fundamentais para que concluísse mais essa etapa nos meus estudos.

Aos outros amigos da 6^a turma do mestrado em História do Brasil, gostaria de expressar meu agradecimento, em especial, a Pedrina Nunes, Neuza Melo, Auxiliadora Carvalho e Teotônio Rodrigues pela convivência afetuosa e pelas trocas de conhecimento.

À querida Samara Viana que conheci no Mestrado em Educação e que me ensinou nesse período de convivência o quanto a vida pode ser leve, mesmo diante das dificuldades que ela nos apresenta.

Às amigas Cristina, Márcia, Elizabeth e Helena pelos momentos de alegria e por terem entendido as horas ausentes.

À CAPES e a FAPPEPI, pelo financiamento desta pesquisa, o que me permitiu dedicação exclusiva ao curso, além da participação em congressos e a compra de livros.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Piauí, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, das bibliotecas em que estive e ao Padre Edson Mesquita e Silva, responsável pelo acervo de fontes no arquivo do Centro Pastoral Paulo VI, pela gentileza e disponibilidade no atendimento.

À Maria Yêda Caddah, Eronice Soares Cavalcante Carvalho, Maria Leonília de Freitas, Helena Conde Medeiros e Rosa Amélia Tajra França por terem concedido as suas memórias, que muito contribuíram para a elaboração deste trabalho.

A todas as mulheres que viveram em Teresina na década de 1950 e que construíram “novos caminhos” para a trajetória feminina no mundo do trabalho. A essas mulheres que de diferentes formas buscaram percorrer outros espaços e construir outras identidades.

A todos que colaboraram para a realização deste trabalho, a minha imensa gratidão.

RESUMO

O presente trabalho consistiu em analisar a participação das mulheres de classe média e alta no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950, período conhecido como “Anos Dourados”. Teresina, nesse período, se encontrava marcada por ambiguidades. De um lado, continuava nítida a divisão social dos papéis de gêneros que reservava à mulher os papéis de esposa, mãe e dona-de-casa e ao homem o papel de pai e provedor material. Do outro lado, a intensificação da urbanização, a ascensão dos segmentos médios e outras transformações na sociedade que conduziam ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. Diante desse contexto, o estudo teve como principal objetivo destacar e analisar a emergência de mulheres teresinenses no cenário de atividades remuneradas e os diferentes discursos que foram proferidos acerca dessa emergência. A discussão foi balizada na categoria gênero, que discute a história das relações entre homens e mulheres na sociedade. A metodologia utilizada constou de pesquisa bibliográfica, em fontes diversas como revistas, jornais locais que circulavam na época, censos das décadas de 1940 e 1950 e Mensagens Governamentais à Assembléia Legislativa, além da utilização da história oral com mulheres que viveram e trabalharam na época. A pesquisa e a análise dos documentos permitiram concluir que as mulheres, no decorrer dos anos cinquenta, foram ocupando cada vez mais o espaço público e delineando outros comportamentos, mas não totalmente desvinculados dos papéis tradicionais femininos, uma vez que esses papéis continuavam sendo significados na sociedade como sinônimos de “ser” mulher. O espaço público criou condições para que assumissem a identidade profissional, que veio a se agregar a identidade de esposa, mãe e dona-de-casa.

Palavras – chave: Mulher. Teresina. Mercado de Trabalho. Discurso.

ABSTRACT

The present paperwork consisted in analyzing the participation of the middle and high class women in the work net in Teresina in 1950 decade, period known as “Golden Years”. Teresina, in this period, was marked for ambiguity. By one side, it was clear the social division of the gender rules which reserved to the woman the condition of wife, mother and housewife and to the man the condition of father and material maintainer. On other hand, the intensity of urbanization, the rising of middle segments and other changes on society, which was conducted to the rise of educational and professional possibilities for men and women. Apart this context, the study had as main objective to point out and analyze the up surge of Teresinense women in the scenery of paid activities and the different speeches that were divulged about that up surge. The discussion was based on the gender category, which discuss the history of the relations among men and women on the society. The used methodology was composed of bibliographical research, in several sources as magazines, local newspapers that circulated in that moment, censuses of 1940 and 1950 decades and Governmental Messages to the Legislative Assembly, besides the utilization of the oral history with women who lived and worked in that period. The research and the analysis of the documents permitted to conclude that the women, during 1950’s, were occupied much more the public space and constructing other behaviors, but not totally unbound of the traditional female rules, because that these rules continued being comprehended in the society as synonymy of “being” woman. The public space created conditions for they had the Professional identity, which came to join itself to the wife, mother and housewife identity.

Keywords: Woman. Teresina. Work Net. Speech.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Propaganda do Creme Puff	27
Foto 2: Miss Piauí	67
Foto 3: Eleita Miss Piauí	67
Foto 4: Alunas do Ginásio Des. Antonio Costa	92
Foto 5: Escola Normal Antonino Freire	103
Foto 6: Aula da Saudade da Turma de Direito de 1959 da Faculdade de Direito do Piauí...	115
Foto 7: O Theatro 4 de Setembro (1894) e o Cine Rex (1939) nos Anos 1950	168
Foto 8: Moças na Praça Pedro II	171

LISTA DE SIGLAS

CADES - Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário

CERMAP - Centro de Estudos e Recreação do Magistério Piauiense

DASP - Departamento Administrativo do Serviço Público

DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

ENATEC - Grupo Executivo do Ensino e Aperfeiçoamento Técnico

FADI - Faculdade de Direito

FAFI - Faculdade Católica de Filosofia

FISI - Fundo Internacional de Socorro à Infância

HGV - Hospital Getúlio Vargas

IAPC - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes

IAPETEC - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transporte e Cargas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPASE - Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado

INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

SAMI – Serviço de Assistência a Maternidade e à Infância

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESC - Serviço Social do Comércio

SESI - Serviço Social da Indústria

UMC - União dos Moços Católicos

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ensino primário	76
Tabela 2: Pessoas de 10 anos e mais que possuem curso completo, por sexo e grau do ensino em Teresina– 1940/1950	82
Tabela 3: Pessoas presentes no Piauí, de 10 anos e mais, que possuem curso completo, por sexo e grau do ensino, segundo a espécie do curso – 1950	89
Tabela 4: Pessoas presentes em Teresina, de 10 anos e mais, por sexo e ramo da atividade principal exercida – 1940/1950	128
Tabela 5: Corpo docente das escolas primárias	134
Tabela 6: Padrão de vencimentos dos professores	139

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS FEMININAS NOS ANOS 1950 EM TERESINA	22
2.1 (Re)definindo papéis: o discurso do lar como o destino natural da mulher	22
2.2 Entre a cruz e a espada: discurso religioso e trabalho feminino em Teresina	45
2.3 Desejos e práticas femininas no limiar dos Anos Dourados	55
3 DO PENSAR AO FAZER: TRAJETÓRIAS ESCOLARES FEMININAS NA DÉCADA DE 1950	73
3.1 O contexto educacional de Teresina nos anos 1950	73
3.2 A escolarização feminina e a emergência de novos saberes	84
3.3 A trajetória feminina no curso Normal e no curso de Enfermagem	100
3.4 Do desejo ao investimento: a presença feminina no ensino superior	107
4 ENTRE O LABOR E O LAZER: OS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO E NO LAZER TERESINENSE	118
4.1 A participação feminina no mercado de trabalho: uma realidade nos anos 1950	119
4.2 Para além do confinamento doméstico: trabalho feminino e vida pública	132
4.3 Do labor ao lazer: festividades e manifestações culturais	159
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
FONTES E REFERÊNCIAS	179
APÊNDICES	194

1 INTRODUÇÃO

Viver para os maridos, sofrer para os maridos, despir-se para os maridos, gerar para os maridos seus herdeiros e secar para seus maridos. Essas eram algumas atribuições das Mulheres de Atenas, cantadas por Chico Buarque.¹ Características que ressoaram pelos tempos e pelos espaços e se cristalizaram como marcas de “ser” mulher em muitas sociedades ocidentais.

Tais atribuições estavam presentes nos discursos e práticas da sociedade brasileira dos anos de 1950, o que contrastava com uma dinâmica social, política e econômica pautada nas noções dos “Anos Dourados” e do progresso dos “50 anos em 5”. Em meio às transformações materiais, as mulheres buscavam romper as “amarras atenienses” e conquistar novos espaços de atuação na sociedade.

“Entre lutas e conquistas: a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950” é um título que demonstra as minhas inquietações com a forma como a mulher foi representada na nossa sociedade. Um dos propósitos deste escrito foi (des)construir a ideia de que só existem três caminhos a serem seguidos pelas mulheres, que são o de ser mãe, esposa e dona-de-casa. Tais papéis representavam apenas a norma da sociedade, existindo outros papéis paralelos a esses. Conforme afirma Scott, “[...] as ideias conscientes sobre o masculino ou o feminino não são fixas, uma vez que elas variam de acordo com as utilizações contextuais [...]”.²

Nos anos cinquenta do século XX, as mulheres estavam demarcando seus espaços no mercado de trabalho, na educação e no lazer da cidade. Pensar em um único modelo feminino é esquecer suas origens, a classe social, as especificidades dos locais em que residem. É esquecer que são mulheres diferentes entre si e que fazem escolhas. Pensar na multiplicidade de comportamentos, identidades e papéis é pensar em mulheres que constituem as dimensões da sociedade na qual vivem.

Assim, um dos desafios nas abordagens que enfocam o universo feminino é evitar que as mulheres apareçam nos estudos históricos de forma homogênea e generalizada, uma vez que elas são “[...] diversas em sua condição social, etnia, raça, crenças religiosas, enfim, na

¹BUARQUE, Chico. Mulheres de Atenas. Intérprete: Chico Buarque. In: Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/chico.buarque>>. Acesso em: 13 de mar. 2011.

² SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 82, jul./ dez. 1995.

sua trajetória marcada por inúmeras diferenças [...]”.³ As mulheres são mais do que uma categoria biológica, são históricas e culturais.

Nesse sentido, o foco da pesquisa são as mulheres de classe média e alta que ingressaram no mercado de trabalho formal em Teresina na década de 1950, período conhecido como “Anos Dourados”, uma fase de euforia desenvolvimentista nos setores econômico, político e social. Os chamados “Anos Dourados” passavam por um intenso processo de urbanização e industrialização, o que contribuía para o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. O público feminino conviveu, dessa forma, com os discursos de reafirmação dos papéis tradicionais e as possibilidades de trabalho.

Para construímos o nosso objeto de estudo, foi fundamental o contato com as fontes primárias e as leituras referentes ao tema. Para tal, alguns livros de autores como Guacira Lopes Louro,⁴ Carla Bassanezi,⁵ Pedro Vilarinho Castelo Branco⁶ e Elizangela Barbosa Cardoso⁷ foram obras que incitaram o desejo de investigar sobre a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950, visto que o trabalho, como expressão da vida pública, é um dos espaços de conquistas e de conflitos da experiência feminina.

A escolha do recorte temporal partiu do pressuposto de que, durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil assistiu a uma intensa participação da mulher no mercado de trabalho. Porém, com o fim da guerra, a sociedade brasileira liderou um discurso objetivando o retorno da mulher ao lar, criando um ambiente de tensões no tocante aos espaços de atuação das mulheres.

Tendo em vista essa intensificação do emprego feminino no período da guerra (1939-1945) e, posteriormente, a proliferação de discursos no Brasil visando à volta da mulher ao lar, é que se pretendeu saber, por intermédio desta pesquisa, quais foram os discursos proferidos pela sociedade teresinense com esse objetivo e em que proporção as mulheres incorporaram ou refutaram esses discursos, voltando a exercer, exclusivamente, as atividades domésticas ou com que intensidade mantiveram-se firmes no mercado de trabalho.

³ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275.

⁴ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁵ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607-639.

⁶ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Bagaço, 2005.

⁷ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

A pesquisa realizada segue a tendência da historiografia do século XX que abarca a dimensão masculina e feminina como integrantes dos mesmos e múltiplos condicionamentos sociais e culturais, que “gerenciam” os lugares de atuação desses sujeitos e o impacto desses condicionamentos no cotidiano e no comportamento desses indivíduos. A presente pesquisa não pretendeu fazer uma análise dicotômica entre homens e mulheres, visto que as recentes discussões acerca da categoria gênero, na prática historiográfica, tem demonstrado que as relações socioculturais aproximam os universos masculino e feminino, resguardando as devidas particularidades.

A incorporação da categoria de análise gênero nos estudos históricos só emergiu no fim do século XX. Essa categoria concebe o homem e a mulher em um aspecto relacional, ou seja, como complementares. “[...] Segundo essa visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado [...]”⁸

De acordo com Scott,⁹ o termo gênero foi utilizado inicialmente pelas feministas americanas que queriam demonstrar que as distinções baseadas no sexo eram marcadas por um caráter social e não biológico. O termo significa uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Na realização deste trabalho utilizamos o conceito de gênero. Seu uso sugere que o masculino e o feminino são resultados de construções sociais, culturais e históricas e não biológicas. Vale frisar que:

[...] na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existe *a priori*. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.¹⁰

Gênero tem constituído uma categoria de grande relevância no seio da historiografia, especialmente por elucidar as práticas discursivas e mecanismos que tem em vista a história

⁸ SCOTT, 1995, p. 72.

⁹ SCOTT, 1995.

¹⁰ LOURO, 2008, p. 23.

das relações entre homens e mulheres. No Brasil, somente no final dos anos 1980, o termo gênero passa a ser usado pelas feministas, alcançando, gradativamente, importância no seio da historiografia brasileira.¹¹

Alicerçada nas discussões de gênero e almejando pesquisar sobre a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950, surgiram as seguintes indagações:

- Que tipos de atividades remuneradas eram exercidas pelas mulheres teresinenses de classe média e alta na década de 1950?

-Como as mulheres que exerciam trabalho remunerado eram percebidas pela sociedade teresinense?

-Como era o cotidiano das mulheres que ingressavam no mundo do trabalho formal?

-Quais os tipos de trabalhos que a sociedade reprovava para a mulher?

Dessa maneira, tais questões foram o norte desta pesquisa, o que não impediu o surgimento de outros questionamentos paralelos, visto que, à medida que o contato com as fontes se intensificaram, a visualização do trabalho feminino tornou-se algo mais nítido.

A pesquisa desenvolvida buscou aprofundar as percepções a respeito dos trabalhos remunerados executados pelas mulheres de classe média e alta que viveram em Teresina na década de 1950, fazendo alusões aos tipos de comportamentos evidenciados pelas mulheres e que possibilitaram emergir novos olhares e discursos em torno dessas mulheres que ousaram enfrentar o dia-a-dia no mundo do trabalho.

A elaboração deste trabalho passou pela tentativa de evidenciar questões comportamentais no que concerne à participação feminina no espaço público teresinense, o que significou visualizar não somente o que circunscreve às mulheres, mas também os valores e as imagens que norteavam a sociedade da época, redirecionando as relações sociais entre homens e mulheres.

O presente trabalho analisou as mulheres tanto no espaço privado como no espaço público. Mulheres estas que ao mesmo tempo em que eram idolatradas como rainhas do lar, esposas e mães exemplares, tinham também questionadas a sua própria existência como na música *Coisas de Mulher*,¹² interpretada nos anos cinquenta por Dolores Duran e composta

¹¹ LOURO, 2008.

¹² Na música *Coisas de mulher* é questionada a existência da mulher, isso é perceptível no seguinte trecho: “A mulher pra brigar, basta um motivo qualquer, aí! Meu Deus, porque que é, que o senhor fez a mulher?”. BAIANO, Chico. *Coisas de mulher*. Intérprete: Dolores Duran. In: Disponível em <<http://letras.terra.com.br/dolores-duran>>. Acesso em: 26 de jul. 2010.

por Chico Baiano. São essas mulheres, ora idolatradas, ora inferiorizadas, que procuramos analisar ao longo deste escrito. Mulheres que se caracterizavam pela sua própria diversidade.

Magali Engel¹³ ressalta que uma das dificuldades para o historiador que almeja pesquisar setores considerados marginalizados e dominados nas diferentes sociedades, reside na ausência ou escassez de documentos produzidos por tais setores. Porém, essa dificuldade elencada pela autora pode ser amenizada, posto que não existem fontes objetivas e independente dos setores que produzem os documentos, há as intencionalidades inerentes às fontes. Assim, uma das funções do historiador é tentar perceber essas intencionalidades e construir sua narrativa no intuito de “preencher” as lacunas inerentes à própria história.

Na concepção de Keith Jenkins,¹⁴ o mesmo objeto de investigação é passível de diferentes interpretações por diferentes discursos, ou seja, vários historiadores analisam de diferentes formas o mesmo fato, pois a subjetividade e os interesses de cada um influenciará na narrativa, além da objetividade que deve ser buscada junto às fontes históricas. Jenkins é mais enfático, ainda, ao afirmar ser a ideologia que limita a liberdade analítico-interpretativa dos historiadores.

Nesse sentido, concordamos com a noção de que “[...] a história é, em essência, conhecimento por meio de documentos. Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento [...]”.¹⁵ Os documentos são relevantes para a pesquisa histórica, mas não podemos esquecer que os documentos não falam por si mesmos, sendo necessário o historiador trazê-los mediados por questionamentos, teoria e metodologias apropriadas. Isso pelo fato de que

[...] as fontes históricas são apenas evidências de momentos de experiências de vida e, para serem recuperadas e trazidas à nossa perspectiva, ao definir o objeto, elas têm de ser trazidas a partir de questionamentos, pois só assim os fatos vão responder com sua própria voz, através de perguntas feitas pelo historiador. É uma interação dialética entre o pesquisador e a sua evidência que produz o conhecimento histórico [...].¹⁶

Na História existem redes de verdades e, dessa forma, os objetos em estudo estão sujeitos a diferentes interpretações que devem sempre estar pautadas em documentos, logo as fontes impedem que se diga tudo que se pensa, legitimando um trabalho como sendo de

¹³ ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 297-311.

¹⁴ JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

¹⁵ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: UnB, 1998, p. 18.

¹⁶ FENELON, Déa. Pesquisa em História: perspectivas e abordagens. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 132.

História. Em se tratando da produção do conhecimento histórico, deve existir um diálogo interdependente entre objetividade e subjetividade, o que se exige, para tal, tanto uma base teórica como um repertório metodológico.

Considerando essas prerrogativas, este trabalho tem como alicerce metodológico a pesquisa bibliográfica que permitiu entrarmos em contato com as leituras referentes ao tema proposto. Os jornais que circulavam na época representam fontes riquíssimas e no acervo do Arquivo Público do Piauí foram catalogados os seguintes jornais: *Jornal do Piauí*, *O Piauí*, *O Dia*, *Diário Oficial*, *Jornal do Comércio*, *Estado do Piauí*, *Folha da Manhã* e *O Dominical*. Esse último foi consultado com a pretensão de se reconhecer o posicionamento da Igreja acerca do trabalho remunerado da mulher teresinense, por ser um jornal que traz no seu bojo a essência do pensamento da Igreja Católica. Foram catalogadas, também, revistas que retratavam a mulher na sociedade teresinense, dentre as quais a *Panóplia*, *Voz do Estudante* e o *Zodíaco*, além do periódico *Almanaque do Cariri* produzido em 1952.¹⁷ No acervo do Arquivo Público do Piauí catalogamos, ainda, as Mensagens Governamentais à Assembleia Legislativa, Leis, Decretos e Resoluções a fim de diversificar os olhares em torno da temática aqui proposta. Nos arquivos do IBGE pesquisamos os censos das décadas de 1940¹⁸ e 1950 referentes à ocupação feminina no mercado de trabalho em Teresina e correspondentes à participação feminina no ensino da capital.

A história oral foi um outro recurso utilizado para a produção do conhecimento histórico. Aqui selecionamos e entrevistamos cinco mulheres que viveram e trabalharam em Teresina na década de 1950, sendo elas: Rosa Amélia França,¹⁹ Leonília Freitas,²⁰ Eronice

¹⁷ Na análise dessas fontes foi levado em consideração o exposto por Tania Regina de Luca quando diz que “[...] jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende defender a partir da palavra escrita [...]”. LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 140.

¹⁸ Quanto à pesquisa de censos, foi retomada a década de 1940 para que se possa perceber suas ressonâncias na década seguinte.

¹⁹ Rosa Amélia Tajra França nasceu em Teresina (PI) no dia 23 de julho de 1918, cursou o primário na Escola Modelo Artur Pedreira e o ginásio e o científico no Liceu Piauiense, hoje Colégio Estadual Zacarias de Góis. Graduada em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, Rosa Amélia é considerada a primeira pediatra do Piauí. Na década de 1950 foi diretora do SAMI – Serviço de Assistência à Maternidade e à Infância.

²⁰ Maria Leonília de Freitas nasceu em Floriano (PI) no dia 3 de setembro de 1931. Filha do Educador Felismino Freitas Weser, estudou o ginásio no Colégio Demóstenes Avelino, colégio fundado e dirigido pelo seu pai. Em 1950 foi para Fortaleza estudar no Colégio Imaculada Conceição, onde concluiu o curso científico. No ano de 1954 graduou-se em odontologia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade Federal do Maranhão. Fez especialização em odontopediatria pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Como dentista trabalhou nos anos 1950 no Ministério da Agricultura, além de atender no seu consultório.

Carvalho,²¹ Helena Medeiros²² e Yêda Caddah.²³ Na pesquisa trabalhamos com as entrevistas temáticas que são aquelas “[...] que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido [...]”.²⁴

Para Freitas,²⁵ a história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a diferentes sujeitos que vivenciaram e participaram de uma determinada época, por intermédio de suas lembranças. O método da história oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais e a reinterpretação do passado a partir de outras referências.

Com este mesmo enfoque, Neves sustenta ser a história oral “[...] um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico [...]. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades”.²⁶ As fontes orais representam registros do que passou em um determinado tempo e lugar.

Nesse sentido, o conceito de memória representa um outro aspecto relevante para quem utiliza a metodologia da história oral. Para compreendermos as dimensões que envolvem esse conceito foram fundamentais os estudos de autores como Maurice Halbwachs,²⁷ Michael Pollak,²⁸ Ecléa Bosi²⁹ e Loiva Otero Félix³⁰.

²¹ Eronice Soares Cavalcanti Carvalho nasceu em Crateús (CE) no dia 31 de julho de 1930, cursou o primário no Grupo Escolar Teodoro Pacheco e o ginásio no Colégio Demóstenes Avelino. Já o científico estudou no tradicional Liceu Piauiense. Em 1955 ingressou no curso de Direito da Faculdade de Direito do Piauí. Após formada foi nomeada pelo presidente do Tribunal de Justiça como Primeira Suplente de Promotora Pública da capital, logo depois sendo nomeada Primeira Suplente Procuradora dos Feitos da Fazenda Estadual. Antes de formada, já trabalhava juntamente com o pai em um cartório.

²² Helena Conde Medeiros nasceu em Teresina (PI) no dia 17 de janeiro de 1935. O ensino primário estudou no Grupo Escolar Barão de Gurgueia e os dois primeiros anos do ginásio foram feitos no Ginásio Leão XIII. Aos 13 anos viajou para o Rio de Janeiro para dar continuidade aos estudos. Em 1956 concluiu o curso de Bacharelado em Letras Neolatinas pela PUC-RJ, retornando no mesmo ano à Teresina, onde passou a ministrar aulas de Francês na Escola Normal Antonino Freire, hoje Instituto Superior de Educação Antonino Freire.

²³ Maria Yêda Caddah nasceu em Teresina (PI) no dia 21 de setembro de 1929, cursou o primário no Grupo Escolar Barão de Gurgueia e o ginásio e o científico no Liceu Piauiense. Em 1947 fundou o Coral Nossa Senhora do Amparo na cidade de Teresina. Pianista laureada, musicista e regente, com curso superior de piano pelo Conservatório Brasileiro de Música e Escola de Música e Regência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui curso de Pós-Graduação de Piano, Pedagogia Musical, curso de especialização em Folclore e Regência Coral. Doutora em Música, livre-docente de Piano, Professora Titular de Piano da Escola de Música – UFRJ, por longos anos exerceu atividades no magistério. É detentora de vários prêmios em concursos, tanto de piano como de regência de coros.

²⁴ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 175.

²⁵ FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

²⁶ NEVES, Lucília de Almeida. Os desafios da história oral – ensaio metodológico. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Áurea da Paz (Orgs.). *Cidade, História e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2004, p. 274.

²⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

²⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

²⁹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

³⁰ FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

Através das memórias das entrevistadas foi possível conhecer outras versões acerca das vivências femininas em Teresina na década de 1950. As cinco mulheres que concederam entrevistas pertenciam no período em estudo à classe média e tinham suas vidas desenhadas a partir do exercício de uma atividade remunerada. Maurice Halbwachs aponta que

[...] a lembrança conserva os traços do período ao qual se reporta, este só foi lembrado talvez, por que havíamos vislumbrado esses traços, e pensando no tempo em que o acontecimento se realizou. A localização, aproximativa e muito imprecisa de início, definiu-se em seguida quando a lembrança estava presente. Não é menos verdade que, em grande número de casos, é percorrendo em pensamento o quadro do tempo que ali encontramos a imagem do acontecimento passado: porém, para isso, é preciso que o tempo seja capaz de enquadrar as lembranças.³¹

É importante acrescentar que nesse processo que envolve o uso da memória que “[...] lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição [...]. Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito [...]”.³²

Dessa forma, o trabalho de dissertação está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, **Discursos, representações e práticas femininas nos anos 1950 em Teresina**, analisamos os discursos que foram divulgados na sociedade teresinense na década de 1950 visando reafirmar os papéis sociais da mulher de esposa, mãe e dona-de-casa. Tendo em vista a crescente participação feminina no mercado de trabalho nesse período e a presença de discursos que buscavam redirecionar as mulheres para o espaço privado e para os papéis tradicionais femininos. Também destacamos algumas práticas femininas e como elas foram problematizadas na imprensa.

No segundo capítulo, **Do pensar ao fazer: trajetórias escolares femininas na década de 1950**, discutimos as trajetórias escolares das mulheres de classe média e alta que, viveram em Teresina na década de 1950, visto que a educação formal era um fator importante para a atuação dessas mulheres no mercado de trabalho, que naquele momento exigia uma mão de obra qualificada para atender as necessidades de uma cidade em pleno processo de desenvolvimento. Inicialmente, abordamos o contexto educacional que possibilitou a ampliação do grau de instrução feminina. Procuramos, nesse sentido, destacar as medidas adotadas pelo poder público no sentido de ampliar a rede escolar e aumentar o número de matrículas, bem como as transformações sociais e econômicas que contribuíram para diminuir

³¹ HALBWACHS, 1990, p. 101.

³² BOSI, 1994, p. 20-21.

as desigualdades de gênero no setor educacional. Em seguida destacamos a importância de algumas instituições de ensino na educação feminina. Constituiu também em objeto de análise o ensino profissionalizante com destaque para as escolas que ofertavam o curso Normal, além das escolas de enfermagem destinadas à formação de enfermeiras para o Estado. Por fim, enfocamos a participação feminina no ensino superior, ressaltando o papel da Faculdade de Direito (FADI) e da Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), estabelecimentos de ensino superior no Piauí que contavam com a presença de mulheres nesse nível de ensino.

Para finalizar, no terceiro capítulo, **Entre o labor e o lazer: os espaços de atuação da mulher no mercado de trabalho e no lazer teresinense**, buscamos conhecer a conjuntura que possibilitou às mulheres de classe média e alta assumirem a identidade profissional, as profissões que exerciam, os tipos de trabalhos destinados às mulheres como forma de controle dos espaços sociais, bem como os entraves a algumas profissões. Neste capítulo, enfocamos ainda a presença feminina nos espaços públicos de lazer da cidade, também frequentados pelas mulheres na década de 1950.

O trabalho feminino com toda a gama de tensões e impasses possibilitou transformações na vida das mulheres, bem como na dos homens que passaram a dividir com elas tanto o espaço privado como o espaço público. As mulheres reivindicaram de forma não menos sutil outros espaços sociais e “[...] ao lado da tradicional representação da mulher-submissão, emerge uma outra figura feminina, simbolizada pela combatividade, independência, força, figura que luta pela transformação de sua realidade cotidiana [...]”.³³ O trabalho feminino é, portanto, o fio condutor da nossa discussão.

O presente trabalho é um convite para uma viagem ao passado, uma viagem no cotidiano das mulheres que viveram e trabalharam em Teresina na década de 1950. Mais que isso, com a pesquisa foi possível transitar pelas tramas que compuseram a sociedade da época. Tramas que ajudam a compreender a história das relações entre homens e mulheres. História que transcende as explicações biológicas.

³³ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 97.

2 DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES³⁴ E PRÁTICAS FEMININAS NOS ANOS 1950 EM TERESINA

[...] As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.³⁵

As mulheres foram representadas na maior parte das sociedades ocidentais como pessoas frágeis, sensíveis, delicadas, dóceis, abnegadas, qualidades que faziam parte da “natureza” feminina, portanto, sem possibilidades de contestação. Essas características femininas foram generalizadas e naturalizadas pelos diferentes discursos que se utilizaram, principalmente do aspecto biológico para justificar as desigualdades entre os sexos.

Neste capítulo, analisaremos os discursos que foram divulgados na sociedade teresinense na década de 1950 visando reafirmar os papéis sociais da mulher de esposa, mãe e dona-de-casa. Tendo em vista a crescente participação feminina no mercado de trabalho nesse período e a presença de discursos que buscavam redirecionar as mulheres para o espaço privado e para os papéis tradicionais femininos. Também destacaremos algumas práticas femininas e como elas foram problematizadas na imprensa.

2.1 (Re)definindo papéis: o discurso do lar como o destino natural da mulher

O século XX foi marcado, dentre uma gama de eventos, por duas guerras mundiais,³⁶ envolvendo grandes potências como Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria-Hungria, Estados Unidos e Alemanha. Essas guerras produziram mudanças significativas no campo político, cultural e econômico. Dentre tais mudanças, podemos aqui destacar a revolução no emprego

³⁴ Para compreendermos a forma como as mulheres de classe média e alta de Teresina foram representadas na década de 1950, utilizamos a noção de representação de Roger Chartier. Na perspectiva desse autor, as representações do mundo social são construídas e determinadas pelos interesses de diferentes grupos. Logo, as percepções do social não são discursos neutros, visto que produzem estratégias e práticas sociais, escolares e políticas. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 13-28.

³⁵ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 22.

³⁶ O historiador britânico Eric Hobsbawm escreveu sobre as duas guerras mundiais ocorridas no século XX. Segundo esse historiador, as duas guerras mundiais foram responsáveis por grandes perdas humanas e materiais. Ficaram conhecidas como guerras de massa, no sentido de que usaram e destruíram quantidades até então inconcebíveis de produtos durante uma luta. Em contrapartida, as guerras, sobretudo a Segunda Guerra Mundial, ajudaram muito a difundir a especialização técnica, além dos impactos que tiveram na organização industrial e nos métodos de produção em massa. Cf. HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

de mulheres fora do lar, pois ganhou notoriedade a participação da mulher no mercado de trabalho na Primeira Guerra Mundial e principalmente com o advento da Segunda Guerra Mundial. Maria Lúcia Rocha-Coutinho³⁷ nos informa que no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um grande número de mulheres foi contratado pelas indústrias para substituir os homens chamados ao combate e, para suprir essa necessidade de mão-de-obra no mercado de trabalho, tiveram que ser esquecidas muitas divisões entre os papéis masculinos e femininos. O discurso da mãe apenas no lar, por exemplo, diminuiu a visibilidade e para que as mulheres pudessem cumprir seus novos papéis profissionais, foram criadas creches e cantinas.

Durante a Segunda Guerra Mundial se acentua esse processo de entrada da mulher no mercado de trabalho em razão da escassez da mão-de-obra masculina. Com o fim da guerra, surgiu a necessidade de uma campanha visando o retorno da mulher ao lar, a fim de ceder o lugar ocupado no mercado de trabalho durante a guerra aos homens que voltavam do combate. Essa campanha desencadeada na Europa e nos Estados Unidos com o auxílio da comunicação de massa, o aval de profissionais, a direção do Estado, da Igreja e da elite intelectual masculina, tinha por eixo central a ideia de que o casamento e a maternidade eram os destinos naturais das mulheres e que a atuação no mercado de trabalho prejudicaria o desempenho dos papéis de esposa e mãe, vistos como papéis naturais.³⁸

Estas ideias logo chegaram ao Brasil, através de profissionais, da imprensa, de livros, revistas e filmes. Por conseguinte, a identidade³⁹ feminina passou a ser construída em torno da casa, do marido e dos filhos. O discurso divulgado à sociedade brasileira no período pós-guerra era o de retorno da mulher ao lar, pois,

[...] Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina – impulsionadas com a participação das mulheres no esforço de guerra e reforçadas pelo desenvolvimento econômico-, também foi influenciado pelas campanhas

³⁷ ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

³⁸ ROCHA-COUTINHO, 1994.

³⁹ Stuart Hall defende que as identidades são, na modernidade, cada vez mais fragmentadas e que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, estando constantemente em processo de mudança e transformação. Para o autor, as identidades são construídas por meio da diferença e da relação com o outro, tendo em vista que nessa construção da identidade estão presentes as interferências do contexto histórico, as práticas discursivas, as subjetividades dos indivíduos e as especificidades dos locais históricos. Cf. HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.103-133.

estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade.⁴⁰

Teresina, nos anos de 1950, sentia os reflexos dessa campanha de reafirmação dos papéis tradicionais femininos. Os jornais que circulavam na época representavam um dos veículos transmissores da ideia de que o lar é o verdadeiro espaço da realização de uma mulher, sendo comum encontrar nos jornais colunas femininas escritas por mulheres com a intitulação de *Conselhos para o lar*, *Especial para a mulher* e *No mundo da moda*. Páginas destinadas às leitoras que buscavam com essas colunas aprender dicas que ajudariam a serem esposas, mães e donas-de-casa exemplares, visto que “[...] a mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais - ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. [...]”.⁴¹

As colunas femininas eram assinadas por mulheres como Graciela Elizalde e Josefina Mendonza.⁴² Essas colunas buscavam disciplinar o comportamento feminino, com conselhos que direcionavam a mulher para o espaço privado. Contudo, o fato dessas colunas serem escritas por mulheres, trouxe ao nosso estudo algumas inquietações. Essas mulheres acreditavam nesses padrões de comportamento? O espaço jornalístico só permitia esse tipo de “texto” às mulheres? Ou talvez a participação de mulheres como autoras de tais colunas fosse parte de uma estratégia discursiva, pois condutas prescritas por mulheres possivelmente seriam mais facilmente aceitas pelas mulheres e pela sociedade.

De modo que as colunas femininas tinham lugar reservado em alguns jornais que circulavam em Teresina na década de 1950. As colunistas, no exercício de sua função, davam dicas de moda, beleza, culinária e decoração da casa, informações que deveriam estar presentes na vida de toda mulher que assumia o papel de mãe, esposa e dona-de-casa. Logo saber cozinhar, cuidar do lar e das crianças, investir em uma relação conjugal eram, segundo a

⁴⁰ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 608.

⁴¹ BASSANEZI, 2008, p. 608.

⁴² Graciela Elizalde e Josefina Mendonza eram jornalistas da *Globe Press*, jornal cuja sede estava situada nos Estados Unidos. As colunas *Conselhos para o lar*, *Especial para a mulher* e *No mundo da moda*, escritas por essas jornalistas, circulavam nos jornais do Piauí, isso sugere ao nosso estudo que as brasileiras, especialmente as piauienses sofriam influência do modelo de mulher divulgado em outros países, ou seja, quem transmitia os conselhos para o público feminino de classe média e alta de Teresina não eram mulheres brasileiras que viviam as mesmas condições econômicas, sociais e culturais, mas mulheres com realidades características de outras regiões. Os meios de comunicação foram utilizados, dessa forma, para reforçar o papel da mulher de esposa, mãe e dona de casa, um modelo que na concepção dos dirigentes dos jornais era natural e universal. Além disso, essas colunas femininas evidenciam a repercussão no Piauí da campanha realizada nos Estados Unidos no período pós-guerra, em favor do retorno das mulheres ao lar e aos papéis tradicionais femininos.

sociedade, atribuições femininas. Essas colunas objetivavam construir um modelo de mulher moderna que, preocupada com o bem-estar do marido e dos filhos, se interessaria em conhecer as novas tendências que viriam a convergir para um lar harmonioso.

As colunas femininas continham informações sobre o tratamento de doenças com plantas medicinais, instruções para lavar as roupas e louças e, principalmente, dicas de culinária, pois uma boa esposa sabia cozinhar e procurava sempre aprender receitas novas para agradar a família. Devemos lembrar que os dotes culinários constituíam nos Anos Dourados⁴³ um fator decisivo no momento do homem escolher uma companheira, isso por que na ideologia dominante da época, uma mulher que não dominava os ofícios do lar, dificilmente seria uma boa esposa e mãe. Assim, as dicas iam desde as receitas dos mais variados tipos de comida até a arrumação da mesa. Era preciso a mulher estar preparada não apenas para as situações do dia-a-dia, mas também para as possíveis reuniões familiares e profissionais do esposo e por isso não poderia envergonhá-lo, aprendendo pequenos truques para a arrumação da mesa. Como estes truques que são sugeridos na nota abaixo:

Nova York – Nem todo o mundo nasceu para ser Picasso, mas qualquer pessoa pode ser um artista de natureza morta à hora das refeições, criando arrumações para a mesa, imaginativa e pitorescos [...].

O segredo consiste em fazer experiências com estilos, material e cor, do mesmo modo que procede um artista. Faça um inventário de tudo que possui, em toalhas de mesa e louça e comece a primeira lição de arte experimentando várias combinações.

As toalhas coloridas constituem a base de cativante composições ornamentais das mesas, sendo sempre uma base digna de confiança [...]
[...]

Deve-se reservar sempre um espaço bem certo para os pratos e talheres – com cerca de 18 a 20 polegadas de largura por 12 a 15 de profundidade.

Os talheres devem ser colocados de forma a serem usados, do lado de fora do prato. Todos os garfos, com exceção os para ostras, devem ser colocados à esquerda do prato. O prato para pão e manteiga deve ficar diretamente acima da ponta de garfo [...]. O copo de água deve ficar em frente da ponta da faca e o de vinho à direita [...].⁴⁴

⁴³ Entende-se por Anos Dourados o Brasil dos anos de 1950. Nesse período, o país assistiu a um intenso processo de industrialização e um acelerado crescimento urbano. Esses processos conduziram ao aumento das possibilidades profissionais e educacionais para homens e mulheres, além de ampliarem-se aos brasileiros as possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo. A industrialização, em particular, refletiu no mundo doméstico com novas tecnologias e principalmente dando oportunidades a homens e mulheres de ocuparem o espaço público com a sua mão-de-obra. A urbanização estreitou os laços entre as pessoas, permitindo assim a mudança de costumes e práticas como o namoro. A década de 1950 também foi cenário da política presidencialista de Juscelino Kubitschek que ficou na presidência de 1956 a 1961. Seu governo passou para a história como uma fase desenvolvimentista de acelerado crescimento econômico.

⁴⁴ CONSELHOS para o lar. *Jornal do Piauí*, Teresina, 23 out. 1955, p. 4.

As colunistas davam ainda dicas para decorar a casa. Ensinavam a dona-de-casa a escolher os móveis e as cores certas para cada tipo de decoração. Cabiam às esposas ficarem atentas a essas questões, elas eram as responsáveis por deixar o lar harmonioso e aconchegante para os filhos e, especialmente, para os esposos que depois de um dia de trabalho deviam encontrar em casa um ambiente agradável. No modelo dominante, a mulher era a responsável pela felicidade do lar e de todos que estavam a sua volta, isso significava cumprir com as obrigações reservadas socialmente ao seu sexo.

Além disso, “[...] era importante também que a esposa cuidasse de sua aparência. Embelezar-se para o marido era uma obrigação da boa esposa e fazia parte da receita para manter o casamento [...]”.⁴⁵ As preocupações com a aparência faziam com que muitas mulheres procurassem nas colunas femininas conselhos de beleza, informações sobre o mundo da moda, no que dizia respeito as tendências de cada estação e os tipos de roupas a serem usados em cada ocasião.

As novas ideias que prevalecem no mundo da moda fazem com que haja um vestido de tecido feito à mão apropriado para cada ocasião: viagem, passeio, compras e até mesmo para a noite. Mais importante, contudo, que a variedade de feitios é a variedade de cores, que vão das tonalidades claras as mais vivas: do marfim pálido ao castanho cor de fumo ou vivas tonalidades de azul-turquesa, amarelo, verde abacate etc. [...].⁴⁶

As leitoras das colunas femininas eram informadas pelas colunistas sobre os grandes desfiles de moda, as roupas adequadas para usar nas reuniões sociais e no dia-a-dia. As esposas para manter o casamento, deveriam mostrar-se atraentes para os esposos, evitando que estes se interessassem por outras mulheres e isso podia ser feito a partir de vários artifícios como o uso de roupas que as deixassem belas e elegantes, sem, contudo, comprometer o que a moral prescrevia como roupas decentes para as mulheres de família.

As receitas que prometiam emagrecimento rápido e sem perigo constituíam outro atrativo entre as leitoras dessas colunas. As concepções de beleza haviam mudado, ser bela significava ser magra, o que levava algumas mulheres a buscarem nas páginas de jornal as receitas para emagrecer.

Os cuidados com a pele, cabelos, mãos, etc. também eram importantes na composição da beleza feminina. Era preciso que a mulher estivesse sempre bela para o esposo e de acordo com os conceitos de beleza prescrito na sociedade. Para isso, contavam as mulheres com

⁴⁵ BASSANEZI, 2008, p. 628.

⁴⁶ NO MUNDO da moda. *Jornal do Piauí*, Teresina, 18 ago. 1955, p. 2.

diversos produtos, desde cremes à maquiagens, frequentemente anunciados em jornais e revistas.



Foto 1: CREME Puff. *O Dia*, Teresina, 1 set. 1960, p. 3.
Fonte: Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí.

As mulheres eram convidadas através dos anúncios publicitários dos produtos de beleza a cuidarem da aparência. Elas foram alvos dos discursos que incentivavam o consumo de produtos, para o cuidado com o corpo. Nos anos 1950 e 1960 houve um crescimento dos produtos de beleza, bem como no de anúncios, ressaltando a importância do embelezamento feminino.⁴⁷

Manter-se bela tornou-se uma nova obrigação feminina no mundo moderno. A beleza passou a ser um tema constante nos discursos normativos dirigidos às mulheres. Ao público feminino foram recomendados o consumo de cremes e pós para o rosto, perfumes, produtos para os olhos e outros tipos de maquiagem que viessem a realçar a sua beleza.⁴⁸

⁴⁷ OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1980). In: ASSIS, Gláucia de Oliveira; KAMITA, Rosana C; SILVA, Cristiani Bereta da (Orgs.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis: Mulheres, 2007. p. 293-309.

⁴⁸ SCHPUN, Mônica Raísa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: SENAC, 1999.

As colunistas diante da variedade de produtos de beleza e com o propósito de auxiliar as leitoras nos tratamentos estéticos, davam explicações sobre o modo de aplicar e retirar cremes e maquiagens, além de indicar para a leitora o tipo de produto adequado ao seu perfil. Informações indispensáveis para quem desejava manter-se bela.

Assim, as colunas femininas colocavam-se como grandes aliadas das esposas que desejam manter um casamento feliz e de acordo com o modelo normativo divulgado na sociedade dos Anos Dourados. Com as colunistas, elas aprendiam a ser verdadeiras rainhas do lar, sem deixar de lado a preocupação com a beleza que as tornava atrativas para os maridos.

Para as moças que aspiravam a um casamento, as colunas femininas eram tidas como uma preparação para a vida conjugal por conter conselhos úteis ao lar e ao papel social da esposa. O fragmento a seguir exemplifica essa função, pois conclamava a mulher ao mundo doméstico, dizendo que:

Antes de comprar, pense o tipo de casa que prefere. Se você e seu futuro marido gostam muito de visitas, as cadeiras e mesas serão de grande importância. Se ambos são caseiros e gostam de passar o tempo ouvindo música, não poderão se esquecer de estante e de um divã bem cômodo. Também é necessário um perfeito entendimento para escolher um mobiliário completamente moderno, tradicional ou uma combinação dos dois. Em seguida, vem a escolha das cores. *Se seu noivo tem aversão por alguma cor, evite-a, mesmo que a prefira [...]*.⁴⁹

A mulher seria a principal responsável pela harmonia conjugal. Seus desejos, suas preferências deviam ocupar um segundo plano a partir do momento em que ficava noiva, isso porque no casamento-modelo dos Anos Dourados, “[...] o bem-estar do marido era tomado como ponto de referência para a medida da felicidade conjugal, a felicidade da esposa viria como consequência de um marido satisfeito [...]”.⁵⁰ O casamento era encarado como um momento de anulação dos desejos e da individualidade da mulher, os seus desejos passavam a ser os desejos dos outros.

Na perspectiva normativa da sociedade, os papéis femininos e masculinos eram bem definidos e distintos. O marido era o chefe da casa, responsável pela tomada de decisões e o sustento da família. À esposa eram atribuídos os trabalhos domésticos e os cuidados com as crianças. A felicidade do marido e dos filhos constituía o objetivo máximo de uma mulher casada na década de 1950. O papel de esposa e a vocação para a vida doméstica são reforçados com o discurso do lar como o destino natural da mulher.

⁴⁹ CONSELHOS para o lar. *Jornal do Piauí*, Teresina, 7 ago. 1955, p. 4 (grifo nosso).

⁵⁰ BASSANEZI, 2008, p. 627.

Nessas fronteiras de gênero, os papéis femininos de esposa, mãe e dona-de-casa foram naturalizados na sociedade e concebidos como marcas da feminilidade, resultados de uma construção histórica e social. Maria Lúcia Rocha-Coutinho⁵¹ explica que na demarcação de dois espaços, o público e o privado, diferenças biológicas entre homens e mulheres foram apropriadas pelo discurso social que, diante desse suporte biológico, procurou explicar e manter as diferenças sociais e profissionais. O espaço público foi configurando-se como lugar privilegiado para o homem desempenhar seu papel de provedor econômico, restando à mulher o espaço privado onde mediante o casamento e a maternidade seria construída a sua identidade.

Bassanezi⁵² nos revela que na ideologia dos Anos Dourados era constante a tentativa de reafirmar o casamento e a maternidade como destino natural das mulheres, ou seja, ser mãe, esposa e dona-de-casa faziam parte da essência feminina. As mulheres que decidissem percorrer outros caminhos, estariam indo contra a sua própria natureza e não alcançariam a verdadeira felicidade. Diante desse modelo de feminilidade, a menina deveria ser educada, ainda criança, para ser uma boa esposa, uma mãe carinhosa e uma dona-de-casa exemplar.

As prendas domésticas eram assim essenciais no currículo de uma jovem que sonhava com um casamento-modelo, e na década de 1950 já não era mais exclusividade das mães repassarem às filhas os ofícios do lar, mas a própria sociedade se encarregava também dessa missão, criando escolas especializadas na formação doméstica das jovens, com direito a certificado de conclusão de curso. Em Teresina, as escolas domésticas ofereciam às suas alunas o curso de arte culinária, corte e costura, bordado, prendas domésticas, florista, confeitaria, economia doméstica, enfermagem caseira e outros cursos vinculados as atividades do lar. As solenidades de entrega de certificados desses cursos aconteciam sob os auspícios da secretaria de educação e saúde e com a presença de autoridades locais. Tais solenidades eram precedidas por uma exposição de trabalhos dos cursos de florista, prendas domésticas e corte e costura. Este último apresentava um desfile com crianças e jovens trajando roupas de diferentes modelos, confeccionadas pelas concludentes.

O anúncio a seguir é de uma escola doméstica atuante em Teresina no ano de 1956:

Avenida José dos Santos, 540. Curso de: Arte Culinária, corte e costura, plissados, flores, pintura, trabalhos em gesso e barro, bonecos fantoches. Durante as férias estarão em pleno funcionamento todos os cursos acima mencionados, com início a 3 de dezembro próximo vindouro.

⁵¹ ROCHA-COUTINHO, 1994.

⁵² BASSANEZI, 2008.

Os cursos oferecidos nas escolas domésticas estavam voltados para trabalhos manuais e “leves”, com um teor de sensibilidade. Além disso, é possível dizer, ou pelo menos imaginar, que o fato da Escola Doméstica N. S. de Nazaré oferecer os cursos no período de férias seria para atrair as jovens que naquele período estavam descansando das atividades escolares e também mães e senhoras, pois estando nas férias dos filhos e dos maridos, elas disponibilizariam tempo para frequentar a escola doméstica, já que não teriam tantas ocupações-obrigações com o horário de saída e chegada do marido e dos filhos. Em todo caso, a finalidade desses cursos era preparar a mulher para a administração do lar e assim legitimar o papel de dona-de-casa, já tão cristalizado na sociedade.

Com esta mesma finalidade funcionavam nos anos cinquenta, o Serviço Social da Indústria (SESI) e o Serviço Social do Comércio (SESC). Estas instituições ofertavam anualmente os cursos de formação doméstica ao público feminino de Teresina. Os cursos funcionavam nos três turnos em horários específicos. Essa frequência permitia à aluna escolher o turno e o horário que melhor se ajustava ao seu tempo disponível para a realização desse tipo de atividade. Cada turma tinha uma média de vinte alunas, o que representava no final do ano um número significativo de concludentes e ao mesmo tempo, evidenciava o interesse que os cursos despertavam nas mulheres, sejam elas solteiras ou casadas.

O Serviço Social da Indústria (SESI) era “[...] uma entidade de direito privado, nos termos da lei civil, com o encargo de prestar assistência social aos trabalhadores industriais e de atividades assemelhadas em todo o país”.⁵⁴ Em Teresina, a Delegacia do SESI, através da Escola Doméstica Roberto Simonsen, oferecia vários cursos voltados para o lar às esposas, filhas, irmãs e outras pessoas dependentes dos trabalhadores da Indústria. A convocação para as matrículas nos cursos era feita por meio dos jornais locais da época, conforme o descrito na nota a seguir:

A Delegacia do SESI, em Teresina, avisa que continuam abertas, na mesma Delegacia, à Rua Areolino de Abreu n. 1157, até o dia 5 de março próximo, às matrículas para a Escola de Formação Doméstica ROBERTO SIMONSEN, destinado a esposas, filhas, irmãs e dependentes dos respectivos beneficiários, isto é, dos trabalhadores da indústria. A Escola apresenta um programa cuja principal finalidade é a formação moral e prática da mulher jovem, esposa e mãe.

⁵³ ESCOLA doméstica N. S. de Nazaré. *O Dominical*, Teresina, 21 out. 1956, p.1.

⁵⁴ SERVIÇO social da indústria (SESI). *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 395, 1952.

O ensino completo compreende Corte e Costura, Arte Culinária, Economia Doméstica, Pequenas Indústrias, Enfermagem Caseira, Puericultura, Religião, Moral, Civismo.

Matricular-se na Escola de Formação Doméstica do SESI é aprender a ser boa dona de casa.⁵⁵

Como podemos perceber pelo comunicado acima, o objetivo do Serviço Social da Indústria com os cursos de formação doméstica era formar excelentes donas-de-casa. A divisão social dos papéis de gênero é enfatizada nas atividades desta instituição, na medida em que prestava assistência social aos trabalhadores industriários, reafirmando o espaço público como lugar por excelência do homem e, por outro lado, legitimava os papéis tradicionais femininos ao ofertar para as esposas, filhas e irmãs dos trabalhadores da indústria os cursos de formação doméstica. Fazia-se necessário em uma sociedade passando por um constante processo de transformações econômicas e sociais, definir os espaços a serem ocupados por homens e mulheres.

Os clubes das donas de casa constituíam uma outra iniciativa do Serviço Social da Indústria, que reforçava a responsabilidade social das mulheres nos afazeres domésticos. Os clubes tinham por fim tratar da educação doméstica das esposas dos beneficiários do SESI, através de aulas teóricas e práticas de economia doméstica, arte culinária, horticultura, puericultura, higiene, noções de enfermagem, arte decorativa e formação moral. As aulas aconteciam todas as semanas e obedeciam ao sistema de rodízio, isto é, cada aula era ministrada na casa de uma das sócias, onde as demais se reuniam. Ao término do curso que se prolongava de seis a oito meses, cada sócia fazia uma demonstração prática ou teórica do que aprendeu. O SESI contava em 1952 com dois clubes, ambos localizados no bairro Piçarra com as seguintes denominações: Clube das Donas de Casa “Morvan Dias de Figueiredo” e Clube das Donas de Casa “Prof.º Geraldo de Paula Sousa”. Além dos ensinamentos indispensáveis a todas as donas-de-casa, as reuniões eram um momento de confraternização entre as sócias dos clubes.⁵⁶

Outra instituição que atuava com o intuito de formar uma boa dona-de-casa, uma verdadeira rainha do lar era o Serviço Social do Comércio (SESC). Esta instituição funcionava em benefício exclusivo da classe comerciária, oferecendo vários serviços, entre eles, os cursos de formação doméstica às comerciárias e às mulheres dependentes de

⁵⁵ SERVIÇO social da indústria – SESI. *Folha da manhã*, Teresina, 28 fev. 1960, p. 2.

⁵⁶ CLUBES das donas de casa. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 398, 1952.

comerciários. Dentre os cursos ofertados estavam o de arte culinária, confeitaria, corte e costura e prendas domésticas.⁵⁷

O SESC, com suas atividades, buscava persuadir o público feminino da importância que os cursos domésticos tinham na vida das donas-de-casa que, após concluírem o curso, ampliariam os conhecimentos úteis ao lar e das comerciárias que mesmo trabalhando não podiam deixar de fazer os cursos, uma vez que continuava sendo responsabilidade delas o cuidado com a casa. O SESC objetivava formar uma dona-de-casa de acordo com os preceitos dominantes dos Anos Dourados, onde a maior preocupação seria o bem estar dos familiares.

Para as noivas que desejavam ser boas esposas e excelentes donas-de-casa, a Singer Sewing Machine Company oferecia os cursos *singer* de corte e costura, bordados e decoração do lar. A empresa em, seus anúncios, se dirigia às noivas prometendo ensinar a fazer os trabalhos de costura com rapidez e perfeição, a decorar o lar com elegância, bom gosto e com o mínimo de despesa. Com os cursos, as noivas passariam a gastar menos com o enxoval e, ainda, teriam a oportunidade de prepararem-se para a vida do lar e aprender os rumos da economia doméstica. A empresa, com esse discurso, além de garantir rendimentos financeiros, reforçava o papel da mulher como dona-de-casa, a responsável pela administração do lar e pelo cuidado com os filhos e o marido.⁵⁸ Outros discursos apelavam para a nacionalidade, pois:

O Brasil necessita de jovens bem formadas em todos os setores da atividade humana. A aprendizagem da economia doméstica, puericultura, higiene alimentar, corte e bordado, ministrada no Patronato Dom Barreto, são os alicerces de boa direção de um lar e formação integral de uma dona-de-casa.⁵⁹

O Patronato “Dom Barreto”, fundado em Teresina a 9 de julho de 1944, pertenceu, no período de suas atividades, ao Instituto das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado da Arquidiocese de Teresina. A instituição se orientava pelos princípios cristãos e tinha por finalidade proporcionar à infância e à juventude feminina, uma educação religiosa, moral, cívica, bem como uma formação profissional, social e doméstica.⁶⁰ O momento estava marcado pela participação da mulher no mercado de trabalho, cabia então às instituições de ensino, a exemplo do Patronato “Dom Barreto”, direcionar a educação profissional e ao

⁵⁷ ATIVIDADES do SESC em Teresina. *O Dia*, Teresina, 7 nov. 1957, p. 3.

⁵⁸ ESTÁ noiva? *O Piauí*, Teresina, 26 jul. 1952, p. 2.

⁵⁹ FORMAÇÃO doméstica e profissional. *Diário Oficial*, Teresina, 19 mar. 1953, p. 2.

⁶⁰ ESTATUTOS do Patronato Dom Barreto. *Diário Oficial*, Teresina, 19 mar. 1953, p.3.

mesmo tempo enfatizar, com a educação doméstica, que a mulher, apesar de estar assumindo a identidade profissional, não poderia esquecer das atividades destinadas a seu sexo, ou seja, o exercício dos papéis femininos tradicionais constituía nessa conjuntura a base para a formação da juventude feminina.

Albuquerque Júnior,⁶¹ discutindo a feminização da sociedade no período de 1920 à 1940, lembra que a educação das mulheres ganhou relevância nesses anos de República, já que a mulher estava ingressando no mercado de trabalho ocupando espaços antes reservados aos homens. A urbanização e a modernização industrial são apontadas pelo autor como processos que vinham contribuindo para alterar o papel da mulher na sociedade. O discurso masculino preocupado com essas mudanças buscou conciliar as novas atividades com os seus papéis tradicionais, propondo uma educação voltada para o serviço doméstico, reforçando com esse ensino o papel tradicional da mulher de dona-de-casa e mãe.

Os jornais tiveram um papel relevante na divulgação das escolas domésticas e dos papéis a serem assumidos pelas mulheres. A imprensa, por um lado, buscou através de diferentes instrumentos, reafirmar como norma para a mulher os papéis de esposa, mãe e dona de casa, papéis estes socialmente e historicamente condicionados pela sociedade.

Nas comunicações de aniversário, noivado e casamento, as jovens teresinenses eram adjetivadas de prendada, formosa, gentil, mimosa, graciosa, cativante. Esses adjetivos vêm demarcando alguns traços da feminilidade, isso porque a mulher no interior do discurso social foi constituindo-se como representante do sexo frágil, aquela que ocuparia por natureza o espaço da casa.

Passou domingo último o aniversário natalício da prendada senhorita Maria do Carmo Campos Batista, fino ornamento de nossa sociedade, filha do Sr. Canuto Campos Batista, destacado funcionário federal e de sua exma. esposa.

A aniversariante ofereceu as pessoas de suas relações, vasta mesa de doces e frios.

Jornal do Piauí, embora tardiamente, envia-lhe votos de felicidades.⁶²

Nas comunicações de noivado e casamento, foi possível observar não só a presença constante de adjetivos como esse de “prendada”, encontrado na referida nota de aniversário, mas também verificamos que o matrimônio e a maternidade figuravam, na década de 1950,

⁶¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

⁶² ANIVERSÁRIOS. *Jornal do Piauí*, Teresina, 6 set. 1956, p. 2.

carreiras por excelência de muitas jovens. Cardoso⁶³ explica que no contexto da década de 1950, o casamento era visto como o destino natural das mulheres, uma carreira a ser seguida com total dedicação. Não faziam parte da ideologia daqueles anos as mulheres dividirem o papel de esposa com o papel de profissional. Nas colunas sociais dos jornais locais eram frequentes os comunicados de casamento entre jovens pertencentes às famílias da alta sociedade teresinense.

No dia 17 deste realizou-se, nesta cidade, o enlace matrimonial da formosa e prendada senhorita Maria da Conceição Freire Passos, dileta filha de nosso prestimoso amigo Polidoro Sá Viana Passos e sua esposa, d. Alzira Freire Passos, com o Sr. José Edgar Martins Nascimento, funcionário federal, residente em Parnaíba.

Foram padrinhos da cerimônia religiosa, o Sr. Valter Freire Passos e a senhorita Leda Lemos Martins, e do ato civil, o Dr. Valdir Gonçalves e esposa, o Sr. João Batista Carneiro e esposa e o Des. Manoel Castelo Branco e esposa.

Aos recém-casados, enviamos os nossos sinceros votos de felicidades.⁶⁴

Nesse comunicado de casamento, a noiva é apresentada por meio dos atributos de formosa e prendada. Essas características nos remetem a afirmar que para exercer o papel de esposa e, conseqüentemente, estar em consonância com o padrão de mulher nos anos cinquenta, era necessário que as moças cultivassem a sua feminilidade, primando por uma formação doméstica a fim de se tornarem excelentes esposas e donas-de-casa. Já o noivo é apresentado como o portador de uma profissão. A este não é exigido um conhecimento prático em relação às atividades do lar, mas o exercício de uma profissão. Na identidade masculina tradicional o homem é o responsável pelo sustento da família e o espaço público carrega a conotação de lugar privilegiado para a demonstração das prerrogativas masculinas. Portanto, se o casamento era a realização para uma mulher, por outro lado, representava para o homem o momento de desempenhar seu papel de arrimo familiar.

O casamento estreitava os laços entre homens e mulheres, representando igualmente, um momento de redefinição dos papéis femininos e masculinos na sociedade, momento este em que se configuravam os espaços de atuação de ambos os sexos. Às mulheres cabia cuidar do esposo, da casa e dos filhos que possivelmente teriam no casamento, ao passo que os homens deviam exercer com desvelo o seu papel de provedor familiar.

⁶³ CARDOSO, Elizangela Barbosa. Desejos ambíguos: imagens, práticas e investimentos do desejo feminino nos anos 1950 e 1960 em Teresina. *Scientia et Spes: Revista do Instituto Camilo Filho*, Teresina, v. 1, n. 2, p. 93-125, 2002.

⁶⁴ CASAMENTO. *O Piauí*, Teresina, 25 fev. 1950, p. 3.

Segundo Louro,⁶⁵ o trabalho feminino seria aceito para as moças solteiras ou para as mulheres que ficassem solteironas e viúvas, não sendo comum trabalhar quando casadas. Assim, o trabalho da mulher fora da casa foi construindo-se como uma ocupação transitória, na qual as mulheres deveriam abandonar seu emprego sempre que se impusessem os laços do matrimônio.

Em alguns dos discursos sociais divulgados à sociedade teresinense, ser esposa e mãe era a missão de toda mulher e dentro dessa perspectiva, os espaços de atuação das mulheres eram bastante limitados, visto que:

Uma carreira era praticamente inconcebível para a mulher nos anos 50 e início dos anos 60 e sua educação, percebida como um luxo, visava principalmente a criar mães melhores, companhia mais agradáveis para seus esposos e melhores companheiras para os maridos com carreiras. Embora algumas tenham ido à universidade, a carreira ou o curso universitário deveriam ser abandonados com o casamento.⁶⁶

As mulheres conviviam com discursos sociais que afirmavam ser a mãe insubstituível na criação dos filhos e a esposa no sucesso do marido. Os laços matrimoniais implicavam para a mulher a renúncia dos estudos e do trabalho, tratava-se do discurso de incompatibilidade da vida profissional com o casamento e a maternidade. Esse discurso pode ser percebido na seguinte nota:

Com a emancipação da mulher o âmbito do lar foi pouco a pouco se transformando, surgindo mais um intrincado problema na educação das crianças [...] o sexo frágil deixou o lar para ir às fábricas, às repartições públicas e aos escritórios. E entregou os filhos às empregadas, governantas, babás e tantos outros nomes que se dão a essas pessoas que, no final das contas – é sempre uma estranha que não pode cuidar de uma criança com o mesmo amor de mãe. Há ainda as creches, nas grandes cidades, que embora tenham as suas imperfeições, pelo menos atenuam o mal, por que nelas as crianças são entregues a pessoal tecnicamente preparadas para tratá-las. As mulheres que saem de sua casa para trabalhar erram duas vezes: primeiramente, o dinheiro que ganham, em geral, não compensa em relação aos gastos que faz para substituir sua ausência com empregadas, a menos que sejam muito bem remuneradas, o que não acontece na maioria dos casos. E apesar das despesas que faz a sua casa está sempre mal arrumada, com aspecto de desleixo e as louças e móveis quebradas [...]. Os filhos aprendem maus costumes e criam complexos que as mães não podem tirar por que estão mais tempos fora do lar e sem contato com os filhos. Nos momentos psicológicos mais críticos da vida de uma criança só sua mãe pode ajudar

⁶⁵ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 443-481.

⁶⁶ ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 101.

quando ela permanece em casa por que só os seus olhos descobrem esses instantes que o pai trabalhando não percebe e a empregada com o seu desinteresse, muito pior. Si a mãe não vive em casa, a criança fica entregue sozinha aos seus problemas íntimos [...].⁶⁷

Percebe-se nesse fragmento a ideia de que os filhos precisam da mãe em horário integral e que a participação das mulheres no mercado de trabalho trazia graves consequências em sua educação, gerando complexos na infância, difíceis de serem superados na vida adulta, pois as empregadas não substituiriam as mães no carinho e cuidado com as crianças e muito menos as creches, que apesar de disporem de pessoas especializadas para essa função, não conseguiriam transmitir o afeto necessário a formação do indivíduo, o que significava dizer que as mulheres diante das responsabilidades com a casa e os filhos não teriam condições de conciliar as atividades domésticas e o papel de mãe com uma profissão.

A mãe, nessa perspectiva, assume o papel preponderante sobre a educação dos filhos. Sua presença constante no lar influenciaria decisivamente na personalidade da criança. Nesse sentido, devia ser evitado o contato da criança desde os primeiros anos de vida com as empregadas e outras profissionais, que por serem pessoas estranhas e muitas vezes insensíveis, não teriam condições de educar as crianças, sendo as responsáveis por sérios problemas enfrentados por elas na vida adulta.

Segundo alguns discursos sociais divulgados nos Anos Dourados, a mãe era imprescindível na educação e formação da personalidade dos filhos. O trabalho fora de casa e a busca pelo sustento da família deveriam ser de responsabilidade exclusiva do pai. A justificativa para essa hierarquia nos papéis de gênero era que “[...] a presença do pai no lar, exerce mais proteção moral e garantia da ordem do que mesmo influência na educação, [...] pois a criança está mais relacionada com a mãe do que com ele e conseqüentemente, tudo que ela ensina permanece indelével na memória pelo tempo afora,”⁶⁸ portanto, era a mãe a maior responsável pela educação dos filhos.

A mulher deveria cumprir com a sua missão primordial de mãe, esperava-se que a mulher dedicasse todo o seu tempo no cuidado com a casa, com o marido e principalmente com os filhos, que seriam os futuros cidadãos do país, restando ao homem o papel de provedor material e protetor moral da família.

Porém, nem “[...] todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado, e sim que as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando suas atitudes e

⁶⁷ A MULHER e a educação dos filhos. *Jornal do Comércio*, Teresina, 24 fev. 1957, p. 2.

⁶⁸ A MULHER e a educação dos filhos. *Jornal do Comércio*, Teresina, 21 fev. 1957, p. 2.

pesando em suas escolhas”.⁶⁹ Assim, havia mulheres que influenciadas pelos preceitos sociais da época, desenhavam as suas vidas a partir do casamento e da maternidade, outras se subjetivavam de modo diferente, investindo na profissionalização e havia aquelas que tentavam conciliar o papel de esposa, mãe e dona-de-casa com uma profissão. As mulheres que optavam por uma profissão foram alvos de críticas por parte de pessoas que acreditavam ser “[...] o ideal de toda sociedade bem formada é que o homem assuma as responsabilidades da casa, cabendo a mulher à direção dos serviços domésticos incluindo o mais elevado, o mais dignificante e o de maior responsabilidade, que é a educação dos filhos”.⁷⁰

Em Teresina, na década de 1950, muitas mulheres de classe média e alta, tinham suas vidas marcadas por conflitos que envolviam as suas escolhas. Não sabiam se investiam em uma profissão, o que lhes possibilitava certa independência financeira e um aumento do poder de consumo ou se dedicavam exclusivamente aos papéis tradicionais femininos, visto por muitos como a verdadeira realização de uma mulher.

O contexto da década de 1950 era marcado por ambiguidades. De um lado, a industrialização, a urbanização, a ascensão dos segmentos médios e o aumento do consumo. Contexto que favorecia a educação e profissionalização de homens e mulheres. Do outro lado, a nítida divisão social dos papéis de gêneros que reservava à mulher o espaço da casa, o casamento e a maternidade e ao homem o espaço público e o papel de provedor material.⁷¹

As mulheres que nessa realidade ambígua decidiram investir em uma profissão e assim delinear uma trajetória diferente da geração de suas mães, tiveram que conviver com o dilema de como conciliar a profissão com o casamento e a maternidade, uma vez que casar e ter filhos continuavam a fazer parte dos projetos de vida de muitas jovens teresinenses.

Esse dilema iniciava-se muitas vezes no espaço da casa, quando o marido ao invés de ajudar nas tarefas domésticas e apoiar a esposa em suas decisões, exigia desta, a mesma dedicação com a casa e os filhos, quando não trabalhava. Existindo ainda aqueles maridos que eram contrários a atuação da esposa no mercado de trabalho, lançando dentro de casa, um discurso que visava fazer com que suas esposas abandonassem o emprego e se dedicassem inteiramente a casa e aos filhos.

Discurso este que recebia o aval da imprensa que ora ou outra publicava artigos que colocavam em questão a participação da mulher no mercado de trabalho e sua atuação nas atividades domésticas e educação dos filhos. Nesses artigos, observa-se uma tentativa

⁶⁹ BASSANEZI, 2008, p. 608.

⁷⁰ AMPARANDO a maternidade. *O Dominical*, Teresina, 28 fev. 1960, p. 2.

⁷¹ CARDOSO, 2002.

constante de mostrar que o trabalho feminino e a ajuda material proveniente desse trabalho não compensariam o descuido com a casa e o descaso com a educação dos filhos. Segundo Singrid V. Voss, jornalista do *Jornal do Comércio*,

[...] muitas mães que se veem entre a profissão e a família, perguntarão-se no decorrer dos anos os filhos não terão sentido demasiado a sua falta, se foi bom confia-los a terceiros para, com o ordenado, tapar este ou aquele buraco no orçamento caseiro. Acresce ainda como agravante que os limites do conceito do 'necessário' e do 'indispensável' são flutuantes e acusaram nos últimos anos uma tendência nitidamente ascendente

[...]

Cumpre entoar o hino em louvor das avós que sacrificam em inúmeros casos a tranquilidade da sua velhice para tomarem a seu cargo o governo da casa da geração mais nova e para se ocuparem dos netos. Estas crianças estão evidentemente numa situação mais feliz do que os pobres pequeninos que passam a maior parte da sua juventude em creches, jardim da infância, asilo e colônias de férias [...]

Seria bom que cada mãe integrada na vida profissional ponderasse de vez em quando se vale a pena auxiliar o marido na tarefa de ganhar o sustento da família e se o elevamento no nível de vida material compensa realmente os sacrifícios. Os filhos são efetivamente os usufrutários dos bens materiais, mas a casa mais bem instalada e os brinquedos mais lindos nunca poderão substituir uma educação aprimorada e o aconchego do lar.⁷²

Os filhos tem um papel preponderante nessa conjuntura que buscava o retorno da mulher ao lar. Os melhores brinquedos e o conforto material não substituiriam a educação e os carinhos da mãe. De acordo com o discurso vigente, o emprego da mãe obrigaria os filhos a passarem a maior parte da juventude em creches, jardins da infância, colônias de férias, na presença de empregadas e, aqueles com maior sorte, com as avós. Para as pessoas que combatiam o trabalho feminino, essa situação causava sérios transtornos na educação e na formação da personalidade da criança.

As mulheres viúvas e solteiras tinham, nesse caso, mais liberdade para trabalhar fora de casa, constituindo um empecilho maior às mulheres casadas e com filhos. Estas últimas conviviam, em grande parte, com o dilema de decidir entre a profissão e a família, ressaltados nos discursos da época como escolhas incompatíveis.

Ser mãe era, nos anos 1950, o destino natural de toda mulher. Segundo alguns discursos sociais, o amor materno fazia parte da natureza feminina e que, somente, a mãe seria capaz de transmitir o carinho que os filhos necessitavam. Condição que contraria a tese

⁷² O GRANDE dilema da mulher moderna: entre a profissão e a família. *Jornal do Comércio*, Teresina, 18 mar. 1956, p. 5.

defendida por Elizabeth Badinter⁷³ que afirma ser o amor materno um sentimento humano como qualquer outro e por isso incerto, frágil e imperfeito. Como um sentimento humano, não existiria em toda mulher, ou seja, não seria uma tendência inata, pelo contrário, o amor materno é cultural e variável conforme os costumes, a época e o lugar em que vivem as mães, um sentimento que pode manifestar-se em algumas mulheres e em outras não.

Mas apesar de ser o amor materno, nesta concepção, um sentimento cultural, o discurso que sobressaía nos Anos Dourados era o de que esse sentimento era intrínseco à natureza feminina. As mulheres são inclusive incentivadas nesses anos a dedicarem mais tempo na transmissão desse amor. “Durante os anos 50 e o início dos anos 60 [...] a sociedade reforçava a ideia do casamento cedo e a vinda dos filhos [...]”.⁷⁴ Isso significava para algumas jovens de classe média e alta, antecipar o reinado da rainha do lar.

Cuidar do marido, da casa e dos filhos deviam ser as únicas ocupações femininas não podendo ser divididas com qualquer outra ocupação. Os que assim pensavam, imprimiam nos meios sociais a necessidade das mulheres casarem mais jovens e cedo dedicarem-se a nobre “missão” de mãe, pois assim despendiam mais tempo nos cuidados com a casa e os filhos, restando pouco tempo para pensar nos estudos e em uma carreira profissional, projetos que poderiam, nessa concepção, afastá-las de suas obrigações sociais.

Para atender as jovens mães inexperientes, existia por esses anos, uma pedagogia que buscava ensiná-las a cuidar dos seus bebês. Os ensinamentos eram dados por professores especializados na educação de crianças e transmitidos por meio da imprensa como podemos constatar no seguinte trecho:

As mãezinhas dos pequenos ‘espoletas’ com três anos de idade em geral sentem dificuldade para fazê-los dormir a sesta. Até aos dois anos mais ou menos, a sesta era bem recebida pelo bebê e trazia para toda a casa algumas horas de completo repouso. Aos três e quatro anos, essa hora da sesta é ainda de maior agrado para a mamãe pois o vigor de seu peralta aumenta a cada dia. Acontece, entretanto, que o nosso amiguinho tem ideias bem diversas. E se o seu bebê chegou a essa idade difícil é bem possível que você se interesse pelas novas sugestões indicadas por professores especializados na educação de crianças.

Nos modernos jardins de infância as professoras preparam psicologicamente as crianças para a sesta com um bom lanche, seguido de 15 minutos de recreio. Em casa, o banho diário é uma preparação equivalente, e deve ser seguido de suaves palmadinhas com toalha felpuda e aplicação de um talco especial. Nada melhor e mais repousante para o bebê.

⁷³ BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

⁷⁴ ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 99.

Depois de almoço e da toalete usual, procuram as professoras fazer com que os traquinos se deitem, desafogando-lhes os cintos e botões, e tirando-lhes os sapatos. Há por vezes música suave em surdinha [...] sem entretanto habituar as crianças ao ritual. Levar os brinquedos preferidos para a cama, embora necessários em casos especiais de crianças que se sintam solitárias e inseguras, é um hábito que não deverá ser estimulado.⁷⁵

O saber científico e o senso comum complementavam-se nos cuidados reservados à criança. Mais que isso, os professores especializados na educação de crianças, ao transmitir por meio dos jornais os seus ensinamentos, mostravam o interesse que tinham esses profissionais e a imprensa em divulgar um modelo de mãe a ser vivenciado por todas as mulheres, um modelo cuja dedicação aos filhos merecia tempo integral.

A tentativa de aproximar a prática da maternidade da orientação científica, remonta à década de 1920 com a construção do discurso da maternidade científica. Freire⁷⁶ nos informa que nesse processo, os médicos assumiram a tarefa de preparar as mulheres para o exercício da maternidade segundo a racionalidade científica. Ser mãe implicava para a mulher, utilizar os preceitos científicos e afastar-se do exercício tradicional da maternidade, limitado à esfera doméstica.

Na década de 1950, com o propósito, também, de conformar um modelo de maternidade, os jornais que circulavam em Teresina divulgavam às leitoras as sugestões de profissionais especializados na educação de crianças e os relatos das experiências de mulheres que vivenciavam a maternidade.

Os jornais funcionavam como instrumentos divulgadores dos conselhos dirigidos às mães. Na oportunidade, as colunistas com o auxílio de profissionais especializados, ensinavam a resolver problemas típicos de uma casa onde vivem crianças. Sinhá Carneiro, na coluna feminina intitulada *Como cuidar do bebê*, orientava as mães a prevenirem-se contra acidentes domésticos com os bebês. Os conselhos dados pela autora da coluna alertavam para a importância da mãe no lar na prevenção dos acidentes.⁷⁷

A imprensa teresinense reafirmava o papel social da mulher de mãe, aquela que antes de tudo devia amar e empregar esforços para proporcionar uma boa educação para os filhos. Ao pai esperava-se que cooperasse com a esposa nesse propósito de modo que,

⁷⁵ COMO cuidar do bebê. *Jornal do Comércio*, Teresina, 22 nov. 1952, p. 3.

⁷⁶ FREIRE, Maria Martha de Luna. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 153-171, jun. 2008.

⁷⁷ COMO cuidar do bebê. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4 mar. 1956, p. 9.

- 2- Evite empregar sempre ‘a sua’ própria lógica, nos acontecimentos da sua família. Procure compreender os problemas de sua esposa e dos seus filhos.
- 3- Não tome sempre atitudes ditatoriais, ralhando com os filhos ou castigando-os a qualquer propósito [...].
- 4- Evite os conflitos e discussões conjugais, principalmente na presença dos filhos. Lembre-se sempre que estes devem tomar os pais como modelos a imitar e não como criaturas a odiar [...]
- 6 – Não erga barreiras entre sua personalidade e a de seus filhos, como fazia a educação clássica, pelo contrário procure ‘descer’ ao nível da compreensão e do afeto dos seus filhos.
- 7 – Selecione e observe as pessoas que tem contato com seus filhos: domésticas, vizinhos, outras crianças. Nunca perca de vista seu filho, sem, porém, cercear-lhe a liberdade de movimento e o seu contato social.⁷⁸

A educação tradicional na qual vigoravam os castigos físicos, a repressão e a falta de diálogo já não surtiam os mesmos efeitos nas famílias da década de 1950, sendo tais práticas reprimidas nos cuidados com as crianças. Os educadores recomendavam o diálogo como a melhor maneira dos pais educarem os filhos e de estreitar as distâncias que existiam entre eles quanto à personalidade e às motivações de cada um. Interessar-se pelas companhias dos filhos sem, porém, mostrar-se uma pessoa controladora que restringe a liberdade, conversar sobre assuntos de diversas naturezas e instruí-los quanto ao sexo no momento certo, estavam entre as obrigações dos pais.

Uma boa educação dependia também dos bons exemplos que o pai podia dar para os filhos, como evitar os conflitos e discussões com a esposa na presença destes, cumprir com a função social que a sociedade lhe destinava de provedor material, trabalhador, honesto e atencioso com a família. O pai recebia assim a incumbência de cooperar com a mãe na tarefa de educar os filhos.

Desta forma, o papel dos pais em uma sociedade longe de ser resultado do fator biológico é antes condicionado pela cultura em que vivem. Do mesmo modo o papel das mães não é intrínseco à natureza feminina, mas construído culturalmente. Como destaca Elizabeth Badinter⁷⁹ uma mulher pode abdicar de ser mãe sem deixar de ser uma pessoa normal e da mesma forma nem toda mãe deseja dedicar a sua vida nos cuidados com os filhos. Para esta autora, o amor materno é um sentimento incerto, frágil e imperfeito, portanto, não está predestinado a todas as mulheres, assim como a maternidade pode não ser a realização na vida de algumas mulheres.

⁷⁸ CONSELHOS de higiene mental aos pais. *Folha da Manhã*, Teresina, 16 mar. 1958, p. 4.

⁷⁹ BADINTER, 1985.

Para Elizabeth Badinter, qualquer pessoa e não necessariamente a mãe, como o pai, a tia ou mesmo uma pessoa sem nenhum vínculo de parentesco pode cuidar de uma criança. Só o amor não é o suficiente para que uma mulher cumpra com o “dever” de mãe. A moral, os valores sociais ou religiosos podem da mesma forma que o amor, incitar os cuidados maternos.

As mães nem sempre são as que maternam os seus filhos. Como exemplo, podemos citar o caso da Roda dos Expostos, instituição bastante difundida em Portugal e que tinha a função de receber e dar proteção e assistência às crianças que por algum motivo as mães enjeitavam. No Brasil, as primeiras Rodas estabeleceram-se ainda no período colonial, alcançando grande repercussão após a independência, com o aumento do número de Rodas dos Expostos em diversas regiões do país. Várias razões levaram as mães a abandonarem os filhos, entre elas a pobreza, a condenação moral às mães solteiras, o esfacelamento da família.⁸⁰

No dia 8 de março de 1959, o jornal *O Dia*, publicava um artigo em comemoração à extinção da “Roda”, a antiga Casa dos Expostos, que ficava situado na Rua Marquês de S. Vicente. A “Roda” era uma saída para as mães solteiras que temendo os preconceitos da família e os preconceitos sociais, deixavam seus filhos aos cuidados de pessoas estranhas, correndo o risco de nunca mais revê-los.⁸¹ A transformação da “Roda” em creche, administrada por religiosas, atuava como um incentivo para que as mães solteiras enfrentassem a recriminação das suas famílias e o julgamento da sociedade, assumindo os filhos ou poderia ainda contribuir para que as mulheres se comportassem como o prescrito nos anos cinquenta, mantendo relações sexuais somente após o casamento, evitando com isso uma gravidez indesejada, logo manter-se virgem até o dia do matrimônio era o “dever” de toda jovem que desejava realizar um casamento de acordo com o modelo dominante na época.

Na visão de alguns críticos sociais, a “Roda” colaborava para a propagação de dois pecados. Primeiramente favorecia o desvio de conduta, pois a mulher sabendo que tinha como livrar-se de uma criança indesejada, sem precisar tirar a sua vida, continuava a viver em pecado, mantendo relações sexuais com os seus namorados ou com homens casados. O segundo e considerado mais degradante, era afastar a mulher de sua missão primordial na terra que era ser mãe, cuidar dos filhos com o amor e o carinho necessário para uma boa

⁸⁰ VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 189-222.

⁸¹ MÃES solteiras. *O Dia*, Teresina, 8 mar. 1959, p. 5.

formação. Para esses críticos da “Roda”, a sua extinção representava um bem à humanidade, na medida em que os cuidados maternos eram insubstituíveis.

Por outro lado, havia pessoas que defendiam a Roda e lamentavam a sua extinção, argumentando que a instituição, apesar da carência de recursos para se manter e dos dramas testemunhados a cada vez que se abandonava um enjeitado, tinha momentos de imensa felicidade, principalmente quando as mães solteiras com o passar do tempo resolviam voltar para buscar o filho, disposta a enfrentar a família e a sociedade. Isso era possível, tendo em vista que a Roda não objetivava afastar a mulher da sua “missão” sagrada de mãe. Os responsáveis pela Casa dos Expostos guardavam ao longo dos anos o cordão de ouro ou prata, a fita de seda ou um simples cadarço colocado no pescoço do enjeitado no qual trazia pendurado uma cruz ou uma medalha contendo uma informação sobre a criança e que funcionava como uma senha de reconhecimento para que a mãe um dia pudesse identificar o filho e tomá-lo novamente em seus braços. Para algumas mulheres, a Roda era uma espécie de fuga dos preconceitos sociais e da recriminação da família. Além disso, os defensores da Roda acreditavam que o seu funcionamento evitava muitos infanticídios praticados nas cidades pelas mães que com vergonha e medo de assumir a maternidade cometiam o crime.

Nesse sentido, pior do que renunciar ao papel de mãe, entregando o filho para ser criado na Roda dos Expostos sob o cuidado de pessoas estranhas à criança, era cometer o crime de infanticídio. O crime causava revolta entre a população que condenava a mulher por fracassar em sua nobre missão ao desfazer-se de um filho, a quem ela mais deveria amar. A sociedade exaltava as mães que cumpria com suas obrigações maternas e repudiavam as que fracassavam na sagrada missão. A imprensa noticiava os crimes de infanticídio ocorridos na cidade de Teresina, na década de 1950.

Em janeiro de 1958, o jornal *Folha da Manhã*, relatava o caso de Maria Rodrigues da Silva, cearense, residente em Piripiri, de 20 anos de idade. A jovem que escondeu da família a gravidez, veio para Teresina com o argumento de que iria submeter-se a um tratamento de saúde. Ao sentir as dores do parto, dirigiu-se para uma mata localizada em frente à casa onde estava hospedada, lugar em que deu a luz a uma criança do sexo feminino e que após o parto deixou ali mesmo no matagal. A criança foi logo encontrada com a metade do corpo já consumido pelos cachorros. Maria Rodrigues da Silva depois que confessou a autoria do crime foi levada à cadeia.⁸²

⁸² CRIANÇA devorada pelos cães – infanticídio. *Folha da Manhã*, Teresina, 8 jan. 1958, p. 4.

A imprensa teresinense noticiava outros casos de infanticídio que chocavam a população, como este cometido por Antônia de Jesus Lopes, solteira, de 24 anos, natural de Campo Maior, que abandonou a filha recém nascida em um caixão de lixo, após matá-la por estrangulamento.⁸³ Os crimes de infanticídio e os casos de abandonos de crianças eram imperdoáveis, nada poderia justificar tais atos, nem mesmo quando diziam agir em nome da moral, ocultando a conduta que, possivelmente, seria reprovada pela família e condenada pela sociedade. A imprensa denominava as infanticidas de: mães desnaturadas, megeras, mulheres perversas que não souberam cumprir com as obrigações destinadas ao seu sexo.

Os casos que aqui relatamos são exemplos de que as mulheres não vivenciam da mesma forma a maternidade, algumas mães podem amar, cuidar dos filhos e sentirem-se realizadas na vida, outras podem simplesmente renunciar esse papel, abandonando-os ou mesmo cometendo o crime de infanticídio. Parir, como sugere Maria Lúcia Rocha-Coutinho,⁸⁴ é um fato natural, possível às mulheres devido ao seu aparato biológico que lhes permite conceber um filho. Ser mãe, no entanto, é uma condição que molda a mulher e que se constrói discursivamente na sociedade.

Na década de 1950, com o objetivo de afastar as mulheres do mercado de trabalho e da esfera pública, associou-se a imagem da mulher ao espaço privado, lugar ideal para o exercício dos papéis de esposa, mãe e dona-de-casa. Os discursos construídos nesse período reafirmavam e naturalizavam os papéis tradicionais femininos. As desigualdades de gênero eram explicadas tendo como base a constituição biológica de homens e mulheres. Constituição que previa para as mulheres o exercício de atividades que exigissem delas sensibilidade.

Vale ressaltar que muitos desses discursos e práticas de valorização da maternidade e do casamento não irrompem somente na década de 1950, mas foram sendo reformulados, redefinidos e reafirmados desde décadas anteriores. Margareth Rago,⁸⁵ por exemplo, enfatiza que durante a Primeira República se forjou um modelo normativo de mulher, simbolizado nas relações sociais como esposa-mãe-dona-de-casa, justo no momento em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial, que ocorriam nos principais centros do país, solicitavam sua participação ativa no mundo do trabalho e em outros ambientes do espaço público.

⁸³ A MÃE desnaturada apresentou-se a polícia. *Folha da Manhã*, Teresina, 8 jul. 1958, p. 6.

⁸⁴ ROCHA-COUTINHO, 1994.

⁸⁵ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Segundo a autora, o ingresso da mulher no mercado de trabalho concorreu no período da Primeira República para a reprodução de discursos de reafirmação dos papéis da mulher de esposa-mãe-dona-de-casa. Os discursos masculinos, dos industriais e do movimento operário, agiram ferrenhamente com o intuito de promover o retorno da mulher trabalhadora para o lar. Com essa mesma finalidade, o discurso médico-sanitarista procurou persuadir “cientificamente” a mulher, pertencente a todas as classes sociais, de sua tarefa de criação e de educação dos filhos.

Os discursos divulgados durante a Primeira República pautaram-se nas características biológicas para definir os espaços de atuação das mulheres, tentando anular com essa iniciativa as suas conquistas na esfera pública. Discursos estes que começaram a agir com vigor e determinação nos primeiros anos de República, e que ganharam maiores proporções na década de 1950, influenciando na conduta e escolhas das jovens dessa geração.

A explicação biológica foi, dessa forma, utilizada no discurso masculino e no discurso da imprensa, do Estado, dos empresários e de outros setores da sociedade visando redirecionar a mulher para o espaço privado e para os papéis de esposa, mãe e dona-de-casa. Porém, é importante aqui frisar que a categoria gênero rejeita explicitamente o determinismo biológico, visto que a questão está no caráter social, pois as relações entre homens e mulheres são construídas culturalmente, perpassando por valores e ideias disseminados em uma dada sociedade. Mas “[...] não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre os corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas [...]”.⁸⁶ Devendo ser reconhecida a construção social que existe sobre os sexos, evitando que um comportamento social seja vislumbrado como um fator biológico.

A seguir iremos nos deter, especificamente, a análise do discurso católico que apoiado numa pretensa lei divina e na constituição biológica de homens e mulheres, legitimava a divisão social dos papéis de gênero enfatizada em outros discursos.

2.2 Entre a cruz e a espada: discurso religioso e trabalho feminino em Teresina

A Igreja Católica também divulgou um discurso disciplinador do comportamento feminino. Mudanças estavam se processando na sociedade teresinense, onde se verificava cada vez mais a presença da mulher no mercado de trabalho e, em outros casos, um acelerado

⁸⁶ LOURO, 2008, p. 22.

crescimento do número de mulheres no ensino superior com vistas a uma profissionalização. Tais fatores fizeram com que a Igreja Católica elaborasse um discurso apontando qual era a verdadeira missão da mulher na sociedade. Esse discurso apontava:

[...] ‘Ao passo que o homem se apresenta como dono da vida, com o seu espírito de conquista, de aventura, de dominação, de egocentrismo, revela-se desde logo a mulher pelo seu espírito de servidora da vida. Servir a vida é o destino orgânico da mulher e o fundo da sua natureza moral...’
Eis a mulher verdadeiramente feminina: aquela que é frágil mas tem o poder da graça e da beleza; que sofre pela maternidade mas triunfa perpetuando a vida; que, tornando-se cada vez mais feminina, contribui para tornar os homens cada vez mais varonis.⁸⁷

No discurso católico, a mulher verdadeiramente feminina é aquela que cumpre com suas funções maternas, que fica em casa cozinhando para o marido, que está na rua exercendo a sua função de provedor econômico. Logo era ela a responsável não só pelo bem-estar dos seus familiares, mas pelo sucesso do marido na carreira. A mulher verdadeiramente feminina é frágil, assume a maternidade, o matrimônio e tem nos filhos e no marido o centro de suas atenções. Sendo assim, as mulheres que estivessem seguindo outras trajetórias, exercendo profissões e ocupando espaços até então definidos como sendo do homem, não poderiam ser verdadeiramente femininas, mas pelo contrário, estariam se masculinizando.

A cidade de Teresina nos anos cinquenta oferecia às mulheres outras possibilidades de vivenciar a feminilidade, que iam além dos papéis tradicionais femininos. O mercado de trabalho, a escolarização, as formas de lazer típicas de uma cidade que se modernizava, exerciam forte atrativo entre as mulheres dessa geração.

A Igreja Católica buscava, nessa conjuntura, moldar o comportamento feminino ao ideal de mulher cristã voltado para o lar e bem-estar da família. Através do Seminário de Orientação Católica intitulado *O Dominical*, a instituição prescrevia os comportamentos a serem adotados pelas jovens. Comportamentos que, segundo o discurso católico, era o que Deus aceitava e abençoava.

A sociedade no século XX passava por um momento de transição, onde as relações patriarcais minavam em crise diante do processo de modernização e urbanização. O novo se apresentava ao universo feminino e indicava os caminhos de sua emancipação, tudo isso era desagregador para os valores sociais aceitáveis. A Igreja Católica preocupada com o comportamento feminino, tratou logo de apontar o recato e as virtudes cristãs como valores

⁸⁷ A MULHER verdadeiramente feminina. *O Dominical*, Teresina, 12 fev. 1950, p. 4.

indiscutíveis para as mulheres de família. A publicação de artigos jornalísticos, crônicas e cartas pastorais tiveram por objetivo moldar os comportamentos femininos, indicando para as mulheres suas funções sociais de esposa e mãe e, ainda, afirmando o papel masculino de provedor material.⁸⁸

Com o advento da modernização, surgiram mais opções de lazer, trabalho, modificando a vida das pessoas. Costumes antigos foram perdendo seu valor em meio a uma série de hábitos que se insurgiam com os rótulos de moderno. A mulher teresinense não ficou fora das tendências de modernidade e seu comportamento constituiu objeto de crítica por parte da Igreja Católica.

Ficar em casa seria bom para haver um lar digno desse nome, isto mas é pau! Então a mulher moderna emprega-se, precise um pouco, quase nada, ou nada mesmo. Ou então sai cada dia para cinemas, passeios, compras desnecessárias (agravando o preço das utilidades) ou para visitas.

[...]

O grande mal hodierno é que a mulher esqueceu que é mulher. Preferiu imitar o homem no que ele tem de pior.

[...]

E para começar, esqueceu que a mulher existe para a maternidade no lar cristão e que relegar tal fato com tudo que ele traz à vida, é tornar-se a mulher um ser sem significação, sem conteúdo, uma superfluidade que fora do seu destino, fora da vida humana natural, desce a todos os erros e males.

O nosso Deus de amor que fez Eva, que fez a mulher para o encanto casto e santo da existência humana. O nosso Deus de amor que deu nos na nossa mãe Virginal, Maria Santíssima, a maior beleza e alegria da humanidade, dê a mulher moderna a compreensão de seus erros e volte ela a ser simplesmente a mulher no trono puro, humilde, sacrificado de mãe e educadora dos seus filhos, a santa alegria do lar.⁸⁹

A modernidade estava colocando em xeque os valores prescritos pela Igreja Católica no que se referia ao comportamento feminino. A mulher moderna já não concebia a maternidade e o casamento como único destino. Os cinemas, os passeios, as compras e o próprio trabalho remunerado eram partes integrantes do cotidiano da mulher moderna. A Igreja Católica não aceitou passivamente essas novas ocupações femininas, pois segundo ela, a mulher não queria mais ter filhos e assim renunciava a sua própria condição de mulher e desta forma, o lar vinha perdendo a sua função acolhedora.

⁸⁸CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A Igreja Católica e a redefinição das relações familiares e das identidades de gênero no alvorecer do século XX. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p. 361-384.

⁸⁹ELAS... *O Dominical*, Teresina, 7 nov. 1954, p. 1.

No discurso católico, as mulheres não estavam seguindo com recato e zelo os princípios religiosos, mas vivendo uma vida de divertimentos e a disputar o espaço público com os homens. No que diz respeito ao trabalho feminino, podemos perceber pelo fragmento citado, que a rejeição ao trabalho da mulher devia-se ao fato de que muitas se inseriam no mercado de trabalho por satisfação pessoal e não por necessidade financeira, e tal fato representava uma ofensa para os católicos que defendiam o zelo pelo espírito e não pelo corpo. Por tudo isso, a Igreja Católica reduziu a mulher moderna a um ser insignificante, sem conteúdo, objetivando fazer com que ela assumisse exclusivamente as funções de esposa, mãe e dona-de-casa.

A mulher moderna renunciava ao trono de rainha do lar, mãe devotada aos filhos, isso significava na rígida moral católica, descer a todos os erros e males. A alegria do lar dependia, nessa perspectiva, do papel da cristã firme na sua fé, que vive em casa e para os filhos e marido, aquela que compreende a sua “missão” e realiza, mesmo que para isso tenha que sacrificar-se, sofrer e privar-se dos seus próprios desejos. A mulher para cumprir essa missão precisava esquecer de si mesma, dos seus desejos, pois só assim ela conseguiria exercer a função que lhe fora destinada socialmente.

Castelo Branco⁹⁰ explica que nas primeiras décadas do século XX, os modelos femininos elaborados pela Igreja Católica eram também definidos pelas margens, pelo que não deviam ser e, nesse caso, é apontada pelos católicos uma relação de comportamentos considerados degradantes para a mulher e que, na sua condição de seguidora dos princípios católicos, deveriam se afastar. Dentre tais comportamentos, destacavam-se as prostitutas, as vaidosas, as adúlteras, aquelas que não cumpriam com as suas funções maternas, bem como aquelas que exerciam as mesmas atividades que os homens. Todos esses comportamentos foram elaborados no discurso católico com vistas a não serem seguidos.

A identidade feminina era vista no discurso católico de forma fixa e inerente. No entanto, Castelo Branco⁹¹ nos chama a atenção para o fato de que as identidades de gênero não são fixas e inerentes, mas construídas historicamente e culturalmente, isto é, se transformam ao longo do tempo e com a cultura. Dessa forma, existem homens e mulheres com identidades plurais e que são atravessadas pela classe social, religião, idade, etnia e raça, não podendo ser estes considerados de forma homogênea e singular.

⁹⁰ CASTELO BRANCO, 2006.

⁹¹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. História, estudos de gênero e contemporaneidade. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Áurea da Paz (Orgs.). *Cidade, História e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2004. p. 261-269.

No que toca à mulher, o feminismo⁹² foi um outro assunto constante no discurso católico. O movimento reivindicava a igualdade de direito entre homens e mulheres nos diferentes campos e, por isso mesmo, encontrou uma série de resistência por parte dos católicos que defendiam uma nítida divisão social entre os papéis femininos e masculinos. A Igreja Católica preocupada com as novas posições que a mulher ocupava na sociedade, combateu veemente o movimento feminista.

Firmado este ponto de vista, examinemos outra face do problema: o trabalho feminino. Regra geral, ele é um mal, porque afasta a mulher do posto que naturalmente lhe compete na engrenagem social: a direção do lar. Não há organização perfeita onde não há divisão de trabalho e especialização de funções. E a função da mulher é precisamente aquela. Desempenhando ela as funções que competem ao homem, quem irá ocupar o seu lugar na direção do lar? Deixa-lo acéfalo? Entrega-lo a uma empregada bronca? Quem irá cuidar da educação dos filhos, enquanto a mãe está ausente? Uma creche ou uma escola maternal? Será que ambas tratam a criança com o desvelo materno? São perguntas que não podem ser respondidas satisfatoriamente. Outro aspecto ainda: *o feminismo integral leva as mulheres a concorrer em tudo com o homem, tomando muitas vezes o emprego de um chefe de família numerosa. Fá-las perder o recato natural, ingressar nos vícios sociais do fumo, da bebida etc. fazendo com que se desgarem mais facilmente ingressando na política, muitas vezes a mulher se masculinizava completamente, torna-se temível 'mulher homem' detestada pelos homens e pelas mulheres. O feminismo integral deve portanto ser combatido para o perfeito equilíbrio social.*⁹³

O trabalho feminino representou para alguns católicos um dos problemas gerados pelo feminismo. As mulheres influenciadas pelas ideias do movimento feminista se projetavam no cenário público, exerciam uma carreira profissional, dividiam os mesmos espaços que os homens e muitas vezes realizavam as mesmas tarefas, comportamentos que não se adequavam aos ensinamentos cristãos.

O feminismo permaneceu como uma questão importante nas discussões da Igreja Católica. Os católicos mais fervorosos, contrários às ideias do movimento feminista, elaboraram um discurso divulgando os malefícios que causariam o trabalho feminino e o abandono do lar. Segundo esse discurso, o trabalho feminino desagregava a família, visto que as crianças cresceriam sem o afeto materno, sendo educadas por instituições ou pessoas

⁹² Céli Regina Jardim Pinto, em uma discussão sobre a história do feminismo no Brasil, destaca que a primeira fase do feminismo, período que se estendeu da virada do século XIX para o século XX até 1932, teve como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos, mediante a participação eleitoral, como candidatas e eleitoras. Entretanto, a autora chama a atenção para as diferentes vertentes dessa fase, sugerindo que as mulheres não defendiam apenas o direito ao voto, mas falavam de emancipação e independência. Cf. PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

⁹³ O FEMINISMO. *O Dominical*, Teresina, 18 set. 1955, p. 3 (grifo nosso).

estranhas, o que prejudicaria a formação dos futuros cidadãos do país e, para haver o perfeito equilíbrio social, fazia-se necessário à divisão social dos papéis entre os sexos. Além disso, o fato das mulheres serem criticadas por concorrer com o chefe de família e tirar o seu emprego, significava dizer que as mulheres eram sustentadas pelos homens (pais ou maridos) podendo ficar sem trabalhar. O mesmo não podia acontecer com o homem que necessita trabalhar pela função social que exerce. Nesse sentido, não se pensava na possibilidade de uma mulher nos anos cinquenta, sustentar os filhos e uma casa sozinha, permeando a ideia de que só existem duas dimensões de dependência, ou a mulher é solteira dependendo financeiramente do pai, ou é casada dependendo financeiramente do marido. A Igreja não vislumbrava em suas pregações o papel da mulher de mantenedora da subsistência familiar.

Em outro aspecto, o trabalho feminino levaria a mulher a perder o recato, ingressando nos vícios da bebida, do fumo, correndo o risco de se masculinizar e ser rejeitada pelos homens e outras mulheres. Dessa forma, o trabalho feminino e outras conquistas do feminismo foram combatidos pela Igreja Católica que usou todos os artifícios para conter as conquistas femininas na esfera pública.

Nessa perspectiva, Riolando Azzi⁹⁴ explica que a condição de instituição religiosa, marcadamente masculina, contribuiu para que a Igreja Católica impusesse sérias dificuldades no reconhecimento dos novos direitos solicitados pelo movimento feminista.

Mas não vamos generalizar, a Igreja Católica diante do avanço do movimento feminista teve de fazer algumas concessões nos anos cinquenta, o que a levou a dividir o feminismo em dois tipos: o feminismo integral e o feminismo moderado. Este último era aceito pela instituição católica.

[...] o feminismo moderado das mulheres que trabalham por que precisam, que estudam e seguem uma carreira por que sua inteligência e cultura lhe pede isso. São as mulheres que não pretendem desbancar os homens, não se futilizam, nem se masculinizam por ocupar uma posição social. Terminada sua tarefa, voltam ao lar e conservem por este o mesmo amor de antes. Tal feminismo moderado é digno de todo o encorajamento sempre que necessário. Há mesmo missões que são tipicamente femininas: magistério primário, enfermagem, inclusive a odontologia especializada e medicina nos próprios males femininos.⁹⁵

⁹⁴ AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luisa (Org.). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 101-134.

⁹⁵ O FEMINISMO. *O Dominical*, Teresina, 18 set. 1955, p. 3.

É nesse aspecto que o feminismo era admitido pela Igreja Católica. Na definição do feminismo moderado, as mulheres podiam trabalhar, contanto, que não comprometessem os valores tradicionalmente defendidos pela instituição católica. Um feminismo que apesar de abrir as portas para a mulher na esfera pública, continuava mantendo-a ligada à esfera doméstica.

As transformações na sociedade foram, ao longo da história, motivo de controvérsias por parte da Igreja Católica. A Igreja esteve atenta a todas as transformações, ora mostrando-se tolerante às mudanças sociais, ora assumindo uma postura conservadora, principalmente, quando o assunto aludia os novos comportamentos de homens e mulheres e as implicações desses comportamentos nas relações familiares.

Em se tratando da emancipação feminina, e, conseqüentemente, dos novos espaços de atuação das mulheres na sociedade, foram feitas severas críticas. Para os católicos ligados ao pensamento conservador, a emancipação feminina significava o próprio abandono da condição de mulher. Era necessário indicar o verdadeiro ofício criado por Deus e não faltaram referências a Virgens como exemplo de mulher cristã, tratava-se de defender a feminilidade, segundo o modelo normativo, não a sua emancipação.

[...] o que chamam de emancipação da mulher moderna significa apenas o abandono da condição feminina, declarou nesta cidade, perante a Assembleia Anual das mulheres católicas de Covington, o bispo de Stevbenville Ohio, Mons. Jonh King Mussio.

‘Considerar a suposta emancipação feminina dos nossos dias – continuou Mons. Mussio –, é o mesmo que assistir a nossa própria destruição, apreciada de camarote. A feminilidade deve ser defendida, não emancipada. A mulher precisa ser como Deus a criou, e não o que ela e o mundo pretendem que ela seja.

[...]

O atrativo máximo da mulher – conclui o prelado – consiste em ser rainha de seu lar, dedicando-se com simplicidade, pureza e devotamento ao cuidado dos filhos e aos trabalhos da casa. É isto que Deus abençoa e aprova’.⁹⁶

A emancipação feminina era uma realidade em Teresina na década de 1950, fato que trouxe a reação daqueles que condenavam essa nova condição feminina. Depois de séculos de dominação, uma outra condição da mulher na sociedade não seria aceita tão passivamente. A mulher emancipada que se identifica com o trabalho, se constitui historicamente. Embora fosse a emancipação feminina algo incorporada ao cotidiano, não seria ela imediatamente admitida por todos.

⁹⁶ OS ERROS da emancipação feminina. *O Dominical*, Teresina, 4 dez. 1955, p. 3.

A Igreja Católica, por exemplo, utilizou-se de todos os mecanismos de manutenção das identidades de esposa, mãe e dona-de-casa, o mundo doméstico figurou em seus discursos como verdadeiro universo feminino, a feminilidade deveria ser defendida a todo custo, em face dos novos anseios da mulher emancipada.

A instituição prescrevia às mulheres católicas o modelo de Maria que, como cristã, desempenhou de maneira admirável a “sagrada missão” de mãe. Maria seria a mediadora para que outras cristãs pudessem cumprir integralmente a tarefa de dar uma educação moral e espiritual para os filhos. De acordo com esse discurso, o destino da humanidade estaria nas mãos das mães, na qual deviam vivenciar a fé cristã, dando bons exemplos e ensinando desde cedo as crianças os princípios católicos. Assim, ser mãe no catolicismo era:

[...] compendiar num ser todas as aptidões ou profissões da capacidade feminina [...]. A mãe é anjo visível do lar, com especialidade, para os filhos. A mãe sendo a primeira educadora dos filhos, é, ipso facto, a iniciadora dos destinos da humanidade. É a mãe que imprime sua feição indelével no ser que dela origina e depende e por ele, quiçá, a muitas gerações. Em sua tremenda responsabilidade, a mãe de família precisa de grande inteligência e de notável habilidade.

[...]

A mãe é a primeira professora do filho, pois é na escola maternal que se prepara o aluno para a escola primária. A mãe é enfermeira sem igual: ela aplica, pelo seu devotamento, o melhor de si, traduzido pelo sorriso e gesto delicado, servindo de lenitivo às tristezas do coração.

Enfim, a mãe é tudo em todas as coisas [...].⁹⁷

Diante de todas essas responsabilidades, o lar é descrito como um espaço onde a mulher melhor desempenharia seu papel de mãe e esposa. Era em casa cuidando dos filhos e do marido, proporcionando um ambiente agradável para que todos se sentissem bem, que ela encontraria a felicidade e não no espaço público, exercendo atividades profissionais e ocupando espaços considerados no discurso social como sendo dos homens. Aquelas que assim se comportavam perdiam sua feminilidade e sensibilidade.

A história da mulher dentro da Igreja Católica, a sua intensa participação nas festividades religiosas e o papel de leitoras assíduas dos jornais e revistas católicas, tudo isso facilitou na divulgação do discurso católico. Os papéis sociais das mulheres eram reafirmados constantemente nas orações, como na oração da dona-de-casa,⁹⁸ que passava uma mensagem de conformismo com as atividades do lar, como se os serviços realizados em casa fossem uma predestinação divina que as mulheres aceitariam sem contestação, as atividades apesar de

⁹⁷ APELO às mães. *O Dominical*, Teresina, 18 set. 1955, p. 1.

⁹⁸ ORAÇÃO da dona de casa. *O Dominical*, Teresina, 15 fev. 1953, p. 1.

rotineiras deveriam ser concebidas pelas mulheres como gestos novos que as enobreciam. Nesta oração, a preocupação com os outros e a alegria dos outros seriam a maior virtude de uma dona-de-casa. O mesmo foi feito na prece da recém-esposada⁹⁹ que visava preparar espiritualmente a mulher para a sua missão na sociedade que era a maternidade. Orações e preces reforçavam o enclausuramento da mulher no mundo doméstico.

Mas, embora a Igreja Católica atuasse tentando estabelecer o espaço privado como o lugar ideal para a realização feminina, não podemos generalizar a ponto de se afirmar que toda e qualquer participação da mulher no espaço público fosse motivo de crítica por parte da instituição. A Igreja Católica tinha sim seus interesses bem definidos e estruturados, mas em virtude das novas possibilidades de trabalho abertas às mulheres, os católicos ligados ao pensamento conservador tiveram que encontrar uma válvula de escape, ou seja, um discurso que fosse condizente com o que tradicionalmente defendiam, mas, que, por outro lado, dessem margem às novas exigências do momento.

É necessário evitar generalizações, pois conforme acentua Riolando Azzi,¹⁰⁰ em alguns aspectos, houve uma significativa evolução no pensamento católico, sobretudo a partir da década de 1950. Em relação ao trabalho da mulher fora do lar e sua relativa autonomia diante do marido, a Igreja Católica mostrou-se mais tolerante. Embora desejasse ver a mulher mais vinculada aos espaços do lar e da Igreja, dividida entre os papéis tradicionais femininos e a religião, a instituição católica teve de admitir sua maior participação no mercado de trabalho.

De um modo geral, a Igreja Católica continuou a defender a divisão social entre papéis femininos e masculinos, a combater ativamente os novos comportamentos da mulher na esfera pública e principalmente os tipos de trabalhos que colocavam em xeque o papel de esposa, mãe e dona-de-casa. Porém, o que a Igreja renovou em seu discurso foi admitir no currículo feminino, profissões como o magistério primário, enfermagem, odontologia e a medicina especializada no tratamento feminino. Tais profissões foram vistas como atividades tipicamente femininas, que não comprometiam os papéis tradicionais da mulher e por esse motivo, foram aprovadas e abençoadas pela Igreja.

Portanto, o que podemos inferir nessa discussão é que a Igreja Católica era contrária à profissões que afastassem a mulher dos papéis tradicionais, que levassem a mulher a competir com os homens e a masculinizasse. O trabalho feminino só era bem vindo quando fosse fruto

⁹⁹ PRECE da recém esposada. *Jornal do Piauí*, Teresina, 24 abr. 1955, p. 4.

¹⁰⁰ AZZI, 1993.

de uma necessidade financeira, não de uma satisfação pessoal, estando é claro, dentro das profissões que a Igreja aprovava.

Assim, a década de 1950, em Teresina, foi palco dos discursos masculinos, do Estado, dos empresários, da imprensa e da Igreja que buscaram ativamente encaminhar as mulheres para o espaço privado e para algumas atividades específicas, visto que elas estavam nesses anos ultrapassando os limites da casa e vivenciando a realidade da rua, ocupando por ocasião da modernização, urbanização, industrialização e medidas governamentais, um espaço no mercado de trabalho.

Contudo, a recorrência desses discursos não impediu que determinadas mulheres assumissem em suas vidas a identidade profissional, o que viabilizou em suas trajetórias, transitarem entre o espaço público e o privado. Tal comportamento evidencia que apesar de ser ainda muito presente na década de 1950 a concepção de que as moças deveriam ser preparadas para tornarem-se boas donas-de-casa dedicando-se exclusivamente ao esposo e os filhos, havia aquelas que transgrediam as normas sociais de seu tempo, quebrando algumas regras e descortinando identidades.

As mulheres, diante das estratégias discursivas buscaram apropriar-se de diversas táticas visando transitar por diferentes espaços na sociedade. Para explicar as práticas sociais, Certeau¹⁰¹ faz a distinção entre estratégia e tática. O autor chama de estratégia o mecanismo utilizado pelos sujeitos que estão no poder com a finalidade de manipular e gerir as relações sociais. Já a tática é uma ação calculada que é determinada em função do outro e das condições que são impostas, caracterizando-se como a arte do fraco. A estratégia é organizada pelo postulado de um poder e visa produzir e impor lugares, ao passo que a tática é determinada pela ausência de poder e tem a função de alterar esses lugares. Certeau compreende determinadas práticas sociais como resultado das relações de forças.

Essas relações de força, as quais o autor faz referência para explicar determinadas práticas sociais, são importantes para compreendermos a conjuntura dos anos cinquenta. Ao considerarmos que muitas mulheres, mesmo vivendo em um contexto de discursos que afirmavam ser o matrimônio e a maternidade como único destino, utilizaram táticas para ocuparem o espaço público como local de trabalho, sem contudo abandonar os papéis tradicionais femininos que já estavam enraizados na sociedade e eram constantemente reafirmados pelas estratégias discursivas.

¹⁰¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 91-106.

Com a pesquisa constatamos que as mulheres oriundas da classe média e alta de Teresina, ainda que de forma sutil, se apropriaram de táticas em contraposição às estratégias discursivas construídas na década de 1950, que possibilitaram a elas seguir outras trajetórias de vida, com maiores investimentos na escolarização e em uma carreira profissional.

Até aqui nos detemos à análise dos discursos divulgados na imprensa. Discursos que prescreviam como norma para a mulher ser uma boa esposa e uma mãe e dona-de-casa exemplar. Discursos que condenavam qualquer tipo de investida feminina na esfera pública, principalmente no que dizia respeito a participação no mercado de trabalho. As mulheres que almejavam ou que estavam inseridas no mercado de trabalho foram, com isso, duramente criticadas em alguns desses discursos veiculados na imprensa.

Cabe, porém, ressaltar que a incompatibilidade entre casamento e profissão tratava-se da trajetória comum, não constituindo na trajetória de todas. O modelo de mulher que se dedicava de forma exclusiva ao esposo, aos filhos e a casa, não atraía todas as mulheres, algumas trabalhavam e adotavam condutas que fugiam aos padrões normatizados na sociedade.

Nesse sentido, passaremos a partir daqui a analisar outros perfis femininos existentes em Teresina nos anos 1950. Perfis que incluíam o exercício de uma profissão e comportamentos que iam além do que prescrevia a norma nos Anos Dourados.

2.3 Desejos e práticas femininas no limiar dos Anos Dourados

As transformações sociais e econômicas experienciadas ao longo do século XX, mas, sobretudo a partir do pós-Segunda Guerra, tiveram um papel importante na configuração dos novos perfis femininos na sociedade. Quanto aos anos 1950 nos informa Matos que [...] ainda se encontravam marcados pela presença de ‘elementos tradicionais’, mas então já começariam a ser gestados outros perfis, novas relações entre os gêneros, com a quebra de certos tabus e o questionamento de certas atitudes e relações”.¹⁰²

Os anos 1950 caracterizavam-se por suas ambiguidades. Se por um lado ainda estavam marcados pela naturalização dos papéis de gênero que reservava à mulher a maternidade e a casa e ao homem o papel de provedor familiar, por outro já mostravam um cenário de

¹⁰² MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 101.

alterações “[...] como o aumento crescente da presença feminina no mercado de trabalho e certa liberalização das manifestações de seus desejos e expectativas”.¹⁰³

Entende-se, contudo, que em um contexto como esse, pleno de ambiguidades, uma maior participação feminina no mercado de trabalho e a emergência de novos valores e atitudes não aconteceriam sem um quadro de tensões, como pode ser verificado na sociedade teresinense.

Diante desse contexto, os discursos na imprensa são ambivalentes. De um lado, os discursos de reafirmação dos papéis tradicionais femininos de esposa, mãe e dona-de-casa, conforme o analisado nos tópicos anteriores; do outro lado, os discursos que davam visibilidade e que valorizavam o trabalho feminino.¹⁰⁴

Na imprensa, não raro, publicavam-se textos dedicados a falar sobre a brilhante trajetória profissional de jovens piauienses.¹⁰⁵ Ativa, alta, conceituada, dedicada, inteligente, eficiente e competente eram alguns dos adjetivos que acompanhavam o nome de mulheres que exerciam uma atividade remunerada no mercado de trabalho teresinense.

Transcorre a 30 do corrente a data natalícia da gentil senhorita Maria Íris Soares da Fonseca competente funcionária do Departamento Estadual da fazenda e elemento de realce nos meios sociais desta capital.¹⁰⁶

Transcorreu no dia 18 do corrente o aniversário natalício da srta. Dulcinéa Rodrigues de Araújo, alta funcionária do IAPC e jornalista, residente nesta capital e ainda vereadora eleita no último pleito, pelo município de Itainópolis deste Estado.¹⁰⁷

Notas como essas, em que é destacada a presença da mulher no mercado de trabalho ganhavam espaços nos jornais, ao lado de outras notas que, por sua vez, tentavam reafirmar uma norma frente às mudanças que começavam a ser gestadas no comportamento feminino.

Os modelos femininos delineados na imprensa indicavam os lugares das mulheres no mundo moderno. Os discursos veiculados nos jornais se reportavam ao casamento e à maternidade como elementos constituidores da mulher, ao mesmo tempo em que havia discursos que destacavam o seu papel no mundo do trabalho. O feminino era assim definido

¹⁰³ MATOS, 2005, p. 101-102.

¹⁰⁴ No último capítulo nos deteremos mais a análise dos discursos que davam visibilidade e que valorizavam o trabalho feminino, momento em que também discutiremos sobre os espaços de atuação da mulher no mercado de trabalho teresinense.

¹⁰⁵ DR^a. IRACEMA Cardoso. *Estado do Piauí*, Teresina, 11 out. 1959, p. 2.

¹⁰⁶ SENHORITA Maria Iris. *Jornal do Comércio*, Teresina, 27 set. 1953, p. 2.

¹⁰⁷ ANIVERSÁRIO. *Jornal do Piauí*, Teresina, 20 nov. 1958, p. 2.

ora pelos papéis tradicionais da mulher de esposa, mãe e dona-de-casa, ora por suas novas atribuições na sociedade, na qual estava incluído o exercício de uma atividade remunerada.

Em se tratando da mulher na sociedade não podemos pensar em um único perfil, mas em uma multiplicidade de perfis femininos num mesmo espaço de tempo e lugar. Da mesma forma, que não havia apenas um discurso, mas uma variedade de discursos, que se utilizavam tanto da imprensa como de outros meios para definir os vários perfis femininos existentes à época.

As mulheres nos anos 1950 iam além do modelo normativo de esposa, mãe e dona-de-casa. Apesar de ser ainda um modelo amplamente aceito, existiam outros paralelos a esse. O trabalho remunerado, por exemplo, vinha gradativamente fazendo parte dos projetos de muitas mulheres que viviam em Teresina. Fato que despertou a reação entre aqueles que prescreviam o lar como o único espaço de realização da mulher.

Além do trabalho feminino, outras questões envolvendo os desejos e as práticas femininas na década de 1950 foram problematizadas na imprensa, como o namoro e a moda. Valores já enraizados na sociedade passavam a ser questionados pelas mulheres com suas novas condutas. Outros modelos de mulher transitavam pelos espaços de Teresina paralelo a um modelo tradicional, que resistia às transformações.

As mulheres que ousavam transgredir as normas sociais de seu tempo e que assumiam um comportamento social diferente do tradicional, encontraram sérias resistências para as suas novas condutas, constituindo elas o principal alvo de críticas da Igreja Católica. A nota publicada no jornal *O Dominical* é esclarecedora do pensamento católico e do inconformismo com o novo comportamento feminino:

Antigas

- Amam a Igreja, a família, o trabalho.
- Têm a máxima confiança na mãe e para ela não tem segredos.
- Vestem com propriedade, evitando os trajes decotados e o luxo superior à própria condição.
- Não dão confiança a moços e com eles esquivam qualquer familiaridade.
- Desejam o matrimônio para formar uma família sua, mas pedem a Deus que lhes faça encontrar um esposo cristão e virtuoso, pois estão convencidas que é melhor ficar sós que mal acompanhadas.
- Sabem pensar muito e falam pouco.
- Consideram a pureza do coração e do corpo como a pérola mais preciosa, o tesouro inestimável que não se deve vender por preço algum.

Modernas

- Amam os bailes, os divertimentos e... a liberdade.
- Consideram a mãe como uma estranha, uma mulher do tempo antigo e lhe desobedecem em tudo.

- São escravas da moda, para servir a qual não têm limites de pudor e de economia.
- Dão confiança a qualquer moço que se lhes apresente.
- Pensam no matrimônio como numa miragem de felicidade... bem longe de abraça-lo como uma missão de amor e, por conseguinte, de sacrifício.
- Em suas conversas intermináveis não transparece um pensamento sério ou um bom sentimento.
- Querem masculinizar-se até tornarem-se ridículas e desagradáveis. Passam as horas livres ao espelho ou lendo romances levianos e expõem-se levemente a todos os perigos.¹⁰⁸

A Igreja Católica apropriou-se dos veículos de comunicação para combater o modelo de mulher moderna. Para os católicos, as mulheres deviam seguir o modelo antigo, dedicando o seu tempo à religião e a família, funções que Deus havia destinado à mulher. Por outro lado, esse segmento conservador criticava ferrenhamente o modelo de mulher moderna, argumentando que as mulheres estavam masculinizando-se. Isso demonstra que os católicos demarcavam os espaços femininos e masculinos, tendo como referência as características biológicas, e as mulheres ao invadirem esses espaços ditos masculinos corriam o risco de masculinizar-se, ou seja, o aspecto biológico foi utilizado para determinar o comportamento de homens e mulheres na sociedade, quando na realidade o comportamento é um aspecto cultural e não biológico.

No entanto, a mulher moderna era um retrato do comportamento de grande parte das teresinenses. Com esse paralelo entre mulheres antigas e modernas fica evidente que os preceitos católicos não eram o suficiente para direcionar o comportamento feminino. Os tempos eram outros, novas oportunidades surgiam para o ingresso da mulher no mercado de trabalho, ampliando a sua participação no espaço público. A cidade crescia e modernizava-se, os espaços de lazer, mesmo tradicionais, incorporavam novidades convidando as jovens a se fazerem presentes nas diversões e, tudo isso, fez com que a mulher fosse assumindo uma outra conduta.

A nota publicada pelo jornal *O Dominical*, deixa claro, que os bailes, os divertimentos e a liberdade eram, para as jovens modernas, os novos anseios. Embora, as formas de lazer e sociabilidade não tenham sofrido tantas mudanças comparadas as do início do século, as mulheres foram, ao longo dos anos, mudando suas práticas, influenciadas em grande parte pelo contexto nacional, local e acompanhadas dos papéis que assumiam na sociedade. As mulheres no contexto da década de 1950 reapropriaram os espaços da cidade com novas formas de flertar, de vivenciar as amizades e de se divertirem.

¹⁰⁸ FILHAS. *O Dominical*, Teresina, 19 nov. 1950, p. 3.

O namoro, visto como a primeira etapa para o casamento, sofria nos anos cinquenta algumas transformações, começando pela liberdade que os casais tinham para namorar, é claro que com algumas limitações para a época. As jovens, salvo alguns casos, já não viviam com a eterna vigilância dos pais, alguns tabus continuavam inalteráveis como a virgindade, mas cabia agora às mulheres a auto-vigilância. Os pais educavam as suas filhas para o casamento, portanto, as moças na ausência do pai ou de um irmão mais velho, deveriam saber se comportar, logo uma jovem difamada corria sérios riscos de não se casar, o que não ficava bem numa sociedade que concebia o casamento como a realização feminina. As mulheres continuavam sendo classificadas como “moças de família” versus “moças faladas” e, para não pertencerem a essa última classe, elas deveriam seguir as normas sociais, o que nem sempre ocorria, algumas moças desprezavam as normas aventurando-se em namoros considerados escandalosos para a época e por isso mesmo, tais comportamentos terminavam nas páginas de jornais como exemplos a serem rejeitados por outras jovens.

Em Teresina, o namoro foi assunto para crônicas. Os jornalistas se reportavam aos primeiros namoros das adolescentes, recomendando que estas encarassem seus primeiros namorados como companheiros de festas, reuniões, jogos, passeios, deixando que o romantismo amadurecesse no devido tempo. A preocupação estava nas influências que os primeiros namoros poderiam exercer sobre a conduta das adolescentes. Movidos por essa questão, os jornalistas buscavam, com as crônicas, alertar as jovens das possíveis decepções e das consequências decorrentes de decisões precipitadas ou de um romantismo exagerado, pedindo também aos pais que orientassem suas filhas para que a adolescência, fase das descobertas da paixão, do amor e do corpo, passasse sem maiores problemas.

Os primeiros namoros podem influir decisivamente na futura conduta da adolescente.

Faz-se mister, pois uma orientação sábia por parte dos pais da jovem, no sentido de que se evitem as consequências desastrosas de possíveis decepções.

A mulher jovem ao iniciar-se na vida do mundo, propriamente dita, deve estar precavida sobre o que são os homens, principalmente as ‘reações’ destes, sob determinadas circunstâncias. Sem essa preocupação psicológica, qualquer experiência na esfera do amor está fadada a um retumbante fracasso, com raras e fortuitas exceções.

[...]

Necessário se torna que as jovens ao atingirem a chamada ‘idade perigosa’, saibam manter-se alertas contra as incursões perigosas de um romantismo exagerado, que lhes poderá roubar a espontaneidade de viver e a alegria sadia própria da mocidade.

Podemos ainda acrescentar sem contudo cairmos na filosofia determinista, que todas as coisas da vida acontecem na sua ocasião oportuna, motivadas

por condições peculiares a cada pessoa. Portanto, não seria justo dissiparmos o tempo reservado aos folguedos da juventude, antecipando acontecimentos que somente poderão dar frutos prematuros.¹⁰⁹

O romantismo nos primeiros relacionamentos preocupava os pais e a sociedade. Segundo os jornalistas, as jovens não conhecendo os homens e envolvidas por um romantismo exagerado e pela falta de maturidade, terminariam concedendo ao namorado certas intimidades, chegando até mesmo a manter relações sexuais, lembrando que da mulher esperava-se o recato e que casasse virgem. Além de ir contra as convenções sociais, uma gravidez indesejada acarretaria muitas mudanças na vida de uma adolescente, deixando ela de viver essa fase para assumir responsabilidades que poderiam ser esperadas para quando estivessem adultas e casadas. Outra preocupação do romantismo nos primeiros relacionamentos era a tomada de decisões precipitadas como um casamento ou uma preferência exclusivista que a afastaria dos amigos, das festas e reuniões com outras pessoas. Portanto, para não antecipar as responsabilidades, viver de acordo com as regras sociais e saber aproveitar o que a adolescência oferecia, os jornalistas aconselhavam as jovens a conceberem seus primeiros namorados apenas como companheiros de diversões, nada de fantasiar com esse momento, pois as decepções amorosas poderiam influenciar no futuro das adolescentes.

O namoro nos anos cinquenta era cercado de regras. O rapaz devia escolher uma moça de família que fosse recatada e prendada, prova de que seria uma boa esposa, mãe e dona-de-casa. Da mesma forma, cabia a moça escolher um rapaz honesto e trabalhador, garantia de que também seria um bom esposo e pai. Algumas regras mínimas para os encontros eram bem conhecidas como:

[...] o rapaz deve buscar a moça em casa e depois trazê-la de volta – mas, se ela morar sozinha, ele não poderá entrar -; o homem paga a conta; *moças de família* não abusam de bebidas alcoólicas e de preferência não bebem; conversas ou piadas picantes são impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos devem ser cordial e firmemente evitados; a moça deve *impor respeito*.

Não importavam os desejos femininos ou a vontade de agir espontaneamente, o que contava eram as aparências e as regras, pois – aconselhavam-se às moças – ‘mesmo se ele se divertir, não gostará que você fuja aos padrões, julgará você leviana e fará fofocas a seu respeito na roda de amigos. As garotas que ‘permitem liberdades que jamais deveriam ser consentidas por alguém que se preze em sua dignidade’, acabam sendo

¹⁰⁹ OS PRIMEIROS namoros. *O Dia*, Teresina, 27 maio 1951, p. 2.

dispensadas e esquecidas, pois o ‘rapaz não se lembrará da moça a não ser pelas liberdades concedidas’.¹¹⁰

Durante o noivado, etapa que antecedia ao casamento, continuavam a ser exigido dos rapazes e, principalmente, das moças, o cumprimento dessas regras. Nessa etapa, os cuidados com a preservação da honra feminina deviam ser redobrados, pois o casal sabendo da proximidade do casamento poderia tentar avançar nas intimidades. Nesse caso, cabia à moça conter os investimentos do noivo, impedindo certas familiaridades, leia-se: relações sexuais, isso porque segundo a norma, a mulher devia casar virgem. Lembrava Pe. Guilherme Vaessem em nota publicada no jornal *O Dominical*:

É preciso passar honestamente o tempo do noivado. É uma época perigosíssima. Não há mais temor de Deus. Outrora havia uma coisa bela e encantadora, chamada pudor. Certas modas e danças, acabaram com esta virtude. Quantas moças trazem, no dia do casamento, debaixo do véu branco, símbolo de pureza, um coração culpado, um corpo maculado. Parece que hoje as liberdades mais criminosas são permitidas entre os noivos pelo fato de serem noivos. Infelizes! Como hão de pagar caro o prazer proibido! Quanto mais ofenderem a Deus antes do casamento, mais infelizes serão depois.

Que os noivos evitem tudo quanto pode ofender a Deus, as entrevistas em horas e lugares indébitos, as liberdades. Procurem na oração e na frequência dos sacramentos a força para vencer as inúmeras tentações de que o noivado pode ser ocasião.¹¹¹

Tantas regras e advertências não foram suficientes para impedir que algumas mulheres burlassem as normas estabelecidas para o namoro e noivado. *O Dominical*, jornal de cunho religioso, retratava em artigos a prática do namoro, fazendo referências em tom crítico aos casais que mais do que nunca preferiam namorar no escuro dos cinemas, nas estradas altas horas da noite, nas ruas, nas praças e em becos escuros. As pessoas ligadas ao pensamento conservador, que esperavam da mulher toda a dedicação para o matrimônio resguardando qualquer intimidade com o namorado ou pretendente, ao presenciarem a nova cultura do namoro, apontavam os pais como os responsáveis pelo descuido com as filhas, por permitirem que andassem com os namorados pelas ruas altas horas da noite às escuras.¹¹²

O comportamento social é gerado durante anos e por isso, os valores disseminados em uma sociedade não desaparecem em um curto espaço de tempo. Thales de Azevedo,¹¹³

¹¹⁰ BASSANEZI, 2008, p. 615.

¹¹¹ AOS NOIVOS. *O Dominical*, Teresina, ano 1, n. 36, 30 dez. 1951, p. 3.

¹¹² É PECADO namorar? *O Dominical*, Teresina, 19 nov. 1950, p. 3.

¹¹³ AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986.

estudioso da prática do namoro, afirma que até a década de 1970 o namoro em praças públicas sofria repressão tanto da imprensa como da polícia. Segundo o autor, em 1975, um delegado de polícia decretava em Teresina *operação contra namoros indecorosos*, considerando em suas disposições o beijo e o abraço prolongado em praça pública ou dentro de automóvel como excesso de amor, devendo esse comportamento ser controlado. A operação deliberada pelo delegado de Teresina estava em conformidade com o de Ibirá, no interior de São Paulo, que estabelecia o horário-limite de 22:00 horas para o namoro em praças públicas. Os costumes foram controlados pela delegacia à medida que os anos passavam e o namoro evoluía. Thales de Azevedo destaca a urbanização e a industrialização como fatores preponderantes das alterações nos costumes do namoro e do casamento.

O namoro nos cines, bailes, avenidas, praças e ruas escuras eram vistos pelos mais conservadores como uma escola de divórcio, um mal social responsável por uniões precipitadas e futuras separações.¹¹⁴ As moças com toda essa liberdade para namorar acabariam se apaixonando pelo primeiro namorado e casando sem ao menos conhecê-lo como deveria e esses casamentos mal preparados é que dariam origem as separações, pois só depois do matrimônio os casais tinham a oportunidade de se conhecerem melhor, o que algumas vezes acontecia sob o prisma de conflitos entre os casais, sendo em grande parte a última saída o divórcio.

A preocupação com os namoros modernos e os casamentos precipitados estava vinculada às discussões que ocorriam em torno do divórcio. A imprensa foi nos anos cinquenta palco do acirrado debate sobre o tema. Para os católicos conservadores, defensores da indissolubilidade do matrimônio, as mulheres seriam as mais prejudicadas com o divórcio. Segundo eles, a mulher se engrandecia no casamento indissolúvel como esposa, mãe e rainha do lar, aquela que reinaria absolutamente em casa, ao contrário do divórcio que degradaria a mulher, deixando-a sem o respeito de esposa, sem um lar digno de sua presença e sem a consideração da sociedade. Divorciada, a mulher, ficaria exposta a perigos sem a proteção do esposo, o amparo da família, a defesa do lar e a resistência moral que a condição de casada lhe dava.¹¹⁵ Além disso, os conservadores argumentavam ser a indissolubilidade do matrimônio a garantia de uma família feliz e de uma boa formação dos filhos e que com esse propósito haveria uma maior tolerância dos casais quanto aos seus defeitos, evitando ainda que os filhos fossem criados pelas madrastas e por padrastos,¹¹⁶ figuras que foram construídas

¹¹⁴ ESCOLA de divórcios. *O Dominical*, Teresina, 30 jan. 1955, p. 2.

¹¹⁵ O DIVÓRCIO e a mulher. *O Dominical*, Teresina, 13 mar. 1955, p. 3.

¹¹⁶ O DIVÓRCIO e a assembleia. *O Dominical*, Teresina, ano 15, n. 36, 9 set. 1951, p. 1.

na nossa sociedade como pessoas nocivas às crianças. Afirmava o Deputado Arruda Câmara ao jornal *O Dominical*:

O divórcio degrada a mulher. De rainha do lar, com situação segura no casamento indissolúvel ela passa, no regime do casamento temporário à categoria de mercadoria que se aluga enquanto bem servir, enquanto não ficar feia, velha ou doente. Enquanto não aparecer ao marido uma paixão nova e sedutora [...]

[...]

[Além disso], o divórcio repercute nos filhos, perturba lhes o equilíbrio psíquico, abandona-os e os predispõe à revolta ao crime e a perdição [...].¹¹⁷

Já os divorcistas não viam a mulher como um ser submisso que dependia exclusivamente da figura masculina para viver, pelo contrário, eles combatiam a imagem de mulher frágil, criada pelo romantismo, a qual esta sofria por um grande amor e era acima de tudo, ingênua e delicada. De acordo com os divorcistas, esse modelo de mulher não se sustentava mais na década de 1950, como fica expresso no seguinte artigo:

Quem vê passar o jovem (ou a jovem) moderno, guiando jovialmente o seu automóvel de cores claras e risonhas, dirá à primeira vista que os curiosos personagens do romantismo já não existem.

De fato, não se encontra mais a ‘heroína’ ingênua e frágil, figura-tipo que o romantismo criou, mimo de delicadeza de alma, que suspira por alguém que a ampare e a quem se possa dedicar; ou a ‘rainha’, centralizadora de todas as atenções, mas trespassada por profunda dor que só um grande afeto poderia aliviar.

[...]

Hoje, ele é um jovem desportista, alegre, de senso prático, disposto a vencer na vida. Ela é empreendedora, desembaraçada, utilitária, algumas vezes picante; sente-se bem e quer aproveitar a vida. Que neles encontramos do jovem sonhador ou da dama lacrimante que comoviam nossos avós?¹¹⁸

Os divorcistas, ao defenderem o divórcio como solução para os lares infelizes, desmistificavam o modelo de mulher frágil construído pela sociedade. Os divorcistas falavam de uma mulher moderna, empreendedora, que trabalha e sabe aproveitar a vida, audaciosa, que vai buscar em outro casamento a felicidade que o primeiro não lhe proporcionou. O comportamento tanto das mulheres como dos homens haviam mudado, o contexto era outro e por isso fazia-se necessário pensar na possibilidade de um divórcio quando em uma relação prevaleciam os conflitos.

¹¹⁷ O DEPUTADO Arruda Câmara enumera as razões pelas quais combate o divórcio. *O Dominical*, Teresina, 5 jul. 1960, p. 1.

¹¹⁸ DIVÓRCIO e romantismo. *O Dia*, Teresina, 4 mar. 1956, p. 3.

As discussões em torno do divórcio envolviam de um lado as pessoas ligadas à Igreja Católica e do outro lado os divorcistas compostos por professores, vereadores, deputados, senadores e outras pessoas que analisavam a sociedade pelo viés da modernidade. Nessas discussões, percebe-se que os conservadores procuravam restabelecer o modelo feminino tradicional de esposa que vive para o marido, para os filhos, para o lar e que encontra a felicidade no casamento indissolúvel e os divorcistas, em reafirmar o modelo de mulher independente, com desejos próprios, que trabalhava e tinha a capacidade de manter-se na ausência de um homem ou mesmo de ir em busca de um novo relacionamento.

A moda foi uma outra questão problematizada pelos católicos que atraía principalmente o público feminino. As saias longas e os vestidos compridos e com mangas, que outrora eram as principais vestimentas das mulheres foram sendo substituídas por calças compridas, saias curtas, blusas justas, vestidos curtos, transparentes e decotados que modelavam o corpo feminino. As modas chegavam até as mulheres pelo cinema, revistas, colunas de jornais e por meio dos desfiles realizados pelas fábricas nos mais ilustres clubes de Teresina. O próprio fato da mulher está trabalhando constituía um fator importante para a mudança no vestuário feminino. A mulher, ao ingressar no mercado de trabalho, necessitou trocar as saias e os vestidos longos por roupas que lhe dessem mais agilidade e praticidade nas suas novas atribuições. A Igreja, por sua vez, mostrava-se contrária ao acompanhamento dos ditames da moda, fixando cartazes, avisando e pedindo encarecidamente que senhoras e senhoritas mantivessem a modéstia e a distinção quanto aos trajes na casa do Senhor.¹¹⁹

Diante de tamanha imprudência e degradação, nós que fomos postos como guardas da casa do Senhor, não podemos ficar indiferentes e cercar os lábios ao abuso sempre crescente das modas indecorosas, com que de frequência, a grande maioria das senhoras e senhoritas, que se dizem católicas, ousam apresentar-se no templo do Senhor, tomando parte do culto divino e até na recepção dos sacramentos [...].¹²⁰

Os vestidos compridos com mangas e o tradicional véu sobre a cabeça que acompanhava as mulheres católicas na missa, foram perdendo espaço para os trajes da moda. A Igreja Católica buscou conscientizar as mulheres por meio de cartazes, artigos na imprensa, sermões durante a missa e de outras formas, da importância de estar bem vestida em toda parte, sobretudo na casa do Senhor. Mas, se não fosse em todos os lugares que respeitassem pelo menos a Igreja, trajando roupas que cobrissem todo o seu corpo.

¹¹⁹ MODAS pagãs dos nossos dias. *O Dominical*, Teresina, 20 mar. 1955, p. 3.

¹²⁰ DOCUMENTO precioso sobre as modas femininas. *O Dominical*, Teresina, ano 20, n. 36, 1 jan. 1956, p.1.

Para os católicos mais fervorosos, as mulheres ao seguirem os ditames da moda colocariam em evidência a sensualidade do seu corpo, causando tentações nos homens, sendo alvo de olhares maliciosos, além de estarem mais vulneráveis a serem confundidas com as mulheres de vida fácil, isso porque até os anos cinquenta a Igreja via os trajes femininos como elemento que diferenciava as moças de família das mulheres de reputação duvidosa.¹²¹

O público feminino ficou dividido entre seguir os preceitos católicos, abdicando do novo vestuário e em acompanhar as novas tendências da moda. A aversão à moda feminina não foi uma peculiaridade da Igreja Católica de Teresina ou do Brasil. Michela de Giorgio¹²² ao analisar o processo de feminilização da Igreja Católica fala da reação da Instituição aos ditames da moda, por impor o culto da modernidade e da iniciativa das organizações católicas femininas ao lançarem no pós-guerra as *cruzadas contra a moda indecente e concursos em favor de uma moda correta*, difundidas em toda a Europa com o objetivo de mobilizar as mulheres em favor dos vestidos, saias compridas e de outros trajes femininos condizentes com os preceitos católicos.

Em Teresina, algumas mulheres, em virtude da educação religiosa, de pais severos e por temerem aos sermões dos padres, terminavam contentando-se com os modelos de roupas prescritos pela Igreja Católica. Outras jovens mais ousadas, encantadas com a moda feminina, com os novos padrões de beleza, sempre encontravam uma maneira de burlar as regras da Igreja. Nas Missas era comum, as moças levarem dobradas debaixo do braço mantilhas para vestirem somente no momento de receberem os sacramentos da confissão, da comunhão ou quando fossem servir como madrinhas,¹²³ assim, as moças poderiam andar de acordo com a moda e ainda participar das missas. Para os padres e outros dirigentes da Igreja Católica, esse comportamento, não passava despercebido e, por isso, as que agiam dessa forma eram repreendidas. Logo as pessoas ligadas ao pensamento conservador reprovavam o uso de vestidos curtos e transparentes, decotados e sem mangas, tanto na Igreja como, nos ambientes de trabalho e de diversão, ou seja, as mulheres católicas deveriam vestir-se com pudor e recato em todos os lugares.

A campanha liderada pela Igreja Católica em reação as modas, apesar do grande vulto que teve na imprensa e entre as classes sociais, não foi suficiente para abrandar a onda avassaladora que era a moda feminina. Os modelos de roupas trazidos pelo cinema, pelas revistas, pareciam sobrepor os conceitos religiosos, a moda tornou-se regra e estar fora dela

¹²¹ RESPONSABILIDADE moral da mulher cristã. *O Dominical*, Teresina, 4 dez. 1955, p. 2.

¹²² GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres: o século XIX*. Porto/ São Paulo: Afrontamento/ EBRADIL, 1994. p. 199-237.

¹²³ MODAS pagãs dos nossos dias. *O Dominical*, Teresina, 20. mar. 1955, p. 3.

poderia significar a exclusão de um grupo de amigas ou não conseguir chamar a atenção de um pretendente. As roupas delineavam o corpo feminino, constituindo em um importante recurso usado para conquistar um rapaz.

A moda mexia com a vaidade feminina, com a auto-estima, os trajes tinham ainda papel de destaque quando o assunto era sensualidade, algumas roupas foram, por esse motivo, reprovadas pelos conservadores por serem sensuais, como o uso de vestidos decotados. Além das roupas, os cremes e a maquiagem, comumente eram usados para deixar mais bela à mulher.

A moda que não deixava de ser um complemento da beleza e elegância da mulher, conquistava a cada dia novas seguidoras. Seguir os ditames da moda era mostrar-se vaidosa, moderna e em algumas situações uma exigência da sociedade. Nos anúncios de empregos, especialmente para a mulher, exigia como um dos pré-requisitos para a admissão da candidata, que esta tivesse uma boa aparência e aqui incluía um rosto bonito, um corpo belo, bem como um vestuário adequado e o uso de acessório que realçasse a sua beleza.

Em razão da representatividade que começava a ter o vestuário na vida da mulher, o colunista social, Edmundo Galvão, anunciava pela primeira vez em 1955 a lista das dez mulheres mais elegantes, destacando os trajes femininos. Os critérios para a seleção incluíam as roupas, o modo de vestir, o trajar com elegância, a maneira de se comportar nas reuniões sociais e, principalmente, que estivessem em conformidade com a moda. A lista ia além de uma seleção local, entre as mulheres mais elegantes, sairia a representante piauiense a concorrer na lista das dez mais elegantes do norte e nordeste.¹²⁴ Esse evento que veio a se repetir nos anos seguintes, estava direcionado às mulheres de classe média e alta, uma vez que eram elas que tinham condições financeiras para comprar tecidos de qualidade, pagar as melhores costureiras e comprar, em outros Estados e até fora do país roupas elegantes, fora a educação que contava na hora da seleção.

Miss Elegante, Miss Brotinho, Miss Piauí, Miss Colégio Estadual, Miss Secretária, Miss Comerciária, Rainha dos Calouros, Rainha da Graça, Rainha da Imprensa e Rainha do Centenário (concurso este ocorrido em 1952 e que marcou o transcurso das festividades comemorativas do primeiro centenário da capital), são alguns dos títulos que celebravam a beleza e a elegância feminina. Dentre as várias candidatas aos diferentes títulos de beleza, o que constatamos foi uma sensível mudança de comportamentos. Na imprensa, as candidatas eram apresentadas não como moças prendadas e abnegadas, mas como estudantes,

¹²⁴ AS DEZ mais elegantes do Piauí em 1956. *Jornal do Piauí*, Teresina, 6 dez. 1956, p. 5.

profissionais e esses novos papéis das mulheres simbolizavam as transformações nos padrões sociais da época. O concurso para a escolha de Miss Piauí era o que ganhava mais destaque na imprensa, por envolver todo o Estado, disputando o título as representantes de cada cidade piauiense, sendo um concurso de nível local e nacional, já que a escolhida como Miss Piauí concorreria em uma outra etapa para a escolha de Miss Brasil. As fotos abaixo ilustram, respectivamente, uma cena comum no concurso para escolha de Miss Piauí, que era o desfile das candidatas com diferentes trajés e a Miss Piauí 1956, Teresinha Alcântara, candidata apresentada pelo diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, com o apoio do Clube dos Diários.



Foto 2: MISS Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, 3 jun. 1956, p. 8.

Fonte: Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí



Foto 3: ELEITA Miss Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, 24 maio 1956, p. 4.

Fonte: Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí

As fotografias acima são mais que meras ilustrações ao texto, elas ajudam a compreender a realidade vivida pelas jovens que se candidatavam ao posto de princesa, miss e rainha de instituições, cidades ou datas comemorativas. Nesse sentido, concordamos com

Boris Kossoy,¹²⁵ que afirma ser a fotografia um resíduo do passado, na qual reúne uma série de informações acerca da realidade registrada fotograficamente. Porém, o autor ressalta que as fotografias na condição de fontes históricas estão sujeitas às intencionalidades de quem fotografa e de quem analisa a imagem, restando ao pesquisador fazer as perguntas necessárias a este tipo de fonte e, principalmente, transportar-se para o momento histórico da fotografia, fazendo-lhe a interpretação adequada.

Os concursos de beleza imperavam em Teresina, dependendo da dimensão dos eventos, dava-se início a uma acalorada campanha para a escolha de princesas, misses, rainhas e nesses concursos, os jornais assumiam o papel de divulgadores das candidatas preferidas aos títulos. Esse tipo de acontecimento tirava da rotina muitas mulheres, pois era um momento de expectativa para aquelas que se candidatavam ou para as que torciam por uma amiga ou irmã.

A primeira fotografia aqui exposta é um retrato do entusiasmo das jovens candidatas ao título de Miss Piauí 1956. A seleção contava com um grande número de mulheres, visto que havia representantes de todas as cidades do Piauí. A forma como as mulheres estão dispostas na foto, todas enfileiradas, evidencia a organização do evento e também destaca uma das finalidades do concurso que era expor a beleza feminina visando a escolha de uma representante do Estado. Os trajes usados nos desfiles variavam desde o traje de gala aos sensuais maiôs, alguns trajes como os das jovens da foto, caracterizavam pela sua sensualidade e por valorizar as belas curvas das candidatas, o que talvez fosse um empecilho para algumas jovens participarem dos concursos, na medida em que os pais mais conservadores poderiam ser intransigentes, não permitindo que suas filhas expusessem seu corpo a um grupo de jurados e aos olhares de curiosos. A segunda fotografia mostra a grande vencedora do concurso, aquela que seria recepcionada pela alta sociedade e o alvo da imprensa. Além da fama, a eleita constantemente era convidada a frequentar os eventos sociais, as festas particulares de pessoas pertencentes à alta sociedade teresinense e em seu roteiro de miss incluíam as viagens para outros Estados brasileiros.

A sociedade que, gradativamente, disponibilizava vagas no mercado de trabalho para a mulher era a mesma que a aplaudia nos concursos de beleza. A mulher era representada como o símbolo da beleza, elegância e simpatia. Os traços físicos femininos eram extremamente destacados nesses concursos e na imprensa, isso talvez fizesse parte de um discurso biológico, pois embora algumas mulheres estivessem trabalhando e ocupando outros espaços na

¹²⁵ KOSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

sociedade, continuava sendo valorizados a sua beleza, que de certa forma vinham associados a ideia de fragilidade. Os jornais ao divulgarem esses concursos repassavam para o leitor a imagem da mulher bela e delicada, resultado de sua constituição biológica.

Percebe-se com esses concursos a pluralidade de interesses femininos, pois ao mesmo tempo em que lutavam por espaços de trabalho, também estavam inseridas em esferas que (re)modelavam os espaços de atuação das mulheres como os concursos de beleza. Enfim, na década de 1950, havia mulheres que de diversas maneiras buscavam ingressar no mercado de trabalho, porém, havia outras mulheres que se interessavam pelos concursos de beleza. Concursos estes promovidos por homens que desejavam, com esses eventos, exaltar a beleza feminina, mas também direcionar a atuação feminina no espaço público.

Esses concursos esqueciam a capacidade intelectual e a competência profissional da mulher para louvarem a sua beleza. Tais eventos reforçavam, com outra roupagem, os discursos biológicos de diferenciação das mulheres e delimitação de seus espaços de atuação. Por outro lado, a grande participação de mulheres nesse tipo de evento representava a procura por espaços na sociedade, o público feminino buscava visibilidade e de certa forma isso era alcançado por elas nos concursos de beleza.

Outro comportamento que estava se generalizando entre as mulheres eram os vícios, principalmente o vício do fumo. Em nossos estudos, verificamos que o vício do fumo, que antes atingia com exclusividade o público masculino, começava a atrair também as mulheres. O tabagismo havia se generalizado entre as mulheres até o final dos anos cinquenta, não se tratava mais de um ou dois casos específicos e singulares, mas de comportamentos comuns. Com a permissão ou não dos pais, aumentava o número de mulheres que fumavam e como reação a essa conduta, foram promovidos debates na imprensa discutindo o vício do fumo entre o público feminino, como podemos verificar no trecho abaixo:

Em Teresina, o que nos causou espanto foi a generalização do tabagismo na mocidade, muito especialmente entre o elemento feminino.

Em defesa das nossas lindas meninas, das nossas meigas mocinhas, convido os seus pais, os seus professores, os responsáveis pelo seu futuro, para, valendo-se da autoridade de seus verdadeiros amigos, mostrar-lhes o quanto de agressivo existe no costume do 'pito' para a saúde que, além do rosário de coisas ruins que lhes traz, afetam lhes a beleza e a feminilidade, ocasionando-lhes o envelhecimento precoce e aquele 'cheiro de homem', tão arraigado neste pelo inveterado vício do sexo forte.

É lamentável que tal aconteça, pois a mulher que fuma perde aquela graça natural, aquela expressão singela da meiguice feminina que tanto admiramos.¹²⁶

¹²⁶ O FUMO e a mulher. *Jornal do Piauí*, Teresina, 25 dez. 1960, p. 8.

As discussões sobre o vício do fumo entre as mulheres envolviam duas questões. Primeiramente, os malefícios que o cigarro poderia causar a saúde das mulheres, como o agravamento de doenças do aparelho respiratório ou cardiovascular, predisposição ao câncer da boca, tonteados, náuseas, vômitos, suores frios, cefaléia, insônia, falta de apetite, emagrecimento, tosses, psicoses, dispnéia, pigarro, dor nas costas. Já a segunda questão estava relacionada ao aspecto cultural, pois as mulheres, ao fumarem, afetavam a sua feminilidade, a beleza e a expressão de meiguice. Na imprensa era enfático apontarem o aparecimento de rugas precoces, espinhas no rosto, olheiras, pele macilenta e o “cheiro masculino” como danos causados a mulher devido ao vício do fumo. Mais do que isso, o fumo era visto como uma prática masculina e que estava sendo invadida pela “ousadia” ou “inocência” das mulheres, ou seja, o que se questionava não eram as doenças que o cigarro poderia provocar ou a questão das mulheres ficarem com o “cheiro de homem”, mas sim, o fato delas estarem invadindo os espaços ditos masculinos.

Em uma discussão que deveria prevalecer a preocupação com a saúde feminina, o que observamos foi uma grande importância dada às questões culturais, logo, se a preocupação com a saúde fosse a questão principal do debate, as mulheres não seriam as únicas atrizes, já que o tabagismo atingia também os homens. As discussões sobre o vício do fumo entre o elemento feminino e toda a sua repercussão, tinham estreita ligação com os valores e a cultura dos teresinenses ou propriamente, com as fronteiras de gênero. A mulher estava adotando comportamentos tidos como masculinos, causando espanto e inconformismo nos mais conservadores.

Nas diferentes sociedades, o ser homem e o ser mulher são construídos historicamente e culturalmente. Desde crianças nos ensinam que brincar de boneca, cuidar de casa, ser meiga, passiva, delicada e sensível são sentimentos e condutas que definem uma mulher. Já brincar de bola, de carro, ser rude, insensível, grosseiro são condutas para se reconhecer um homem. A definição de ser homem e ser mulher está até nas cores, rosa para as meninas e azul para os meninos. Com o vício do fumo não foi diferente, o comportamento de beber, dirigir e fumar foram naturalizados como típico dos homens. Por terem sido eles os primeiros a fumarem, o cigarro lembrava a figura masculina, o cheiro forte, logo à associação entre o fumo e o homem já estava enraizada na sociedade. Nesse sentido, a mulher ao fumar se masculinizava, ficava com o “cheiro de homem”, visto que fumar, historicamente fazia parte da cultura masculina.

Para a sociedade teresinense, as mulheres ao se equipararem aos homens em seus comportamentos, se masculinizavam comprometendo a sua feminilidade. Essa reação ao vício do fumo entre o público feminino, mostra como os espaços dos homens e das mulheres estavam definidos e romper esses limites significava colocar em dúvida a feminilidade e a masculinidade.

Essa oposição binária masculino versus feminino é rejeitada nos estudos de gênero. Como afirma Matos,¹²⁷ uma das preocupações dos estudos de gênero reside em evitar as oposições binárias fixas e naturalizadas, procurando mostrar que o comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, sendo eles construídos socialmente, culturalmente e historicamente em tempos, espaços e culturas determinadas.

Com os estudos de gênero, percebe-se que ser mulher e ser homem são construções sociais e históricas e não biológicas. O vício do fumo na vida das mulheres e a repercussão que teve na sociedade é um exemplo das construções sociais e históricas sobre os papéis a serem assumidos por ambos os sexos. Se em um determinado período e cultura, o cigarro fazia reconhecer a figura masculina, o mesmo não se podia utilizar no final dos anos cinquenta com a forte presença do tabagismo entre as mulheres. Teresina, como toda sociedade que ver seus costumes que durante anos foram reafirmados serem questionados, reagiu com a inserção de novos valores e condutas. O novo causa espanto, medo, dúvidas, questionamentos, nos faz refletirmos sobre as práticas da sociedade. O mais grave nesse confronto do antigo e do novo, como no caso do vício do fumo entre as mulheres, é quando nas discussões sobressaem as explicações biológicas, quando na realidade trata-se de uma questão cultural. O desafio da categoria gênero é superar o determinismo biológico que tanto influencia nos comportamentos femininos e masculinos como fornece explicações superficiais.

Fumar, consumir bebida alcoólica e conduzir carros estavam entre os elementos da nova cultura feminina, havia quem não admirasse e criticasse a mulher ao volante. Porém, não podemos aqui generalizar, a sociedade teresinense vivia na década de 1950, paralelamente com modelos femininos, encontrava-se em Teresina, mulheres que dedicavam a sua vida a cuidar da casa, dos filhos e do marido e outras que buscavam uma conciliação entre os papéis tradicionais e as novas possibilidades de vivenciar o cotidiano. A imprensa retratava a mulher

¹²⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em debate: trajetória e perspectiva na Historiografia Contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. p. 84-111.

ora como meiga, graciosa, prendada e outras vezes como a competente profissional, o brotinho das festas.

As mulheres eram múltiplas em seus comportamentos, o modelo tradicional e o moderno viviam em um constante diálogo. A nossa intenção nesse presente capítulo, não foi liderar uma discussão em favor de um único modelo, o antigo ou o moderno, mas mostrar que as mulheres, além de dedicarem as funções sociais de esposa, mãe e dona-de-casa, assumiam outros papéis e comportamentos. Conforme salienta Matos, “[...] não há uma feminilidade única, um modelo feminino universal, válido para todos os tempos e lugares. A feminilidade difere segundo época, cultura, classe social, etnia, geração, e portanto não é uma essência, mas uma representação [...]”.¹²⁸

Assim homens e mulheres não podem ser percebidos de forma homogênea, singular e generalizada nos estudos históricos, mas como sujeitos plurais e com identidades múltiplas. Visto que,

[...] existem muitos gêneros, muitos ‘femininos’ e ‘masculinos’ e esforços vêm sendo feitos no sentido de se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulher e homem não constituem simples aglomerados [...].

Sobrevém a preocupação em desfazer noções abstratas de ‘mulher’ e ‘homem’, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações.¹²⁹

Nessa perspectiva, discutiremos no próximo capítulo as trajetórias escolares de mulheres de classe média e alta que, viveram em Teresina na década de 1950, visto que o acesso à educação formal era um fator importante para que essas mulheres ingressassem no mercado de trabalho.

¹²⁸ MATOS, 2005, p. 112.

¹²⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. Bauru: EDUSC, 2000, p. 15.

3 DO PENSAR AO FAZER: TRAJETÓRIAS ESCOLARES FEMININAS NA DÉCADA DE 1950

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. [...] O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos ‘fazem sentido’, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.¹³⁰

Neste capítulo, discutiremos as trajetórias escolares das mulheres de classe média e alta que, viveram em Teresina na década de 1950, visto que a educação formal era um fator importante para a atuação dessas mulheres no mercado de trabalho, que naquele momento exigia uma mão de obra qualificada para atender as necessidades de uma cidade em pleno processo de desenvolvimento. Inicialmente, abordaremos o contexto educacional que possibilitou a ampliação do grau de instrução feminina. Procuraremos, nesse sentido, destacar as medidas adotadas pelo poder público no sentido de ampliar a rede escolar e aumentar o número de matrículas, bem como as transformações sociais e econômicas que contribuíram para diminuir as desigualdades de gênero no setor educacional. Em seguida, destacaremos a importância de algumas instituições de ensino na educação feminina. Constituirá também em objeto de análise, o ensino profissionalizante com destaque para as escolas que ofertavam o curso Normal, além das escolas de enfermagem destinadas à formação de enfermeiras para o Estado. Por fim, enfocaremos a participação feminina no ensino superior, ressaltando o papel da Faculdade de Direito (FADI) e da Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), estabelecimentos de ensino superior no Piauí que contavam com a presença de mulheres nesse nível de ensino.

3.1 O contexto educacional de Teresina nos anos 1950

A cidade de Teresina, na década de 1950, passou por transformações econômicas, sociais e políticas. Essas transformações foram, em grande medida, influenciadas pela euforia desenvolvimentista presente no restante do Brasil, sobretudo no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) que visava à industrialização e à urbanização acelerada do país.

¹³⁰ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 58.

Nascimento¹³¹ ressalta que essa euforia progressista propagada no governo de Kubitschek com o discurso dos “cinquenta anos em cinco” chegou ao Piauí e Teresina passou a ser palco de iniciativas que visavam à modernização e o progresso.

Teresina, resguardando as devidas proporções, acompanhava o ideal de modernização e progresso de outras capitais brasileiras. A cidade aos poucos se modernizava em termos de infra-estrutura, saúde e educação. A população no ano de 1950 chegava a 90. 723¹³² habitantes, um crescimento demográfico acelerado se comparado ao ano de 1940 no qual apresentava um estimado de 67.641¹³³ habitantes.

As transformações na urbe foram acompanhadas por um crescimento populacional. Esse crescimento populacional em torno das cidades teve início nas primeiras décadas do século XX, período em que se intensificaram os processos de urbanização e industrialização no país. Em Teresina, tais processos ocorreram de forma gradativa, provocando mudanças nos costumes e no cotidiano dos teresinenses. Na década de 1950, a cidade já apresentava um espaço urbano modernizado, o que a aproximava de outras capitais brasileiras que viviam a euforia da modernização.

Em meados da década de 1950, algumas iniciativas do Governo do Estado foram tomadas no sentido de modernizar e de colocar o Piauí em direção ao desenvolvimento. Inicia-se, nesse período, uma tentativa de modernização da máquina administrativa, com a criação da Comissão de Desenvolvimento do Estado, cujo principal objetivo era pensar o desenvolvimento econômico do Piauí a médio e longo prazo. No final dessa década, foram criadas algumas empresas de economia mista, entre elas, Frigoríficos do Piauí S.A (Fripisa), Centrais Elétricas do Piauí S.A (Cepisa), Agroindústria do Piauí S.A (Agrisisa), Telecomunicações do Piauí S. A (Telepisa), Água e Esgotos do Piauí S. A (Agespisa). Nessa mesma época, ocorreu a transformação do Banco Agrícola do Piauí em Banco do Estado do Piauí S. A, além de outras ações que visavam o desenvolvimento do Piauí. Teresina concentrou parte desses investimentos feitos pelo governo, a cidade cresceu com as mudanças que eram implementadas no seu espaço urbano.¹³⁴

O fluxo de pessoas da zona rural para Teresina nesses anos explicava-se pela busca de melhores oportunidades de trabalho, um sistema de saúde de melhor qualidade para tratar de

¹³¹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950-1970. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007.

¹³² ESTADO DO PAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico*. Rio de Janeiro, 1956.

¹³³ ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico: população e habitação; censos econômicos: agrícola, industrial, comercial e dos serviços*. Rio de Janeiro, 1952.

¹³⁴ NASCIMENTO, 2007.

doenças que acometiam as famílias e um grau maior de instrução que os pais poderiam oferecer aos filhos, visto que no interior do Estado, a educação se apresentava de forma precária, oferecendo apenas os primeiros níveis de ensino, sendo necessário os pais enviarem os filhos para casa de parentes ou pensões na capital afim de que concluíssem os estudos. Todos esses serviços tornavam a cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, um lugar mais atrativo para se viver.

A cidade oferecia melhores condições de vida para a população. A urbanização de Teresina ainda que de forma lenta, refletia nos principais setores da sociedade. Quanto à educação, as fontes pesquisadas dão indícios das ações do Governo do Estado visando melhorias no setor educacional. O aumento do número de habitantes exigia dos gestores públicos a construção de mais escolas e um ensino voltado para a sociedade que ora se constituía, o que tornava a educação uma questão prioritária nos investimentos do governo.

Nas Mensagens Governamentais apresentadas à Assembléia Legislativa na década de 1950, encontramos menção a algumas das realizações e propostas do governo no que se referia à educação. Nessas Mensagens Governamentais são destacadas as construções de prédios escolares, as reformas nas escolas, o orçamento destinado à educação, a contratação de professores para o ensino primário e secundário, assim como a proposta do Departamento de Educação, de ampliar a rede escolar e melhorar a qualidade do ensino ministrado no Estado.

O crescimento urbano propiciava o acesso à escola, ao mesmo tempo, em que criava meios para a inserção da população escolarizada no mercado de trabalho. A trajetória escolar constituía um fator determinante para atuação no setor formal de trabalho. Diante desse contexto, as famílias passam a investir cada vez mais na escolarização dos filhos. No período em estudo, esses investimentos se estendiam não só aos homens, mas também às mulheres, embora fossem para estas em proporções menores e de forma desigual. A educação feminina no decorrer dessa década recebeu maiores investimentos dos pais, que, além da educação voltada para o ambiente doméstico, oferecia a elas a oportunidade de ampliar o grau de escolarização. Acrescente a esse fato, o desejo das jovens dos segmentos mais abastados em aumentar os anos de estudo com expectativas de seguir uma carreira profissional.

Com o aumento das possibilidades educacionais para homens e mulheres, houve um crescimento da população escolarizável expresso no número de matrículas nos níveis elementar e médio das escolas públicas e privadas, que, segundo as estatísticas, elevava-se a cada ano. Na mensagem do governador Pedro de Almendra Freitas apresentada à Assembleia Legislativa em 1954 é destacado o número de escolas estaduais, municipais e particulares, que

funcionaram em 1952 e 1953, nas modalidades de ensino pré-primário, primário e complementar e o movimento dessas unidades escolares nesses anos, resumidos na tabela a seguir:

TABELA 1 – ENSINO PRIMÁRIO

ESCOLAS/MOVIMENTO ESCOLAR	1952	1953
Estaduais	1.071	1.072
Municipais	291	463
Particulares	76	77
Total	1.438	1.612
Matrícula	74.006	82.027
Frequência	55.727	60.874
Promoções	42.661	45.401

Fonte: ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1954.* Teresina: Imprensa Oficial, 1954.

A construção de novas unidades escolares e o aumento do número de matrículas aparecem nas Mensagens Governamentais como medidas necessárias ao desenvolvimento do Estado. Na tabela acima, podemos constatar que em 1953 existiam 1.612 escolas funcionando entre estaduais, municipais e particulares, o que representava 174 escolas a mais se comparado ao ano de 1952, cuja estatística destaca 1.438 escolas. O aumento dessas unidades escolares significou, conseqüentemente, um aumento no número de matrículas, resultando em um acréscimo de 8.021 matrículas para o ano de 1953.

O resultado expressivo desses números era anunciado como iniciativas que expressavam o desejo de manter e elevar o padrão de eficiência das escolas, onde a meta do governo para os anos seguintes seria ampliar o número de escolas, aumentando com isso o número de vagas a serem ofertadas, além de melhorar o ensino ministrado nessas unidades escolares, necessitando, para tanto, de maiores investimentos no setor educacional no que se referia a formação de um corpo docente qualificado, bem como uma infra-estrutura capaz de atender a demanda por escolarização. Investimentos que exigiam notáveis recursos financeiros, o que nem sempre se tornava viável aos cofres públicos.

A falta de recursos financeiros destinados à educação e de um corpo docente qualificado para o ensino primário e secundário constituíam em fatores que impediam um maior desenvolvimento no setor educacional. O corpo docente sofria com os baixos salários pagos á classe, aliado a isso estava à falta de qualificações. Em relação às professoras primárias, poderiam ser encontradas ministrando aulas no ensino primário professoras leigas, desentendidas de conhecimentos básicos para o trabalho educativo. Quanto aos recursos

financeiros, estes eram ainda considerados insuficientes para que se pudessem realizar os investimentos necessários em uma cidade que via a educação como um fator de desenvolvimento.

Ainda que o poder público manifestasse o desejo em ampliar a rede escolar no Estado, especialmente, em Teresina que por ser a capital, atraía homens e mulheres do interior do Piauí em busca de melhores níveis de escolarização, os prédios escolares construídos na década de 1950 não supriam a grande demanda por escolas tanto na capital como no interior do Estado. Nas matérias jornalísticas que discutiam a questão da educação piauiense era recorrente o tema da falta de escolas. A jornalista e professora primária Cristina Leite assim comentava:

Torna-se cada vez mais angustiosa a situação dos pais de famílias em nossa bela cidade que, como em todos os rincões do território brasileiro, enfrentam o problema do crescimento: – As escolas existentes não bastam para atender ao número cada vez maior dos que necessitam de instrução primária. Às vezes nos grupos veem-se cenas de suplicas e lágrimas comoventes para que se dê um jeitinho do filho ser aceito. Os colégios pagos não oferecem solução, pois que de modo geral todos enfrentam grave crise financeira.¹³⁵

Cristina Leite ressalta nessa matéria o estado em que chegou a falta de escolas em Teresina, a ponto dos pais suplicarem vagas nas escolas para os filhos estudarem. Para ela, nem mesmo os colégios particulares resolviam o problema, pois estes não conseguiriam absorver a grande quantidade de jovens em idade escolar, visto que eram em número reduzido, sendo a solução, a construção de mais escolas por parte do poder público. Além disso, nem todos teriam condições de pagar as mensalidades cobradas para estudar nos estabelecimentos particulares, apenas as famílias de maior poder aquisitivo podiam manter seus filhos nessas escolas e assim evitar que estes ficassem sem estudar durante o ano. Podemos, dessa forma, afirmar que a falta de escolas públicas não atingia diretamente a clientela feminina e masculina pertencente aos segmentos sociais altos que tinham condições de mantê-los nas escolas particulares ou mesmo financiar as despesas em outras cidades para que prosseguissem nos estudos.

Porém, a educação não poderia ser concebida como um apanágio das famílias abastadas, a luta de setores sociais em prol de mais escolas e professores qualificados se justificava na afirmação de que a educação é direito de todos e dever do poder público em

¹³⁵ A INSTRUÇÃO em Teresina. *O Dia*, Teresina, 2 mar. 1958, p. 2.

ofertar para toda a população independente de classe e etnia. A Igreja Católica na condição de instituição religiosa preocupada com o futuro que reservava aos jovens sem instrução, apoiou a luta pelo desenvolvimento da educação piauiense. Pe. Isidoro Pires em matéria publicada no jornal *O Dominical*, destacava a necessidade de construção de mais escolas nos níveis elementar e médio como solução para resolver o problema da superlotação e mesmo a falta de vagas nos estabelecimentos de ensino de Teresina. Sobre o assunto ele afirmava:

Teresina cresce dia-a-dia, com o aumento da população, aumentam, sem nenhuma dúvida, os problemas de todas as naturezas [...]. Ao lado de todas as dificuldades econômicas, sociais ou espirituais, uma tem preocupado sobremaneira, tanto os que por ela são responsáveis como os que sofrem as suas nefastas consequências. Na verdade, não podemos ficar insensíveis quando o mesmo tempo que presenciamos a multidão imensa que congestionava as livrarias no início do ano letivo, em busca de livros escolares, pensamos no número desconcertante de pais e mães que, quase desiludidos imploram as diretoras de Grupos ‘uma vaguinha, ao menos para um’ Escola... mais escolas, clamam pais e mães desolados, vendo crescerem os filhos ignorantes. Mais escolas, clamamos todos nós na impossibilidade de dissipar as trevas de tantas inteligências faltas mesmo da cultura básica. Os Grupos estão superlotados, os colégios transbordam, mas são poucos. A situação angustia por que é mesmo gritante. Felizmente, os governantes não estão de olhos vendados. Eles vêem e parece mesmo que querem agir [...].¹³⁶

Teresina experimentou no decênio de 1950 um crescimento demográfico acelerado. A cidade crescia e com ela alguns problemas sociais, o aumento da população escolarizável não era acompanhado na mesma proporção por um aumento do número de escolas. Os Grupos Escolares superlotados e os colégios, “transbordando” de alunos, faziam parte do cenário vivido pela educação piauiense. Para Pe. Isidoro Pires, os governantes não estavam inertes a essa situação, medidas vinham sendo tomadas com o objetivo de resolver o problema que ora agravava e afligia os pais que buscavam escolarização para os filhos.

A Secretaria de Estado da Educação e Saúde diante da dimensão que ganhava o problema da falta de vagas nos estabelecimentos de ensino, sentia-se no dever de buscar soluções imediatas, exemplo disso, foi a instalação de uma unidade escolar no ano de 1959 com o fim específico de resolver a grande demanda de matrícula nas escolas primárias. Com capacidade de matrícula para 400 alunos, a nova unidade escolar receberia naquele ano as crianças em idade escolar, cujos pais não conseguiram matriculá-los por falta de vagas nas escolas que ofereciam o ensino primário.¹³⁷ No entanto, a instalação de uma ou duas escolas

¹³⁶ MAIS escolas. *O Dominical*, Teresina, 15 mar. 1959, p. 1.

¹³⁷ SECRETARIA de Estado da Educação e Saúde. *Folha da Manhã*, Teresina, 13 mar. 1959, p. 4.

por ano para atender a demanda de matrícula, apenas atenuava o problema, uma vez que duplicava a cada ano o número de crianças e jovens que precisavam de instrução formal. Outra questão que preocupava a população e as autoridades governamentais era a necessidade de pessoal docente qualificado para exercer o cargo nessas escolas que, ainda em quantidades pequenas, eram instaladas em Teresina e em outras cidades do Estado.

A demanda por educação na segunda metade da década de 1950 sugeria medidas mais eficazes por parte do poder público. Vale destacar a atuação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), órgão do Ministério da Educação e Cultura, responsável pelo plano de ação supletiva da União, no setor educacional. Em 1956, o INEP realiza em Teresina sob a orientação da professora Consuelo Pinheiro o primeiro Curso de Férias, com a participação de 50 professores de diversas regiões do Estado. O curso é resultado de um projeto aprovado pelo Diretor do INEP, professor Anísio Teixeira, que incluía além de construção e equipamento de escolas, a realização de cursos de treinamento no período das férias. Até o final da década de 1950, participaram dos cursos oferecidos pelo INEP em diferentes regiões do País, mais de 200 professores piauienses, trazendo para o Piauí novas técnicas e processos de ensino,¹³⁸ contribuindo para amenizar as deficiências encontradas no sistema de ensino do Estado.

A respeito da atuação do INEP no Estado do Piauí e da demanda por educação, Cardoso¹³⁹ afirma que, na primeira metade da década de 1950, foram poucas as ações do poder público no que diz respeito à ampliação da rede escolar, devido à escassez de recursos orçamentários que veio a agravar-se com o declínio do extrativismo vegetal e da mudança política do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Este, que atuava financiando em parte a expansão da rede escolar no Piauí, através de convênios para a construção e recuperação de prédios escolares, teve que mudar a sua política para o Estado. Em 1949, o INEP voltou suas atenções para a zona urbana após priorizar entre 1946 e 1948 a educação rural, contudo, essa reorientação não trouxe de imediato novos investimentos, isso porque o Instituto se viu obrigado a deixar de firmar novos convênios com o Estado do Piauí, por este não ter cumprido com todos os acordos estabelecidos para a construção de prédios escolares na zona rural e pela impossibilidade de cumpri-los diante da sua situação financeira. Sendo assim, somente na segunda metade dos anos 1950, com a intervenção do governador Gayoso

¹³⁸ BRITO, Itamar de Sousa. *História da Educação no Piauí*. Teresina: ADUFPI, 1996.

¹³⁹ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

e Almendra, o Estado volta a receber recursos do Instituto para investir na expansão da rede escolar.

Percebe-se que é na segunda metade da década de 1950 que se intensificam os projetos visando ao desenvolvimento educacional. Lembrando que é desse período o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Nesse período, o país vivia a euforia da política desenvolvimentista do então presidente, cujo objetivo era fazer o Brasil crescer em curto prazo nos principais setores com destaque para o setor industrial. O Piauí, a sua maneira, foi influenciado pelo discurso progressista vigente em outros Estados do país e Teresina foi vista como a cidade mais estruturada para receber os projetos fomentadores desse desenvolvimento.

No setor educacional, é importante aqui ressaltar o decreto assinado pelo presidente Juscelino Kubitschek na pasta da Educação e Cultura, criando o Grupo Executivo do Ensino e Aperfeiçoamento Técnico (ENATEC), diretamente subordinado ao Conselho do Desenvolvimento e que tinha por finalidade e atribuições entre outras, promover a coordenação dos esforços do Governo e da iniciativa privada na educação para o desenvolvimento e integração das empresas e indústrias, sobretudo para mutuárias do Banco Nacional do desenvolvimento econômico com as diferentes entidades de ensino técnico e instituições científicas do país.¹⁴⁰

As mudanças implementadas na educação piauiense eram respaldadas por um contexto nacional que reforçava a necessidade de todos os Estados da Federação desenvolverem projetos que resultassem em um avanço quantitativo e qualitativo do ensino. A população piauiense necessitava de mais escolas em todos os níveis de ensino e, conseqüentemente, um ensino de qualidade.

Em 1956, o Ministério da Educação e Cultura traçou alguns planos de disseminação do ensino a serem executados neste ano, em todo o território nacional. Nesses planos foram incluídos o aperfeiçoamento do magistério primário e o auxílio federal aos Estados que previa a ampliação e melhoria da rede escolar primária e normal do país; a manutenção de mais de nove mil cursos de ensino supletivo; inspetorias seccionais para os cursos secundários. Nesse plano, a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), deveria cooperar com estabelecimentos de ensino, visando à melhoria de suas instalações e equipamentos. Além disso, fazia-se necessário o aperfeiçoamento do pessoal docente e administrativo, realizando, para isso, cursos e estágios durante as férias escolares. E para

¹⁴⁰ META da educação para desenvolvimento. *Folha da Manhã*, Teresina, 4 jul. 1959, p. 5.

finalizar os planos de disseminação do ensino elaborou-se o plano de aperfeiçoamento e expansão do ensino comercial.¹⁴¹

Para todo o território nacional foram destinadas verbas, inclusive para o Piauí. Os planos de disseminação do ensino incluíam desde o ensino primário, secundário, normal, supletivo até o ensino comercial. O objetivo com esses planos era a expansão dos níveis de escolarização em todos os Estados, ampliando o grau de estudo de homens e mulheres e reduzindo o índice de analfabetismo.

O Estado do Piauí orientava-se assim, pela política educacional brasileira, sem esquecer as peculiaridades da educação piauiense. Os investimentos do Governo do Estado no setor educacional eram feitos no intuito de atingir os diferentes níveis de ensino e assim permitir que mais pessoas pudessem ter acesso à educação formal.

A zona rural e as pequenas cidades do Piauí vagarosamente, recebiam recursos financeiros do Governo para a construção de prédios escolares e melhoria do ensino. Em algumas cidades esses recursos chegavam tardiamente, o que tornava o ensino nesses lugares deficitários. No tocante a Teresina foi possível constatar a partir das fontes consultadas, grande interesse do poder público em ampliar e expandir o ensino na capital, por ser esta a sede política e administrativa, onde devia se concentrar o que havia de melhor qualidade em termos de educação.

É nesse contexto de demanda por educação e políticas educacionais voltadas para a melhoria do ensino piauiense e solução de problemas, como a falta de escolas que atendesse a todos que buscavam ampliar os níveis de escolarização, que se observa maior acesso das mulheres à educação. A educação feminina se alargou nos anos 1950, resultado das mudanças que se processava na sociedade, dos investimentos familiares e do próprio investimento que as mulheres faziam em sua escolarização, seja apenas para manter o status social daquelas mulheres que pertenciam à classe média e alta, seja como forma de preparar-se para uma futura carreira profissional ou simplesmente preparar-se melhor para os papéis tradicionais femininos. O percentual de mulheres que recebiam instrução formal aumentava consideravelmente nos níveis elementar e médio, embora no nível superior os homens ainda predominassem.

A tabela a seguir mostra os resultados da pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na cidade de Teresina no ano de 1940 e 1950, segundo o sexo e o grau do ensino.

¹⁴¹ ENSINO: maior disseminação do ensino em todo o país. *Jornal do Piauí*, Teresina, 31 jul. 1956, p. 7.

TABELA 2 – PESSOAS DE 10 ANOS E MAIS QUE POSSUEM CURSO COMPLETO, POR SEXO E GRAU DO ENSINO EM TERESINA– 1940/1950

ANO DO CENSO	TERESINA								
	TOTAIS			GRAU ELEMENTAR		GRAU MÉDIO		GRAU SUPERIOR	
	Total	Homens	Mulheres	Hom.	Mul.	Hom.	Mul.	Hom.	Mul.
1940	3.955	1.812	2.143	1.308	1.662	264	362	212	11
1950	13.206	6.277	6.929	4.850	5.531	1.131	1.384	295	12

Fontes: ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico*: população e habitação; *censos econômicos*: agrícola, industrial, comercial e dos serviços. Rio de Janeiro, 1952; ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico*. Rio de Janeiro, 1956.

Ao compararmos o censo de 1940 com o censo realizado no ano de 1950 em Teresina, acerca do número de pessoas de 10 anos e mais que possuíam curso completo, por sexo e grau do ensino, observamos que em 10 anos o número de pessoas que recebiam instrução estando incluídas no grupo de pesquisa, passou de 3.955 em 1940 para 13.206 em 1950 entre homens e mulheres nos três níveis de ensino. Esses números representam em termos quantitativos, maior acesso da população à educação formal. A tabela acima nos mostra que nos níveis elementar e médio dos respectivos anos 1940 e 1950, predominou a presença feminina.

Algumas questões nos ajudam a entender o porquê desse predomínio de mulheres nos níveis elementar e médio. As famílias, em geral, eram numerosas, constituídas por muitos filhos e filhas. Alguns pais com dificuldades financeiras para sustentar uma prole numerosa, deixavam de investir na educação dos filhos, preferindo que estes abandonassem os estudos e dedicassem desde cedo ao trabalho e a função tradicional de provedor material, diferente do

que ocorria com as mulheres, a elas não era exigido o abandono dos estudos para trabalhar. Para as mulheres, seria mediante a escolarização que mais facilmente entrariam no mercado de trabalho. Nessa época, as famílias estavam também investindo mais na educação das filhas. A vida nas cidades estava a exigir maior grau de escolarização, tanto para os homens, quanto para as mulheres.

Com relação ao ensino superior visualizamos na tabela uma outra situação. O chamado ensino de terceiro grau, permaneceu como trajetória predominantemente masculina. Segundo Cardoso,¹⁴² a estruturação do ensino médio era um dos fatores que limitava o ingresso feminino no ensino superior, isso porque esse nível de ensino se apresentava, nas décadas de 1950 e 1960, dividido em ensino médio secundário e ensino médio técnico-profissional (industrial, agrícola, comercial e normal). O secundário atuava como preparatório para o ensino superior e permitia acesso, por meio de exame vestibular, aos cursos superiores das diversas áreas; já o técnico-profissional se diferenciava pelo caráter terminal que este tinha e que, por sua vez, restringia até 1961 o ingresso em áreas específicas. Cardoso cita como exemplo as moças que concluíam o Curso Normal e que tinham acesso somente a alguns cursos ministrados pelas faculdades de filosofia.

Os cursos técnicos tinham caráter terminal, não possibilitando aos concluintes qualquer acesso ao ensino superior. Só o curso secundário oferecia a possibilidade de acesso a esse nível de ensino. Essa realidade sofre alteração com a Lei n. 1.821/53 que abriu aos concluintes dos cursos técnicos a possibilidade de acesso a cursos superiores em sua área específica, enquanto aos concluintes do curso secundário permitia o acesso a todos os cursos de nível superior. Entretanto, esse quadro muda com a Lei n. 4.024/61 que abre a todos os cursos a possibilidade de ingresso a qualquer curso de nível superior, mediante exame vestibular comum a todos.¹⁴³

Nesse contexto, o público feminino tinha poucas possibilidades de ingressar no ensino superior, uma vez que o curso Normal, de caráter profissionalizante, era a trajetória típica das moças abastadas nos anos 1950 em Teresina, ao passo que o ensino secundário científico ou o ensino secundário clássico, que direcionava o ingresso no ensino superior eram cursados majoritariamente por rapazes.

O casamento e o desejo das jovens em constituir família em tenra idade também limitavam o ingresso feminino no ensino superior. Para algumas mulheres, a chegada do matrimônio significava encerrar as atividades escolares e se dedicar ao esposo e à

¹⁴² CARDOSO, 2003.

¹⁴³ BRITO, 1996, p. 120.

maternidade, papéis sociais largamente difundidos na sociedade. Além disso, “[...] era corrente a ideia de que moças muito inteligentes tinham menores chances de ser felizes no casamento. Certamente, essa ideia funcionava como elemento que cerceava o ingresso feminino no ensino superior [...]”.¹⁴⁴

Assim, os anos 1950 seguem a tendência dos anos 1940, com predominância de mulheres nos níveis elementar e médio e trajetórias singulares no nível superior. A frequência expressiva de mulheres nos primeiros níveis de ensino é demonstrativa de uma expansão na educação feminina e da importância que adquiria a escolarização na vida das jovens, inclusive em relação ao ensino superior¹⁴⁵ que nas últimas décadas do século XX deixaria de ser uma trajetória singular de um grupo seletivo de moças para tornar-se uma trajetória comum entre aquelas que desejavam dar continuidade aos estudos.

3.2 A escolarização feminina e a emergência de novos saberes

O contexto educacional de Teresina nos anos 1950 refletiu diretamente na educação feminina. As ações do poder público e da iniciativa privada na tentativa de atender a grande demanda por escolarização, fizeram crescer a presença feminina nos bancos escolares, com a construção de novos estabelecimentos de ensino na cidade e o aumento do número de matrículas, notadamente no ensino primário.

Em 1952, ano de comemoração do centenário da cidade de Teresina, existiam 13 Grupos Escolares, 9 Escolas Reunidas, 8 Escolas Isoladas, 2 Jardins da Infância, 25 Escolas Noturnas e 29 Escolas Particulares¹⁴⁶ em funcionamento. Esses números multiplicaram ao final da década à medida que aumentava a população estudantil.

Dessa relação de estabelecimentos de ensino que funcionavam em 1952, alguns já ofereciam seus serviços à educação teresinense desde o início do século XX, como é o caso do Colégio Sagrado Coração de Jesus e do Colégio Diocesano “São Francisco de Sales”, ambos de orientação católica e instalados em 1906. O primeiro com a finalidade de atender exclusivamente a clientela feminina e o segundo voltado, exclusivamente, à clientela masculina.¹⁴⁷

¹⁴⁴ CARDOSO, 2003, p. 77.

¹⁴⁵ No último tópico deste capítulo, discutiremos mais sobre a participação feminina no ensino superior na década de 1950.

¹⁴⁶ GRUPOS escolares da capital. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 171-172, 1952.

¹⁴⁷ Sobre a instalação do Colégio Sagrado Coração de Jesus e do Colégio Diocesano. Ver BRITO, 1996, p. 42-43; FERRO, Maria do Amparo Borges. *Educação e sociedade no Piauí Republicano*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 116.

As escolas confessionais ao promoverem a educação de meninos e meninas em separado, propiciavam diferenças nas trajetórias educacionais femininas e masculinas. Através de currículos distintos e de uma disciplina diferenciada, meninos e meninas eram direcionados para os papéis sociais que deveriam desempenhar.

Voltado para atender exclusivamente a clientela masculina, o Colégio Diocesano “São Francisco de Sales”, exercia a função de formar os filhos de famílias abastadas da capital e do interior do Piauí. De propriedade da arquidiocese de Teresina, funcionava em regime de internato e externato com os seguintes cursos: primário, admissão ao ginásio, ginásial, científico e comercial. O Colégio e a Escola Técnica de Comércio funcionavam no mesmo estabelecimento localizado à Praça Saraiva. Assim, os alunos poderiam optar pelo curso comercial de caráter terminal ou o científico que dava acesso aos cursos superiores mediante exame de vestibular.

O reconhecimento do Colégio Diocesano perante as famílias piauienses se dava pela disciplina com que exercia as suas atividades e pelo ensino de qualidade. A eficiência do ensino era comprovada com exemplos de ex-alunos ocupando cargos importantes no mercado de trabalho. A educação, baseada nos princípios cristãos, visava encaminhar os alunos para o papel de provedor material.

Tradicional casa de ensino em Teresina, com nome firmado no Brasil inteiro.
INTERNATO E EXTERNATO – MENSALIDADES MÓDICAS
CURSOS: PRIMÁRIO, ADMISSÃO, GINÁSIAL, CIENTÍFICO E COMERCIAL.

O Colégio Diocesano ‘São Francisco de Sales’, com sua Escola Técnica de Comércio pode atestar sua TRADIÇÃO e SEU VALOR com inúmeros ex-alunos, hoje ocupando altos postos na administração do país ou em destacados setores das atividades humanas. Situado numa das praças mais saudáveis de Teresina visa a dar, na mais completa harmonia, uma formação moral, intelectual e física de acordo com os processos da pedagogia cristã.

A formação intelectual é ministrada, com escrúpulo, através de um corpo docente realmente selecionado. A Diretoria acompanha a vida escolar dos alunos, com a solicitude, que exige a séria orientação vocacional.

A Formação Moral é cuidadosamente dada dentro do Espírito da Doutrina Cristã.

A educação física não é descuidada, pelo contrário, o colégio lhe dá particular atenção, respeitando o seu valor, na hierarquia dos meios de educação.¹⁴⁸

O Colégio Diocesano “São Francisco de Sales” tinha assim as suas atividades voltadas para a formação do homem, segundo o modelo cristão, ao tempo em que o Colégio Sagrado

¹⁴⁸ COLÉGIO e Escola Técnica de Comércio “São Francisco de Sales”. *O Dominical*, Teresina, 12 abr. 1953, p. 3.

Coração de Jesus, popularmente conhecido como Colégio das Irmãs, tratava da educação feminina, seguindo o mesmo modelo prescrito pela Igreja Católica às mulheres. O Colégio sob a direção de freiras italianas imprimiu às suas alunas uma educação pautada na rígida moral católica. Nos anos 1950 funcionava em regime de internato, semi-internato e externato, atendendo principalmente as jovens dos estratos sociais mais altos que tinham condições de arcar com as mensalidades escolares e as despesas que exigiam o ensino ministrado naquela instituição.

O colégio das irmãs era um dos colégios mais tradicionais na educação feminina e a grande procura dos pais e das mães por este estabelecimento de ensino devia-se ao “[...] fato de a escola ser confessional e buscar formar o caráter das então meninas/moças, conforme a moral católica. O que significa dizer que a escola procurava produzir moças de esmerada formação religiosa [...]”.¹⁴⁹

A disseminação dos princípios católicos era feito cotidianamente através das religiosas que se dedicavam ao ensino e do corpo docente do colégio, juntos instruíam e orientavam o comportamento das alunas. A disciplina estava presente em todas as atividades escolares, mais que instruir, era necessário moldar o comportamento das meninas para além dos portões do colégio. O modelo de mulher religiosa e recatada propagada no espaço interno do colégio devia ser seguido durante toda a vida das jovens que ali estudavam.

De acordo com Oliveira, a disciplina dos corpos acontecia na instituição, na forma de rigorosos horários, na forma de apresentação na capela e no refeitório, com todas as alunas enfileiradas e rezando, assim como no uso de uniformes pesados e compridos. A autora afirma que esse controle em torno do comportamento das alunas era também propiciado pela arquitetura da escola, mas que esta “[...] não impedia que algumas alunas burlassem o código disciplinar, tornando mesmo possível a paquera, ou simplesmente chamar a atenção de rapazes que passavam pela calçada da escola [...]”.¹⁵⁰

Tais comportamentos eram sinônimos de indisciplina e as alunas que dessa forma procedessem, corriam o risco de serem castigadas. Na concepção das religiosas que dirigiam o colégio, a educação feminina deveria vir acompanhada de muita disciplina, seguida por uma formação religiosa, pois estas acreditavam que somente assim conseguiriam obter bons resultados, já que estava em questão não apenas instruir as alunas, mas também formar mulheres devotas-a Deus e conscientes dos papéis que a sociedade lhe destinava. O fragmento

¹⁴⁹ CARDOSO, 2003, p. 81.

¹⁵⁰ OLIVEIRA, Ângela Maria Macedo de. *Imagens dissonantes? A família teresinense: entre prescrições católicas e práticas culturais na década de 1950*. (Dissertação) Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009, f. 63.

a seguir retirado de um artigo publicado em 1952 no *Almanaque do Cariri* resume bem a função deste colégio:

Centenas de jovens e de crianças [...] tem vindo haurir nesta fonte que dimana do Sagrado Coração de Jesus [...]. E este colégio, qual farol luminoso continua espargindo a sua luz pela estrada da vida da mocidade feminina brasileira, *educando, instruindo, formando a mãe de amanhã, moldada nos princípios sadios e nobres do cristianismo*, pela escola modelar que dirigem às Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena.¹⁵¹

Educar, instruir, formar a mãe de amanhã, moldada nos princípios sadios e nobres do cristianismo. Esta era a função desempenhada pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus em meados dos anos 1950. Ou seja, o colégio buscava ao mesmo tempo instruir as alunas e produzir boas esposas e mães, segundo a moral católica. Fazia parte dos seus objetivos oferecer alguns conhecimentos para que melhor pudessem desempenhar os seus papéis sociais tradicionais, legitimados pela Igreja Católica. A formação recebida também encaminhava para o mercado de trabalho mediante a oferta do curso Normal. As alunas com a educação que recebiam, poderiam dedicar-se aos papéis tradicionais e ao magistério, profissão vista nos discursos sociais como a que mais se adequava as atividades femininas realizadas no lar.

Os colégios confessionais acentuavam as diferenças de gênero¹⁵² a partir do momento em que propõem uma educação separada para moças e rapazes, condizente com os papéis tradicionais femininos de esposa, mãe e dona-de-casa e papéis tradicionais masculinos de pai e provedor familiar. O ensino que esses colégios ofereciam, nos leva a concordar com Louro quando afirma que “[...] a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe [...]”,¹⁵³ através de práticas rotineiras e comuns tais como gestos, palavras, atividades pedagógicas.

Dessa forma, o comportamento das alunas do colégio das irmãs trazia em si, as marcas da disciplina escolar aplicada diariamente pelas freiras que dirigiam o colégio. A educação com vistas a formar “moças de família”, agia diretamente na formação de um comportamento mais recatado das alunas, característico do lugar em que estudavam.

O modelo de educação propagado pelo Colégio das Irmãs despertava a preferência dos pais e das mães que buscavam instruir as filhas, conforme os valores prescritos pela Igreja

¹⁵¹ COLÉGIO Sagrado Coração de Jesus. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 169, 1952. (grifo nosso).

¹⁵² OLIVEIRA, 2009, f. 47.

¹⁵³ LOURO, 2008, p. 85.

Católica. Em 1951, a matrícula nos diversos cursos, incluindo o internato, o externato e o semi-internato foi a seguinte: jardim de infância: 65; curso primário e admissão: 176; curso ginásial: 270; curso pedagógico: 57 e escola gratuita: 98, totalizando 666 alunas naquele ano.¹⁵⁴

No cenário educacional de Teresina existiam outras escolas particulares e públicas que ofertavam o ensino primário e o ensino secundário¹⁵⁵ às mulheres. Na oferta de ensino primário predominavam as escolas públicas. Já no ensino ginásial ou primeiro ciclo do ensino médio secundário, predominava a iniciativa privada, destacando nessa modalidade de ensino o Ginásio Leão XIII, o Colégio Demóstenes Avelino, O Ginásio Desembargador Antonio Costa e as escolas confessionais Colégio das Irmãs e Colégio Diocesano. Ao passo que o Liceu Piauiense¹⁵⁶ e a Escola Normal Antonino Freire eram as escolas públicas mais importantes de um quadro reduzido que oferecia o curso ginásial.¹⁵⁷

A predominância de escolas particulares no ensino ginásial, em detrimento da escassez de estabelecimentos públicos tornava o ensino secundário seletivo. Cursar esse nível de ensino era privilégio daqueles e daquelas que detinham recursos financeiros para pagar as mensalidades exigidas pelas escolas particulares ou que conseguiam aprovação nos exames de admissão das escolas públicas. O sistema seletivo do ensino secundário significava para a grande maioria encerrar as suas trajetórias escolares no ensino primário, de modo que davam continuidade aos estudos e cursava o ensino ginásial apenas uma minoria pertencente em geral às famílias de classe média e alta que podiam pagar as mensalidades escolares e preparar-se para o exame de admissão nas escolas públicas. Dessa minoria que prosseguia no sistema escolar, predominavam as mulheres.¹⁵⁸ Segundo o IBGE, em Teresina no ano de 1950 concluíram o nível elementar 4. 850 homens e 5.531 mulheres, estatística elevada quando comparada ao nível médio onde concluíram esse nível de ensino apenas 1.131 homens e 1.384 mulheres.¹⁵⁹

¹⁵⁴ COLÉGIO Sagrado Coração de Jesus. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 170, 1952.

¹⁵⁵ “O ensino secundário, [...] (a partir de 1942, com as Leis Orgânicas de Ensino), era constituído pelo ginásial, que durava quatro anos e, em seguida, o aluno escolhia entre o clássico e o científico, que eram de três anos. Para ter acesso a esse nível de ensino era necessário escolher a instituição que queria estudar e realizar o exame de admissão”. SILVA, Fabiana Cristina da. *Trajelórias de longevidade escolar em famílias negras e de meios populares (Pernambuco, 1950-1970)*. (Dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005, f. 152.

¹⁵⁶ Na década de 1950 denominado de Colégio Estadual do Piauí.

¹⁵⁷ CARDOSO, 2003, p. 66.

¹⁵⁸ CARDOSO, 2003, p. 66.

¹⁵⁹ ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico*. Rio de Janeiro, 1956.

O nível elementar representava em Teresina, o nível de ensino de maior acesso da população, para muitos a última etapa na trajetória escolar. Dos alunos e alunas que concluíam o ensino primário, uma pequena porcentagem dava continuidade aos estudos e concluíam o ensino ginasial, uma realidade estendida a todo o Estado do Piauí, como podemos verificar na Tabela 3:

TABELA 3 – PESSOAS PRESENTES NO PIAUÍ, DE 10 ANOS E MAIS, QUE POSSUEM CURSO COMPLETO, POR SEXO E GRAU DO ENSINO, SEGUNDO A ESPÉCIE DO CURSO - 1950

ESPÉCIE DO CURSO	PESSOAS PRESENTES, DE 10 ANOS E MAIS, QUE POSSUEM CURSO COMPLETO						
	Totais			Grau Elementar		Grau Médio	
	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Primário	27.459	13.022	14.437	13.022	14.437	—	—
Ginasial	2.898	1.586	1.312	—	—	1.586	1.312
Colegial	364	288	76	—	—	288	76

Fonte: ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico*. Rio de Janeiro, 1956.

Cursar o ensino secundário para a população piauiense constituía privilégio de uma minoria, basta que observemos a tabela acima, pois enquanto 13.022 homens e 14.437 mulheres concluíam o curso primário no ano de 1950 em todo o Piauí, somente 1.586 homens e 1.312 mulheres chegaram a ingressar e concluir o curso ginasial. Nos níveis de ensino seguintes ao curso primário, o número de alunos e alunas reduzia, a começar pelo primeiro ciclo do ensino médio secundário, onde a diferença em relação ao primário era bastante significativa.

Para Silva,¹⁶⁰ o exame de admissão exigido para o ingresso no ensino ginasial agravava a seletividade do ensino secundário.

O exame de admissão surgiu a partir da Reforma Francisco Campos (1931/1932) e é interpretado como um dos principais mecanismos de seletividade do ensino secundário até o início dos anos 1970 (Lei 5.692/71), quando foi, definitivamente abolido com a criação do ensino fundamental de 8 anos.

¹⁶⁰ SILVA, 2005.

Esse exame era uma ruptura do primário para o secundário. Uma espécie de ritual de passagem, temido e bastante angustiante, segundo relatos, para o próximo nível de ensino, que era o secundário. Esse nível de ensino era muito concorrido, existiam poucas escolas que o ofereciam, principalmente públicas. Poucas pessoas conseguiam acesso a ele e essa dificuldade no acesso era reforçada através desse processo de seleção, que significava uma das suas maiores e principais barreiras [...].¹⁶¹

Para passar no concorrido exame de admissão das escolas públicas, era preciso dedicar horas de estudo em casa e nos cursos preparatórios. Com pouca oferta de ensino secundário, meninos e meninas buscavam além do estudo individual, o acompanhamento de professores experientes neste tipo de exame. Todos os anos os donos de estabelecimentos de ensino particulares de Teresina, em comunicado a imprensa jornalística, convidavam os interessados a fazer sua matrícula no curso intensivo de preparação para o exame de admissão. Professores renomados de estabelecimentos públicos também ofereciam um curso de admissão, como forma de completar o orçamento e atender a clientela feminina e masculina que procurava aprimorar seus conhecimentos para o tão esperado exame. O anúncio que segue é de um curso de admissão ministrado pelo Colégio Demóstenes Avelino:

A Diretoria do COLÉGIO DEMÓSTENES AVELINO, comunica aos senhores pais de família e demais pessoas interessadas que, a partir do dia oito de janeiro próximo, funcionarão as aulas do CURSO DE ADMISSÃO para preparação de candidatos a 1º série do curso Ginásial, em 2º época, nos horários de 14 às 17 horas e 19 às 21 horas, sob a regência dos professores Celso Barros Coelho, em português; José Castelo Branco, em Aritmética; Paulo de Tarso Freitas, em História e João Rodrigues Vieira, em Geografia. Melhores informações na sede do estabelecimento, na Rua Machado de Assis, 1.733 em Teresina-Piauí.¹⁶²

O curso de admissão era um reflexo das dificuldades de acesso ao ensino secundário. Esse curso por ser pago, excluía as famílias pobres sem condições de proporcionar aos filhos um curso como este. Sendo assim, as vagas para o ensino ginásial das escolas públicas eram preenchidas, sobretudo pelos alunos e alunas que se preparavam nos cursos de admissão e que, portanto, tinham maiores chances de serem aprovados. O Ginásio Desembargador Antonio Costa, em seus anúncios, ressaltava a porcentagem de aprovados nos exames de

¹⁶¹ SILVA, 2005, f. 152. Para maiores informações sobre a Reforma Francisco Campos e o exame de admissão consultar: ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1988; VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

¹⁶² CURSO de admissão. *Jornal do Piauí*, Teresina, 13 jan. 1953, p. 3.

admissão, estatística utilizada para comprovar a eficiência do ensino ministrado naquele estabelecimento de ensino.

Todos os cursos funcionam nos turnos da manhã e tarde. Ensino eficiente, já comprovado com a ESTATÍSTICA de aprovação nos exames realizados no Colégio Estadual, Escola Normal e Industrial, onde os alunos do Ginásio ‘Des. Antonio Costa’ sempre conseguiam colocar-se em todos os primeiros lugares na classificação das notas, e constituem NOVENTA POR CENTO DOS ALUNOS APROVADOS NAQUELAS CASAS DE ENSINO.¹⁶³

Os alunos preparados no curso de admissão mantido pelo Ginásio Des. Antonio Costa constituíam, segundo o colégio, quase a totalidade dos candidatos aprovados nos exames de admissão da Escola Normal Antonino Freire, do Colégio Estadual do Piauí e da Escola Industrial de Teresina. Para comprovar essa assertiva, o colégio divulgava os números de aprovados a cada resultado de exame de admissão. Exemplo disso foi o exame de admissão feito pela Escola Normal Antonino Freire no ano de 1953, no qual concorreram ao exame mais de noventa candidatos, conseguiram aprovação 31. Destes, 21 haviam sido preparadas no Ginásio Des. Antonio Costa, sendo que quatro ocuparam os primeiros lugares.¹⁶⁴ Fato descrito pelo colégio como uma vitória que comprovava a eficiência e qualidade do seu ensino.

Quando se tratava do acesso ao ensino secundário, o sistema de ensino piauiense mostrava ser bastante excludente. As escolas públicas e particulares davam indicativos da qualidade do ensino ministrado, no entanto, grande parte das vagas disponibilizadas a clientela feminina e masculina eram preenchidas por moças e rapazes de classe média. Para as famílias de classe média, os investimentos na escolarização era o meio mais adequado para alcançarem à ascensão social.

¹⁶³ GINÁSIO Des. Antônio Costa. *Folha da Manhã*, Teresina, 25 jan. 1958, p. 3.

¹⁶⁴ MAIS uma vitória do Ginásio Des. Antônio Costa. *O Dia*, Teresina, 5 abr. 1953, p. 5.



Foto 4: Alunas do Ginásio Des. Antonio Costa, aprovadas nos quatro primeiros lugares, nos exames realizados, na Escola Normal Antonino Freire no ano de 1953. MAIS uma vitória do Ginásio Des. Antônio Costa. *O Dia*, Teresina, 5 abr. 1953, p. 5.

Fonte: Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí.

A aprovação nos exames de admissão da Escola Normal Antonino Freire e do Colégio Estadual do Piauí dava prestígio aos alunos e alunas, dada a concorrência e dificuldade que era cursar o nível secundário com poucos estabelecimentos de ensino público. Eram colégios tradicionais com larga experiência na educação feminina e masculina. Yêda Caddah rememora a importância que teve na sua vida a aprovação no exame de admissão do Colégio Estadual do Piauí:

Estudei o ginásio e o científico no Liceu Piauiense, colégio padrão, respeitado, com grandes professores. Para entrar lá tinha que fazer o exame de admissão, minha filha, esse exame de admissão naquele tempo era falado, quando eu o fiz e passei foi uma notícia em Teresina. Cidade pequena todo mundo se conhecia. Passar no exame de admissão era muito importante para alguém naquela época pelo peso que este representava. O Exame de admissão era algo muito sério, digo isso comparando ao que representa hoje o vestibular. Era uma coisa muito séria, todo mundo se preparava, nós tínhamos um professor de matemática muito bom, o professor Zezinho que dava aulas ali na Frei Serafim. Ele fazia turmas e mais turmas para o exame de admissão. Não só com o professor, nós também estudávamos por conta própria para poder passar nesse exame. Eu conseguir passar no exame de

admissão e fiz todo o ginásio no Liceu Piauiense, tirando sempre o primeiro lugar na turma toda.¹⁶⁵

A memória de Yêda Caddah nos permite entender o significado que tinha o exame de admissão para os alunos e alunas que concluíam o ensino primário e que desejavam dar prosseguimento aos estudos, tendo em vista as poucas possibilidades de cursar esse nível de ensino no Piauí e a grande quantidade de meninas e meninos aptos a realizar o exame de admissão. Yêda Caddah rememora esse “ritual de passagem” para o ensino secundário como algo muito sério, que exigia esforço e dedicação dos candidatos durante todo o ano, desde o estudo individual aos estudos nos cursos de preparação.

A continuidade nos estudos ou o encerramento da trajetória escolar dependia dos resultados do exame de admissão, principalmente para os candidatos das classes populares impossibilitados de arcar com as mensalidades das escolas particulares. A relação com o nome dos aprovados era assim esperada com muita expectativa por todos, até mesmo por aqueles que não se submetiam ao teste, em razão da sua importância, constituindo notícia na cidade os aprovados.

O exame de admissão era dividido entre provas escritas e orais das disciplinas de Português, Matemática, Geografia e História. Os candidatos ao exame de admissão do Colégio Estadual do Piauí deveriam apresentar no ato da inscrição, os seguintes documentos: requerimento dirigido ao Diretor do colégio, com a afirmação de que não se inscreveria, na mesma época, em outro estabelecimento de ensino para o mesmo exame; certidão de idade, em que se comprove ter o candidato no mínimo 11 anos; atestado médico de que goza saúde física e mental; atestado de vacinação antivariólica, certificado de conclusão do curso primário oficial, ou atestado idôneo de haver recebido satisfatória educação primária; os candidatos com 17 anos completos deviam apresentar prova de quitação com o serviço militar. Com exceção do requerimento, todos os documentos deveriam ter firma reconhecida.¹⁶⁶

O exame de admissão para o ingresso no curso ginásial do Colégio Estadual do Piauí era um dos mais concorridos em Teresina. O Colégio Estadual do Piauí (antigo Liceu Piauiense) desfrutava de prestígio na sociedade local, tanto por ser oficial e regido pela Legislação Federal, como também por seu passado que o tornava uma instituição de ensino

¹⁶⁵ CADDAH, Maria Yêda. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 27 de setembro de 2010.

¹⁶⁶ COLÉGIO Estadual do Piauí. *Folha da Manhã*, Teresina, 17 jan. 1959, p. 3.

tradicional na vida intelectual dos piauienses, pois ali haviam estudado figuras expoentes da sociedade, que ocupavam importantes cargos públicos naquela época.

Criado e fundado por Lei Provincial de 4 de outubro de 1845, ainda na cidade de Oeiras, antiga capital do Piauí, no Governo do Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos, o Colégio Estadual do Piauí foi o primeiro a ofertar o ensino secundário no Estado.¹⁶⁷ Na década de 1950 era um dos poucos estabelecimentos de ensino público em Teresina, que ofertava o ensino secundário a clientela feminina e masculina. Ressaltemos, porém, que nesse período, a população estudantil com aspirações de cursar o ensino secundário crescia a passos largos e as instalações desse respeitado colégio já não atendiam como antes, a grande demanda por essa modalidade de ensino. Um cronista em 1955 destacou a necessidade de sua ampliação:

Construído no Governo Landri Sales e instalado, em 1936, no Governo Leônidas Melo, o velho Liceu Piauiense foi considerado, na época, como obra monumental, em amplitude, e que era até mesmo desproporcional para o Piauí.

[...]

A cidade cresceu, assustadoramente, em população, sobretudo no setor estudantil. E hoje, nos dias deste ano, por exemplo, frequentaram e lá fizeram exames, mais de mil alunos, em todas as séries dos dois ciclos ginasiais.

Já se tem dito e ninguém desconhece a necessidade de uma ampliação do Colégio Estadual do Piauí, principalmente para salas de aula, por que, as existentes, não bastam mais ao bom funcionamento escolar do belo prédio.¹⁶⁸

O Colégio Estadual do Piauí era o mais importante estabelecimento de ensino secundário do Estado, aspirado por muitas moças e rapazes de famílias abastadas. Além do prestígio que detinha nos meios sociais, da tradição na educação dos piauienses e da qualidade do ensino ministrado, o desejo de moças dos segmentos médios e altos da sociedade em estudar nesse colégio público poderia significar também mais liberdade, comparada a outras escolas particulares que exerciam na disciplina escolar um forte controle sobre o comportamento das alunas, a exemplo do Colégio das Irmãs. Vejamos o que diz Eronice Carvalho ao lembrar do tempo em que estudou no Colégio Estadual do Piauí:

[...] O científico estudei no tradicional Liceu Piauiense, colégio maravilhoso, um dos melhores ensinamentos que nós tínhamos naquela época, só entrava lá pessoas que tinham prestígio, pois lá não entrava de qualquer maneira.

¹⁶⁷ COLÉGIO Estadual do Piauí. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 161, 1952.

¹⁶⁸ COLÉGIO Estadual do Piauí. *O Dia*, Teresina, ano 5, n. 316, 18 dez. 1955, p. 1.

[...]

No Liceu Piauiense [...] tinham professores muito bom, em francês tinha, por exemplo, a professora Helena. No dia 4 de outubro era uma festa maravilhosa, todos se divertiam nessa data com os jogos de voleibol, basquete e outros.¹⁶⁹

A qualidade do ensino do Colégio Estadual do Piauí e do corpo docente é lembrada por Eronice assim como as festas do dia 4 de outubro. A data marcava o aniversário de fundação do Colégio Estadual Piauí e estava incluída no calendário das festividades que comumente eram realizadas durante o ano letivo. As sociabilidades que aconteciam no Colégio Estadual e no seu entorno possibilitavam às alunas vivências para além da disciplina de sala de aula, nessas ocasiões elas teriam mais liberdade para adotar comportamentos em grande parte, interditos as moças. A escolha de miss, princesa e rainha faziam parte da programação de algumas festas como a do 4 de outubro.

O Colégio Estadual do Piauí comemora, no dia 4 de outubro, mas um aniversário de sua fundação, com várias festividades, inclusive a eleição de uma Rainha de beleza, havendo quatro candidatas a esse título uma delas – a senhorita Marilis Porto – foi apresentada, e está sendo apoiada entusiasticamente, por uma corrente numerosa e ativa de estudantes que julgam a sua candidata a mais bonita e, também por outros predicados, a mais merecedora do ‘grande título’ [...].¹⁷⁰

As escolas públicas tornavam-se atrativas às moças dos segmentos médios e altos da sociedade, pelas possibilidades de outras vivências que estas escolas propiciavam aos seus alunos e alunas como flertes, namoros, passeios e festas, aliado a um ensino de qualidade, ministrado por um quadro selecionado de professores. Estudar em escola pública não constituía em uma exceção entre os segmentos sociais altos, pelo contrário, pessoas com condições financeiras de arcar com as mensalidades de escolas particulares estudavam nos estabelecimentos de ensino público. As mulheres que entrevistamos e que cursaram o ensino primário e secundário entre as décadas de 1940 e 1950 estudaram durante suas trajetórias escolares em escolas públicas e particulares. Acerca do ensino público Yêda Caddah afirma: “[...] a escola pública era muita boa, acredito que quase todas as pessoas daquela época que se formaram, estudaram em escola pública, acredito mesmo que são poucas as pessoas da década de 1940 e 1950 que se formaram estudando só em escolas particulares [...]”.¹⁷¹

¹⁶⁹ CARVALHO, Eronice Soares Cavalcanti. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 1 de setembro de 2010.

¹⁷⁰ COLÉGIO Estadual do Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, 19 set. 1957, p. 3.

¹⁷¹ CADDAH, 2010.

O Colégio Estadual do Piauí era uma das instituições de ensino público que formava moças e rapazes provenientes das famílias abastadas do Piauí. Esse tradicional colégio ofertava o curso ginásial, o científico e o clássico atendendo a clientela feminina e masculina. As principais mudanças no ensino por este ministrado vieram com a Lei Orgânica do Ensino Secundário promulgada em 1942 que reestruturou o ensino secundário, dividindo esse ensino em dois ciclos e proibindo a co-educação. A Lei “[...] prescrevia [...] que, preferencialmente, a educação secundária para mulheres deveria se realizar em estabelecimento específico para esse fim.¹⁷²

O ensino separado para homens e mulheres no ensino ginásial foi colocado em prática em 1948, ano em que a Escola Normal Antonino Freire, em conformidade com a Lei Orgânica do Ensino Normal, promulgada em 1946, instala em suas dependências o curso ginásial. Em seguida são transferidas para essa escola todas as jovens que cursavam o ginásio no Colégio Estadual do Piauí. Situação que durou até 1955 quando é restabelecido o curso ginásial feminino neste colégio.¹⁷³ Um jornalista em uma reportagem sobre o Colégio Estadual do Piauí noticiou este fato, argumentando que:

Até bem pouco tempo, o curso ginásial era mixto no C.E.P. Essa tradição vinha da instauração do regime democrático. A pedagogia moderna recomenda o convívio de rapazes e senhoritas, para que não fiquem complexadas e se acostumem ao convívio de respeito e cordialidade que merecem. A escola é um lar onde as jovens se identificam pelos mesmos sentimentos, igualam-se sem distinção de cor, disciplinados e instruídos, desde a infância, no clima de uma perfeita democracia.
[...] o culto diretor A. Tito Filho restabeleceu o funcionamento do Ginásio Feminino, em março do ano corrente, baseado nos seus largos conhecimentos pedagógicos e atendendo a motivos de ordem superior. A respeito desse assunto, esclareceu-nos: – ‘Neste ano, foi criado o Ginásio Feminino, diurno, amparando se por essa forma mais cem famílias pobres’ [...].¹⁷⁴

Duas questões nos parecem ter sido fundamentais para o restabelecimento do curso ginásial feminino no Colégio Estadual do Piauí. A primeira questão está relacionada às concepções pedagógicas que recomendavam na educação o convívio entre moças e rapazes para que, desde cedo, aprendessem a se comportar entre si. A co-educação já era praticada no Colégio Estadual antes da promulgação da Lei Orgânica do Ensino Secundário, não existindo ali problemas que sugerisse um ensino separado para homens e mulheres. A segunda questão

¹⁷² VEIGA, 2007, p. 292.

¹⁷³ CARDOSO, 2003, p. 64.

¹⁷⁴ COLÉGIO Estadual do Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, 27 mar. 1955, p. 3.

e talvez a que mais motivou a criação do ginásio feminino foi a crença que essa medida beneficiaria mais de cem famílias pobres sem condições de atender a crescente elevação do custo do ensino secundário particular.

Com o restabelecimento do ginásio misto, o público feminino passou a contar a partir de 1955, com o ginásio do Colégio Estadual do Piauí e da Escola Normal Antonino Freire. O número de inscritos para os exames de admissão das escolas públicas era elevado, a procura por ensino secundário crescia, pois só o primário já não bastava para atender os anseios da sociedade. Parte das mulheres buscavam no ensino formal, aumentar suas possibilidades de ingresso no mercado de trabalho, que exigia naqueles anos, maiores níveis de escolaridade para ocupar determinados empregos. As vagas na Escola Normal Antonino Freire vinham sendo ampliadas para atender a demanda do ginásio, desde a sua criação em 1948. No ano de 1956, a escola apresentava uma matrícula de 608 alunas no curso ginásial.¹⁷⁵ A proposta da diretoria da escola naquele ano era criar um ginásio feminino noturno direcionado às moças pobres que trabalhavam durante o dia.¹⁷⁶

A seletividade do ensino secundário atingia, sobretudo as famílias pobres, sem condições de manter as filhas nas escolas de iniciativa privada, dependendo, nesse sentido, das ações do governo. Essa situação pouco refletia na escolarização dos filhos e filhas de famílias abastadas que poderiam escolher cursar o ginásio em escolas públicas ou nas escolas particulares.

Algumas das escolas particulares que ofertavam o curso secundário na década de 1950 à clientela feminina, haviam sido criadas entre as décadas de 1930 e 1940. Período em que começava a intensificar a procura da população escolarizável pelo nível médio, fato que tornava possível a consolidação dessas escolas e o seu funcionamento nas décadas seguintes, merecendo destaque: o Ginásio Desembargador Antonio Costa (1945), o Ginásio Leão XIII (1938) e o Demóstenes Avelino (1942). Destas instituições de ensino, apenas a última oferecia o científico. Tínhamos, portanto, nos anos cinquenta em Teresina a oferta do científico às mulheres no Colégio Estadual do Piauí, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, curso implantado somente em 1959, e no Colégio Demóstenes Avelino.

No que diz respeito ao Colégio Demóstenes Avelino, este foi fundado no dia 1º de dezembro de 1942 pelo educador Felismino Freitas Weser, vindo a tornar-se nos anos

¹⁷⁵ ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador General Jacob Manoel Gayoso e Almendra (1955 – 1959), em 1º de junho de 1957.* Teresina: Imprensa Oficial, 1957, p. 26.

¹⁷⁶ ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador General Jacob Manoel Gayoso e Almendra (1955- 1959), em 1º de junho de 1956.* Teresina: Imprensa Oficial, 1956, p. 45.

seguintes a sua fundação uma referência no ensino particular, primeiro na categoria de Ginásio e depois de Colégio. Uma rígida disciplina orientava as suas atividades escolares e qualquer falta cometida pelos alunos recorria em penalidade proporcional à gravidade das faltas, conforme o estabelecido no artigo 47 do seu Estatuto,¹⁷⁷ que dizia:

Art. 47 - As penas disciplinares, sempre proporcionais à gravidade das faltas, serão as seguintes:

- a) observação, admoestação ou exclusão da aula;
- b) retenção no estabelecimento em sala privada em tarefa de cópia;
- c) repreensão perante os alunos;
- d) suspensão até trinta dias úteis;
- e) expulsão do ginásio.¹⁷⁸

As penas disciplinares funcionavam inibindo os alunos e alunas nos comportamentos considerados inadequados ao bom funcionamento do colégio, desde pequenos gestos, atitudes, palavras. Corpos e mentes deviam ser disciplinados durante todas as atividades escolares. A exigência de uma boa disciplina parece ter sido uma das características do sistema educacional do Piauí, aplicado principalmente nas escolas particulares. A ex-aluna Eronice Carvalho rememora a sua passagem pelo Colégio Demóstenes Avelino, onde cursou o ginásio. Algumas práticas comuns no cotidiano do colégio são lembradas no seguinte trecho da entrevista:

No Demóstenes Avelino onde estudei o ginásio, o diretor era o educador Felismino Freitas Weser. Ele era muito carrasco naquele tempo, não admitia brincadeiras e todos os domingos tinha uma reunião que era na verdade uma seção artística, você tocava, cantava, era a maneira dos alunos demonstrar e transmitir o que sabiam. Era muito bonito a solenidade que eles faziam. 9 horas da manhã saía todo mundo de suas casas arrumado para se apresentar, cantar. Nós cantávamos sempre o hino nacional quando encerrava a última aula. Havia muita disciplina, muito respeito aos professores, professor era respeitado, quando este mandava aluno para fora da aula não ficava por isso mesmo, ia em seguida para a diretoria, sofria penalidade, chamava o pai e a mãe. Eu prefiro a disciplina anterior, a rigidez de antigamente. Foi muito bom a minha educação, quando me lembro, só lembro do que é bom, não teve nada de ruim, foi tudo muito saudável. Tinha a disciplina de trabalhos manuais, fazer ponto de cruz, fazer uma casa de botões, um crochezinho. No fim do ano fazia-se uma exposição dos trabalhos na própria escola. No Demóstenes Avelino era só mulher na sala de aula.¹⁷⁹

¹⁷⁷ FREITAS, Francisco Newton; FREITAS, Maria Leonília de; SOUSA, Francisco Antonio Freitas de. *Professor Felismino Freitas: educação como missão e vocação*. Teresina: Zodíaco, 2009.

¹⁷⁸ ESTATUTO do Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, 1943 apud FREITAS; FREITAS; SOUSA, 2009, p. 140.

¹⁷⁹ CARVALHO, 2010.

Embora o Colégio Demóstenes Avelino promovesse uma educação de frequência mista, o Estatuto deixava claro que as aulas das meninas matriculadas no ginásio seriam ministradas em turmas exclusivamente femininas.¹⁸⁰ A separação feminina e masculina era colocada em prática de forma não menos sutil do que outras escolas que proibiam a co-educação.

Por trás da rígida disciplina do Colégio Demóstenes Avelino, percebida na memória de Eronice Carvalho de forma positivada, estavam presentes práticas escolares que atuavam produzindo diferenças de gênero. Enquanto as alunas tinham a disciplina de Trabalhos Manuais por serem as meninas consideradas delicadas e responsáveis pelos trabalhos do lar, os alunos recebiam instrução pré-militar,¹⁸¹ que sugeriam coragem e força características tidas como próprias dos meninos. Essas e outras práticas legitimadas pela escola significavam os espaços a serem vivenciados por cada gênero.

As escolas produzem diferenças, distinções e desigualdades entre os sujeitos, para citar Louro.¹⁸² De acordo com a autora, “currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe - são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores [...]”.¹⁸³

As identidades de gênero, meio que silenciosamente, eram forjadas no cotidiano escolar. As disciplinas de Trabalhos Manuais e Economia Doméstica presentes no currículo feminino, tinham por objetivo formar as alunas para as atividades do lar e os papéis de esposa e mãe, de maneira que os ensinamentos propostos nas disciplinas fossem internalizados pelas alunas como algo natural, isto é, parte da “natureza” feminina, quando na realidade tratava-se de uma construção cultural.

A educação legada à sociedade teresinense da década de 1950, delimitou os espaços de homens e mulheres, selou desigualdades entre os sexos e classes sociais. A seletividade do ensino secundário determinou aqueles e aquelas que continuariam a trajetória escolar ou que encerrariam os estudos no nível primário. O ensino ministrado nas escolas tratou de conduzir alunos e alunas para trajetórias diferentes, embasado em uma pretensa tendência natural do sexo. No entanto, acreditamos que “[...] os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens – reagem,

¹⁸⁰ ESTATUTO do Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, 1943, apud FREITAS; FREITAS; SOUSA, 2009, p. 141.

¹⁸¹ FREITAS; FREITAS; SOUSA, 2009.

¹⁸² LOURO, 2008.

¹⁸³ LOURO, 2008, p. 64.

respondem, recusam ou as assumem inteiramente”.¹⁸⁴ Assim, entre as mulheres ingressas no sistema escolar de Teresina nos anos cinquenta, havia aquelas que incorporavam e aquelas que rejeitavam os papéis e espaços que lhe eram determinados, que escolhiam cursos ditos femininos ou cursos ditos masculinos, segundo os discursos e práticas implícitas no espaço escolar.

3. 3 A trajetória feminina no curso Normal e no curso de enfermagem

No que diz respeito à escolarização feminina, o curso Normal e o curso de enfermagem permaneciam na década de 1950 como trajetórias seguidas por mulheres que aspiravam a uma carreira profissional, sem ferir as expectativas sociais quanto às profissões ditas “adequadas” para a mulher.

Cursar o curso Normal constituía na trajetória típica das moças de famílias abastadas de Teresina, uma vez que este curso preparava as alunas para atuar como professoras primárias, profissão respeitável, digna e aceita entre os meios sociais e as famílias. Essa profissão foi representada na sociedade de modo a se ajustar ao casamento e à maternidade. Nesse processo de feminização, o magistério utilizou atributos historicamente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc.¹⁸⁵ Representação que legitimava a presença feminina nos cursos Normais.

O curso Normal era considerado “curso de mulher”, o trabalho de educar e cuidar de crianças foi construído socialmente como atividade tipicamente feminina. As escolas normais em funcionamento no Estado cumpriam assim a função de formar um corpo docente qualificado para atuar nas escolas primárias ao mesmo tempo em que conduziam as mulheres para uma profissão já feminizada na sociedade.

O Sistema de Ensino Normal¹⁸⁶ em vigor no Estado, obedecia ao Decreto-Lei n. 1.402, de 27 de janeiro de 1947, em harmonia com o Decreto-Lei Federal n. 8.585, de 8 de janeiro de 1947. Constituía em objetivos do Ensino Normal:

¹⁸⁴ LOURO, 2008, p. 61.

¹⁸⁵ LOURO, 2008, p. 96.

¹⁸⁶ O ensino Normal a partir da Lei Orgânica do Ensino Normal, promulgada em 1946 ficou subdividido em dois ciclos: o primeiro, com duração de quatro anos, destinado à formação de regentes de ensino primário, que funcionaria em estabelecimentos de ensino com o nome de Escolas Normais Regionais; o segundo, com duração de três anos, destinado a formação de professores primários, que funcionaria em estabelecimentos de ensino denominados de Escolas Normais, nessas escolas deveriam ministrar, além do segundo ciclo do ensino normal, o primeiro ciclo do ensino secundário ou ciclo ginasial. BRITO, 1996; SERVIDORES para o ensino. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4 jan. 1953, p. 3.

- a) Prover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias.
- b) Desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância.
- c) Quando for possível, o ensino normal habilitará administradores escolares do grau primário.¹⁸⁷

As escolas Normais iriam suprir as necessidades das escolas de nível primário, carentes de professoras e atender ao desejo das mulheres de se profissionalizarem. Se o trabalho feminino era uma prática efetivada na sociedade, ser professora estava dentro dos limites do socialmente aceitável para a mulher, carreira em que elas poderiam abraçá-la, tendo em vista ser a atividade de educar e cuidar de crianças um trabalho feminino por excelência nos meios sociais. Com isso, as escolas Normais cumpriam dois importantes objetivos ao oferecerem o curso Normal às jovens.

Na iniciativa privada destacava-se com a oferta do curso Normal o Colégio Sagrado Coração de Jesus, tendo este sido equiparado a Escola Normal Oficial do Estado pelo Decreto n. 1.213, de 11 de abril de 1931. Em 1946, o curso Normal de cinco anos passou a ser ministrado em três anos (após o ginásio) sob a denominação de Curso Pedagógico de Formação de Professores Primários.¹⁸⁸ A oferta do curso Normal no Colégio Sagrado Coração de Jesus dava as moças de Teresina e do interior do Piauí a possibilidade de exercer o magistério, uma das poucas profissões que a Igreja Católica admitia ao público feminino, visto ser o referido colégio de orientação católica.

A Escola Normal Antonino Freire era outra importante instituição que ofertava o curso Normal à clientela feminina. Oficializada pela Lei n. 548 de 30 de março de 1910 e instalada em 15 de maio do mesmo ano, no Governo de Antonino Freire, a Escola Normal Oficial, posteriormente denominada Escola Normal Antonino Freire, em homenagem ao seu fundador, atuou durante muitos anos na preparação de professoras primárias.¹⁸⁹

Todos os anos a Escola Normal diplomava novas professoras. As solenidades de formatura das turmas eram esperadas com muita expectativa pelas moças que viam no transcurso das solenidades a concretização dos espaços conquistados no mundo do trabalho. A condição de formada dava as normalistas à possibilidade de trabalhar nas escolas primárias de Teresina ou de outras cidades do Piauí, seja como professora, diretora ou mesmo em alguma

¹⁸⁷ ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1952*. Teresina: Imprensa Oficial, 1952, p. 61.

¹⁸⁸ COLÉGIO Sagrado Coração de Jesus. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 169, 1952.

¹⁸⁹ Para saber mais sobre a Escola Normal Antonino Freire consultar as seguintes fontes: ESCOLA Normal. *Folha da Manhã*, Teresina, 16 maio 1959, p. 5; ESCOLA Normal Antonino Freire. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 135, 1952.

repartição pública. Segue abaixo a programação da formatura das professoras normalistas de 1959, transcrita do jornal *Estado do Piauí*:

A velha Escola Normal de Teresina, que tem o nome de seu genial restaurador, a 8 do corrente, dia da conceição, diplomará solenemente 29 professoras normalistas, que constituem a turma de 1959. As novas professoras deram a sua turma, como paraninfo o Arcebispo Metropolitano Dom Avelar Brandão, e como homenageados de honra sua Excia. O Governador Chagas Rodrigues e seu Secretário de Educação – Dr. Paulo da Silva Ferraz. As professoras Normalistas de 1959, na sua formatura cumprirão o seguinte programa de solenidades – Dia 8 às 17 horas, missa em ação de graças, na Matriz das Dores, celebrada pelo Arcebispo Dom Avelar, e as 20 horas, sessão solene de entrega dos Diplomas, no Paço do Legislativo, na praça Marechal Deodoro.¹⁹⁰

Entre as profissões exercidas pelo público feminino dos estratos sociais altos, a profissão de professora era a que concentrava mais mulheres. Com o curso Normal as moças “[...] tanto poderiam atuar como professoras primárias, profissão já feminina, quanto poderiam burilar-se para o casamento, pois, na visão de muitos, o normal era um ‘curso espera marido’, formador de moças de fino trato”.¹⁹¹ Isso para aquelas que não se sentiam vocacionadas ao magistério e estavam ali enquanto não conheciam um pretendente.

As maiores possibilidades das mulheres em concluir os seus estudos e exercer uma profissão estavam centradas no curso Normal. Conforme os dados das Mensagens Governamentais enviadas à Assembléia Legislativa, o movimento geral de matrículas no curso de Formação de Professores Primários ministrado pela Escola Normal Antonino Freire era considerado satisfatório, não existindo ali problemas de infrequência por parte dos corpos docente e discente.

No ano de 1960, a Escola Normal Antonino Freire completava cinquenta anos de trabalhos voltados para a educação feminina e preparação de professoras primárias. A escola comemorou o transcurso do seu aniversário de fundação, marcado por um programa de atividades, com a presença de ex-alunas e ex-professores, intelectuais e autoridades políticas. No jornal *O Dominical* a aluna Maria da Conceição Santos Martins falou a respeito da data.

Foi há 50 anos atrás, justamente a 15 de maio de 1910, que para maior glória do Piauí foi fundado mais um colégio, com o nome de: Escola Normal Oficial, escola esta com o curso de professoras, depois com o ginásio e com o nome de Escola Normal Antonino Freire. Hoje esta escola de onde já

¹⁹⁰ PROFESSORAS normalistas de 59. *Estado do Piauí*, Teresina, ano 33, n. 198, 6 dez. 1959, p. 1.

¹⁹¹ CARDOSO, 2003, p. 76.

saíram muitas turmas formadas; já confiantes na vitória; por que nesta escola, aprendemos um meio de erigí-la, esta escola que tem sido uma grande felicidade para nós [...]. São 50 anos de perfeita existência, meio século de felicidade, de vitória, de luta em prol da educação feminina.¹⁹²

As palavras da referida aluna denotam a importância da instituição na educação feminina ao longo da história da educação piauiense. Fundada no início do século XX, a Escola Normal Antonino Freire era um dos principais estabelecimentos de ensino para as mulheres que aspiravam cursar o ginásial e, em seguida, o curso de Formação de Professores Primários. Curso que durante muito tempo foi a principal referência entre as moças que almejavam ampliar o grau de estudo e ingressar no mercado de trabalho.



Foto 5: Escola Normal Antonino Freire. In: FERNANDES, João Claudino. *Teresina: 1852-2002*. Teresina: Halley, 2002, p. 41.

Fonte: Casa Anísio Brito – Arquivo Público do Piauí.

Outros cursos feminizados na sociedade foram o de enfermagem e o de auxiliar de enfermagem. O primeiro com duração de trinta e seis meses e o segundo com duração de dezoito meses. Diferentemente do curso Normal, esses cursos demoraram a ser instalados no Piauí. Até o nosso recorte temporal de pesquisa (década de 1950) funcionava apenas uma escola com o curso de auxiliar de enfermagem, trata-se da Escola de Auxiliar de Enfermagem

¹⁹² BÔDAS de ouro da Escola Normal Antonino Freire. *O Dominical*, Teresina, 29 maio 1960, p. 2.

“Irmã Maria Antoinette Blanchot”, instalada em Teresina em 1958. Dessa forma, a clientela feminina interessada na formação de enfermeira devia, antes disso, viajar para outros Estados de preferência para o Rio de Janeiro a fim de estudar na tradicional Escola Ana Néri¹⁹³ e na Escola de Enfermagem “Alfredo Pinto”,¹⁹⁴ do Ministério da Educação e Saúde. Trajetórias que continuaram para algumas mulheres, em razão da escola instalada oferecer apenas o curso de auxiliar de enfermagem.

As escolas de enfermagem no Brasil, no ano de 1958, somavam 35, correspondendo, assim a quase uma por Estado. Esse número, no entanto, era muito reduzido, visto que a medicina especializava-se e os hospitais se expandiam por todo o país, necessitando de enfermeiras diplomadas com conhecimentos científicos. Conforme nos informa o relato abaixo:

[...] Precisamos de setenta mil enfermeiras para ocupar os lugares existentes nos nosocômios espalhados pelo Brasil e não somos nem três mil devidamente diplomadas [...]

[...]

[...] O Brasil já foi classificado de grande hospital e não existe exagero na sentença, somos um povo de saúde atingida por vários males, principalmente os de caráter endêmico, como a boubá, o amarelão, a sífilis, a tracoma, a opilação, etc. que dizimam a sua capacidade realizadora. Para isso, as enfermeiras são mais do que indispensáveis com uma formação científica de três anos, em escola superior cabe-lhes no Brasil uma tarefa muito acima das que desempenham suas colegas em outros lugares [...].¹⁹⁵

Diante dessa carência de enfermeiras diplomadas, as mulheres são nesse momento, incentivadas a realizar os cursos de enfermagem nas poucas escolas de enfermagem existentes no país, pois somente assim seriam atendidas as necessidades dos hospitais que buscavam naquela época, profissionais capacitadas com base em uma formação científica e de acordo com os avanços da medicina.

A nível local vale destacar durante a década de 1950, a atuação das Irmãs de Caridade em prol do ensino de enfermagem no Piauí. Com o objetivo de difundir essa modalidade de ensino no Estado, as irmãs de caridade fundam em 1958, a Escola de Auxiliar de Enfermagem

¹⁹³ A ESCOLA Ana Neri. *Jornal do Piauí*, Teresina, 26 maio 1957, p. 10.

¹⁹⁴ Esta escola ofertava o curso de enfermagem com duração de três anos e o de auxiliar de enfermagem com duração de um ano e seis meses. ESCOLA de Enfermagem “Alfredo Pinto” do Ministério da Educação e Saúde. *Diário Oficial*, Teresina, ano 20, n. 14, 14 fev. 1950, p. 1.

¹⁹⁵ A ENFERMAGEM no Brasil. *O Dominical*, Teresina, ano 22, n. 25/58, 22 jun. 1958, p. 1.

“Irmã Maria Antoinette Blanchot”, instalada inicialmente nas dependências do Hospital Getúlio Vargas (HGV).¹⁹⁶

[...] a criação do curso de auxiliar de enfermagem representou uma adesão tardia à tendência que se consolidava na educação de enfermagem brasileira. Nesse sentido cabe dizer que o Piauí foi o último Estado Nordestino a criar essa modalidade de ensino, no momento em que o país encontravam-se 57 cursos em andamento, dos quais, 40 particulares e 24 sob a direção de religiosas.¹⁹⁷

Assim, a Escola de Auxiliar de Enfermagem “Irmã Maria Antoinette Blanchot” estabelecida na cidade de Teresina representou um marco no ensino de enfermagem no Piauí. Mantida pela Associação São Vicente de Paulo, a escola tinha por finalidade: “a) manter e desenvolver o ensino para a formação de auxiliares de enfermeiras e b) dar as alunas formação moral e técnica para o desempenho digno da profissão”.¹⁹⁸

O movimento empreendido pelas irmãs vicentinas beneficiou sobremaneira a população piauiense, que passou a contar com profissionais qualificadas nos hospitais. “O curso de auxiliar de enfermagem fundado, organizado e realizado pelas mesmas, impulsionou o aprendizado e a qualificação de forma a direcionar um cuidado assistencial muito mais criterioso [...]”.¹⁹⁹

As religiosas que chegaram ao Piauí na década de 1950 deram os primeiros passos na sistematização de um ensino de enfermagem e na profissionalização feminina, isso porque o curso implantado era frequentado especialmente pelas mulheres, uma tendência presente nas escolas que ofereciam esse tipo de curso.

A candidata para ser admitida à Escola de Auxiliar de Enfermagem “Irmã Maria Antoinette Blanchot” precisava atender aos seguintes requisitos: certidão de registro civil, que prove a idade mínima de 18 anos e máxima de 30; atestado de sanidade física e mental e de vacinação; atestado de idoneidade moral; certificado de aprovação de curso primário oficial ou reconhecido; certificado de aprovação no exame de seleção; 3 retratos 3 x 4 . Quanto ao concurso de habilitação, este era realizado por comissão examinadora, indicada pela

¹⁹⁶ SILVA, Aneth Cardoso Basílio; FERRO, Maria do Amparo Borges. Ensino de Enfermagem no Piauí: elos entre a história, memória e feminização. In: FERRO, Maria do Amparo Borges; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de (Orgs.). *História da Educação: novos olhares, velhas questões*. Teresina: EDUFPI, 2009. p. 172-193.

¹⁹⁷ NOGUEIRA, Lídy Tolstenko. *A trajetória da enfermagem moderna no Piauí: 1937-1977*. (Tese) Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996, f. 135.

¹⁹⁸ ADITAMENTO – Estatutos da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, de Teresina – Estado do Piauí. *O Dominical*, Teresina, 1 mar. 1959, p 2.

¹⁹⁹ SILVA; FERRO, 2009, p. 180.

congregação. O concurso versava sobre Português, Aritmética, História do Brasil, cujo programa baseava-se no mesmo do curso de admissão ao curso ginásial. Os portadores de certificado de conclusão do curso ginásial estavam isentos do concurso de habilitação.²⁰⁰

O curso era ministrado em 18 meses, incluindo um mês de férias. O ensino teórico e prático compreendia várias matérias e estágios nos hospitais ambulatoriais e centros de saúde, sob a orientação constante de enfermeiras diplomadas. A aluna, ao final do curso, recebia um certificado de auxiliar de enfermagem que habilitava a exercer a profissão.

Os critérios de admissão e o ensino proposto despertavam o interesse da clientela feminina. A pouca escolaridade exigida fazia do curso de auxiliar de enfermagem um curso acessível as mulheres de baixa renda. O mesmo não se poderia dizer do curso de enfermagem que exigia a apresentação de um dos seguintes certificados de conclusão de estudo secundário, ou ginásial, ou normal, ou comercial (de três anos), sendo, portanto, o curso de enfermagem feito, geralmente, por mulheres dos estratos sociais mais altos com condições para cursar esses níveis de ensino exigidos para admissão no curso.

Na perspectiva de Lidya Nogueira “[...] o curso de auxiliar de enfermagem, que inicialmente visava à qualificação de pessoal engajado na rede de serviços públicos, também representou uma nova opção profissional”.²⁰¹ As alunas saíam desse curso preparadas para trabalhar nos hospitais do Estado, suprimindo a carência de profissionais qualificados na área.

A Escola de Auxiliar de Enfermagem “Irmã Maria Antoinette Blanchot” foi a responsável pela formação de um grande número de enfermeiras no Piauí. A primeira turma da escola, concluiu o curso de auxiliar de enfermagem em outubro de 1960, como mostra o comunicado:

No próximo dia 15 realizar-se-ão as solenidades de colação de grau da turma pioneira da Escola de Auxiliar de enfermagem ‘Irmã Maria Antoinette Blanchot’, constando do programa, a celebração de missa em ação de graça, às 7:30 na capela do Hospital Getúlio Vargas, celebrada por D. Avelar Brandão Vilela, com Benção dos Anéis; às 19 horas colação de grau no Clube dos Diários seguida de coquetel de conagraçamento entre os concludentes e os homenageados.²⁰²

De um total de vinte e dois concludentes da turma pioneira da escola de auxiliar de enfermagem, concluíram o curso apenas dois homens, predominando a presença feminina. No

²⁰⁰ ESCOLA de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot. *O Dominical*, Teresina, 22 fev. 1959, p. 2.

²⁰¹ NOGUEIRA, 1996, f. 141.

²⁰² ESCOLA de Auxiliar de Enfermagem – colação de grau da turma pioneira. *Jornal do Piauí*, Teresina, 13 out. 1960, p. 4.

tocante ao curso de enfermagem, a sua inexistência no Piauí levou algumas mulheres com mais recursos financeiros a buscarem em outros Estados esse tipo de formação.

Em síntese, a trajetória no curso Normal e nos cursos de enfermagem e de auxiliar de enfermagem, possibilitou a uma parte das mulheres seguirem uma carreira profissional e, dessa forma, alargar os espaços de atuação feminina que, por muito tempo, ficou restrito ao lar e à Igreja, dividida entre os cuidados com os filhos, o marido e a religião.

3.4 Do desejo ao investimento: a presença feminina no ensino superior

O ensino superior nos anos 1950 fazia parte da trajetória de vida de mulheres pertencentes aos segmentos sociais mais altos. A procura pelo ensino superior aumentou durante esses anos. “[...] Além de fatores relacionados à dinâmica social e econômica da época, entre eles, diversificação econômica, ampliação de setores de trabalho e das camadas médias, houve também as leis de regulamentação para exames vestibulares [...]”.²⁰³ Tais fatores contribuíram para aumentar ainda que de forma restritivas, as possibilidades de ingresso no nível superior de ensino, tanto para homens quanto para mulheres.

O ano letivo de 1956 abriu com 76.659 novas matrículas no ensino superior. Este número ultrapassa o dos anos anteriores [...]. O maior movimento de inscrição ocorreu, como de costume, nos cursos de Direito (20.607), Filosofia, Ciências e Letras (13.566), Medicina e Saúde Pública (12.730) e Engenharia (8.139). A participação do sexo feminino correspondeu a mais de 25% das matrículas, o que constituiu um bom índice.

[...]

O quadro das conclusões de curso em 1955, divulgado pelo IBGE, é também satisfatório em relação aos anos precedentes. Um total de 14.126 alunos chegou ao final dos cursos de formação: 9.507 do sexo masculino e 4.619 do sexo feminino [...].²⁰⁴

O contingente de pessoas formadas e que ingressavam em um curso superior alcançaram índices satisfatórios em 1955 e 1956, respectivamente. As taxas de matrícula da população feminina cresciam seguindo a expansão do ensino superior e se aproximando das taxas masculinas até então predominantes nos cursos superiores.

A partir da segunda metade do século XX houve uma elevação no nível educacional da mulher brasileira. A sua presença nos cursos superiores ofertados em todo o país assinalava

²⁰³ VEIGA, 2007, p. 302.

²⁰⁴ INFORMAÇÕES estatísticas: ensino superior. *Folha da Manhã*, Teresina, 20 jan. 1959, p. 5.

as mudanças na condição feminina, ao tempo em que dava às mulheres maiores chances para disputar com os homens os espaços no mercado de trabalho.

Nos últimos anos a mulher brasileira tem elevado sensivelmente seu nível educacional, passando a afluir, em escala crescente, para os cursos de formação universitária.

Dados colhidos pelo Serviço de Estatística da Educação e Cultura (IBGE) mostram que, das 8.659 pessoas matriculadas em 1956 nas escolas de grau superior, 20.545 ou 26% eram do sexo feminino. E nas conclusões de curso de 1955, dentre 14.126 diplomados, o número de mulheres subia de 4.619 ou 32,7%. Em relação ao ano letivo anterior, o número de matrículas femininas aumentou de 12,4%, ao passo que o das matrículas masculinas só cresceu de 6,9%. Se essas taxas se mantiverem por mais alguns anos, guardando a mesma margem, não tardará muito que a mulher esteja disputando com os homens, em igualdade de número, as oportunidades de trabalho nas carreiras profissionais de nível superior. Confrontando as proporções encontradas pelo Recenseamento de 1950 – quando, sobre 158.070 pessoas que declararam ter completado cursos de grau superior, apenas 13.857 ou 8,8 % eram mulheres – com a atual participação feminina de 26% nas matrículas dos mesmos cursos, verifica-se como tem sido rápido o desenvolvimento cultural da mulher brasileira. Em vários países adiantados a quota feminina na educação de nível superior ou universitário situa-se, como no Brasil, acima de 20% [...].²⁰⁵

Os dados colhidos pelo Serviço de Estatística da Educação e Cultura mostram aumento significativo do número de mulheres ingressas no ensino superior durante os anos 1950. O percentual de mulheres matriculadas nos cursos superiores no Brasil, assim como em outros países situava acima de 20%.

Segundo Hobsbawm,²⁰⁶ o número de mulheres na educação superior cresceu nos países considerados desenvolvidos, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, o que representava a mais natural porta de acesso às profissões liberais. Na visão desse historiador, o ensino superior passava, a partir da Segunda Guerra Mundial, a ser tão comum entre as mulheres quanto entre os homens.

No Brasil, as estatísticas acerca do ingresso feminino no ensino superior não fugiam à realidade de outros países, a imprensa local ao divulgar os resultados das pesquisas no país não descartava a possibilidade das mulheres igualarem em número aos homens no grau de escolarização e nas oportunidades de trabalho. A educação aparecia, sem dúvida, como o catalisador das transformações na vida da mulher brasileira.

²⁰⁵ INFORMAÇÕES estatísticas: nível superior da mulher. *Folha da Manhã*, Teresina, 9 out. 1958, p. 2.

²⁰⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Na análise de Guedes,²⁰⁷ o acesso feminino às universidades representa ascensão social e possibilidade de concorrência por melhores ramos de trabalho, bem como a ocupação em cargos exercidos tradicionalmente por homens. Com a escolarização de nível superior, as mulheres poderiam contar com atividades mais gratificantes e bem remuneradas e, dessa forma, compensar os gastos com a infra-estrutura doméstica necessária para que ingressassem no mercado de trabalho.

A educação superior foi um meio encontrado pelas mulheres para mudarem as suas trajetórias de vida e ingressarem no mundo do trabalho. No Piauí, a participação feminina no ensino superior ocorreu de forma gradativa no decorrer dos anos. Com os investimentos familiares e a instalação de Faculdades no Estado, foram crescendo o número de mulheres que significavam suas vidas a partir da realização de um curso superior.

Até o final dos anos cinquenta funcionavam em Teresina recebendo uma clientela feminina, a Faculdade de Direito do Piauí (FADI) instalada em 1931 e a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI) instalada em 1958. As mulheres de classe média e alta que almejavam fazer outros cursos, diferentes dos ofertados por estas instituições, tiveram que se dirigir para outros Estados, retornando à cidade depois de diplomadas para atuarem na profissão. A nota a seguir aponta para uma prática recorrente entre as jovens abastadas de Teresina:

Por notícias particulares, soubemos haver colado grau em medicina, pela Universidade de Recife, a nossa conterrânea senhorita Teresinha Elvas Cordeiro, filha de d. Benedita Elvas Cordeiro e do Oficial da Fôrça Policial do Estado, José Dias Cordeiro, já Falecido.
Parabenizamos a jovem médica almejando-lhe êxito em sua carreira.²⁰⁸

Entre os cursos mais procurados pelas jovens teresinenses, encontravam-se o de Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia, Filosofia, Jornalismo, Letras Neolatinas. Com exceção de Direito, Filosofia e Letras Neolatinas, esses cursos eram feitos em outros Estados, especialmente nas faculdades de Pernambuco, Maranhão, Pará e Rio de Janeiro.

As histórias de Leonília de Freitas,²⁰⁹ Helena Medeiros²¹⁰ e Yêda Caddah²¹¹ são exemplificadoras das trajetórias de jovens que viajavam para outros estados a fim de ingressarem em um curso superior. A respeito dessa experiência, Leonília de Freitas relata:

²⁰⁷ GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. *História, Ciências, Saúde*: Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, p. 117-132, jun. 2008.

²⁰⁸ DRA. TERESINHA Cordeiro. *O Dia*, Teresina, 14 dez. 1952, p. 4.

²⁰⁹ FREITAS, Maria Leonília de. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 13 de setembro de 2010.

O ensino era deficiente em Teresina e não preparava para o vestibular, então era muito comum a pessoa com mais recursos fazer o último ano em uma cidade maior, estudando para o vestibular, era um estudo paralelo. Eu fui para Fortaleza em 1950 estudar no Colégio Imaculada Conceição e terminei o científico lá e preparei-me para o vestibular, mas terminei vindo a fazer o vestibular em São Luís, cuja faculdade tinha sido federalizada já que antes era estadual. Ingressei no curso de odontologia em 1951 e concluí em 1954, nessa época já tinha muitas pessoas ingressando em odontologia, mas antes, não havia mulher, dentista em Teresina. O curso era de 4 anos e o ensino na faculdade era assim: a gente quando entrava já sabia o ano que ia se formar, quando você entrava já recebia a grade das disciplinas que ia pagar não tinha esse negócio de escolher matéria. Então você começava e terminava o curso com os mesmos colegas e isso criava um ambiente de muita fraternidade. O curso criava aquele elo de amizade pela convivência, que a gente começava em um dia e terminava em outro, todos juntos. A minha turma na Faculdade de Farmácia e odontologia de São Luís era uma das menores, por que tinha sido federalizada a faculdade e o vestibular foi mais rigoroso aprovando apenas 14 ou 15, desses, 7 eram mulheres.²¹²

Os custos para manter os filhos e filhas em outros Estados, enquanto cursavam o ensino superior, eram altos e apenas as famílias que possuíam mais recursos financeiros tinham condições de realizar esse tipo de investimento. Leonília de Freitas vinha de uma família de classe média, o que dava a ela condições de estudar fora do Piauí. O pai era o educador Felismino Freitas Weser, fundador de dois importantes estabelecimentos de ensino particulares de Teresina, sendo eles o Colégio Demóstenes Avelino e o Ginásio Leão XIII, este último em sociedade com o professor Moacir Madeira Campos. Felismino Freitas e a esposa Celina Freitas, uma típica dona de casa, não mediam esforços e incentivos na educação dos filhos, nem que para isso fosse preciso enviá-los para outros Estados.

Helena Medeiros protagoniza uma história também marcada pelos investimentos dos pais em sua educação. Ainda em tenra idade viaja sozinha para o Rio de Janeiro com o propósito de prosseguir nos estudos. Após concluir o ensino secundário, a primeira opção de curso superior foi medicina, porém, não foi possível cursá-lo, seguindo ela uma perspectiva de estudos diferente, decidindo pelo curso de Letras Neolatinas da PUC-RJ, como nos conta em entrevista:

[...] com 12 ou 13 anos fui para o Rio de Janeiro estudar naquela cidade maravilhosa, prática pouco comum, até mesmo rara, naquela época [...]. O Colégio onde eu fiz o 3º e 4º ano do ensino médio e na sequência o curso clássico era o *Sacré-Cocur de Jésus* (internato). O interessante era o regime

²¹⁰ MEDEIROS, Helena Conde. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 1 de outubro de 2010.

²¹¹ CADDAH, 2010.

²¹² FREITAS, 2010.

francês que dominava as grades curriculares: a exigência daquela língua praticamente em todas as disciplinas [...]. Sem dúvida, este meu momento escolar me preparou para a segunda opção de curso superior: minha escolha vocacional que era ser professora de Letras Neolatinas.

Na realidade, aquela época, meu grande desejo era cursar medicina. Infelizmente em Teresina ainda não existia este curso. O Rio de Janeiro onde havia cursado o 2º grau poderia ter sido meu caminho natural para realizar minha vocação – ser médica. No entanto, à época as Faculdades Federais de Medicina do Rio era um reduto de ‘anarquismo’, o que me fez desistir daquele curso e retornar ao Piauí. Naquele momento, iniciei contabilidade na Escola Técnica de Comércio do Piauí.

Porém, a minha vontade e o apoio de meus pais, me possibilitaram meu retorno ao Rio, quando enfrentei um vestibular na PUC-RJ para o Curso de Letras Neolatinas, o qual me prepararia para uma carreira, mais próxima de medicina e também convenientemente mais bem aceita na sociedade daquele período.

[...] Em 1956 eu me formei, concluindo o Curso de Bacharelado em Letras Neolatinas, mas não cheguei a fazer a didática no Rio. Esta já fiz depois de casada aqui em Teresina.

Meus pais tudo que tinham apostavam na educação dos filhos. Eu já estava na Universidade e os outros estavam crescendo, minha segunda irmã fez Farmácia, a terceira fez Direito e meu irmão já se preparava para fazer Agronomia quando faleceu vítima de afogamento.²¹³

Percebemos nesse trecho da entrevista a valorização da educação na família de Helena Medeiros, pois com exceção do irmão que faleceu, ela e as suas irmãs concluíram um curso superior. A escolha de Helena pelo curso de Letras Neolatinas viria associar aos projetos dos pais de oportunizar à filha uma formação superior e as expectativas da sociedade quanto à profissão a ser exercida pelas mulheres, uma vez que o curso de Letras Neolatinas a conduziria ao magistério, profissão socialmente aceita para o público feminino.

No que se refere aos investimentos familiares na educação dos filhos, lembremos que nesse contexto, as trajetórias comuns eram que os rapazes fossem estimulados a ingressar em um curso superior em Teresina ou em outros Estados, ao passo que as moças eram estimuladas a vivenciar a maternidade, o casamento e no máximo cursar o normal ou científico.²¹⁴ Yêda Caddah relembra que o pai relutou até em deixá-la estudar piano no Rio de Janeiro, ao contrário dos irmãos. Em relação aos homens, não era criado nenhum tipo de obstáculo, incidindo assim diferenças quanto aos investimentos familiares feitos na educação dos homens e das mulheres.

²¹³ MEDEIROS, 2010.

²¹⁴ CARDOSO, 2003.

[...] Fui para o Rio de Janeiro em 1949 fazer o vestibular na disputada Escola de Música do Rio de Janeiro. Fiz o vestibular e fui o primeiro lugar e assim em 1953 me formei em piano [...].

Em Teresina para a formação superior só tinha o curso de Direito na Faculdade de Direito do Piauí e eu nunca pretendi cursar Direito, não tinha ainda Universidade. Após terminar o científico passei um tempo aqui chorando para o meu pai me mandar para o Rio de Janeiro, escrevia carta para o meu irmão que já morava lá. O meu pai tinha medo de me mandar para fora, para estudar em outra cidade, com os meus irmãos não era assim. Com os homens não tinha tanto esse cuidado como tinha com as mulheres. Mas depois de muita insistência ele decidiu deixar e disse: “minha filha vá”. Meu pai demorou até deixar eu estudar fora, por que ele tinha receio em mandar uma filha sozinha para uma cidade grande, mas depois ele me apoiou. Ele falava que queria deixar o estudo para os filhos, uma formação como patrimônio. Todos nós recebemos formação superior e fizemos mais fora do que aqui em Teresina [...].²¹⁵

As mulheres, ao viajarem para outros estados, passavam a morar na casa de parentes ou em pensionatos, longe da vigilância paterna. Do ponto de vista das relações de gênero, a vigilância familiar e a preocupação com a honra feminina garantiriam um casamento nos moldes tradicionais. Isso porque o casamento era visto como a realização de uma mulher e viajar para outro estado poderia comprometer a reputação da moça perante os futuros pretendentes. Diferente do homem que precisava primeiro investir em uma profissão para então casar e exercer a sua função de provedor.

Nesse contexto, algumas mulheres buscavam romper essas concepções de gênero apresentadas de forma fixa na sociedade. As trajetórias de Leonília Freitas, Helena Medeiros e Yêda Caddah assemelhavam-se a de outras jovens que viam na realização de um curso superior a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho e vivenciar outros tipos de experiências.

Fazer um curso superior e exercer uma profissão passava a ter centralidade nos projetos de muitas mulheres pertencentes às famílias tradicionais do Piauí. Uma tendência que rompia com os limites temporais dos anos cinquenta, alcançando dimensões maiores nas décadas seguintes. A educação com vistas a uma profissionalização estava entre os novos desejos e práticas femininas. Como exemplo dos projetos da mulher teresinense, podemos citar a entrevista com as debutantes de 1960, concedida ao *Jornal do Piauí*. As jovens por ocasião da Festa das Debutantes que deveria ser realizada no dia 31 de dezembro de 1960 no Clube dos Diários, falavam a esse jornal sobre suas trajetórias escolares, o que faziam nas horas de lazer, mas o que realmente chamou a nossa atenção foi que quanto ao futuro,

²¹⁵ CADDAH, 2010.

sonhavam em cursar medicina, serem competentes pediatras, outras em bacharelar-se em filosofia, ou seja, por mais que futuramente elas fossem seguir os papéis tradicionais femininos, casar, ter filhos, o que internalizavam era o desejo de prosseguirem nos estudos e seguirem uma carreira.²¹⁶ A profissão que exerceriam parecia ocupar um lugar central na vida dessas jovens teresinenses.

Nem todas as mulheres idealizavam para o futuro serem apenas boas esposas, mães e donas-de-casa ou estudar o curso Normal, trajetória comum entre as moças de famílias abastadas. A possibilidade em fazer um curso superior também encantava o público feminino e a imprensa jornalística, enquanto meio de comunicação, testemunhava os novos intentos femininos. As mulheres aprovadas nos vestibulares das faculdades do Piauí ou de outros Estados e que concluíam um curso superior recebiam constantemente os cumprimentos da imprensa. Os jornais que reforçavam os papéis tradicionais femininos como os únicos destinos da mulher eram os mesmos que noticiavam as suas conquistas na esfera pública, seja no ingresso em um curso superior, seja no mercado de trabalho.

O ingresso em um curso superior foi fundamental para que algumas mulheres seguissem uma carreira profissional. Esse nível de ensino dava sinais de abertura, principalmente para aquelas mulheres pertencentes à classe média e alta. A educação atuava como um fator preponderante para o exercício de uma atividade remunerada.

Cardoso²¹⁷ aponta como resultado da sua pesquisa sobre as mulheres que ingressaram no ensino superior e, posteriormente, no mercado de trabalho entre os anos de 1930 e o início dos anos 1970, que a conclusão de um curso superior propiciava novas formas de inserção no mundo do trabalho, logo a condição de mulher formada representava, na sociedade, mobilidade em termos de emprego. Além disso, o conhecimento que detinham nas faculdades tornava-as mais preparadas para competir no mercado, assim como para buscarem atividades que as realizassem.

Embora estivessem enraizados na sociedade os papéis femininos e masculinos a serem assumidos por ambos os sexos, a autora procura mostrar em seu estudo que nem sempre a realização de uma mulher se dava mediante a maternidade e o casamento, isso porque entre as décadas de 1930 a 1970 estava emergindo revoluções no cotidiano de algumas mulheres na medida em que aspiravam aos estudos e uma profissão.

A presença feminina no ensino superior intensificou-se com os investimentos familiares que vinham sendo feitos, pois foi a partir desses investimentos e do próprio desejo

²¹⁶ FESTA das debutantes. *Jornal do Piauí*, Teresina, ano 10, n. 880, 25 dez. 1960, p. 2.

²¹⁷ CARDOSO, 2003.

das jovens em alcançar níveis de escolarização mais altos que algumas mulheres puderam pensar para além do casamento e da maternidade. Haja vista também, que é no intervalo das décadas de 1930 a 1970 que surgem as primeiras faculdades do Piauí, contribuindo para dinamizar a educação superior no Estado.

A primeira instituição superior de Teresina e do Piauí foi a Faculdade de Direito do Piauí (FADI) instalada em 25 de março de 1931, por iniciativa de um grupo de intelectuais²¹⁸. O curso de Direito foi durante muito tempo a trajetória seguida por aqueles e aquelas que aspiravam um curso superior e desejavam fazê-lo sem precisar ir para outro Estado, logo manter um filho ou filha era bastante oneroso mesmo para as famílias dos segmentos sociais altos que tinham na maioria das vezes uma prole numerosa, o que significava mais investimentos educacionais.

Dessa forma, para os homens e mulheres que não viajavam para outros Estados em busca de outras opções de cursos superiores que satisfizessem as suas expectativas, restava o curso de Direito na FADI. Um curso valorizado no país e desejado entre os homens que representavam a maioria das turmas formadas. No início de suas atividades, a Faculdade apresentava um quadro reduzido de bacharelados. Em 1935 apenas homens concluíram o curso em um total de 16.²¹⁹

[...] Desse modo, é no decorrer dos anos 1950, que a escola vai passando a formar um número maior de rapazes e moças, intensificando-se a presença feminina, pois, na década de 1930, apenas uma mulher concluiu o curso de Direito; nos anos 1940, duas o fizeram; nos anos 1950, trinta e seis se formaram e nos anos 1960, cinquenta e duas concluíram o referido curso.²²⁰

Estudar Direito poderia significar um desejo em realizar um curso, na época, majoritariamente masculino ou a única opção como é o caso de Eronice Carvalho que ingressou na Faculdade de Direito em 1955 e concluiu o curso de Direito em 1959. Chegada a hora de fazer o vestibular tinha apenas a opção do curso de Direito na FADI. Na ausência de outra instituição superior devia escolher entre o curso de Direito ou o curso Normal. Segundo Eronice “[...] não dava para ser professora, não tinha nenhuma tendência. Então entrei no curso de Direito porque meu pai não podia me mandar para fora, pois não tinha condições financeiras para isso. Fiz o curso de Direito na marra, sem gostar, mas tive muito sucesso

²¹⁸ FACULDADE de Direito do Piauí. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 123-124, 1952.

²¹⁹ Para conhecer a relação com o nome dos bacharelados formados entre os anos de 1935 a 1956. Ver FREITAS FILHO, Benedito da Rocha. *Faculdade de Direito do Piauí: 25 anos de sua história*. 1ª. ed. Teresina: Gráfica Ibiapina, 2003.

²²⁰ CARDOSO, 2003, p. 119-120.

graças a Deus”.²²¹ Vinda de uma família de sete irmãos, cujo pai escrivão e a mãe uma dona de casa, não podia pensar em dar continuidade aos estudos em outro Estado.

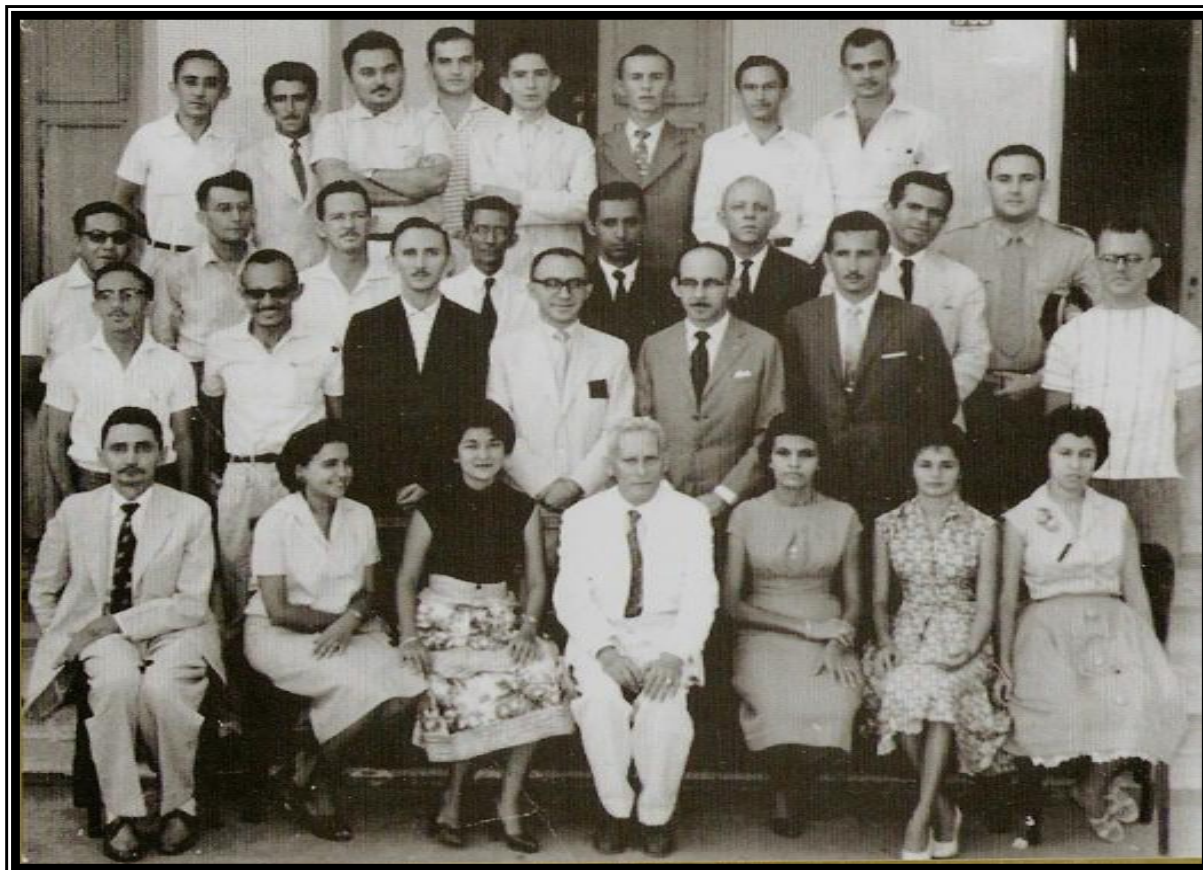


Foto 6: Aula da Saudade da turma de Direito de 1959 da Faculdade de Direito do Piauí. Na turma apenas cinco mulheres, sendo uma delas Eronice Soares Cavalcanti Carvalho.

Fonte: Acervo particular de Eronice Soares Cavalcanti Carvalho.

Apesar de não ter feito a princípio o curso que pretendia, Eronice Carvalho²²² não deixa de mencionar a importância do curso em sua vida, pois foi a partir do ingresso na FADI que pode almejar a outros espaços, inserindo-se no mercado de trabalho. A vida acadêmica lhe proporcionaria, além de uma profissão, o contato com mulheres que também investiam na escolarização. A entrevistada nos relata a sua participação em debates promovidos na Faculdade, onde eram discutidas diversas questões de interesse social. O “Seminário de Debates” foi um desses debates instituídos pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Piauí em 1956 e que prometia reunir professores e alunos daquela Faculdade para discutir algumas questões, entre elas, a questão do divórcio.²²³

²²¹ CARVALHO, 2010.

²²² CARVALHO, 2010.

²²³ MOVIMENTADA a Faculdade de Direito. *O Dia*, Teresina, ano 6, n. 394, 27 set. 1956, p. 1.

As alunas da FADI participavam ainda dos concursos para escolha de rainha e princesas do estudante piauiense, das comemorações de aniversário da instituição, dos jogos esportivos. A vida acadêmica na FADI como nos informa Melo,

[...] não se restringia a acontecimentos de natureza administrativa. Como todas as instituições de ensino superior, a Faculdade de Direito do Piauí, desde o início, teve seus estudantes organizados através de órgão representativo da categoria. O Centro Acadêmico criado para mobilizar os estudantes e para promover uma articulação entre os alunos e outros setores da Faculdade e da sociedade favoreceram, também, um intercâmbio de ideias com outras Faculdades de Direito do País, através de encontros estudantis, na programação e realização de seminários, conferências, jogos e outras atividades.²²⁴

A Faculdade de Direito do Piauí ao tempo em que formava alunos e alunas no curso de Direito proporcionava a estes, participarem das sociabilidades que aconteciam na instituição e de eventos organizados pelo Centro Acadêmico. A FADI durante muitos anos centralizou a formação acadêmica no Piauí e as discussões relativas ao ensino superior. Realidade que mudaria apenas no final da década de 1950 com a instalação da segunda instituição superior do Piauí, a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI).

A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI) foi criada em 16 de junho de 1957, tendo sido autorizado o funcionamento em 18 de fevereiro de 1958 mediante o Decreto nº. 43.402. No mesmo ano iniciam os trabalhos da Faculdade com os seguintes cursos: Letras Neolatinas, Filosofia e Geografia/História. Nascia assim, por iniciativa privada, a segunda instituição superior do Piauí, criada pela Sociedade Piauiense de Cultura, entidade idealizada por D. Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Teresina.²²⁵

A instalação da FAFI celebrou o início de uma nova fase na educação superior do Estado. A mesma tinha por finalidade formar professores e professoras para atuarem no ensino médio, oferecendo as escolas de nível médio um corpo docente qualificado.²²⁶ Em termos de educação superior, a FAFI era uma outra opção para clientela masculina e especialmente para a clientela feminina, que seria no decorrer dos seus doze anos de existência a presença majoritária.

²²⁴ MELO, Antonio Maureni Vaz Verçosa de. *Os alicerces da educação superior no Piauí: uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930-1970)*. (Dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006, f. 76-77.

²²⁵ MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; RÊGO, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do. *O curso de Letras da UFPI: um fio da FAFI*. Teresina: EDUFPI, 1991.

²²⁶ MELO, 2006.

Na colação de grau da primeira turma da Faculdade Católica de Filosofia, concluíram o curso de Letras Neolatinas: 10 mulheres e 1 homem; nos cursos de Geografia e História: 5 mulheres e 11 homens e no curso de Filosofia: 7 mulheres e 5 homens.²²⁷ Os alunos e alunas que estudavam na Faculdade de Filosofia pertenciam em sua maioria aos segmentos médios da sociedade piauiense.

As aulas funcionavam no turno da noite, isso representava para a clientela feminina mais liberdade e autonomia, na medida em que circular à noite não constituía em prática comum entre as mulheres dos segmentos médios, apenas em ocasiões específicas e mesmo assim acompanhadas pelos pais ou por um irmão mais velho.

Os “fafianos” e as “fafianas” como eram chamados os alunos e alunas que estudavam na Faculdade Católica de Filosofia, participavam ainda das sociabilidades, dos debates envolvendo questões sociais e das atividades culturais que com frequência aconteciam nos espaços da FAFI.

O ensino superior no Piauí propiciava ao alunado atividades paralelas à sala de aula. Citemos a realização entre os dias 17 e 23 de maio de 1959 da I Semana Universitária do Piauí, organizado pelos Diretórios Acadêmicos da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí e da Faculdade de Direito do Piauí. Fizeram parte da programação da Semana, conferências, teatro, palestras, júri simulado, esporte, flâmulas, jornais e festas, contagiando a capital piauiense com um clima intelectual.²²⁸

As atividades promovidas durante todo o ano pela Faculdade de Direito e pela Faculdade Católica de Filosofia movimentavam a vida cultural de Teresina. As faculdades eram espaços de difusão da cultura, de reflexão crítica da sociedade, de conhecimento. Nesse ambiente, alunos e alunas viviam múltiplas experiências.

Quanto à participação feminina no ensino superior, podemos dizer que foi intensificando-se à medida em que aumentavam os investimentos das famílias de classe média e outras faculdades eram instaladas no Piauí. Ingressar em um curso superior passou, no decorrer do século XX, a figurar entre os territórios de atuação feminina.

Para finalizar, no próximo capítulo, analisaremos a participação das mulheres de classe média e alta no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950, destacando os tipos de atividades que exerciam na esfera laboral. Além disso, destacaremos no último tópico, os espaços de lazer frequentados pelas mulheres, visto que elas se inseriam no espaço público, não apenas para trabalhar, mas também para se divertir.

²²⁷ FACULDADE Católica de Filosofia. *Folha da Manhã*, Teresina, ano 4, n. 863, 8 dez. 1960, p. 1.

²²⁸ VIDA universitária. *O Dominical*, Teresina, 31 maio 1959, p. 3.

4 ENTRE O LABOR E O LAZER: OS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO E NO LAZER TERESINENSE

A 28 de setembro último, passou a data natalícia da jovem e inteligente senhorita LUZIA DA COSTA VELOSO, competente e ativa funcionária do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE) e elemento destacado na sociedade local.²²⁹

O mercado de trabalho representou entre as mulheres uma das grandes conquistas no cenário público. Em Teresina, em meados dos anos 1950, o exercício de uma atividade remunerada integrava o cotidiano de muitas mulheres, sejam elas casadas, solteiras ou viúvas. O trabalho remunerado deixava de ser uma trajetória de poucas mulheres para tornar-se uma trajetória cada vez mais comum entre esse segmento da população.

A imprensa, nesse processo que vislumbrava a intensificação do trabalho feminino, dava ênfase aos espaços ocupados pelas mulheres no mercado de trabalho teresinense. Nota, como esta citada acima, em que é destacado o local de trabalho da aniversariante era recorrente nos jornais locais. O nome das mulheres em notas que informam sobre aniversário, noivado, casamento e viagem, vinha geralmente acompanhado pela informação do local onde trabalhavam ou da profissão que estas exerciam. As mulheres nestes tipos de notas aparecem ora como preadadas, ora como competentes profissionais e outras vezes associando esses dois tipos de adjetivos, remetendo assim, aos atributos femininos como donas-de-casa, esposas, mães e profissionais.

Através da documentação consultada que abrange fontes hemerográficas, fontes oficiais, fontes censitárias e fontes orais, somos informados da presença feminina no mercado de trabalho teresinense e da trajetória percorrida por mulheres que subjetivavam suas vidas, a partir do exercício de uma atividade remunerada. Mulheres que dividiam os mesmos espaços de trabalho com os homens, que juntamente com estes trabalhavam para garantir a sua subsistência e de familiares.

Neste capítulo, buscaremos conhecer a conjuntura que possibilitou às mulheres de classe média e alta assumirem a identidade profissional, as profissões que exerciam, os tipos de trabalhos destinados às mulheres como forma de controle dos espaços sociais, bem como os entraves a algumas profissões. No último tópico, enfocaremos a presença feminina nos espaços públicos de lazer da cidade, também frequentados pelas mulheres na década de 1950.

²²⁹ SENHORITA Luzia da Costa Veloso. *Jornal do Comércio*, Teresina, 4 out. 1953, p. 1.

4.1 A participação feminina no mercado de trabalho: uma realidade nos anos 1950

A entrada da mulher no mercado de trabalho no Brasil e em Teresina ocorreu gradativamente. Fatores de ordem econômica, política e social estiveram em ação ao longo dos anos, propiciando a população feminina o desenvolvimento de atividades profissionais, o que possibilitaria a elas independência financeira, bem como um aumento do poder de consumo.

Em Teresina em meados dos anos 1950, a presença feminina no mercado de trabalho era uma realidade entre as diferentes classes sociais. É salutar o avanço feminino no mundo do trabalho nesse período, representado pelo aumento do número de mulheres que ingressavam em alguma atividade remunerada e pelo papel que desempenhavam como profissionais.

As mulheres, no decorrer desses anos, poderiam ser vistas atuando em diferentes áreas profissionais que iam desde a área da educação à área da saúde, exercendo funções no funcionalismo público, nos escritórios, no comércio. O público feminino ampliava o seu território de atuação no mercado de trabalho, como sugere a crônica a seguir:

[...] a mulher entrou fundo na nossa burocracia, a ponto de não haver hoje neste país uma só repartição que não tenha o perfume das nossas concorrentes. Nos escritórios, no comércio, por toda parte ocorre a mesma coisa. As mulheres estão em todas.

[...]

Sou, entretanto, daquela época em que o erroneamente chamado sexo frágil vivia em casa, nos seus trabalhos domésticos, cuidando dos filhos ou tratando de aparelhar-se para o casamento e para cumprir o preceito bíblico. Hoje, a mulher vive na rua, como o homem, trabalhando, lutando, pendurada nos ônibus e nos trens sem o menor constrangimento.

Assistir essa evolução, diria melhor, essa transformação, com a doutora Bertha Lutz a pugnar pelo voto feminino e outras tantas senhoras batalhando pela emancipação do sexo, o que aliás já era matéria pacífica notadamente na América do Norte, onde, como se sabe, as saias dominam em absoluto.²³⁰

As mulheres estavam em todas ou em quase todas as profissões, dada às condições desiguais de acesso que as mesmas enfrentavam em determinadas profissões, principalmente quando envolvia o exercício de profissões historicamente associadas à figura masculina ou à ocupação em cargos de prestígio. As mulheres, assim como os homens, estavam na rua, trabalhando, lutando por melhores condições de vida e por espaços no mercado de trabalho.

²³⁰ SOBRE as mulheres. *Folha da Manhã*, Teresina, 24 jan. 1959, p.5.

Ressalta-se, porém, que o trabalho feminino nos anos cinquenta, apesar de ter expandido, continuou a sofrer com os preconceitos e ser visto como subsidiário ao trabalho do homem.²³¹ O trabalho das mulheres tinha a função apenas de complementar a renda familiar, não constituindo na principal renda. Essa realidade era justificada nas atribuições dos papéis tradicionais masculinos de pai e provedor familiar e nos papéis tradicionais femininos de ser mãe, esposa e dona-de-casa.

Os preconceitos cercavam o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, contudo, isso não impediu que elas, em proporções maiores, continuassem exercendo atividades profissionais. Discursos sociais favoráveis ao trabalho feminino enfatizavam na imprensa trajetórias de mulheres que se destacavam em suas respectivas profissões:

A mulher brasileira se destaca em qualquer campo de atividade, pois sua cultura e personalidade encontram eco em todas as camadas sociais. Existem brasileiras notáveis em múltiplas atividades e profissões. Poetisas como Cecília Meireles e Adalgisa Wery honram qualquer literatura. No setor das artes plásticas temos muitas pintoras de talento.

[...] Temos ainda uma Bidu Saião, no canto lírico, Madalena Tagellia Ferro no Piano, na política, Lígia Maria Lessa Bastos, Ivete Vargas e outras. No setor das profissões liberais poderíamos citar um brilhante grupo de engenheiras, advogadas e médicas. [...].²³²

No ano de 1957 os jornais de Teresina noticiavam sobre a ilustre visita da Dr^a. Regina Bottentuit Gondim Dias, Catedrática de Direito Civil da Faculdade de Niterói que veio à Teresina em 1957 participar, na qualidade de um dos examinadores, dos concursos para catedrático de duas Cadeiras de Direito Civil da Faculdade de Direito, a que concorreram os Drs. Wilson Brandão e Joaquim Lustosa Sobrinho. Sua visita causou verdadeira euforia na cidade, despertando o interesse das pessoas em conhecer “[...] aquela notável professora [...], de refinada educação e de fino trato, como pôde revelar nas suas brilhantes arguições [...]”²³³ na banca examinadora do concurso. A professora e jurista brasileira Regina Gondim na oportunidade da visita, concedeu entrevista ao jornalista José Eduardo. Ao ser questionada pelo jornalista, a respeito da posição da mulher em face do direito brasileiro, ela respondeu:

Vejo a mulher, quando ornada com a aura de consorte e mãe, considerada pelo nosso código civil, como relativamente incapaz, ao lado dos maiores de dezesseis e menores de vinte e um anos, dos pródigos e dos selvícolas.

²³¹ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607-639.

²³² UMA BRASILEIRA de hoje. *Folha da Manhã*, Teresina, 16 fev. 1958, p. 5.

²³³ A PROFESSORA Regina Gondim. *O Dia*, Teresina, 28 nov. 1957, p. 2.

Não sou feminista exagerada – acrescentou, não reivindico para a mulher a chefia da sociedade conjugal, mas, apenas, direitos que são inerentes a sua condição humana, como o de poder desdobrar a sua atividade em qualquer setor, sem necessidade da autorização marital, de poder livremente ocupar um cargo ou exercer uma profissão.²³⁴

Como a própria professora e jurista Regina Gondim definia-se, não era ela uma feminista exagerada, isto é, não reivindicava para as mulheres a superioridade na sociedade, mas que pudessem dispor, assim como os homens, de direitos, independente do seu aparato biológico. Os direitos e proibições legais deviam ser iguais para ambos os sexos.

Regina Gondim representava um deslocamento das fronteiras de gênero, uma fuga à normatização que prescrevia ao feminino o sucesso no âmbito privado. A referida professora e jurista, portadora de títulos, era respeitada e admirada em sua profissão, fato constatado na repercussão que teve a sua visita à capital piauiense, sendo na ocasião bastante elogiada. Esta “notável” mulher havia ocupado “[...] durante semanas as colunas dos jornais do país, quando teve a oportunidade de derrotar o professor Serpa Lopes, nome já consagrado nas letras jurídicas nacionais, que com ela concorreu aquela cátedra [...]”²³⁵ de que naquele momento era titular.

A imprensa do país tinha dado notoriedade ao caso, pois não se tratava apenas de um experiente professor derrotado em um concurso, mas de uma mulher que derrotava em um concurso um homem com larga experiência no cargo disputado, ferindo assim as expectativas do resultado do concurso que previa um professor homem, com nome consagrado e papel social de provedor familiar e não, uma mulher que, apesar de possuidora de títulos, não deixava de ser vinculada aos papéis reservados ao seu gênero. O resultado do concurso, no entanto, apenas revelava que essa dicotomia construída em diferentes discursos sociais do homem como pai e provedor familiar e da mulher como esposa, mãe e dona-de-casa, estava aos poucos sendo desconstruída, com as mulheres destacando-se em diversas atividades profissionais, algumas tradicionalmente e historicamente ocupadas por homens.

O jornal *O Dia* em uma outra reportagem exemplificava mais uma vez a construção cultural e histórica que envolvia os papéis de gêneros. Por serem esses papéis culturalmente e historicamente construídos e não meramente naturais, estavam eles naquela sociedade passando por um processo de desconstrução. Em 1956 o referido jornal publicou um importante inquérito realizado pela General Electric Company com as norte-americanas, onde

²³⁴ A PROFESSORA. Regina Gondim. *O Dia*, Teresina, 28 nov. 1957, p. 2.

²³⁵ A PROFESSORA. Regina Gondim. *O Dia*, Teresina, 28 nov. 1957, p. 2.

foram constatados nesse inquérito que mais de dez milhões de mulheres dividiam o tempo com o exercício de uma profissão e os trabalhos domésticos. Trabalhos que simbolizavam a capacidade e a força feminina, desconstruindo, dessa forma, a imagem de mulher frágil, construída nos mais diversos discursos sociais. As norte-americanas com essa dupla jornada de trabalho desmentiam a fragilidade do sexo. Os resultados desse inquérito foram assim resumidos:

Nova York – segundo um inquérito de amplitude nacional, realizado pela General Electric Company, mais de dez milhões de mulheres trabalham, ao mesmo tempo, no lar e fora do lar, numa média de 79 horas por semana.

O primeiro inquérito em larga escala a respeito dos hábitos das norte-americanas que exercem funções remuneradas revelou que, além das 40 horas semanais que dedicam aquelas funções, as mulheres funcionárias trabalham em casa, em média, 36 horas por semana, cozinhando, lavando louças e roupas, fazendo compras e tratando dos filhos [...].

[...]

O inquérito revelou que a dona-de-casa típica que trabalha tem um filho, é casada, há doze anos, está empregada há seis anos, mora numa casa de seis cômodos e tem um gato e um cachorro. Seus aparelhos domésticos são os mesmos usados pelas donas-de-casa que não trabalham fora: fogão elétrico, refrigerador, máquina de lavar roupa, tostadeira automática, liquidificador, aspirador de pó e máquina de costura. Sua contribuição para o orçamento doméstico é de 39%. Os serviços que mais a desagradam são os de passar roupa, lavar louça e soalhos, uma de suas ocupações favoritas é cozinhar.

[...]

Os maridos dão uma pequena ajuda as esposas, esvaziando as latas de lixo e cooperando para a lavagem da roupa e para a limpeza da casa em geral. *O inquérito revelou, porém, que não existe homem algum que deseje ou seja capaz de desempenhar o duplo papel da mulher que trabalha. As 79 horas de trabalho semanal parecem estar reservadas apenas para o sexo frágil.*²³⁶

Ainda que se tenha forjado, por muito tempo na história do mundo ocidental, a imagem de mãe e esposa em tempo integral, mais de dez milhões de mulheres estavam nos Estados Unidos, no ano de 1956, exercendo uma profissão. Contudo, essas mulheres não abandonaram seus “papéis tradicionais”, mas procuraram conciliá-los com as atividades profissionais.

A Empresa General Electric Company, ao realizar a pesquisa com as norte-americanas, destacava a existência do trabalho extradoméstico como parte do cotidiano feminino. A pesquisa revelou que, grande parte das mulheres norte-americanas, realizavam trabalhos domésticos ao mesmo tempo em que exerciam uma atividade remunerada. Apesar dessas mulheres trabalharem fora do lar como seus maridos, os trabalhos domésticos não eram

²³⁶ DEZ milhões de mulheres desmentem a fragilidade do sexo. *O Dia*, Teresina, 19 fev. 1956, p. 2 (grifo nosso).

divididos igualmente entre cada cônjuge. Os maridos exerciam a função apenas de auxiliar, de dar uma pequena ajuda às esposas nos serviços de casa, sendo responsabilidade feminina a maior parte dessas atividades.

Segundo Marlene Neves Strey,²³⁷ a não-obrigatoriedade do trabalho feminino e a responsabilidade atribuída à mulher no cuidado com a casa e a família, traduzem-se em dimensões sociais que marcam as diferenças na percepção do mundo do trabalho feminino em relação aos homens. De acordo com a autora, há uma inversão de valores e dessa forma o trabalho remunerado para a mulher é uma opção e não uma obrigação, o mesmo não ocorre para o homem que vê o trabalho como uma obrigação, enquanto o opcional é ajudar nas tarefas domésticas.

Para Bassanezi, que analisa as concepções de gênero na ideologia dominante dos Anos Dourados,

‘ajudar a esposa’ não é visto como uma obrigação do marido ou questão de justiça, é considerado apenas um favor, gentileza ou distração. Assim como a ‘colaboração’ monetária da mulher para o orçamento familiar não é encarada como fundamental ou obrigatória e, muitas vezes, não é sequer cogitada. A participação masculina nas tarefas do lar é encarada simplesmente como ‘ajuda esporádica’ e vista com ressalvas, doses de humor e/ou resultado de discussões e brigas do casal quando a mulher tem uma ‘personalidade forte e dominadora’ [...].²³⁸

Nesse sentido, podemos assim afirmar que o exercício de uma atividade remunerada não implicava para a mulher, o abandono das atividades do lar e muito menos que esse tipo de serviço fosse igualmente dividido com os maridos, o que resultava em uma dupla jornada de trabalho para a mulher, pois esta além de exercer uma profissão devia realizar os mesmos serviços das donas-de-casa que não trabalhavam fora.

A participação da mulher no mercado de trabalho não tirava dela a responsabilidade na educação dos filhos e cuidados com a casa e o esposo.²³⁹ Ainda que as mulheres de classe média tivessem o auxílio de empregadas, alguns serviços cabiam as esposas e, como tal, deviam elas empregarem esforços para realizá-los, mesmo que para isso fossem sacrificadas algumas horas de descanso.

²³⁷ STREY, Marlene Neves. A mulher, seu trabalho, sua família e os conflitos. In: STREY, Marlene Neves (Org.). *Mulher, estudos de gênero*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p. 59-77.

²³⁸ BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1960). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 1, p. 117, 1993.

²³⁹ ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

A dupla jornada de trabalho a que estavam sujeitas as norte-americanas não era muito diferente, resguardando as devidas proporções e especificidades, dos centros urbanos brasileiros em que as mulheres também dividiam a profissão com os serviços domésticos. No Brasil e, especificamente, em Teresina nos anos cinquenta do século XX, as mulheres estavam com maior frequência ingressando no mercado de trabalho e dividindo a identidade profissional com as identidades de esposa, mãe e dona-de-casa.

As mulheres que viviam em Teresina na década de 1950 tanto são informadas, por meio da imprensa, da existência do trabalho remunerado na vida de mulheres que residiam em outras cidades brasileiras e em outros países, como também estavam elas desenvolvendo projetos profissionais e a ganhar visibilidade na sociedade.

É através da imprensa que vamos desvendando entre as teresinenses a professora, a dentista, a médica, a farmacêutica, a advogada, a contabilista, a funcionária pública, a comerciária, a secretária. Os jornais de circulação local apresentavam discursos ambíguos, pois da mesma forma que reforçavam em crônicas os papéis de esposa, mãe e dona-de-casa como único destino da mulher, ressaltavam a importância do trabalho feminino na sociedade, ao destacar as qualidades profissionais das teresinenses. Esses discursos inscrevem uma outra face feminina, a que trabalha. Mulheres que no cotidiano exerciam múltiplos papéis, ao mesmo tempo, eram mães, esposas, donas-de-casa, filhas, profissionais.

Em um contexto de valorização da maternidade e do casamento, encontramos mulheres que viam outras possibilidades de vivência no seu cotidiano, que trabalhavam fora do lar, que exerciam uma profissão, jovens que estavam ingressando em um curso superior com perspectivas de seguir uma carreira profissional em parte marcada por dilemas e escolhas, como nos informa Cardoso:

[...] algumas jovens moças desenvolviam projetos de profissionalização, encontrando-se no terreno da indefinição, questionavam se deveriam ou não seguir uma carreira, ou como compatibilizar carreira e casamento? [...] algumas escolheram profissões consideradas femininas, tais como magistério, enfermagem, assistência social, medicina; outras ingressaram em espaços tidos como masculinos nesses anos, como o Direito; umas conciliaram casamento e carreira; outras não. Trajetórias e dilemas marcados pelos diversos investimentos do desejo [...].²⁴⁰

²⁴⁰ CARDOSO, Elizangela Barbosa. Desejos ambíguos: imagens, práticas e investimentos do desejo feminino nos anos 1950 e 1960 em Teresina. *Scientia et Spes: Revista do Instituto Camilo Filho*, Teresina, v. 1, n. 2, p. 96, 2002.

É nesse cenário marcado pela pluralidade de investimentos femininos que observamos os deslocamentos dos papéis tradicionais de esposa, mãe e dona-de-casa. O ingresso no mercado de trabalho permitiu as mulheres irem além desses papéis, algumas escolhendo conciliar a profissão com esses papéis, como foram os casos das entrevistadas Helena Medeiros,²⁴¹ Rosa Amélia França²⁴² e Eronice Carvalho,²⁴³ outras centrando os investimentos apenas na carreira profissional a exemplo Leonília Freitas²⁴⁴ e Yêda Caddah.²⁴⁵

Para essas mulheres, o espaço público era também um espaço de constituição de suas identidades. Eronice Carvalho, por exemplo, se insere no mundo do trabalho antes mesmo de concluir o curso de Direito, como funcionária de um cartório, onde o pai, por sua vez, trabalhava. Ela assim relata:

[...] Entrei em 1955 [na Faculdade de Direito] e nesse período eu já trabalhava no cartório com meu pai que ficava na Praça Deodoro da Fonseca, onde hoje é o museu da capital. Trabalhava pela manhã e a tarde ia para a Escola de Direito.

Após formada fui nomeada pelo presidente do Tribunal de Justiça o Desembargador Edgar Nogueira como Primeira Suplente de Promotora Pública da capital, logo depois sendo nomeada Primeira Suplente Procuradora dos Feitos da Fazenda Estadual (nomeação feita pelo Governador do Estado Petrônio Portela). Extinta a Repartição dos Feitos da Fazenda Estadual, logo foi criada a Procuradoria Geral do Estado, onde exerci a função de procuradora, cargo exercido até a aposentadoria.

Eu trabalhava por que já tava surgindo uma mulher querendo se libertar e eu toda vida fui muito imperiosa, gostava de ter meu dinheiro e tudo. Era um pouquinho egoísta, então a única maneira era trabalhar, ficar em casa fazendo o quê? Nunca fui muito doméstica, então ia de manhã para o cartório ajudar o papai, arquivava processo, papai me chamava: Eronice vá procurar processo tal e eu ia no arquivo procurar o processo.

[...]

Meus pais me incentivaram a trabalhar, nem todas as mulheres já trabalhavam. Eu achava maravilhoso trabalhar, sempre gostei [...]. Naquela época era sempre professora, não tinha outra coisa e o Direito estava entrando ainda. O trabalho trouxe muita satisfação para mim, eu sempre sonhei ser alguma coisa, aparecer, ter a minha independência econômica. Quando comecei a trabalhar, lógico que fiquei mais folgada sem depender do papai.²⁴⁶

²⁴¹ MEDEIROS, Helena Conde. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 1 de outubro de 2010.

²⁴² FRANÇA, Rosa Amélia Tajra. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 3 de outubro de 2010.

²⁴³ CARVALHO, Eronice Soares Cavalcanti. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 1 de setembro de 2010.

²⁴⁴ FREITAS, Maria Leonília de. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 13 de setembro de 2010.

²⁴⁵ CADDAAH, Maria Yêda. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 27 de setembro de 2010.

²⁴⁶ CARVALHO, 2010.

O fato dos pais de Eronice Carvalho incentivá-la a trabalhar, mostra que alguns pais já vislumbravam um outro futuro para as filhas associado a esfera pública e não apenas vinculado ao espaço privado, tal como ocorria com a maioria das jovens dessa geração. É preciso salientar que embora a trajetória típica de muitas jovens fosse casar e ter filhos em tenra idade, não era a única, coexistindo trajetórias alternativas a essa. Havia nesse período mulheres de classe média que trabalhavam, estudavam, ao mesmo tempo, que decidiam conciliar ou não esses projetos com os papéis tradicionais femininos.

Na trajetória de Helena Medeiros, assim como, a de Eronice Carvalho o projeto foi de conciliação entre a carreira profissional e os papéis tradicionais femininos. Helena Medeiros, após concluir o curso de Letras Neolatinas na PUC-RJ no ano 1956, retorna a Teresina, onde passa a dar aula na Escola Normal Antonino Freire, casando-se no ano seguinte em 1957. A partir daí cumpriria a jovem professora a função de conciliar a sua atividade profissional com a família.

Quando fui mãe, procurei conciliar o meu trabalho com a minha família, acompanhando o crescimento dos meus filhos, mas sempre lecionando, exercendo a minha vocação. Esposa, mãe, dona-de-casa e profissional eram essas as minhas funções. Eu tinha 23 anos quando tive o meu primeiro filho, já tinha bacharelado. Eu sempre estava um turno fora de casa e outro com os filhos, cuidando deles e da família.

O meu marido não intervinha em minha atividade profissional. Ele só dizia que queria ver um determinado filme e dizia vamos, sem nem me perguntar se meu horário era compatível, mas a gente tinha que dar um jeitinho, eu era esposa em tempo integral, mas dava um jeitinho para ser professora também. Meu marido nem sabia que professor faz também planejamento fora da sala de aula. Em relação ao trabalho que eu exercia meu marido deixava, permitia, são os verbos que eram conjugados, estimular não, mas fazer o quê? [...]

[...]

[...] As mulheres geralmente estudavam para ser professora. Essa profissão era sinônimo de delicadeza, algo como ser professora era muito mais tranquilo. O meio que eu frequentava recebia e aceitava muito bem essa profissão de educadora. Profissão que trouxe satisfação pessoal no sentido de retribuir o que eu havia recebido, no sentido de partilhar, de socializar até mesmo por que financeiramente professora ganha pouquíssimo.²⁴⁷

As memórias de Eronice Carvalho e Helena Medeiros evidenciam que o trabalho feminino era percebido de várias maneiras pelas mulheres, pois enquanto uma vê o trabalho como algo que poderia lhe dar um retorno financeiro e mudar a sua própria condição de vida,

²⁴⁷ MEDEIROS, 2010.

a outra concebe como uma atividade de doação e retribuição pelo que recebeu em termos de conhecimentos.

O mercado de trabalho em Teresina nos anos 1950 poderia significar entre as mulheres dos segmentos médios e altos da sociedade, independência financeira em relação aos pais e maridos, ainda que de forma incipiente, uma forma de realização pessoal, um meio de garantir a sua subsistência e da família ou complementar o orçamento familiar. Além disso, as transformações econômicas e sociais estavam propiciando a inserção feminina no mundo do trabalho e, dessa forma, o exercício de uma profissão era um desejo e uma trajetória possível entre as mulheres dessa geração.

Por diferentes razões, as mulheres estavam sendo motivadas a trabalharem. Seja no Magistério, no Funcionalismo Público, na Medicina, no Direito ou em qualquer outra atividade ou setor, estavam elas a escreverem a sua própria história, algumas pioneiras no que faziam, outras em profissões conhecidas no currículo feminino.

Na tabela a seguir são apresentados dados que especificam a quantidade de homens e mulheres em diferentes ramos de atividade, possibilitando ao nosso estudo conhecer os espaços em que estava concentrada a mão-de-obra feminina e masculina nos decênios 1940/1950.

TABELA 4 – PESSOAS PRESENTES EM TERESINA, DE 10 ANOS E MAIS, POR SEXO E RAMO DA ATIVIDADE PRINCIPAL EXERCIDA– 1940/1950

RAMOS DE ATIVIDADE	1940		1950	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
Agricultura, Pecuária e Silvicultura.	9.156	501	11.049	249
Indústrias Extrativas	166	29	325	74
Indústrias de Transformação	2.359	317	2.972	90
Comércio de Mercadorias	1.554	235	2.017	284
Comércio de Imóveis, etc.	52	2	133	20
Transportes e Comunicações	455	33	1.040	78
Administração Pública Legislativo etc.	725	304	813	184
Defesa Nacional e Segurança Pública.	798	5	808	11
Profissões Liberais, etc.	160	72	93	51
Serviços, Atividades Sociais.	1.149	2.080	—	—
Prestação de Serviços	—	—	1.888	2.553
Atividades Sociais	—	—	660	746
Atividades Domésticas, Atividades Escolares.	2.917	18.462	3.640	28.007
Condições Inativas, etc.	3.353	4.124	4.376	2.117

Fontes: ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico*: população e habitação; *censos econômicos*: agrícola, industrial, comercial e dos serviços. Rio de Janeiro, 1952; ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico*. Rio de Janeiro, 1956.

Ao compararmos os dados apresentados pelo IBGE no recenseamento de 1940 e 1950, concluímos que, de maneira geral, houve um crescimento do número de mulheres e homens inseridos no mundo do trabalho. Ambos os recenseamentos mostram o predomínio de homens

em quase todos os ramos de atividade, com exceção apenas dos setores de serviços e atividades sociais no qual predominavam em números absolutos as mulheres.

Os setores de serviços e atividades sociais eram os setores que mais concentravam a mão de obra feminina. Por definição do IBGE, o setor de serviços incluía os serviços de alojamento e alimentação, serviços de higiene pessoal, serviços de confecção, conservação e reparação de artigos de uso pessoal, serviços de administração e conservação de edifícios, entre outros, enquanto que nas atividades sociais estavam incluídas o ensino público e particular, assistência médico-hospitalar pública e particular, previdência social, assistência e beneficência, saneamento, abastecimento e melhoramento urbanos, entre outras.²⁴⁸ Nesses setores as mulheres encontravam mais oportunidades de inserir-se no mercado de trabalho. Segundo o recenseamento do IBGE no ano de 1950 e 1960 existiam em todo o Estado do Piauí respectivamente 2.244 e 3.716 mulheres no setor de atividades sociais e 9.230 e 18.965 mulheres no setor de serviços.²⁴⁹ Nesse último setor, praticamente dobrou o número de mulheres entre um recenseamento e outro.

Os dados do IBGE são reveladores do contexto de Teresina e do Piauí em relação à participação feminina no mercado de trabalho, em alguns setores o número de mulheres eram ainda inexpressivas comparadas ao número de homens nas mesmas funções, em outros setores como os que citamos acima, as mulheres superavam em números os homens, mostrando uma tendência de crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, levando em conta os dados de um recenseamento para o outro e a conjuntura econômica e social que estava se constituindo.

A respeito da divisão sexual do trabalho, Maria Fernanda Diogo²⁵⁰ nos alerta sobre a desvalorização cultural do trabalho feminino, incluindo aí menores salários e atividades que reproduzem as tarefas domésticas. Conforme salienta a autora, a força de trabalho da mulher é socialmente e culturalmente menos valorizada que a dos homens, encontrando elas maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

²⁴⁸ ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico: população e habitação; censos econômicos: agrícola, industrial, comercial e dos serviços*. Rio de Janeiro, 1952; ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico*. Rio de Janeiro, 1956.

²⁴⁹ ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico*. Rio de Janeiro, 1956; ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 1960*. t. 3, v. 1, 2ª parte.

²⁵⁰ DIOGO, Maria Fernanda. Práticas sociais excludentes relacionadas à inserção da mulher no mercado de trabalho. In: ASSIS, Gláucia de Oliveira; KAMIRA, Rosana C.; SILVA, Cristiane Bereta da (Orgs.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis: Mulheres, 2007. p. 45-58.

Quanto ao acesso ao mercado de trabalho, as mulheres sofreram e sofrem processos excludentes que dificultam a inclusão de sua força de trabalho em setores produtivos da sociedade. Em comparação aos homens, elas recebem os menores salários mesmo quando o nível de escolaridade que possuem é igual ao destes; geralmente possuem baixa qualificação profissional, sendo conduzidas aos setores de trabalho intensivo, nos quais predomina a exploração do trabalho manual e repetitivo; frequentemente são obrigadas a optar por trabalhos em tempo parcial, como forma de conciliar as responsabilidades domésticas e profissionais.²⁵¹ Esses e outros fatores atravessam décadas, caracterizando o trabalho feminino e contribuindo para tornar as relações entre homens e mulheres no mercado de trabalho hierárquias e desiguais.

Sendo assim, o aumento do número de mulheres nos ramos de atividade verificado no recenseamento de 1940 e 1950 longe de se tratar de uma igualdade de condições de acesso ao mercado de trabalho de homens e mulheres, apontava mudanças na condição feminina. Algumas mulheres, sejam elas das classes sociais menos ou mais favorecidas economicamente, passavam a desenhar suas trajetórias de vida no espaço público, diferente das mulheres da geração de suas mães ou avós que restringiam os seus espaços de atuação no âmbito privado. Além disso, era fato a existência de uma conjuntura econômica e social favorável que, permitia ampliar a presença feminina em setores já feminizados pela sociedade e a inserção em outros espaços masculinizados.

O Brasil passou, na década de 1950, por um crescente processo de urbanização e industrialização de suas cidades. Teresina não estava alijada desses acontecimentos do país, uma vez que estes processos provocaram mudanças significativas na sociedade teresinense, cuja participação das mulheres decorre da sua presença mais intensa no mercado de trabalho e da redefinição dos seus papéis nas relações sociais.

A urbanização da cidade de Teresina intensificou-se principalmente nas décadas de 1950 e 1960. A esse respeito, Cardoso²⁵² conta, que nesse período, a capital passava por uma crescente demanda por serviços básicos, especialmente nas áreas de educação, saúde, abastecimento de água, de energia, modernização das comunicações e construções de estradas. O Estado ao investir nessas áreas vai se firmando como o principal prestador de serviços, promovendo uma expansão dos empregos em setores viáveis à mão-de-obra feminina, dentre tais empregos se destacam a saúde e a educação.

²⁵¹ DIOGO, 2007.

²⁵² CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

Com relação à industrialização no Brasil e os seus desdobramentos para o Estado do Piauí, a autora Cardoso²⁵³ acrescenta que esse foi um processo intensificado nas décadas de 1950 e 1960, que reordenou a divisão regional do trabalho, reservando para a região sudeste o espaço de pólo industrial do país e o Nordeste como região mais agrícola. Nesse contexto, o Piauí vai assumindo o lugar de exportador de produtos e de distribuidor e consumidor de produtos manufaturados do sudeste. Essa integração do Estado ao cenário nacional, contribuiu para o processamento de mudanças internas, dentre as quais a expansão do setor público e a mudança da rede de comercialização.

Soma-se a esse contexto, a política presidencialista de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Sua política econômica, delineada no Plano de Metas, privilegiou, o setor industrial. A expansão industrial baseada nos bens de capitais, o aumento da produção e a dependência externa, aliado a criação de empregos e o controle sobre as reivindicações sindicais definiam a política presidencialista de Kubitschek, consolidado na história como um período desenvolvimentista de acelerado crescimento econômico.

O Presidente Juscelino Kubitschek visitou a capital piauiense em janeiro de 1957 com o objetivo de fazer a inspeção de serviços federais em andamento no Piauí, notadamente, os serviços do Ministério da Viação e Obras Públicas que estava a cargo do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), na mesma ocasião vinha ele tratar, com o Governador do Piauí Gayoso e Almendra, sobre assuntos de interesse do Estado. Sobre a ilustre visita do Presidente da República a Teresina, o *Jornal do Piauí* noticiava:

O Governador Gayoso e Almendra recebeu em audiência especial o Dr. Francisco Ferreira do vale, categorizado funcionário do DNOCS, que veio ao Nordeste preparar o roteiro da viagem do Presidente Juscelino Kubitschek ao Nordeste, o qual foi comunicar ao Chefe do Executivo Estadual a presença, em Teresina, no próximo dia 13, do Presidente Juscelino Kubitschek, que inaugurará obras a cargo do DNOCS.²⁵⁴

No mesmo ano em que Kubitschek esteve em Teresina, o Governador Gayoso e Almendra viajou para o Rio de Janeiro a fim de efetivar junto ao presidente e aos ministros, verbas para a educação, agricultura, saúde pública e energia elétrica, para esse último setor o presidente liberou Cr\$ 15.000. 000, 00, sendo Cr\$ 10.000,00 para Teresina e Cr\$ 5.000,00

²⁵³ CARDOSO, 2003.

²⁵⁴ J. K. em Teresina no dia 13. *Jornal do Piauí*, Teresina, ano 7, n. 467, 3 jan. 1957, p. 1.

para Parnaíba.²⁵⁵ Medidas como essas, engrandeceram a figura do Presidente da República entre os piauienses, além de serem medidas que concorriam para o crescimento do Piauí em termos de economia, educação e criação de empregos.

4.2 Para além do confinamento doméstico: trabalho feminino e vida pública

O momento histórico se mostrava particularmente propício à criação de empregos para o público feminino. Em Teresina, na década de 1950, as mulheres estavam exercendo as carreiras de professora, enfermeira, jornalista, secretária, contabilista, advogada, farmacêutica, médica, funcionária pública, auxiliar de escritório, pianista, dentre outras profissões.²⁵⁶ Enfim, essas mulheres, ao ingressarem no mercado de trabalho formal, construíaam a sua identidade profissional e ampliavam seus papéis na sociedade.

O magistério era uma das profissões mais requisitadas pelas jovens teresinenses da classe média e alta. A profissão de professora caracterizava-se como uma atividade digna e respeitável para as mulheres, tal fato contribuiu para que esse tipo de trabalho fosse aceito nos meios sociais sem maiores transtornos. Castelo Branco²⁵⁷ destaca que, no início do século XX, o magistério se firmava como uma profissão honesta e por ser socialmente permitida, aparecia como uma oportunidade adequada para a mulher suprir suas necessidades financeiras. O autor acrescenta que nesse período, o magistério, particularmente o primário, passou a ser visto como um campo aberto ao trabalho feminino, um ramo em que as mulheres obteriam resultados mais satisfatórios que os homens. Os argumentos baseavam-se na vocação feminina para ensinar crianças e dessa forma, o magistério foi sendo feminizado pela sociedade.

Louro²⁵⁸ ao tecer algumas considerações sobre a feminização do magistério, pontua que essa profissão era vista no início do século XX como uma extensão da maternidade, onde a mulher cristalizada na sociedade como serena e delicada teria por natureza, dons para educar as crianças e assim cada aluno era representado como um filho ou filha para aquelas que se engajavam no exercício dessa atividade.

²⁵⁵ FALA ao *Jornal do Piauí* o Gov. Gayoso e Almendra. *Jornal do Piauí*, Teresina, ano 7, n. 527, 25 ago. 1957, p. 1.

²⁵⁶ Através da consulta aos jornais que circulavam em Teresina na década de 1950 constatamos a presença de mulheres atuando nessas profissões.

²⁵⁷ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Bagaço, 2005.

²⁵⁸ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 443-481.

Como podemos perceber, a profissão de professora não é recente no currículo das mulheres, desde meados do século XIX e princípios do século XX, essa profissão vinha adquirindo novas discussões e novas adeptas. Em Teresina na década de 1950, a Escola Normal Antonino Freire e o Colégio Sagrado Coração de Jesus funcionavam como estabelecimentos de ensino destinados à preparação de mestres. Era para essas instituições que muitas jovens se dirigiam afim de concluírem seus estudos e seguirem uma carreira profissional. A Escola Normal Antonino Freire mantinha o Curso de Formação de Professores Primários desde 1910. A nota abaixo ilustra a finalidade dessa escola:

Realizar-se-á no dia 7 do corrente, no Theatro 4 de setembro, às 19:00 horas, a solene entrega de diplomas às professorandas que concluíram no corrente ano o Curso de Formação de Professoras Primárias da Escola Normal Antonino Freire.

[...]

Às 7 horas – missa solene na Matriz de Nossa Senhora das Dores, em ação de graças pelo término do curso. Benção dos Anéis.²⁵⁹

Esses tipos de notas eram recorrentes nos jornais que circulavam em Teresina no período do nosso estudo. A programação de colação de grau das novas professoras era amplamente divulgada na imprensa, isso evidencia o prestígio que o Curso de Formação de Professoras Primárias da Escola Normal Antonino Freire tinha entre os teresinenses, razão da grande procura das jovens pelo local e o curso, além da oportunidade de estar se preparando para seguir uma carreira. A cada ano novas turmas de professoras dessa instituição de ensino se formavam para atuar no ensino da capital e em outros municípios do Estado do Piauí, algumas chegando a ocupar o cargo de diretoras de escolas.

Na Mensagem Governamental apresentada à Assembleia Legislativa, em 21 de abril de 1953, pelo governador Pedro de Almendra Freitas, nos foram fornecidos dados que comprovam esse crescente número de mulheres no exercício do magistério. Nessa Mensagem contém a informação de que no ano de 1951 o total de professores em exercício nas escolas primárias estaduais, municipais e particulares somava 1.770.²⁶⁰ Sendo importante ressaltar que esses dados não trazem a quantidade específica de homens e mulheres na profissão, ou seja, os dados oficiais homogeneízam o corpo docente teresinense. A tabela a seguir expressa os dados do corpo docente de 1952 e 1953, segundo as Mensagens Governamentais

²⁵⁹ COLAÇÃO de grau das professorandas de 1952. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4 dez. 1952, p. 4.

²⁶⁰ ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951 -1955), em 21 de abril de 1953*. Teresina: Imprensa Oficial, 1953, p. 37.

apresentadas à Assembleia Legislativa, pelo Governador Pedro de Almendra Freitas nos respectivos anos de 1953 e 1954.

TABELA 5 - CORPO DOCENTE DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

1952		1953	
Estaduais	1.379	Estaduais	1.382
Municipais	298	Municipais	470
Particulares	151	Particulares	153
Total	1.828	Total	2.005

Fontes: ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1953.* Teresina: Imprensa Oficial, 1953; ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1954.* Teresina: Imprensa Oficial, 1954.

Como se pode notar, o ano de 1952 apresenta em seu quadro 58 professores a mais em relação ao ano de 1951. Já o ano de 1953 possui um corpo docente com 177 professores a mais em relação ao ano anterior e, ao compararmos com o ano de 1951, essa diferença sobe para 235 professores. Apesar desses dados não especificarem o número de homens e mulheres atuando na profissão, mas o fato de o ensino primário absorver historicamente um número maior de mulheres e devido as Escolas Normais do Estado atuarem nesse período formando um grande número de professoras, fica evidente que o aumento do número de professores no quadro docente das escolas primárias do Piauí equivalia a um aumento considerável de mulheres no exercício do magistério primário.

Para comprovar essa presença majoritária de mulheres no corpo docente das escolas primárias do Piauí, citemos os dados do recenseamento do IBGE no ano de 1950, segundo o qual concluíram o curso Normal ou pedagógico em todo o Piauí 1.228 pessoas, sendo 1.191 mulheres e 37 homens.²⁶¹ Esses dados expressam que, no universo das atividades formais, o magistério era um dos maiores espaços de atuação da mulher.

Abreu²⁶² afirma em seus estudos sobre a inserção de homens no ensino de crianças em Teresina no período de 1910 à 2000, que a presença de homens no magistério primário foi inferior ao número de mulheres na profissão, em virtude do processo de feminização do magistério. Para esse estudioso, os preconceitos partem das escolas e dos próprios homens,

²⁶¹ ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico.* Rio de Janeiro, 1956.

²⁶² ABREU, Jânio Jorge Vieira de. Sobre homens nos caminhos do magistério de crianças em Teresina-PI: de 1910 a 2000. In: PASSOS, Guiomar de Oliveira; SALES, Luís Carlos (Orgs.). *Educação: mediações simbólicas.* Teresina: EDUFPI, 2006. p. 143-161.

estes por sua vez, possuem habilitação para o ensino de crianças e liberdade para concorrer aos concursos públicos para ensinar nas séries iniciais, no entanto, falta a autorização social para atuar no magistério primário. A divisão sexual do trabalho é histórica e no magistério essa divisão é feita por níveis de ensino.

Em termos quantitativos, o número de mulheres que ministravam aulas no ensino primário superava ao número de homens que atuavam nesse nível de ensino. A atividade de educar crianças foi durante muito tempo associado à figura feminina, resultado do processo de feminização do magistério primário. Ademais, o magistério era uma das atividades profissionais mais acessíveis para as mulheres dos segmentos médios e altos, tanto pela aceitação que tinha o curso Normal na sociedade teresinense, como pelas facilidades em obter esse tipo de formação diante da oferta desse nível de ensino na capital e no interior do Estado. Com a pouca oferta de nível superior no Piauí, restava o curso Normal a ser feito na própria cidade onde moravam, constituindo na trajetória comum entre as moças de famílias abastadas.

Formadas, as professoras iniciavam uma longa e difícil trajetória nos Grupos Escolares da capital e das cidades vizinhas. Difícil pelas condições precárias que acompanhavam o exercício dessa profissão, com baixos salários e falta de estrutura nas escolas, o que dificultava o trabalho das educadoras, tendo elas ainda que conciliar os percalços da profissão com a vida familiar. Para um cronista da época,

[...] é verdadeiramente dramática a vida pública e privada da professora de letras primárias nos tempos que correm, nestas paragens piauienses.

Se ela vive na vida pública, sofre as torturas da hora de estar na escola, por que antes de sair de casa, – o que faz às 7 para chegar às 12, – Precisa ajustar a ordem do lar, e logo atingir o Grupo Escolar muitas vezes distante, rompendo sol, poeira e chuva, a pé.

Se ela vive na vida do ensino particular, dentro do próprio lar torna-se necessário conjugar a disciplina dos alunos com a tranquilidade interna de casa, cousa, aliás, que não é fácil, se levando em conta o espírito de traquinice da criança.

Regra geral, a professora primária leva uma vida de mil dificuldades, desde os primeiros anos de seu curso durante o qual aprende com sacrifício para ensinar com redobrado sacrifício. Si se casa, constitui família com numerosos filhos, carrega desde então a pesada cruz de auxiliar o esposo para a educação desses mesmos filhos.

E, se fica inupta, nunca deixa de ser o esteio moral e financeiro de sua família, trabalho social que também requer incríveis sacrifícios e espírito de renúncia, por que neste caso a professora representa o papel de chefe de família, perante a sociedade.

O mais doloroso, porém, em nossos dias, é a migalha pecuniária que recebe a professora primária, em troca de seu trabalho homérico e de seu esforço titânico....

Um vendedor de balcão, que mal assina o nome; um estafeta de telegramas, que mal soma duas parcelas; ou um contínuo de uma Repartição Federal, que

não sabe protocolar um ofício, hoje, nos dias de hoje, ganham somas que ultrapassam mais de três vezes os vencimentos da benemérita professora primária, no Piauí.²⁶³

Pelas palavras do cronista, de todas as dificuldades e problemas que acompanhavam a vida das professoras primárias solteiras ou casadas, a baixa remuneração era, sem dúvida, o mais agravante. Não apenas recebiam salários baixos pelos serviços prestados a instrução no Piauí, como eram esses salários inferiores aos recebidos por outros profissionais que embora competentes em suas atividades não estavam tão qualificados quanto as professoras.

Com salários ínfimos, sem assistência financeira do Governo Estadual e com os encargos da família, a professora primária vivia, portanto, em situação financeira desigual em relação às demais profissões. Como acentuava Iracema Santos Rocha da Silva em uma das suas crônicas, era “[...] tempo de se compreender que uma pessoa mal alimentada, ansiosa pelas dívidas que a oprimem, não pode produzir o rendimento intelectual que se exige”.²⁶⁴ A mesma acrescenta o fato de muitas moças não poderem se dar ao prazer de ministrar aulas no interior, pois o que ganhavam mal dava para pagar pensão, alimentação, roupa lavada etc. Como resultado, criava-se um excedente de professoras nos Grupos Escolares da capital.

O magistério primário foi motivo de insatisfação por parte das professoras que exerciam a profissão nos anos cinquenta. As professoras primárias, nesses anos, reivindicavam os baixos salários pagos à classe, argumentando que sua remuneração não atendia as necessidades mais elementares de uma pessoa, estando abaixo do custo de vida. Além de não poderem viver dignamente com o que recebiam, seus salários ainda atrasavam, contribuindo para agravar as condições de vida dessas profissionais, levando muitas professoras a lutarem por melhoria salarial. Cristina Leite, por exemplo, na condição de jornalista e professora primária, denunciou na imprensa a situação em que se encontrava a profissão de professora primária, afirmando que:

Todavia ser professora primária, nos tempos atuais, é ter apenas os encargos da profissão sem que os salários correspondam ao mínimo das exigências do custo de vida.

Professor primário geralmente é cargo para mulher. Poder-se-ia alegar que mulher não sustenta a casa, não tem responsabilidade de família. Alegação essa que não subsiste. São raros os casos em que a professora, se solteira, não contribui com os vencimentos para manutenção dos pais e irmãos, se casada, quase sempre, o que o marido ganha é insuficiente, e, se é viúva, aí

²⁶³ O DRAMA da professora. *O Dia*, Teresina, ano 1, n. 4, 25 fev. 1951, p. 1.

²⁶⁴ PROBLEMAS ou descuidos? *O Dominical*, Teresina, ano 23, n. 11/59, 15 mar. 1959, p.1.

de todo é que é pior. O tempo dos papais folgados e maridos por inteiro já passou. [...].

A professora primária, economicamente falando está no mesmo pé de igualdade que o simples operário e o soldado de polícia não categorizado. Ela estudou muito tempo, gastou dinheiro, adquiriu o brilho espiritual, o operário, o soldado, quase nada gastaram ou fizeram para ser o que são e, relativamente, ganham melhor; um tem técnica da arte, o outro, da guerra. Diante de um e de outro, em face das circunstâncias financeiras, a professora, o facho de luz, fica reduzida a um vidro opaco, pois saco vazio vai perdendo, perdendo até cair no chão [...].²⁶⁵

O magistério primário era assim desvalorizado, o salário de uma professora não se ajustava à dedicação, ao esforço em ensinar as crianças e muito menos ao elevado custo de vida. Ser professora equivalia a um *status* para a mulher, pois não eram devidamente remuneradas pelo trabalho que desenvolviam nas escolas. Esse *status* foi uma forma de legitimar os espaços de atuação da mulher, uma vez que o magistério piauiense estava composto principalmente pelo público feminino.

Percebe-se, ainda, pelo fragmento acima, que argumentos como a vocação da mulher para o magistério primário, usados no início do século XX para justificar os baixos salários das professoras, já não tinham a mesma eficácia nos anos cinquenta. As professoras da década de 1950 não ficaram imobilizadas diante dos baixos salários, pelo contrário, lutaram por uma remuneração digna do papel que exerciam na educação dos piauienses, diferente das professoras do início do século, que ao serem representadas como mães espirituais dos seus alunos, tiveram que se contentar com os baixos salários.

Freitas²⁶⁶ destaca as características do exercício do magistério em Sergipe e afirma que nas primeiras décadas do século XX, também imperava a desqualificação salarial do trabalho de educar e cuidar de crianças, contudo, a baixa remuneração era legitimada por meio da representação da atividade docente como extensão do lar. Representação esta que não mais se admitia na segunda metade do século XX.

A professora da década de 1950 simbolizava a mãe de família que lutava por salários dignos para sustentar os filhos, a esposa que dividia com o marido as despesas da casa, a filha que contribuía com os rendimentos da família e que tinha suas necessidades financeiras. Nesse sentido, o papel do homem de provedor familiar não sustentava mais os baixos salários pagos às professoras, o alto custo de vida não permitia que as despesas da casa ficassem

²⁶⁵ A PROFESSORA primária. *O Dia*, Teresina, 5 jan. 1958, p. 3.

²⁶⁶ FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de azul e branco*: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED, 2003. p. 147-208.

apenas com os homens, sendo importante lembrar que havia as mulheres viúvas que sustentavam sozinhas a casa. Dessa maneira, o grande número de mulheres que se formavam a cada ano na Escola Normal Antonino Freire e em outras escolas que ofertavam o curso Normal, não tinha como propósito apenas uma ocupação, mas visava atender a necessidades financeiras. O magistério aparecia assim como uma profissão digna e adequada para muitas mulheres que viam no trabalho remunerado uma exigência para sua subsistência.

A professora e jornalista Cristina Leite foi uma defensora ferrenha na luta por melhores salários e melhores condições de vida e trabalho para as professoras primárias. Na condição de jornalista, Cristina Leite foi a porta-voz de muitas professoras, colegas suas também de profissão. Nas crônicas que escrevia para os jornais que circulavam na capital, grande parte, versavam sobre o magistério primário e os salários muito abaixo das necessidades reais. Em uma de suas crônicas, citou o exemplo de uma professora que passava por necessidades financeiras, sem condições de manter um mínimo de conforto possível, já que o salário mal dava para aplicar na alimentação, no vestuário, nos remédios,²⁶⁷ bens necessários à sobrevivência humana e ao exercício da profissão.

Profissionais da área de educação e de outras áreas profissionais, levantavam a bandeira na campanha em prol da melhoria de salário das professoras primárias piauienses. A imprensa foi na década de 1950, palco das discussões relativas ao magistério primário, aos baixos salários pagos à classe e péssimas condições de vida e trabalho das professoras primárias. As reivindicações em torno do aumento de vencimentos da classe estiveram presentes durante toda a década. Cunha e Silva, jornalista e também professor, expressou o seu apoio à causa, afirmando:

O magistério primário é o mais laborioso e espinhoso dos magistérios. O ensino das primeiras letras constitui o mais perfeito teste para saber se alguém tem verdadeira inclinação para o magistério, pois quem não tem gosto e paciência para ensinar as primeiras letras às crianças e aos adultos não pode ser bom professor primário [...]

[...]

Não é justo, portanto, que se subestime a abnegação das nossas professoras e professores primários no exercício nobilitante do magistério, principalmente as normalistas que trabalham no interior do Estado durante mais de dez anos, e muitas vezes sofrendo duras privações, por que os seus vencimentos, além de serem insuficientes para as mesmas se manterem com um padrão de vida ao menos sofrível, estão sujeitos a se atrasarem dois ou mais meses, como aconteceu no governo passado, em que se viu a fome bater as portas de muitas delas e lhes trouxe naturalmente vexames e amarguras. Não é somente por ser também professor há mais de vinte anos que me coloco

²⁶⁷ A PROFESSORA primária. *O Dia*, Teresina, 2 jan. 1958, p. 5.

entre os ferrenhos defensores das justas reivindicações do professorado piauiense do nosso Estado, pois bem sei como o mesmo tem passado nessa quadra difícil e tormentosa de nossa vida econômico-financeira, sobretudo o professorado primário, cujos vencimentos são por demais precários diante do alto custo de vida.²⁶⁸

Porém, os governantes não reconheciam o magistério primário na conjuntura econômica, pagando salários inferiores aos dos operários, soldados, porteiros, serventes, zeladores, trabalhadores que não precisaram frequentar por, tanto tempo, os bancos escolares para exercerem a profissão, o que mostra o descaso do governo para com o ensino. A situação também nos faz pensar nas relações de poder entre os sexos que as discussões de gênero sugerem, visto que “[...] gênero é a categoria que explica a relação de poder entre os sexos e nos dá a dimensão sexual com base na naturalização e biologicização dos sexos”.²⁶⁹ A mulher, mesmo formada, não poderia deslocar as fronteiras de gênero ganhando mais que o homem, ainda que esta fosse mais qualificada profissionalmente.

O trabalho feminino é visto como complemento da renda familiar, o que justificaria os baixos salários pagos as professoras. Nesse contexto, não era considerada a possibilidade da mulher ser a responsável sozinha pela manutenção da casa e o sustento dos filhos, do seu salário ser em muitos casos indispensável no orçamento doméstico.

A seguir apresentamos o padrão de vencimentos dos professores primários efetivos e dos professores vitalícios do ensino secundário e normal nos anos 1951, 1952 e 1953, segundo Mensagem Governamental enviada à Assembleia Legislativa no ano de 1954.

TABELA 6 – PADRÃO DE VENCIMENTOS DOS PROFESSORES

	1951	1952	1953 (proposto em Mensagem)
Padrão de vencimentos dos professores primários efetivos	Cr\$ 656,10 Cr\$ 729,00 Cr\$ 810,00 Cr\$ 900,00	Cr\$ 806,10 Cr\$ 879,00 Cr\$ 960,00 Cr\$ 1.050,00	Cr\$ 1.156,10 Cr\$ 1.229,00 Cr\$ 1.360,00 Cr\$ 1.450,00
Padrão de vencimentos dos professores vitalícios do ensino secundário e normal.	Cr\$ 2.250,00	Cr\$ 2.400,00	Cr\$ 3.000,00

Fonte: ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1954.* Teresina: Imprensa Oficial, 1954.

²⁶⁸ NOSSAS professoras. *O Dia*, Teresina, 13 jan. 1952, p. 2.

²⁶⁹ OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. Gênero, saúde e trabalho: um olhar transversal. In: OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de; SCAVONE, Lucila (Orgs.). *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização.* Goiânia: AB, 1997, p. 4.

As informações fornecidas pela Mensagem Governamental de 1954, nos mostram um quadro comparativo e em escala crescente dos padrões de vencimentos dos professores entre os anos de 1951, 1952 e 1953. Mas, se por um lado, o Governo ressaltava em dados oficiais as vantagens obtidas pelos profissionais do magistério de um ano para o outro, por outro lado, as professoras, especialmente as primárias, apresentavam-se à imprensa como uma classe mal remunerada, cujos vencimentos mal davam para alimentação e remédios. Os salários pagos às professoras eram considerados pelas mesmas, insuficientes para que elas enfrentassem o alto custo de vida e que de modo algum pagava o trabalho enviado na educação de crianças.

Na tabela aqui exposta podemos observar também que os salários pagos aos professores vitalícios do ensino secundário e Normal chegaram a ser mais que o dobro dos salários pagos às professoras primárias efetivas nos três anos, isso mostra a valorização em termos econômicos dos professores secundários e Normais em detrimento das professoras primárias. Os salários dessas últimas, aumentavam de um ano para o outro, conforme os dados da tabela, mas para as professoras primárias esses salários não cresciam na mesma proporção que o custo de vida, pois os preços de tudo subiam, desde gêneros alimentícios, produtos farmacêuticos, calçados, tecidos, entre outros produtos, sendo necessário o aumento de salário face ao elevado custo de vida. Situação exemplificada na seguinte crônica:

Ouvir falar num aumento de Cr\$ 400,00 de modo geral para a classe. Mas meu Deus, é coisa muito! Quando vejo carne de Cr\$ 40,00, arroz de Cr\$ 11,00, café de Cr\$ 44, 00, açúcar de Cr\$16,00, sapato de Cr\$ 500,00, vestido ruim de Cr\$ 500,00 para cima, fico desorientada, sem saber em que vou empregar tanto dinheiro, mas pior seria...

Minha irmã, minha colega: sempre que reclamo por que gostas de começar a aula mais tarde e acabar mais cedo, tu me dizes:

– Trabalho duas vezes: os vencimentos atrasados e não dão: tenho filhos a sustentar (és viúva), estou esgotada, não posso trabalhar mais do que isso. E num assomo de desespero – sabes que com este dinheiro, já tenho passado de 3 dias sem ascender fogo? Meus filhos não morrem de fome por que as vizinhas me dão um prato...

E para isto senhores, que os vencimentos da professora primária dá – Para comprar miséria mais lenta, fome mais devagar, tuberculose a prestação e morrer um pouco mais cedo.

[...]

Somos apenas operárias, construtoras do alicerce cultural do médico, do engenheiro, do advogado, do bancário, das elites dirigentes enfim, não pedimos muito, mas apenas o suficiente para levarmos uma existência condigna [...].²⁷⁰

²⁷⁰ A PROFESSORA primária. *O Dia*, Teresina, 9 jan. 1958, p. 4.

Do ponto de vista das professoras primárias, o aumento de salário que o Governo concedia à classe era insignificante diante do aumento dos preços dos produtos de primeira necessidade, estando longe de servirem de estímulo para aquelas que se interessavam pela carreira, uma vez que os salários recebidos mal satisfaziam as despesas do dia-a-dia. A remuneração da professora primária não acompanhava o elevado custo de vida, vivendo as educadoras em condições insustentáveis como segue essa outra nota:

As professoras do Piauí, na marcha em que vão as cousas, daqui a pouco não poderão calçar nem sapatos do mercado que, apesar de baratos, não duram 3 meses. Não se pode falar a manhã inteira sem alimentação adequada, pois a natureza tem seus direitos e onde buscar dinheiro para remédios e extraordinários?²⁷¹

As professoras reivindicavam salários que lhes dessem condições de usufruir de bens necessários à sobrevivência humana, salários que permitissem comprar roupas, alimentos, remédios, já não reivindicavam, nem mesmo, o direito ao lazer, mas os bens essenciais à vida e necessários para viver humana e profissionalmente. A situação da professora, como se pode notar, era bastante difícil e a imprensa foi só mais um mecanismo usado pela classe para denunciar e sensibilizar as autoridades públicas em relação à situação crítica do magistério.

A representação da professora como mãe espiritual dos alunos no início do século XX, cedia lugar para uma nova representação: a de profissional do ensino. A noção de profissionalização foi importante, em particular, para as mulheres professoras que puderam lutar por melhores salários e condições adequadas de trabalho.²⁷²

Ao longo dos anos emergiram novas representações de professora. Com a concepção de categoria profissional, as professoras de Teresina passaram a reivindicar junto aos poderes públicos os seus direitos de trabalhadoras. As reivindicações salariais foram constantes nos anos 1950, prevalecendo muitas vezes, divergências entre a posição das professoras e a do Governo.

Na Mensagem Governamental de 1954, o Governador Pedro de Almendra Freitas dava seu esclarecimento a respeito dos salários das professoras:

A melhoria de vencimentos dos professores sempre constituiu preocupação do Governo do Estado. Afim de compensar o esforço dos servidores do magistério, obreiros quase anônimos de nossa cultura, foi possível ao

²⁷¹ A PROFESSORA e a servente. *O Dia*, Teresina, 23 out. 1958, p. 1.

²⁷² LOURO, 2008.

Executivo propor à Câmara Estadual, novas bases de remuneração para todos, atendendo ao elevado custo de vida.²⁷³

Como era de se esperar, o Governador enaltece a sua administração. No discurso oficial, as professoras não teriam do que reivindicar, pois seus salários haviam aumentado nos últimos três anos e já era uma proposta do Executivo o aumento de salário do magistério para o ano de 1954, um salário compatível com o alto custo de vida. Na Mensagem, o governo de Pedro Almendra Freitas é representado como períodos promissores para o magistério.

Segundo a Mensagem Governamental apresentada pelo governador Pedro de Almendra Freitas, o magistério estava sendo assistido pelo Governo do Estado, pois o salário das professoras vinha aumentando. Entretanto, esse relato contrasta com o que é veiculado na imprensa nos anos posteriores, em que as professoras continuaram reivindicando por aumento salarial, melhores condições de vida, enfim, que a profissão que elas exerciam fosse reconhecida em termos salariais.

No Governo de Jacob Manoel Gayoso e Almendra em 1957, por exemplo, divulgava-se na imprensa que o referido dirigente do Estado criaria nove cargos de fiscais, fato que trouxe revolta para as professoras que naquele ano continuavam com seus salários atrasados e recebendo uma remuneração inferior ao trabalhador braçal. A classe das professoras diante dessa medida e por meio da imprensa, argumentou, que o Piauí necessitava mais de escolas e professoras bem remuneradas do que propriamente de fiscais.²⁷⁴ Ou seja, os anos se passavam e o magistério permanecia como uma classe desfavorecida, colocada em segundo plano nos projetos dos governantes.

Em face desses anos de luta das professoras por mudanças substanciais em seus salários, recorrendo muitas vezes à imprensa, é que em 1960 elas se mobilizam junto as repartições públicas do Estado para reivindicar um aumento salarial. A nota a seguir é esclarecedora das dimensões desse movimento:

Constituiu um acontecimento verdadeiramente empolgante, o movimento firme e bem orientado, das professoras piauienses, pleiteando junto aos poderes públicos do Estado um aumento de vencimentos que lhes permita viver com decência e manter a subsistência dos filhos.

Não sabemos mesmo como pode ter ânimo de trabalhar eficientemente em prol da educação popular quem ganha menos do que o salário mínimo do trabalhador braçal analfabeto, pois enquanto este recebe Cr\$ 2.500,00 mensais, a professora pública de carreira inicial recebe Cr\$ 2.300,00.

²⁷³ ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1954*. Teresina: Imprensa Oficial, 1954, p. 30.

²⁷⁴ CLASSE desprotegida. *O Dia*, Teresina, ano 7, n. 510, 10 nov. 1957, p. 1.

Entretanto, enquanto o operário não tem representação social, a professora precisa apresentar-se na escola mais ou menos bem vestida e calçada, gastando por vezes ainda em transporte.²⁷⁵

O movimento das professoras mostrou-se bastante organizado, dentro da ética e do respeito às autoridades, isso porque antes de chegar aos poderes públicos, um grupo de professoras que liderou o movimento promoveu reuniões de classe, onde foi possível debater o problema da categoria até acertar os principais pontos das reivindicações, chegando ao final à elaboração de um memorial dirigido ao Governador do Estado que na época era o Dr. Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, a quem foi pedida audiência especial. No dia e hora marcados, as professoras compareceram ao Karnak, acompanhadas de muitos líderes sindicais, representantes categorizados das mais diversas associações de classe e pais de alunos que prestigiaram com sua presença e colaboração as reivindicações daquelas mulheres que se dedicavam à educação dos piauienses, ocasião em que fizeram entregue aquela autoridade, um circunstanciado memorial, pelo qual reivindicavam aumento de vencimentos, em face do elevado custo de vida. O Governo do Estado, ao ouvir a leitura do memorial, diante de centenas de professoras reivindicando melhores condições de vida, reconheceu, conforme o jornal que divulgava o acontecimento, a procedência do apelo que lhe era feito, ao despachar em presença de todos, recomendando que os secretários do Estado das Finanças e Educação informassem o assunto com brevidade, mostrando o desejo de atender aquelas reivindicações.²⁷⁶ Ficava assim, o assunto pendente das providências burocráticas para ter uma solução definitiva. A seguir destacamos alguns trechos do memorial com pedido de aumento de salários entregue pelas professoras primárias ao Governador do Estado, Francisco das Chagas Caldas Rodrigues:

O MEMORIAL

É do teor abaixo o memorial apresentado ao Governador do Estado, pelas professoras primárias:

A vida profissional atual está a exigir, a cada passo, melhoria de conhecimentos e aprimoramento técnico, visando acompanhar a revisão dos métodos e processos de educação moderna. Então, ou o professor se mune de cursos e publicações especializadas, ou se atrasa no campo das conquistas da Pedagogia, com conseqüente reflexo no ensino [...].

Despesas não de, forçosamente, ser feitas. E como pode o professor enfrenta-las, se nem o essencial recebe, para viver, humanamente?

[...]

²⁷⁵ AS PROFESSORAS ganham pouco. *O Dia*, Teresina, 7 fev. 1960, p. 1.

²⁷⁶ AS PROFESSORAS ganham pouco. *O Dia*, Teresina, 7 fev. 1960, p. 3.

Uma classe assim, dedicada, agente formador da nacionalidade, que se desgasta mental e fisicamente, na luta diária pela grandeza da comunidade, merece, de certo, ser estimulada, cada vez mais, na realização das suas ingentes tarefas do presente, para o futuro da pátria. É certo que o Piauí, é pobre. O de menor renda per capita do país. O seu professor primário, entretanto, não é pobre. É paupérrimo. De tal condição deseja sair. Pretende igualar-se, pelo menos, a pobreza do seu Estado.

O que não é possível, humano e justo, é que continue recebendo, inicialmente, Cr\$ 2.300,00. Tal quanto já não corresponde nem a metade do que outros Estados pagam a seus mestres, nem supre, por outro lado, o custo do mínimo essencial a manutenção do professor, SEM DEPENDENTES.²⁷⁷

Os salários das professoras variavam em 1960 de Cr\$ 2.300,00 a Cr\$ 2.800,00 mensais. O magistério primário reivindicava ao Governo do Estado o dobro do salário mínimo regional, isto é, Cr\$ 5.000,00. No entanto, o Secretário de Educação mandou ao Governador uma proposta de aumento de Cr\$ 3.500,00. Este seria o salário que as professoras passariam a receber. O jornalista e professor A. Tito Filho era um dos que defendiam o magistério primário, procurando, através da imprensa, chamar atenção das autoridades para as condições lamentáveis em que viviam as professoras, visto que elas lutavam por um salário que garantisse pelo menos a sua subsistência e a dos filhos.²⁷⁸ Sobre a proposta de aumento de salários do magistério primário A. Tito Filho afirmou:

a) O governo pretende dar as professoras vencimentos mínimos de Cr\$ 3.500,00 e máximo de Cr\$ 5.000,00.

[...]

e) O magistério primário tem vencimentos entre as letras M e Q de Cr\$ 2.300,00 a Cr\$ 2.800,00, e ainda vencimentos de Cr\$ 2.100,00 como no caso das leigas.

[...]

Devo acrescentar estas notas de esclarecimentos que prestei, pela rádio, da situação do Tesouro Público. Estou convencido de que o Estado pode conceder às professoras Cr\$ 5.000,00 em cargo isolado, uma vez que o governo, num dia, arcou com despesas no montante de dezessete milhões e quinhentos mil, para aquisição de veículos, edifício e auxílio ao IAEE.

Bem poderia o governador Chagas Rodrigues reestruturar todo o quadro do funcionalismo do Estado, corrigindo injustiças e dando à máquina administrativa, em todos os setores, uma organização atualizada e racional.²⁷⁹

Para A. Tito Filho e outros profissionais e intelectuais que defendiam o aumento de salário das professoras, o governo estava protelando o aumento de vencimentos pleiteado

²⁷⁷ DUAS ou três centenas de professoras primárias comparecem a Karnak. *Jornal do Comércio*, Teresina, ano 13, n. 1346, 7 fev. 1960, p. 1.

²⁷⁸ AS PROFESSORAS e o aumento. *O Dia*, Teresina, ano 10, n. 785, 30 jun. 1960, p. 1.

²⁷⁹ MAGISTÉRIO primário. *Jornal do Piauí*, Teresina, 16 jun. 1960, p. 3.

pelas educadoras. Isso porque o memorial havia sido entregue ao Governador em janeiro de 1960 e até junho daquele ano o que existia era uma proposta do Secretário de Educação, Afrânio Nunes enviado ao Governador com o aumento de Cr\$ 3.500,00 inicial e Cr\$ 5.000,00 final, diferente do pleiteado pelas educadoras que era de Cr\$ 5.000,00 para a classe inicial de carreira, com a justificativa da falta de recursos do Executivo para fazer face as despesas.²⁸⁰

De acordo com os opositores ao Governo de Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, inclusive o *Jornal do Piauí* e *O Dia* que declararam apoio à luta das professoras e oposição ao Governo, os governantes nunca tiveram interesse em atender as educadoras e que as alegações da falta de recursos financeiros não sustentavam a decisão do Secretário de Educação, já que estavam sendo destinados gastos, considerados pelos opositores, secundários, contribuindo pouco ou nada para a melhoria de vida da população. Para este grupo, a situação financeira do Estado era das melhores possíveis, ao contrário do que apregoava o Governo.

Durante toda a década de 1950 foram travadas discussões entre as professoras primárias e o Governo visando uma solução para questão salarial do magistério primário. O movimento das professoras junto à repartição pública em 1960 não representou a única tentativa nos termos legais de conseguir um aumento de salário para a classe. Em 1951, um grupo de professoras primárias encetou um movimento reivindicatório que veio também a culminar naquele ano, na entrega de um memorial ao Governador do Estado, Pedro de Almendra Freitas.²⁸¹

Percebe-se, portanto, que as professoras já não mais concebiam o magistério como uma extensão da maternidade, uma atividade de amor, doação, cuidado, mas sim como uma categoria profissional. As mulheres que atuavam nessa área na década de 1950 se percebiam como profissionais capazes de lutarem por aumento salarial. Louro acentua que:

[...] A professora sindicalizada, denominada de trabalhadora da educação, é representada pela mulher militante, disposta a ir as ruas, lutar por melhores salários e melhores condições de trabalho. Ela deve ser capaz de parar suas aulas; gritar palavras de ordem em frente a palácios e sedes de governo; expor publicamente sua condição de assalariada, não mais de mãe, tia ou religiosa, e exigir o atendimento de seus reclamos. Face à discreta professorinha do início do século, o contraste parece evidente: são outros gestos, outra estética, outra ética.²⁸²

²⁸⁰ GOVERNO x professoras. *Jornal do Piauí*, Teresina, 16 jun. 1960, p. 8.

²⁸¹ PROFESSORADO primário. *O Piauí*, Teresina, 21 abr. 1951, p. 3.

²⁸² LOURO, 2008, p. 474.

No contexto dos anos cinquenta de Teresina, uma outra representação da professora emerge, diferente da do início do século XX, a da profissional engajada nas reivindicações por melhores salários e melhores condições de vida, que esperava do trabalho de instruir crianças, um retorno financeiro.

Vale destacar a existência, no nosso período em estudo, de uma associação profissional de professores, onde professores e professoras se reuniam e discutiam todos os assuntos que diziam respeito à classe.

O presidente da associação profissional de professores convoca os Srs. Associados para uma reunião no dia 15 do corrente mês, às 10 horas, no Arquivo Público, em que se tratará de assuntos de interesse da classe, notadamente do aumento de salário para o próximo ano.
Teresina, 9 de novembro de 1956.
Celso Barros Coelho – Presidente.²⁸³

Os movimentos organizados de professoras que iam às ruas, as repartições públicas e a imprensa, para fazer reivindicações tinham como ponto de apoio, a associação profissional de professores. Na associação, discutiam assuntos referentes a eleições da Diretoria da associação, aumento salarial, transformação da associação em sindicato, dentre outras questões ligadas à classe dos professores.

Um outro órgão criado com o propósito de estabelecer uma união da classe era o CERMAP – Centro de Estudos e Recreação do Magistério Piauiense, este se apresentava como um órgão de classe sem fins sindicais com sede na Casa Anísio Brito em Teresina. Instalado em fevereiro de 1956, o CERMAP visava o conagraçamento e união da classe, bem como dar maior assistência social, moral e material ao professor.²⁸⁴ Era uma sociedade que congregava professores e professoras de todo o Estado, dando a estes, subsídios para que pudessem exercer a atividade profissional de educar os piauienses. Ao ser instalado, suas atividades passaram a ser orientadas com base em uma série de artigos. Os principais eram:

Da sociedade e seus fins

Art. 1 O Centro de Estudos e Recreação do Magistério Piauiense, de agora por diante denominado CERMAP, é uma sociedade de caráter civil, tendo por sede e foro jurídico a cidade de Teresina, capital do Piauí, constituída de

²⁸³ ASSOCIAÇÃO Profissional de Professores. *Jornal do Piauí*, Teresina, 11 nov. 1956, p. 6.

²⁸⁴ CENTRO de Estudos e Recreação do Magistério Piauiense (CERMAP). *Diário Oficial*, Teresina, 5 jun. 1956, p. 6.

professores piauienses, com finalidades cultural e recreativa, visando um maior conagração da classe.

Art. 2 Em quaisquer outras cidades do estado poderão funcionar Centros Regionais, desde que contenha pelo menos cinco associados [...].

Art. 3 Além dos professores primários poderá o CERMAP aceitar como associados outras pessoas interessadas no problema educacional.

Art.4 Para a consecução de seus objetivos manterá o CERMAP uma biblioteca pedagógica, promoverá cursos de férias e de aperfeiçoamento, patrocinará conferências pedagógicas e manterá um clube recreativo, devendo propugnar ainda pela criação de uma colônia de férias para seus associados.

[...]

Dos Departamentos e Comissões

Art. 11 O CERMAP terá os seguintes departamentos:

a) cultural; b) recreativo

Art. 13 compete ao Departamento social: organizar reuniões sociais, convêscotes, recepções etc. Propugnar pela criação de colônia de férias para o professor primário.²⁸⁵

O CERMAP estreitou os laços que uniam a classe. Criava-se e elevava-se a consciência de unidade de um grupo, podendo os problemas do magistério serem apresentados e submetidos a cuidadoso estudo. Os professores e professoras associados encontravam ainda, meios para se especializarem através de cursos de férias e de aperfeiçoamento, conferências e outros tipos de atividades pedagógicas.

Nos anos seguintes a sua instalação, seria o CERMAP um importante órgão a serviço da classe dos professores, o Centro de Estudos e Recreação do Magistério Piauiense tinha “[...] por finalidade congregar o professorado primário do Piauí, para discussão, proteção e garantia dos direitos da classe, dentro da lei, cooperando com as autoridades constituídas em tudo que diga respeito à criança, ao Piauí, ao Brasil”.²⁸⁶

Com uma diretoria formada em grande parte por mulheres,²⁸⁷ o CERMAP teve um papel de destaque nas reivindicações por melhores salários para as professoras primárias, pois era na sua sede que se reuniam uma centena de educadoras visando discutir a questão dos baixos salários da classe, levando sempre em consideração o alto custo de vida e a desvalorização da profissão. A partir dessas reuniões puderam as professoras associadas discutir os problemas do magistério e lutar pelos seus direitos.

As professoras formavam uma classe forte e atuante na sociedade. A baixa remuneração e a desvalorização social do magistério primário estiveram na pauta das

²⁸⁵ CENTRO de Estudos e Recreação do Magistério Piauiense (CERMAP). *Diário Oficial*, Teresina, 12 jun. 1956, p. 2.

²⁸⁶ REUNIÃO-SE o CERMAP. *Folha da Manhã*, Teresina, 12 jan. 1960, p. 3.

²⁸⁷ ELEIÇÃO no CERMAP. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4 out. 1956, p. 5.

reivindicações da classe durante toda a década de 1950. Por outro lado, é válido acrescentar que:

[...] o magistério primário, como ocupação essencialmente feminina, proporcionou às mulheres, notadamente da classe média, que se alicerçou no panorama socioeconômico do país, a principal oportunidade para ingressar no mercado de trabalho. A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e a maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez com que ser professora se tornasse extremamente popular entre as jovens. [...] A possibilidade de se profissionalizarem através do magistério primário foi um meio de as mulheres poderem vislumbrar uma chance de sustento, sem a obrigação do casamento ou a humilhação de viver da caridade alheia.²⁸⁸

Uma outra profissão vista como tipicamente feminina era a enfermagem. As atividades de cuidar e de dar assistência aos doentes foram associadas à mulher, dentre as justificativas estava o fato de tais atividades aproximarem-se das praticadas pelas mulheres no lar com os esposos, filhos, irmãos, quando estes se encontravam doentes. Daí a profissão de enfermeira ser designada às mulheres e socialmente aceita. No jornal *O Dominical* de 1958 lemos: “A profissão de enfermeira é das mais condizentes com a atividade feminina fora do lar e não só aprovada pela Igreja como abençoada pela humanidade”.²⁸⁹

Em Teresina, a Escola de Auxiliar de Enfermagem “Irmã Maria Antoinette Blanchot” funcionava como local destinado à formação das futuras enfermeiras. As enfermeiras após concluírem o curso iam trabalhar nos hospitais da capital ou em outros municípios do Piauí. O Hospital Getúlio Vargas, por exemplo, empregou muitas enfermeiras, contribuindo para expandir a profissão.

Entende-se, desse modo, que o curso de auxiliar de enfermagem “Irmã Maria Antoinette Blanchot” ao mesmo tempo em que possibilitou às jovens ingressarem na carreira de enfermeira, “[...] impulsionou o aprendizado e a qualificação de um grande número de pessoas que não estavam aptas a trabalhar em hospitais e que mesmo assim o faziam sem um adequado e criterioso preparo para a assistência”.²⁹⁰

²⁸⁸ ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Demerval et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004, p.104.

²⁸⁹ A ENFERMAGEM no Brasil. *O Dominical*, Teresina, ano 22, n. 25/58, 22 jun. 1958, p. 1.

²⁹⁰ SILVA, Aneth Cardoso Basílio; FERRO, Maria do Amparo Borges. Ensino de Enfermagem no Piauí: elos entre a história, memória e feminização. In: FERRO, Maria do Amparo Borges; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de (Orgs.). *História da Educação: novos olhares, velhas questões*. Teresina: EDUFPI, 2009, p. 191.

Lídy Nogueira²⁹¹ explica que com o crescimento da indústria hospitalar no século XX, tornou-se necessário pessoas qualificadas para o serviço de enfermagem, fator que favoreceria a migração da enfermeira para o espaço hospitalar. A criação de uma escola de enfermagem atendia, com isso, as necessidades dos hospitais de profissionais qualificados e os anseios das mulheres em se profissionalizarem.

A profissão de enfermeira surge para as mulheres como uma atividade respeitável, onde obteriam uma renda que por mais baixa que fosse, afirmava a sua identidade profissional, além de suprir as necessidades básicas. O ingresso da enfermeira no espaço hospitalar ocorre em um momento em que a profissão já havia sido feminizada no país, não constituindo em obstáculos à inserção da mulher na profissão.

A enfermagem, assim como o magistério, representou para mulher a abertura de um novo espaço no mercado de trabalho. As turmas formadas nas escolas de enfermagem eram compostas principalmente por mulheres, embora as inscrições no curso estivessem abertas ao público masculino. Para seguir à carreira de enfermeira, as mulheres deveriam realizar um curso na Escola de Auxiliar de Enfermagem “Irmã Maria Antoinette Blanchot”, única existente no Piauí àquela época ou em outras escolas no País que oferecessem o curso.

As profissões feminizadas na sociedade, a exemplo do magistério e da enfermagem, eram as mais comuns no currículo de atividades femininas fora do lar, mas não as únicas. O acesso das mulheres teresinenses ao ensino superior nesse período, foi um fator importante na conquista de novos espaços no mercado de trabalho. Com os investimentos dos pais na educação das filhas, outras possibilidades de carreira tornaram possíveis às mulheres.

Nesse sentido, destaquemos a história de Leonília Freitas, formada em odontologia em 1954, pela Faculdade de Farmácia e odontologia de São Luís. Leonília assim que concluiu o curso superior em São Luís, viajou para o Rio de Janeiro com o objetivo de se especializar em sua área, retornando a Teresina em 1956, onde passou a exercer a profissão de dentista. Acerca desse momento, ela nos conta:

Em 1955 fiz especialização no Rio de Janeiro, em odontopediatria, que não era comum como especialidade de odontologia. Depois de um ano de especialização vim para Teresina, abrir um consultório e com poucos meses passei a atender só crianças [...].

[...]

Eu era fanática pela minha profissão. Pela manhã era funcionária do Ministério da Agricultura, era dentista de lá e à tarde ia para o meu consultório, trabalhava até 8 horas e 9 da noite. Tive o meu primeiro

²⁹¹ NOGUEIRA, Lídy Tolstenko. *A trajetória da enfermagem moderna no Piauí: 1937-1977*. (Tese) Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

consultório pertinho da Praça João Luís, antigo Machado de Assis e que hoje é Coelho Rodrigues, depois eu coloquei um consultório na Rua Barroso, onde só tinha profissionais liberais. As pessoas, acredito, que deviam achar normal a minha profissão, embora não fosse comum.

[...]

Sempre tive vontade de ser uma mulher diferente, ser independente, pois embora tenha morado com os meus pais, visto que não me casei, sempre quis ser independente financeiramente, acho que não por ambição, mas o desejo de crescer, ou mesmo de brilhar.

Minha família não só me apoiava como alimentava o sonho dos demais filhos terem uma profissão e serem bem sucedidos. Para mim, o trabalho era uma realização pessoal, além de oferecer-me condições financeiras para participar de congressos etc.²⁹²

Leonília Freitas, a exemplo de outras mulheres que haviam ingressado no ensino superior e, posteriormente, no mercado de trabalho, exercia uma profissão considerada de domínio masculino. A entrada em um curso superior significou para Leonília uma alternativa a mais na escolha da profissão a seguir. Nesse fragmento da entrevista acima, percebemos o papel central que o trabalho adquiriu em sua vida, visto como fonte de realização pessoal e financeira.

Na trajetória da entrevistada vislumbramos um modelo feminino diferente do modelo propagado na sociedade teresinense e vivido por grande parte das mulheres. Um modelo que aos poucos ia sendo seguido por algumas mulheres, na medida em que estavam investindo em profissões ditas masculinas e renunciando ou não à maternidade e ao casamento, vistos como a verdadeira fonte de realização feminina.

Na década de 1950 expandia-se a presença feminina no ensino superior com perspectivas de seguir uma carreira profissional. As mulheres que saíam de Teresina para estudar em outro Estado, dependendo do curso que escolhiam, quando retornavam à cidade montavam sozinhas ou com parentes os seus escritórios ou consultórios, anunciando em jornais os serviços oferecidos. Em um anúncio no jornal *O Dominical*, de 19 de fevereiro de 1956, lê-se:

Dr.^a Maria Leonília de Freitas

Cirurgiã – Dentista

Cursos especializados de: Odontopediatria, com o prof.^o Stênio Ether; Radiologia, com o prof.^o Aristeo Leite; Dentaduras Implantadas, com o prof.^o Jayme Barandes, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Cirurgia Dento-Maxilar, com o prof.^o Wladimir Pereira, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

²⁹² FREITAS, 2010.

Consultório na Rua Machado de Assis, n.1.466, atende todos os dias úteis de 8 às 11 e de 14 às 17 horas.²⁹³

Ao folhearmos os jornais de circulação local verificamos outros anúncios, como o citado acima, de dentistas, advogadas, médicas, pediatras. Tais profissões eram também desejadas por mulheres e legitimadas na sociedade. O público feminino estava em meados dos anos 1950 ocupando diferentes espaços no mercado de trabalho.

A jornalista e professora Cristina Leite, em uma crônica publicada no jornal *O Dia*, de 1º de dezembro de 1957, defendia o direito da mulher de exercer a profissão de jornalista, tendo em vista o comentário ouvido de uma senhora “matrona” que dizia tolerar todas as profissões para a mulher, menos a de Jornalista. Cristina Leite acerca dessa opinião manifestou o seu posicionamento afirmando:

Quem escreve fixa alguma cintilação da própria alma no papel e na consciência do leitor; transmite uma mensagem de amor ou de ódio, de paz ou de guerra; dá evasão a ideias ou conceitos que podem modificar por completo uma situação [...].

Pela formação de uma opinião pública esclarecida, cuja responsabilidade direta recai sobre a imprensa, é que podemos avaliar o grau de aperfeiçoamento de uma civilização em determinada época. Sendo a mulher parte integrante da sociedade, e competindo com o homem em quase todos os sentidos, não seria compreensível que ela se afastasse voluntariamente das lides jornalísticas que tanto podem engrandecê-la e ajudá-la na conquista de seus próprios direitos.²⁹⁴

No serviço público, as mulheres teresinenses trabalhavam como funcionárias dos Correios e Telégrafos, do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), do Departamento da Educação, do Departamento Estadual da Fazenda, do Departamento Estadual de Estatística, do Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Caixa Beneficente dos Servidores do Estado, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC), da Comissão de Estradas de Rodagem, da Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado, da Secretaria de Educação, do Instituto de Águas e Energia Elétrica, do Tribunal de Contas do Estado, do Tribunal Regional Eleitoral, da Secretaria da Educação e Saúde, da Delegacia Regional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPETEC), da Recebedoria de Teresina, da Secretaria da Assembleia Legislativa, da Contadoria do

²⁹³ DR.^a MARIA Leonília de Freitas – Cirurgiã-dentista. *O Dominical*, Teresina, 19 fev. 1956, p. 3.

²⁹⁴ A MULHER jornalista. *O Dia*, Teresina, 1 dez. 1957, p. 2.

Departamento da Fazenda, da Polícia Civil, da Delegacia Fiscal do Piauí e da Prefeitura Municipal de Teresina.

As mulheres, ao trabalharem nessas repartições ou mesmo em outros espaços de trabalho, traçaram múltiplas trajetórias. Para algumas, o projeto foi de conciliação da identidade profissional com a identidade de esposa, mãe e dona-de-casa; para outras, o trabalho remunerado implicou o abandono dos papéis tradicionais femininos. Diferentes trajetórias foram seguidas por aquelas que ingressaram no mercado de trabalho em Teresina nos anos 1950.

Simone Wajnman²⁹⁵ explica que o papel social da mulher sofreu impactos no decorrer da segunda metade do século XX, em decorrência do crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, bem como o crescimento da sua escolaridade e a redução do número de filhos. Convém então, afirmarmos que houve uma convivência dos projetos de casamento e maternidade com o projeto de construção de uma carreira profissional.

Em Teresina, muitos campos foram abertos para a mulher na esfera pública, vindo a intensificar sua participação no mercado de trabalho, mas toda essa abertura para profissionalização feminina tinha as suas desvantagens, fatores considerados insustentáveis para aquelas que levavam uma dupla jornada de trabalho. Resultado disso eram os baixos salários pagos às mulheres, tendo elas ainda que conviverem com meses de atraso nos seus pagamentos. Em agosto de 1954, o jornal *O Dia* publicava a situação desesperadora de uma funcionária pública que, depois de ter seu salário atrasado em cerca de três meses, havia chegado a um estado de extrema necessidade. O jornal dizia o seguinte:

O espetáculo a que assistimos quarta-feira última, no Departamento da Fazenda, é, em verdade, grandemente estarrecedor. Quando uma pobre funcionária pública, que já contava quase três meses de atraso de vencimentos, encaminhava-se, trêmula, trôpega e inanida, para estirar as mãos aos seus chorados ordenados do recuado mês de junho, eis, que, frente a frente o tabaqueiro Camilo, caiu, subitamente, por lhe faltarem os últimos alentos de um corpo enfraquecido e de um organismo depauperado.

[...]

[...] E o mais chocante e lastimável, num caso como esse, é que se trabalhe, lute e se esforce para adquirir, honestamente, o que se tem necessidade e viver completamente esfaimado, desnutrido e andrajoso, por que o governo descompadecido das misérias alheias, conserva o dinheiro nos cofres públicos sem pagar o funcionalismo.²⁹⁶

²⁹⁵ WAJNMAN, Simone. Mulheres na sociedade e no mercado de trabalho brasileiro: avanços e entraves. In: PORTO, Marta (Org.). *Olhares femininos: mulheres brasileiras*. Rio de Janeiro: X Brasil, 2006. p. 77-108.

²⁹⁶ MORTA de fome, desmaiou uma funcionária pública no gabinete do Diretor da Fazenda. *O Dia*, Teresina, 22 ago. 1954, p. 1.

O Estado fez pouco caso da mão-de-obra feminina, atrasando durante meses os salários das funcionárias públicas, sendo que muitas delas trabalhavam para sua subsistência e da família, logo um atraso de três ou quatro meses traria grandes implicações no cotidiano das mulheres, tendo elas que passarem por privações até receberem seus salários, algumas vezes ficando apenas na esperança de recebê-los. O caso da funcionária pública que desmaiou de fome, devido ao atraso do seu salário, é mais um exemplo da negligência do Estado para com o trabalho feminino naquele momento. Além de revelar as péssimas condições de trabalhos a que estavam sujeitas às funcionárias públicas.

No relato acima, percebemos, ainda que o ingresso feminino no mercado de trabalho estava cada vez mais associado às necessidades de ordem econômica. A renda proveniente do salário da mulher tornava-se fundamental no sustento familiar, face ao alto custo de vida em Teresina. Portanto, as mulheres que vão ingressar no serviço público também visavam manterem a si ou seus dependentes, principalmente quando se tratava das mulheres pobres.

Nas justificativas para o emprego feminino, Besse²⁹⁷ informa que a necessidade econômica foi um fator primordial para a atuação das mulheres no mundo do trabalho. Entretanto, o trabalho tinha que ser temporário e incidental, ou seja, não poderia ter centralidade nas suas vidas, sendo que uma das exigências para o emprego feminino era que não abandonassem os papéis familiares e continuassem cultivando a sua feminilidade. As mulheres trabalhavam, geralmente, quando solteiras, e as casadas só exerciam alguma atividade remunerada em caso de sobrevivência. Esse caráter provisório ou transitório serviu para justificar seus baixos salários e, conseqüentemente, atendendo os interesses dos empregadores que buscavam uma mão-de-obra barata e produtiva.

Na concepção dessa estudiosa, o trabalho não trouxe independência financeira e nem satisfação pessoal para a maioria das mulheres que viviam e trabalhavam no período de 1914 a 1940, uma vez que os empregadores pagavam salários irrisórios, além do fato de atuarem em atividades rotineiras e não prestigiadas. Lembrando que o trabalho para as mulheres casadas só seria aceito como último recurso, isto é, em caso de sobrevivência, o que restringia a participação feminina no espaço público.

Diante dessa abordagem e atentando para a nossa pesquisa, conseguimos identificar algumas permanências do contexto informado pela autora, no sentido de que o trabalho feminino em Teresina na década de 1950 sofria com a exploração dos empregadores que

²⁹⁷ BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil: 1914 - 1940*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 143-181.

também se utilizaram de uma mão-de-obra barata, pagando as mulheres salários inferiores aos dos homens e ainda atrasando o pouco que recebiam.

Neste contexto, podemos citar o exemplo das mulheres que trabalhavam como auxiliares de escritório e que recebiam um salário Cr\$ 1.200,00²⁹⁸ ao passo que os homens nas funções de soldado, porteiro, zelador ou outra função chegavam a receber um salário mínimo de R\$ 2.500,00.²⁹⁹ Quanto aos salários, imperava a ideia de que o homem merecia ganhar melhor que a mulher por sua função social de provedor familiar, ainda que exercessem a mesma função.

Em relação à profissionalização feminina havia também algumas restrições, pois nem toda profissão foi aceita nos meios sociais. Em janeiro de 1953, por exemplo, vigoravam persistentes discussões a respeito da restrição feita às mulheres em inscreverem-se no concurso para Fiscal do Imposto de Consumo a serem realizadas no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). A resistência partia de alguns setores do Ministério da Fazenda que não julgavam conveniente que as mulheres se inscrevessem no referido concurso. Sobre essa discussão o Jornal *O Piauí* noticiava:

As MULHERES talvez sejam impedidas de inscrever-se no concurso para Fiscal do Imposto de Consumo, a ser aberto, brevemente, no DASP. As instruções para a inscrição no referido concurso não fazem qualquer restrição ao sexo dos candidatos. O assunto, porém, está motivando séria resistência em setores do Ministério da Fazenda, e, segundo pode apurar o GLOBO possivelmente serão modificadas as exigências nos que quiserem disputar as cem vagas de Fiscal do Imposto de Consumo.

[...]

[...] Os motivos apresentados diziam respeito, especialmente, as várias imposições de ordem física que tornavam pouco recomendável as pessoas do sexo feminino exercer tal função. Falando, hoje, a este jornal, afirmou o Sr. Andrade de Queiroz – acho absolutamente impossível que senhoras ou senhoritas desempenhem as tarefas que caberão aqueles que se sagrarem vencedores do concurso [...].³⁰⁰

O Sr. Andrade de Queiroz, diretor da Fazenda Nacional na época, argumentava que as vagas existentes eram para o interior do Estado do Piauí, Maranhão, Mato Grosso, Amazonas, Espírito Santo e Goiás, devendo o Fiscal de Consumo ficar dois anos no Estado em que for designado. Para o Sr. Queiroz, as determinações expressas no cargo ofereciam certa inconveniência para as mulheres. O diretor da Fazenda Nacional sustentava ainda que o Fiscal

²⁹⁸ AUXILIARES de escritório. *O Dia*, Teresina, 15 ago. 1954, p. 5.

²⁹⁹ AS PROFESSORAS ganham pouco. *O Dia*, Teresina, 7 fev. 1960, p. 1.

³⁰⁰ NOVAS portas fechadas a Eva no serviço público. *O Piauí*, Teresina, 25 jan. 1953, p. 4.

do Imposto de Consumo trabalhava sozinho, tendo que andar por lugares pouco recomendáveis, enfrentando situações difíceis e nada agradáveis, portanto, seria um cargo que fugia às atribuições femininas.

Em grande medida, o diretor da Fazenda Nacional apropriou-se da constituição biológica da mulher para impedi-la de se inscrever no concurso para Fiscal do Imposto de Consumo. A “fragilidade” da mulher não permitia a ela exercer o cargo de Fiscal de Consumo, devendo essa profissão ser exercida por homens que, segundo o discurso social dominante, são fortes e capazes de enfrentar todo tipo de situação. Os sexos foram aqui usados para determinar a profissão de homens e mulheres.

No entanto, as abordagens no que concernem ao gênero vêm sendo pautadas com o princípio de invalidar debates que confrontam o homem com a mulher e que colocam esta última sempre como submissa, dominada, passível, ou seja, inferior no contexto cultural. Enfim, renunciar as discussões que primam pela oposição binária masculino versus feminino. A proposta da categoria gênero é desconstruir essa polaridade, isso implicaria “[...] demonstrar que cada um está presente no outro, bem como evidenciar que as oposições são histórica e linguisticamente construídas [...]”.³⁰¹

Louro³⁰² enfatiza que a oposição binária não é inerente e fixa, mas construída nas relações sociais. A lógica dicotômica que supõe o masculino como um pólo dominante não se justificaria, pois pensar essa relação como uma via única é esquecer que o poder se exerce em várias direções, na medida em que existem homens e mulheres diferentes de várias classes, raças, religiões, idades etc., isto propõe o abandono da noção simplista de homem dominante versus mulher dominada.

Dessa maneira, “[...] para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos [...]”.³⁰³ Sendo assim, os sujeitos são identificados por meio das suas reações e comportamentos como masculino e feminino, onde o aspecto biológico possibilita a vivência da sua sexualidade.

³⁰¹ LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta Júlia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (Orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 13.

³⁰² LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

³⁰³ LOURO, 2008, p. 21.

Scott³⁰⁴ salienta que o termo gênero deve ser utilizado para marcar as relações sociais entre os sexos, rejeitando com o seu uso as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para reafirmar as diversas formas de subordinação feminina.

Podemos, então, considerar que a construção do gênero ocorre no âmbito das relações sociais e elas estão em consonância com as singularidades de cada sociedade. Para Matos³⁰⁵ a incorporação do gênero como categoria de análise dos estudos históricos vem demonstrando que os valores e comportamentos são mutáveis dependendo do contexto histórico, isto é, certos valores podem ser aceitos em um determinado momento e rejeitados em outros.

Nesse aspecto, a restrição feita às mulheres em inscreverem-se em um concurso, denota os valores da sociedade teresinense da década de 1950, que entendia a mulher como um ser frágil, incapaz de realizar alguns trabalhos, mais que isso, à medida visava demarcar os espaços femininos e masculinos no mercado de trabalho.

A divisão sexual do trabalho é histórica e feita muitas vezes de forma desigual, pautando-se em características biológicas para definir os espaços de atuação de homens e mulheres. A autora Besse³⁰⁶ nos informa que uma das justificativas para o emprego feminino era o exercício de funções que exigissem sensibilidade, piedade, virtude, doçura, pureza, espírito maternal e outras qualidades consideradas pelo discurso vigente como tipicamente femininas. Nesse caso, não eram admitidas em hipótese alguma profissões que levassem a mulher a desenvolver qualidades masculinas e a competir com os homens.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo do trabalho foram sempre muito grandes. Margareth Rago³⁰⁷ ao discutir o trabalho feminino nas primeiras décadas do século XX, já ressaltava as inúmeras dificuldades enfrentadas por elas para ingressar em um campo definido pelos homens como “naturalmente masculino”. Obstáculos que iam da baixa remuneração à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual.

Porém, ressalta-se que algumas mulheres que viviam nos anos 1950 não ficaram inertes diante dos valores dominantes, na medida em que elas continuaram inscrevendo-se em concursos, disputando vagas no mercado de trabalho. As mulheres por diferentes caminhos

³⁰⁴ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

³⁰⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em debate: trajetória e perspectiva na Historiografia Contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. p. 84-111.

³⁰⁶ BESSE, 1999.

³⁰⁷ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 578-606.

buscaram inserirem-se no mundo do trabalho, podendo elas seguir ou não os valores prescritos na hora de escolher a carreira profissional.

O universo do trabalho passava, com mais intensidade, a fazer parte da vida das mulheres teresinenses. Teresina era uma cidade que vinha se modernizando assim como as outras capitais do país. Os setores de serviço e escritório, particularmente, expandiam, necessitando da presença feminina como mão-de-obra. Os escritórios, em anúncios de emprego, davam preferência às mulheres.

PRECISA-SE de moça com boa apresentação, para serviços de vendas, caixa e escrituração de estoque, desde que tenha habilidade, seja firme em cálculos, tenha trabalho acurado e bom conhecimento de português e de datilografia. Idade de 16 a 25 anos. Cartas, do próprio punho, para a 'CASA INGLESA' Caixa postal – 3. Nesta capital, juntando fotografia.³⁰⁸

Trabalhar no setor de escritório exigia uma qualificação. A idade e a aparência também influenciavam na hora de escolher uma candidata para o cargo oferecido. As empresas procuravam mulheres preocupadas com a aparência e qualificadas profissionalmente, que tivessem boa caligrafia, facilidade de redação, o curso de datilografia, o curso comercial, o ginásio ou o normal e soubessem calcular. Ter o curso de contabilidade era um bom indicativo para quem queria trabalhar como auxiliar de escritório. A Escola Técnica de Comércio do Piauí e a Escola Técnica de Comércio Felismino Weser formavam a cada ano novas contabilistas e era no setor de escritório que as recém-formadas iam trabalhar, quando não conseguiam nos escritórios, anunciavam seus trabalhos de contabilistas nos jornais.

As mulheres que trabalhavam em escritório ganharam destaque no final dos anos cinquenta. No dia 30 de setembro de 1958 comemorava-se, pela primeira vez, o dia da secretária, reconhecendo com essa data o mérito da mulher que trabalhava em escritórios, ano em que também foi lançado no Rio de Janeiro o concurso de Miss Secretária. O evento ganhou notoriedade entre as profissionais e no ano seguinte a REMINGTON RAND DO BRASIL, S. A, lançou pela segunda vez, em todo território nacional com grande repercussão em Teresina, o concurso de Miss Secretária 1959, que visava encontrar uma representante da classe, que reunia qualidades profissionais e culturais, tendo na cidade de São Paulo o centro irradiador do concurso para todos os pontos do país. Essa iniciativa além de enaltecer a

³⁰⁸ AUXILIAR de escritório. *O Piauí*, Teresina, 4 abr. 1950, p. 2.

mulher que trabalhava no setor de escritório, valorizava a classe profissional. As bases do concurso de Miss Secretária 1959 estão expressas na seguinte nota:

[...] A inscrição se fará mediante as seguintes bases: 1) Redação de uma composição de no mínimo uma e no máximo três páginas datilografadas, espaço duplo, em papel ofício, sobre o tema “A Máquina de Escrever: O Que Significou Para a Mulher Como Instrumento de Trabalho e Fator de Emancipação Social”. 2) Não há limitações quanto à forma literária da composição. A limpeza e o bom gosto no serviço datilográfico pesarão na classificação. 3) Os trabalhos devem ser dirigidos à REMINGTON RAND DO BRASIL S. A. – CONCURSO MISS SECRETÁRIA 1959 – Caixa Postal 1419 – São Paulo, acompanhados de uma folha anexa com uma fotografia recente e mais nome completo, idade, nacionalidade, estado civil, residência, nome e endereço da firma onde trabalha e nome do chefe imediatamente, até o dia 31 de julho corrente. 4) Qualquer moça que trabalhe em escritório em qualquer cidade do país, exercendo as funções de secretária ou com capacidade para fazê-lo, pode participar do concurso. [...]. 9) A entrevista pessoal das candidatas constará de testes de cultura geral, apresentação e desempenho necessários a uma boa secretária.³⁰⁹

O concurso homenageou as secretárias brasileiras e do mundo inteiro pela dedicação e eficiência demonstradas na profissão. Estas foram reconhecidas mediante o concurso, tal fato serviu para instigar outras mulheres a seguirem a carreira. O trabalho de secretária, apesar de ser coadjuvante e de exercer um papel secundário na economia, significava uma nova posição da mulher na sociedade, que passava a assumir a identidade profissional e a ter outras atribuições. Os cargos de prestígio estavam reservados, em grande parte, ao público masculino, restando ao público feminino, dentre outras profissões, os de secretárias, auxiliares, assistentes, ou seja, funções consideradas menos importantes nos campos produtivos. A dimensão alcançada pelo concurso mostra, por exemplo, que a classe das secretárias era bastante numerosa no Brasil no período em estudo. Dessa forma, as mulheres teresinenses que ocupavam cargos de prestígio representavam casos singulares e não uma tendência da época.³¹⁰

A classe das comerciárias também foi homenageada por meio de concurso. No ano de 1955, o clube do comerciário, entidade ligada ao Serviço Social do Comércio (SESC) e ao Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), sob o patrocínio de importantes firmas do alto comércio piauiense, promovia o concurso “Miss Comerciária 1955”, visando eleger a mais bela representante da classe comerciária de Teresina. Entre as finalistas ao posto

³⁰⁹ CONCURSO Miss Secretária 1959. *O Dia*, Teresina, 19 jul. 1959, p. 5.

³¹⁰ D. HERCÍLIA Almendra. *Jornal do Piauí*, Teresina, 21 fev. 1954, p. 5.

de Miss Comerciária encontrava-se Olgarina Castro representante da Casa Inglesa, Francisca Lima da Agência Chevrolet, Zélia Pedrosa de Moraes Importação Ltda., Yolanda Machado da Auto Peças Ltda. e Denise Veras, das lojas Singer.³¹¹ Essas mulheres representavam à beleza e eficiência desses estabelecimentos e concorriam entre si pelo título de Miss Comerciária 1955. O concurso, que veio a repetir-se nos anos seguintes, recebeu apoio das famílias piauienses, isso porque, segundo os idealizadores do evento, cinquenta por cento (50%) da renda adquirida no concurso seria revestida em benefício do Pavilhão dos Tuberculosos, o que de fato ocorreu logo após a coroação de Olgarina Castro como Miss Comerciária 1955.³¹²

O grande vulto que teve o evento, nos reporta à ideia de que naquele momento havia uma presença expressiva de mulheres no setor comercial, visto que as cinco mulheres aqui apresentadas eram apenas as finalistas do concurso, isso significa dizer que outras mulheres comerciárias tinham participado do concurso, sendo desclassificadas no decorrer do evento. Devemos acrescentar que as candidatas ao fazerem a sua campanha engrandeciam a profissão. O evento foi assim, mais que um concurso de beleza ou obra de caridade, uma vez que contribuía para colocar em evidência a profissão de comerciária que na época exigia beleza, mas principalmente uma qualificação profissional. Yolanda Machado representante da firma Auto Peças Ltda., em cujo escritório exercia a sua atividade de comerciária, era um exemplo de uma profissional que atendia as exigências do mercado, ela dedicava o dia as atividades no comércio e a noite às aulas na Escola Técnica de Comércio do Piauí.³¹³

O perfil da trabalhadora dos anos cinquenta é o da profissional qualificada, pois os tempos exigiam uma mulher preparada para atuar no mercado de trabalho formal. As profissionais desse período lutavam por transformações em sua realidade cotidiana, seja reivindicando por melhores salários ou mesmo profissionalizando-se. As mulheres de uma forma ou de outra estavam marcando a sua presença no mercado de trabalho formal.

4.3 Do labor ao lazer: festividades e manifestações culturais

Teresina, como outras cidades do país, tinha seus momentos de lazer. Momentos de diversão em que se poderia esquecer o trabalho, os conflitos familiares e vivenciar a cidade de uma outra forma. O lazer geralmente acontecia em espaços da cidade destinados

³¹¹ CONCURSO Miss Comerciária de 1955. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 ago. 1955, p. 7.

³¹² CONCURSO Miss Comerciária 1955. *Jornal do Piauí*, Teresina, 23 out. 1955, p. 12.

³¹³ YOLANDA Machado fala a nossa reportagem. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 ago. 1955, p. 4.

exclusivamente a proporcionar à população ocasiões agradáveis com a família e amigos ou mesmo nas residências.

Os bailes e as diversas festas constituíam um lazer típico dos teresinenses e eram realizados nos clubes da cidade ou nas residências das pessoas por várias razões – nascimentos, aniversários, casamentos, formaturas, colação de grau, viagens, festas tradicionais, bodas de casamento e muitas outras.

No que concerne às bodas de casamento, devemos ressaltar que o matrimônio tinha grande relevância nesse período, os casais faziam questão de comemorar com a família e os amigos os anos de casamento representados pelas bodas de cristal (15 anos), bodas de prata (25 anos) e bodas de ouro (50 anos). Os casais de Teresina, por ocasião das bodas de casamento, mandavam celebrar uma missa e após o ato religioso, comemoravam a data com uma grande festa em suas residências. Era uma sociedade em que o casamento ocupava um lugar central no seio da família, os anos de vida matrimonial deveriam ser lembrados com uma grande festa e a Igreja Católica, como instituição defensora da indissolubilidade do matrimônio, estava presente nessas comemorações. As festas de bodas de casamento faziam renascer em muitas jovens o sonho do matrimônio, pois mesmo que algumas mulheres estivessem ingressando no mercado de trabalho e assumindo a identidade profissional, permanecia em seus projetos o casamento, a constituição de uma família, e era nessas festas que muitos namoros e casamentos começavam, devido a uma maior liberdade que moças e rapazes tinham para dançar, trocar olhares e conversar.

As festas de aniversário, batizado, noivado e casamento, assim como as festas de bodas de casamento, aconteciam com maior frequência nas residências. Eram festas tradicionais entre os teresinenses que celebravam a vida e a união. Momento oportuno para reunir a família, estreitar os laços entre as pessoas e começar novas amizades e namoros.

Os bailes, as festas tradicionais, cívicas e aquelas com fins beneficentes tinham espaços nos clubes de Teresina. O Clube dos Diários, fundado em 31 de dezembro de 1922, atuava com grande expressão na década de 1950, sediando bailes carnavalescos, bailes de formatura, festas juninas e promovendo outras festas para os seus sócios. Uma característica desse clube era a preocupação com os trajes, pois a direção em seus comunicados à imprensa sempre se reportava ao traje que deveria ser usado pelos sócios nas festas. O Clube dos Diários realizava as festas em alusão a uma data especial ou a um mês. O comunicado que segue é do Clube dos Diários convidando todos os seus sócios a se fazerem presente no referido clube para uma festa em comemoração ao dia do trabalho e ao mês das flores:

A diretoria do 'Clube dos Diários' leva ao conhecimento de seus consócios que no próximo dia (2) de maio, levará a efeito nos salões de sua sede, à Rua Álvaro Mendes, 1272, mais uma festa dançante, que ofertará aos seus dignos sócios, em homenagem ao Dia do Trabalho e mui especialmente ao mês das flores, sendo, por isso, denominada 'Festa das Flores'.

[...]

A Diretoria resolveu que o traje será de passeio, entretanto encarece das distintas senhoras e senhoritas que adicionem ao mesmo traje uma flor, à escolha, para se dar a festa o seu verdadeiro sentido.³¹⁴

O Clube dos Diários promovia inúmeras festas durante o ano e, dependendo da data comemorativa, o clube realizava uma matinal dançante para as crianças e adolescentes e, no turno da noite para os adultos. O Clube dos Diários com seus bailes e festas conseguia reunir as famílias mais tradicionais de Teresina, ou seja, era um local de diversão para as pessoas de classe média e alta da cidade. Neste clube se poderia encontrar, desfilando pelos salões, as mulheres mais elegantes da sociedade teresinense.

Além do Clube dos Diários, os teresinenses contavam para os seus bailes e festas com o Jockey Clube do Piauí, clube de grande atuação nas festividades, o Clube Marquês de Paranaguá, o Centro Artístico Operário Piauiense, o Círculo Militar de Teresina, o Botafogo Esporte Clube e muitos outros. Esses clubes animavam as noites de Teresina com suas orquestras, com a presença de cantores da região e de outros Estados, com bebidas e distribuição de prêmios para os participantes das festas.

As mulheres, nas festas promovidas pelos clubes, não participavam somente como convidadas, muitas delas atuavam organizando os eventos e mesmo participando da sua programação, como foi o caso de Yêda Caddah e Marion Costa que orientaram em 1956 uma apresentação regional durante uma festa caipira realizada pelo Jockey Clube do Piauí.³¹⁵ Contudo, o brilho da mulher teresinense estava nos salões, a sua beleza e elegância chamavam a atenção das pessoas presentes no baile.

Nos clubes de Teresina era comum a promoção de bailes para escolha de rainha dos calouros das Faculdades, dos colégios, o concurso de rainha da graça e muitos outros que tinham por finalidade exaltar a beleza e elegância feminina nos salões. Em alguns clubes chegavam mesmo a distribuir prêmios para as mulheres mais elegantes, o que gerou um concurso para escolha de Miss Elegante promovido pelo Clube Marquês de Paranaguá. Em uma coluna de jornal registraram o seguinte comentário sobre o evento:

³¹⁴ CLUBE dos Diários. *Jornal do Piauí*, Teresina, 26 abr. 1953, p. 2.

³¹⁵ PROGRAMA de um "São João na Roça" que o Jockey Club do Piauí realizará no seu hipódromo dos noivos. *Jornal do Piauí*, Teresina, 12 jun. 1956, p. 2.

Aconteceu sábado último no Clube Marquês de Paranaguá, um grandioso baile para comemorar a posse da nova Diretoria que regerá os destinos daquele já vitorioso clube social.

No decorrer da festa foi eleita a ‘miss elegante’, escolhida por um júri comandado por este colunista, cuja escolha recaiu na senhorita Josélia Freitas, linda morena que desfilou com muita graça e elegância, sendo sua vitória recebida com muito agrado.³¹⁶

O baile, para as mulheres, era um momento de expor toda a elegância e o requinte da sua educação, momento oportuno para exaltar a figura feminina como símbolo de beleza. O concurso de Miss Elegante é a prova do papel relevante que a mulher teresinense tinha nos salões. As colunas de jornais, a exemplo do “Mundanismo”, não poupavam esforços para destacar as mulheres mais elegantes dos bailes realizados na cidade, sempre enfatizando as vestimentas, o penteado e os acessórios usados pelas jovens e senhoras de Teresina.

Os bailes constituíam uma diversão generalizada e difundida entre a população. Teresinha Queiroz³¹⁷ ressalta que nas primeiras décadas do século XX, os bailes eram locais escolhidos pelos jovens para a prática do namoro e do flerte, uma vez que não eram permitidas às moças um maior contato com os rapazes, exceto na condição de um namoro sério, o que não excluía a vigilância dos pais sobre as filhas.

Essa realidade informada pela autora não era muito diferente da situação das mulheres na década de 1950, quando se tem em vista o conjunto de normas prescritas para as jovens, que encontravam nos bailes, uma oportunidade para burlar determinados códigos sociais, como romper as distâncias entre as moças e os rapazes.

Outro meio de diversão presente em Teresina que atraía as mulheres, era o cinema. As primeiras projeções cinematográficas na cidade são do início do século XX e a partir desse período, o cinema passou a constituir um dos principais meios de diversão dos teresinenses de todas as idades e classe sociais.

Teresina na década de 1950, apesar de dispor ainda de um número reduzido de cines e por vez, desprovido de conforto, conseguia reunir com as projeções cinematográficas uma grande parcela da população que diferia entre si pela classe social, idade e sexo. A heterogeneidade do público do cinema se devia ao fato de que este, era uma diversão relativamente barata, portanto, acessível às classes menos favorecidas e mesmo porque nesse período a cidade não oferecia aos seus habitantes, casas de diversão em grande número,

³¹⁶ MUNDANISMO. *Jornal do Piauí*, Teresina, 25 ago. 1960, p. 2.

³¹⁷ QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUND-API, 2008.

restando à população como forma de entretenimento os poucos cines. Dessa forma, pessoas de diferentes classes sociais se reuniam no mesmo espaço para assistirem aos filmes que nos anos cinquenta representavam uma das principais atrações no lazer da cidade. A programação dos cines era amplamente divulgada nos jornais que circulavam na cidade, isso fica claro no seguinte anúncio:

Cine – Rex

Para hoje e amanhã está anunciada a exibição do grande filme – A Sereia e o Sabido, nas sessões de 3,15 – 6,15 – 8,15. Não deixem de assistir.

Theatro ‘4 de Setembro’

Hoje será exibido na tela desta casa de diversões o grande filme que todos devem assistir – DEPRAVADAS, nas sessões das 3,15 – 6, 15 e 8,15.³¹⁸

Os filmes eram exibidos no Theatro 4 de Setembro, no Cine Rex e no Cine Ideal. A imprensa se encarregava de divulgar para a cidade os filmes que estavam em cartaz nesses cines, geralmente ocorria três à quatro sessões por dia, aumentando com esse número de sessões o fluxo de pessoas na cidade. O público do cinema poderia assistir os filmes nas sessões de 10:15h, 3:15h, 6:15h e 8:15h, não necessariamente havia exibição nessas quatro sessões, mas com esses horários percebe-se que a frequência no cinema era uma prática comum entre os teresinenses e as diversas sessões contribuíam para atender as exigências de horário das crianças, dos jovens e adultos.

O cinema era um convite a uma viagem nas tradições e costumes de outros povos e mesmo da sociedade brasileira. O Theatro 4 de Setembro, o Cine Rex e o Cine Ideal, exibiam filmes românticos, históricos e religiosos, sendo eles produtos de companhias cinematográficas internacionais e nacionais. O público do cinema estava composto principalmente por mulheres, os filmes exerciam forte influência em suas condutas e nas vestimentas. Os filmes românticos, particularmente, povoavam o imaginário de muitas jovens. Segundo Bassanezi,³¹⁹ as moças aprenderam a beijar e a ter outros comportamentos assistindo aos filmes americanos.

No início do século XX, Elias Martins,³²⁰ defensor das ideias católicas, criticou ferrenhamente a influência do cinema entre as classes sociais. Com relação ao público feminino, o autor manifestou seu pensamento afirmando ser o cinema o responsável por modificações na vida da mulher, fazendo com que ela se afastasse das obrigações domésticas, ditando-lhe modas e interferindo nas relações amorosas.

³¹⁸ CINEMAS. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 out. 1954, p. 4.

³¹⁹ BASSANEZI, 2008.

³²⁰ MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.

O cinema nas primeiras décadas do século XX, período da sua instalação em Teresina, foi alvo de severas críticas por parte de intelectuais como Elias Martins³²¹ que defendia uma corrente ligada ao pensamento conservador da Igreja Católica. Para essa corrente de pensamento, o cinema influenciava nos costumes, nas tradições, atuando de fato como elemento de transformação cultural.

Na década de 1950, o cinema continuou a ditar modas e a interferir no comportamento da mulher na sociedade, constituindo, mais uma vez, alvo das críticas da Igreja Católica. De acordo com a instituição católica, o cinema era uma escola de perversão para o público feminino e todos que o frequentavam. Isso pode ser verificado no seguinte fragmento:

[...] o cinema excita de uma maneira enfermiza a imaginação exaltada das mulheres, embota-lhes a inteligência, atrofia, anula a vontade, criando o tipo de mulher inútil, irritável e histérica. A influência do cinema é hoje a maior projeção que se possa imaginar [...]
O cinema faz perder o amor aos estudos, às leituras e ocupações sérias. Desperta prematuramente nos corações dos rapazes e donzelas o fogo das paixões. Faz perder o respeito que os filhos devem aos pais. O cinema ensina a buscar em todas as coisas só o prazer e o egoísmo. O cinema é um elemento contra a vista, os nervos, o coração e os pulmões da infância.
O cinema é a escola onde se ensinam e se glorificam os crimes mais objetos; e por ser a escola do crime, o cinema é um terrível propagador das modas e costume morais, sufoca os sentimentos do pudor, da vergonha e delicadeza cristã [...].³²²

A Igreja, consciente do poder de influência do cinema sobre o comportamento das pessoas, resolveu inverter a situação, lançando uma campanha em prol da criação de um cinema católico em Teresina, pedindo para tanto, o apoio e a cooperação da juventude e das famílias católicas. A iniciativa partida da União dos Moços Católicos (UMC) visava com o cinema exibir somente filmes religiosos com o propósito de cristianizar a população.

O empreendimento de iniciativa e realização da União dos Moços Católicos foi concretizado em 1952, com a inauguração de um cinema de orientação católica, denominado Cine São Tarcisio. A sede para a projeção cinematográfica escolhida foi o Centro Cultural Católico, à rua Senador Teodoro Pacheco.³²³

O cinema havia conquistado o público teresinense, principalmente as mulheres, frequentadoras assíduas dos cines. A Igreja Católica como forma de conter a influência do

³²¹ MARTINS, 1920.

³²² O MAU cinema, escola de perversão da mocidade. *O Dominical*, Teresina, 20 mar. 1955, p. 3.

³²³ A INAUGURAÇÃO do cinema católico. *O Dominical*, Teresina, 27 jan. 1952, p. 1.

cinema na vida da população, tratou de utilizá-lo a seu favor, criando um cinema católico capaz de proporcionar a população um divertimento educativo.

As famílias de Teresina foram convidadas a frequentarem o Cine São Tarcisio e a assistirem aos filmes exibidos, todos com uma mensagem de amor a Deus e aos seus mandamentos. Ao assistir esses filmes, o público poderia se divertir, ao mesmo tempo, em que introduzia os valores cristãos.

O cinema se popularizava, constituindo no lazer típico dos teresinenses. Com relação aos outros cines, foi possível constatar que as críticas nos anos cinquenta eram voltadas tanto para o conteúdo dos filmes, pela influência que estes poderiam exercer na conduta das pessoas, quanto à deficiência das empresas cinematográficas que constituíam em número muito reduzido. Os cronistas nesses anos reivindicavam um aparelhamento adequado para uma perfeita projeção e compreensão dos filmes, notadamente os nacionais, que pelo fato de não serem acompanhados de legendas, nem sempre eram entendidos por falta de nitidez do som. Solicitavam aos empresários que inaugurassem outras casas de diversão ou que no mínimo aprimorassem e dotassem os cines de conforto. Um cronista acerca das péssimas condições dos cines noticiava no jornal *Folha da Manhã*:

Na verdade, tanto o Rex como o Theatro, são duas casas de espetáculos que não possuem o mínimo de conforto exigido pela técnica do ramo que exploram, ou para atenderem as exigências orgânicas do aglomerado humano que se comprime em suas salas de exibições! Os salões, estilo ‘armazém’, antiquados e de um mau gosto chocante, pecam pela falta de asseio e arrumação. As cadeiras envelhecidas e desconfortantes, em fitas quase justapostas e sem uma inclinação tecnicamente desejada, prejudicam acentuadamente o ângulo de visão para a tela. Acrescente-se a isso o calor sufocante nos dias de verão [...]. Para combater esses 38° à sombra, que naquele forno junta-se ao calor humano, existem duas filas de ventiladores ‘para mesa’ pregados, aqui e acolá, nas paredes e cujo jato de ar circundante não ultrapassa a três metros de raio! [...]. Segue-se a falta de ar oriunda da escassez do oxigênio reinante e o excesso de gás carbônico acumulado no ambiente. E para finalizar vem o martírio da projeção: – velhas máquinas, operadores deficientes, etc., [...].³²⁴

Reclamações desse tipo foram constantes no decorrer da década de 1950, pois era inadmissível uma cidade como Teresina, que se pretendia moderna, oferecer aos seus habitantes cinemas sujos, com poltronas quebradas, instalações elétricas defeituosas, projetores imperfeitos e imagens trêmulas.³²⁵ Situação que não poderia ser mais aceita pela

³²⁴ CINEMA... outro problema. *Folha da Manhã*, Teresina, 6 jan. 1958, p. 3.

³²⁵ DOIS problemas – cinema e aeroporto. *Folha da Manhã*, Teresina, 19 maio 1959, p. 3.

população que pagava a sua entrada nesses espaços. Para os cronistas da época, o estado decadente das casas de espetáculo não se justificava na baixa renda dos cinemas, visto que as filas nos dias de exibição dos filmes eram imensas. Além disso, o valor cobrado pelos empresários nos cines de Teresina era o mesmo pago em lugares como São Paulo que tinha cinemas confortáveis e filmes de qualidade. Ou seja, a desculpa da renda inexpressiva não explicava o desprezo dos exibidores de filmes para com a sociedade teresinense que buscava diversão.

Uma outra crítica feita a essa forma de lazer foi em relação à repetição dos filmes, isso porque Teresina contava com poucos cines e na falta de outras casas de diversão para a população, os empresários abusavam na repetição dos filmes. Acrescente-se a esse contexto a exibição de filmes mexicanos e italianos, considerados pelos críticos como de péssima qualidade, bem como a prática de operadores que na pressa para se desocuparem mais cedo, terminavam fazendo cortes na película projetada.

Quanto ao público as reclamações estavam dirigidas tanto às pessoas que ficavam nos cinemas fazendo brincadeiras desagradáveis como aos fumantes, visto que a fumaça prejudicava a visão do expectador e dificultava o trabalho de projeções, além do incômodo que a fumaça causava às pessoas que se encontravam próximas aos fumantes.³²⁶

A superlotação nos cines constituía um fator agravante para esses tipos de inconveniências, na medida em que uma grande quantidade de pessoas dificultava a fiscalização e a tomada de providências. Isso contribuiu para que a prefeitura municipal de Teresina instituisse no dia 20 de outubro de 1955 a Lei n. 446. A nota a seguir refere-se aos artigos 1, 2 e 4 desta Lei.

Art. 1º – Fica proibido aos cinematógrafos, teatros e casa de espetáculos em geral, com ingressos a pagamento, a venda de entradas ou bilhetes a número superior à lotação respectiva.

Art. 2º – Lotado o cinematográfico, teatro ou casa de espetáculos, a gerencia ou direção colocará em lugar visível ao público, aviso de que a venda de entradas ou bilhetes, far-se-á, somente, para o espetáculo ou sessão, imediatamente seguinte, a iniciar-se no mesmo dia.

[...]

Art. 4º – Fica sujeito à multa de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr\$ 5.000.00 (cinco mil cruzeiros), o cinematógrafo, teatro e casa de espetáculos em geral, que infringir o estatuído nesse diploma, importe, em dobro, no caso de reincidência.³²⁷

³²⁶ NOSSOS cinemas. *O Dominical*, Teresina, 15 mar. 1959, p. 3.

³²⁷ ESTADO DO PIAUÍ. Lei n. 446 de 20 de outubro de 1955.

O estado deplorável das duas casas de espetáculos foi bastante criticado pelos cronistas, que no ato das suas funções, divulgavam no ano de 1959 a existência de um projeto para a construção de um outro cinema na capital. O projeto de autoria do Dr. Waldemar Napoleão do Rego, alto funcionário do Banco do Brasil, previa a instalação de um cinema moderno. Isso pode ser constatado na nota a seguir:

Chamar-se à a nova casa de diversões CINE TERESINA (com instalações apropriadas para o cinema e teatro). Ficará localizado à Rua Álvaro Mendes esquina com a travessa David Caldas, no quarteirão defronte ao Clube dos Diários. O edifício projetado para uma área de 42 x 38 metros terá dois pavimentos, além de uma sobreloja, devendo funcionar o cinema no 2º andar. A sobreloja, o andar térreo e o porão destinam-se à instalação de 18 pequenas lojas dos mais variados tipos, todas de feição moderníssima. O cinema propriamente terá capacidade para 1.800 lugares. Sua tela, ultra-moderna, será de 26 metros, as poltronas disporão de conforto absoluto e ar no interior será refrigerado.

[...]

Dentro da orientação de aplaudir todas as iniciativas que visam ao progresso e engrandecimento da terra, aqui estamos para formar ao lado dos que se propõem construir o CINE TERESINA [...].³²⁸

O Cine Teresina representava os novos tempos. A tendência com a inauguração desta casa de diversão seria, um maior fluxo de pessoas transitando pelo centro da cidade e por mais tempo, pois com o fim da exibição das fitas, elas poderiam comentar sobre as cenas, os atores e atrizes do filme e passear pelas 18 lojas, que de acordo com o projeto, funcionariam no mesmo edifício do cinema.

Temendo a concorrência, o dirigente do Cine Rex prometia em 1960 dotar o cine de ar condicionado e outras modificações, visando atender ao bem-estar do público de Teresina.³²⁹ Na imprensa foram criadas as colunas Cine Jornal³³⁰ e Atualidades de Cinema³³¹ nas quais abriam espaço para crítica, noticiário e tudo que fosse relativo ao cinema.

O Theatro 4 de Setembro e o Cine Rex, apesar de disporem de espaços pouco confortáveis, contagiavam a população com a exibição de filmes. O Theatro 4 de Setembro, particularmente, foi bastante frequentado pela população de Teresina, pois além das fitas cinematográficas, o teatro era palco das solenidades de formatura, colação de grau, concerto de piano, peças e diversos espetáculos. As mulheres, em especial, marcavam a sua presença na platéia e no palco do teatro, atuando em inúmeras apresentações.

³²⁸ CINE Teresina. *Folha da Manhã*, Teresina, 16 jun. 1959, p. 5.

³²⁹ FLAGRANTES sociais. *Jornal do Piauí*, Teresina, 12 maio 1960, p. 2.

³³⁰ CINE-JORNAL. *Jornal do Piauí*, Teresina, 19 maio 1957, p. 9.

³³¹ ATUALIDADES de cinema. *Jornal do Piauí*, Teresina, 10 out. 1957, p.7.

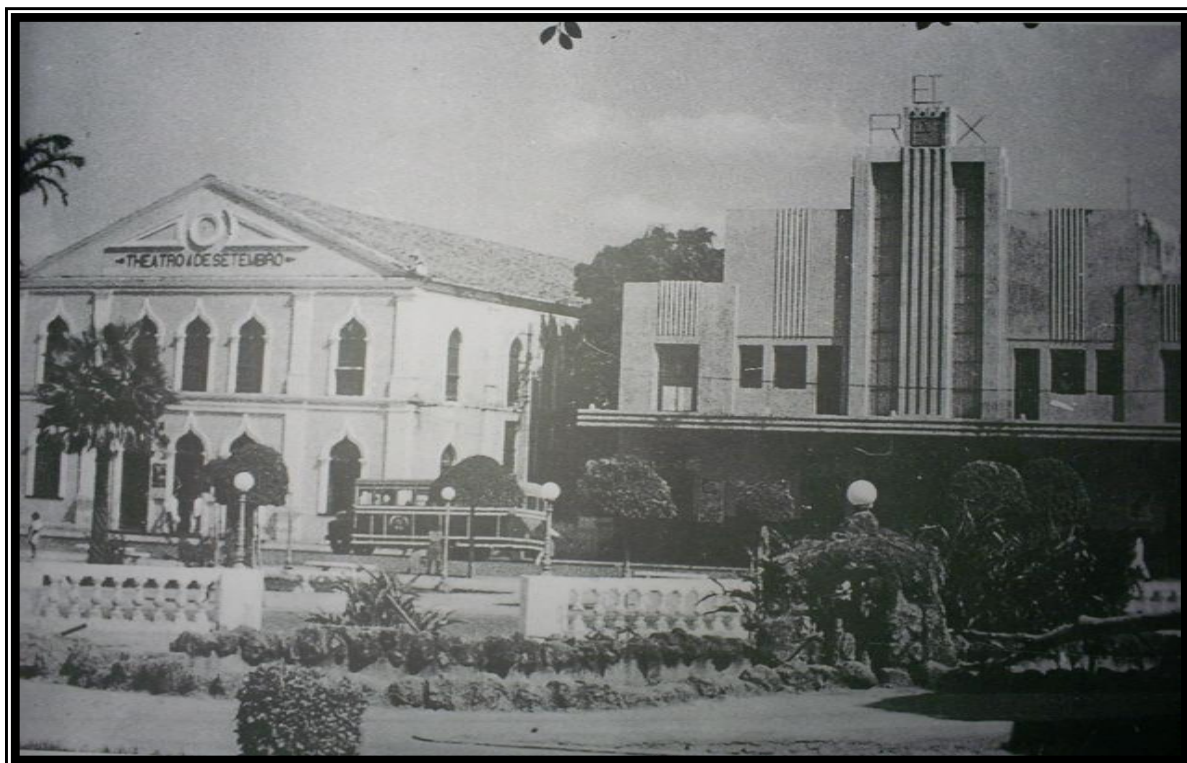


Foto 7: O Theatro 4 de Setembro (1894) e o Cine Rex (1939) nos anos 1950. In: FERNANDES, João Claudino. *Teresina: 1852-2002*. Teresina: Halley, 2002, p. 17.

Fonte: Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí.

Acrescenta-se a essas formas de lazer, o carnaval. Nos três dias de carnaval, Teresina fazia um convite à alegria, ao prazer, à diversão, à fantasia e à liberdade. Uma festa em que socialmente se poderia extravasar todas as emoções. Damatta³³² define o carnaval como uma ocasião em que a vida diária deixa de ser operativa, por causa disso, o carnaval cria uma situação em que a alegria deve reinar soberanamente. O carnaval é definido como “liberdade” e possibilidade de fantasiar uma vida com ausência de miséria, trabalho, obrigações, pecado, deveres, onde a ordem é viver a vida com prazer.

Na época do carnaval, os teresinenses paravam todas as suas atividades para prestigiarem o desfile do Rei Momo pelas ruas da cidade, bem como os animadíssimos blocos que faziam a festa dos foliões que na ocasião aproveitavam para fazerem guerras de confetes, serpentina ou lança-perfume. A festa decorria de maneira alegre, o carnaval era anunciado como uma festa popular, onde se decretava o desaparecimento dos preconceitos raciais, sociais e as convenções conservadas pela sociedade, o que nem sempre acontecia. Para Rezende,³³³ o carnaval serve para as pessoas esquecerem as dificuldades e os problemas

³³² DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 65-78.

³³³ REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade de Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

enfrentados durante todo o ano. Os três dias de folia mudam o cotidiano da cidade e de seus habitantes.

O desfile do Rei Momo, dos blocos fantasiados e do corso pelas ruas de Teresina, atraíam pessoas das camadas populares, da classe média e da elite, juntas participavam das festas carnavalescas. Como de costume o corso saía da Praça Rio Branco, passando pelas ruas Simplício Mendes, Senador Teodoro Pacheco, Avenida Antonino Freire, 7 de Setembro e Lisandro Nogueira, convidando a população teresinense a se fazerem presente nas folias do Rei Momo.³³⁴

Por outro lado, se o carnaval nas ruas possibilitava a aglomeração das classes sociais, os bailes em clubes vetavam a participação de parte da população. As diretorias dos clubes promoviam bailes carnavalescos para os seus associados, exigindo para o ingresso dos sócios o cartão de mensalidade do mês do janeiro, excluindo dessa forma as pessoas de menor poder aquisitivo. Os bailes carnavalescos eram realizados em clubes situados em diferentes pontos da cidade e entre eles destacavam-se o Clube dos Diários, Jockey Clube do Piauí, Circulo Militar de Teresina, Clube Marquês de Paranaguá, Centro Artístico Operário Piauiense, River Clube, Botafogo Esporte Clube, Teresinense Esporte Clube, Auto-Esporte Clube, Terríveis, Piauí Esporte Clube, Esporte Clube Flamengo, Atlético Esporte Clube, União Artística, Clube dos Comerciários entre outros.³³⁵ Na concepção de Sá Filho,³³⁶ os clubes na época do carnaval, reproduziam a estratificação social, existente na sociedade teresinense, durante todo o ano, demonstrando que nem todas as barreiras eram abolidas nesse período.

Os clubes, apesar de restringirem a participação da maioria da população, davam um brilho ao carnaval com os bailes, as orquestras que tocavam, entre outros ritmos, as marchas, além de serem outros espaços para o desfile dos blocos carnavalescos que, no decorrer dos anos cinquenta, era uma das principais atrações do carnaval de Teresina. Entre os blocos carnavalescos que desfilavam pelas ruas, praças da cidade e clubes destacavam-se o Pau de Arara, Cruzmaltino da Folia, Sem Rival, Abre Alas, Ranchinho do Botafogo, Última Hora, Pilotos do Samba, Escola de Samba, Estrela do Mar, Escravos do Samba, Águia Negra, Anjos de Cara Suja, Só Quero Broto, Malucos Por Samba, Nova Escola de Samba, Inocentes do Ritmo, Faixa Negra, Garotos Sambistas, Brotinhos do Amor, além do animado bloco dos casados. As disputas entre os blocos para conquistar a preferência do público e da comissão julgadora dos clubes ocorriam de forma acirrada. Os clubes ofertavam brindes aos blocos que

³³⁴ NO REINADO de Rei Momo. *Jornal do Piauí*, Teresina, 15 fev. 1953, p. 4.

³³⁵ BAILES carnavalescos em todos os clubes de Teresina. *Jornal do Piauí*, Teresina, 25 fev. 1954, p. 1.

³³⁶ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O carnaval em Teresina. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Histórias de vários feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 74-95.

melhor se apresentassem em termos de fantasia e que demonstrassem mais alegria. No concurso de fantasias individuais, as mulheres eram as mais premiadas.³³⁷

Foi nesse animado ambiente de desfile de blocos nas ruas, praças e clubes com direito a guerras de confetes, serpentina e lança-perfume que os foliões se divertiam. As mulheres que, ao longo da história foram conquistando seu espaço no carnaval, tinham na década de 1950 lugares reservados nessa folia, algumas vezes como observadora da festa, outras vezes como participantes ativas. Alguns blocos eram organizados e formados exclusivamente por mulheres como os blocos femininos “Feiticeiras Sem Rival” e “Embaixada da Alegria”. Este último, por exemplo, foi o bloco vitorioso no carnaval de 1960.³³⁸ Em outros blocos as mulheres dividiam espaços com os homens, como deixa claro o relato na coluna Mundanismo.

Wilson Freitas, Carlos Macêdo, José Eulálio, Ciro e Nogueirinha, José Noronha, ‘Senador’, todos pertencente a ‘Turma da Viúva’, mais outros foliões, fazem parte da ala masculina de um animado bloco para o carnaval, enquanto a ala feminina é brilhantemente defendida pela Cecília, Vera, Isis, Maria Augusta, Sandra, Rosely, Laís, Sônia, Carolina, a dinâmica Lea e Outras mais. Os ensaios estão se realizando sempre na mesma base.³³⁹

Homens e mulheres de diferentes classes e idades participavam do carnaval de Teresina, desfilando no mesmo bloco, em blocos separados ou então como meros expectadores da folia, só não poderia era ficar de fora dessa animada festa. A recorrência de blocos e alas compostos exclusivamente por mulheres fez muitos pais conservadores refletirem sobre essa forma de lazer, permitindo que suas filhas desfilassem no carnaval, logo elas estariam próximas de outras jovens da mesma idade e às vezes da mesma classe social e, dessa forma não comprometeria a honra das “moças de família”. As mulheres aproveitavam assim o carnaval para se divertirem com as amigas e encontrar-se com algum namorado ou pretendente.

Passado o carnaval, a população teresinense retornava as suas atividades rotineiras e a ter como lazer os bailes, as festas, o cinema, o teatro e a marcar presença nos restaurantes, no passeio pelas praças de Teresina, especialmente, a Praça Pedro II e a Praça Rio Branco, consideradas cartões de visita da cidade pela exuberância de suas paisagens, locais preferidos

³³⁷ O REINADO de momo em Teresina. *Folha da Manhã*, Teresina, 21 fev. 1958, p. 3.

³³⁸ TERESINA vibrou sob o reinado de Momo. *Folha da Manhã*, Teresina, 4 mar. 1960, p.3.

³³⁹ MUNDANISMO. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 fev. 1960, p. 2.

para os retratos e onde moças e rapazes se encontravam dando voltas em sentidos contrários, trocando olhares e galanteios.

A Praça Rio Branco era considerada de uso diurno e a Pedro II noturna. A Praça Rio Branco era a praça dos automóveis, do comércio, dos cafés e dos comícios, em outras palavras, o centro de agitação da cidade. Enquanto que a Praça Pedro II era a praça dos namoros, das moças, das sorveterias, onde a banda de música da polícia tocava. Local ideal para quem desejava conseguir uma namorada, isso porque era nessa praça que a juventude se encontrava, as moças rodando de um lado e os rapazes de outro. O movimento começava às sete e ia até as nove, quando as “moças de família” eram convidadas a voltarem para suas casas, sempre acompanhadas.³⁴⁰ Lembra Leonília Freitas,

[que] nos passeios na Praça Pedro II, as moças eram acompanhadas dos irmãos e tinha hora certa para voltar, dizia-se que era na hora que a banda de música da polícia que lá estava para tocar dava um apito que nós dizíamos que ‘soltavam a onça’ e todos nós corríamos para a casa, isso por volta das 21 horas.³⁴¹



Foto 8: Moças na Praça Pedro II, lugar preferido da juventude para tirar fotos e flertar. In: FERNANDES, João Claudino. *Teresina: 1852-2002*. Teresina: Halley, 2002, p. 22.

Fonte: Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí.

³⁴⁰ DOBAL, Hindemburgo. *Obra Completa II. Prosa*. Teresina: Corisco, 1999. p. 17-20.

³⁴¹ FREITAS, 2010.

Assim como em outros espaços, as praças com os seus traçados favoreciam a separação entre ricos e pobres. A Praça Pedro II, particularmente, “[...] era cortada transversalmente por uma rua. Na verdade existiam duas praças: a praça de cima e a praça de baixo. Esta última era ocupada pelas ‘moças da sociedade’. A praça de cima tinha como clientela, principalmente, as empregadas domésticas [...]”.³⁴²

Próximo às praças ficava ainda localizado alguns cafés, espaços frequentados em especial pelas mulheres dos estratos sociais altos. Os cafés eram tidos como ambiente familiar onde se poderia contar com uma clientela feminina. As famílias se reuniam nesse tipo de ambiente para conversar e consumir bebidas, frutas, doces, bombons, salgados e o tradicional café, alguns deles funcionavam também como sorveteria e restaurante. Eram espaços de sociabilidade para aquelas pessoas que desejavam esquecer os problemas domésticos, rever os amigos e conversar sobre os mais diversos assuntos.

No período em estudo, funcionavam, dentre outros, o Café Dragão, o Café Cristal, o Café Iracema, o Café Brasil, o Café Avenida. Todos em anúncios de jornal prometiam aos clientes um ambiente agradável, familiar, higiênico e moderno. Para corresponder a essas expectativas, o Café Avenida, anunciava a instalação do *cafezinho expresso*, um sistema adotado no mundo todo com a vantagem de resolver o problema do tempo e evitar aborrecimentos com garçons. Como mostra a nota publicada pelo jornal *O Dia*:

Este ponto aprazível da cidade onde se reúnem todas as categorias sociais para trocas de ideias e conforto material e espiritual vem, agora, de sofrer as melhores modificações para o bem único de seus numerosos frequentadores. Dentre outras modificações, a direção daquele estabelecimento acaba de instalar o chamado ‘Cafezinho Expresso’.

O sistema do cafezinho expresso, hoje mundialmente usado, tem a vantagem de resolver o problema do tempo e a circunstância de o freguês nunca trocar razões ou ter aborrecimentos com os garçons.

Nestas condições, o Café Avenida que é, em verdade, o melhor e o mais frequentado pela elite social teresinense, oferecedora em diante ao povo piauiense este belo e prático sistema para o brasileiro servir-se da magnífica rubiácea apreciada e usada nos quatros cantos do mundo.³⁴³

O Café Avenida assim como a maioria dos cafés de Teresina ficava situado próximo a Praça Rio Branco e por ser um ambiente familiar contava com uma expressiva presença feminina. Os cafés eram o ponto de encontro das famílias teresinenses. Crianças, jovens e

³⁴² NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Olhares sobre a cidade: o lazer em Teresina da Belle époque aos Anos Dourados. *Cadernos de Teresina*, Teresina, ano 12, n. 30, p. 8, ago. 1999.

³⁴³ CAFÉ Avenida. *O Dia*, Teresina, 18 mar. 1951, p. 1.

adultos se deliciavam com as frutas, bebidas, doces e outras guloseimas, além de serem locais confortáveis, propícios para o início de amizades e namoros.

Diante de todas essas formas de lazer não poderíamos esquecer de falar sobre a mais tradicional de todas as festas, que eram as festas religiosas e aqui se trata das quermesses, procissões, novenas, os festejos das Igrejas e outros acontecimentos de caráter religioso. As festas religiosas aconteciam durante todo o ano e movimentavam a cidade, a população se fazia presente nessas festividades religiosas, principalmente as mulheres que representavam a maioria dos fiéis da Igreja Católica. “As mulheres tinham um papel fundamental na organização dessas festas religiosas, participando das comissões que seriam encarregadas de ornamentar as Igrejas, de preparar os cânticos das missas, de arrumar os enfeites a serem utilizados pelas imagens e pelo altar”.³⁴⁴

Para algumas moças, as festas religiosas constituíam a única forma de lazer, pois alguns pais rígidos só permitiam que suas filhas frequentassem a Igreja e as festas religiosas, proibindo-as de outras formas de lazer. Para essas jovens, as festas de caráter religioso eram uma oportunidade para passear, conversar, ouvir música e para encontrar-se com os rapazes. Na concepção de Castelo Branco,³⁴⁵ a devoção e a busca de lazer acabavam por se confundir, assim as festividades religiosas tinham, ao mesmo tempo, um caráter religioso e profano na medida em que tais festividades eram percebidas pelas pessoas como um ato religioso e uma diversão.

Com essa abordagem sobre a participação feminina no lazer da cidade, podemos afirmar que o lazer foi mais uma conquista das mulheres no espaço público, assim como no mercado de trabalho. As mulheres que viveram na década de 1950, sejam elas solteiras, casadas ou viúvas transitavam cada vez mais pela cidade, tanto para se divertir como para trabalhar.

³⁴⁴ CASTELO BRANCO, 2005, p. 42.

³⁴⁵ CASTELO BRANCO, 2005.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou a participação das mulheres de classe média e alta no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950, sem, contudo, deixar de destacar outras vivências e práticas femininas existentes no contexto pesquisado. Nesse sentido, apresentamos algumas das reflexões possíveis.

Com a pesquisa e análise das fontes, constatamos que Teresina nos anos 1950 era uma cidade ainda marcada por “elementos tradicionais”, mas, por outro lado, já poderiam ser notadas algumas mudanças que vinham sendo gestadas desde o final dos anos 1940. A urbanização intensificava-se, aproximando as pessoas e facilitando o acesso destas ao consumo e a informação. Os investimentos do Estado na educação e saúde favoreciam a inserção da mulher no mercado de trabalho. As iniciativas, tanto do poder público quanto do privado, no campo educacional contribuíam para aumentar a porcentagem de jovens matriculados nas escolas.

A cidade caracterizava-se por um contexto de mudanças e permanências. A divisão social dos papéis de gêneros permanecia nítida, homens no espaço público desempenhando o papel de provedor material e mulheres no espaço privado exercendo as funções de esposa, mãe e dona-de-casa. O casamento e a maternidade figuravam como carreiras por excelências de muitas jovens. Explicações biológicas entraram em cena quando o assunto era o comportamento feminino e masculino. Entretanto, em meio às possibilidades profissionais, muitas mulheres decidiram trilhar outros caminhos, inserindo-se no mundo do trabalho e alargando os seus espaços de atuação na sociedade.

Na imprensa teresinense verificamos uma série de discursos acerca das vivências e práticas femininas. Discursos estes, ambivalentes e em constantes conflitos. Alguns desses discursos divulgados nos jornais prescreviam como norma os papéis tradicionais de esposa, mãe e dona-de-casa, vistos como papéis naturais e fixos. No modelo normativo, a mulher era a responsável pelo sucesso do marido na carreira e pela boa educação dos filhos. A sua felicidade dependia do bem-estar da família, o seu desejo era o desejo dos outros.

Cabe, no entanto, ressaltar que nem todas as mulheres vivenciavam ou desejavam vivenciar esse modelo. Em contraste e paralelamente com o modelo feminino tradicional, emergiu um outro modelo de mulher, que exercia uma atividade remunerada e que lutava pela ampliação dos seus espaços na sociedade.

O trabalho feminino era uma realidade nos anos 1950 em Teresina. Cresceu nesses anos o número de mulheres que concebiam suas vidas a partir, também, do exercício de uma profissão. Diante disso, os discursos assumiam diferentes posições, ora condenavam o trabalho feminino com alegações de que este desestruturava a família, ora davam visibilidade e valorizavam a participação da mulher no mercado de trabalho, destacando os seus espaços de atuação na esfera pública.

Além do trabalho feminino, outras questões chamaram a atenção da imprensa e da sociedade. Os namoros sofriam algumas transformações, sugerindo mais liberdade entre os casais. O divórcio era algo questionado entre alguns setores sociais. Seguir os ditames da moda significou o encurtamento das saias e vestidos, a retirada das mangas e o uso de roupas coladas no corpo e transparentes. As mulheres estavam participando dos concursos de beleza, exibindo no espaço público sua beleza e sensualidade. Algumas normas vinham ainda sendo transgredidas com jovens consumindo bebidas alcoólicas, fumando e abrindo mão da virgindade.

No campo educacional, as fontes analisadas mostraram maior presença feminina na escola. Conforme os dados censitários, as mulheres no decorrer das décadas de 1940 e 1950 predominaram nos níveis elementar e médio. Diferente do ensino superior, em que os homens seguiram como a maioria.

No período em estudo, houve um aumento do número de jovens à procura do ensino ginásial ou primeiro ciclo do ensino médio secundário. Porém, existiam poucas escolas que ofertavam essa modalidade de ensino, sobretudo públicas, predominando a iniciativa privada. Nesse sentido, as meninas e os meninos que davam continuidade aos estudos e cursavam o ginásial pertenciam em geral às famílias de classe média e alta com condições financeiras para pagar as mensalidades das escolas particulares e preparar-se para o exame de admissão das escolas públicas. O sistema seletivo do ensino secundário beneficiava, dessa forma, a população estudantil pertencente às classes sociais privilegiadas.

Em outro aspecto, as escolas produziam diferenças de gênero no cotidiano escolar. Através da disciplina e de algumas práticas e métodos de ensino, as meninas eram conduzidas aos papéis tradicionais femininos de esposa, mãe e dona-de-casa e os meninos aos papéis tradicionais masculinos de pai e provedor familiar.

As diferenças de gênero continuavam nos níveis de ensino. A trajetória típica das moças abastadas na década de 1950 em Teresina era o curso Normal, de caráter profissionalizante. Já os rapazes cursavam, preferencialmente, o ensino secundário científico ou o ensino secundário clássico, que direcionava o ingresso no ensino superior.

O curso Normal realizado nas escolas Normais da capital e do interior do Piauí e o curso de auxiliar de enfermagem realizado na escola “Irmã Maria Antoinette Blanchot”, formavam respectivamente professoras e enfermeiras para atuarem em todo o Estado. Ambas as profissões eram respeitadas e consideradas femininas.

Nesse contexto, as mulheres estavam também cada vez mais ingressando no ensino superior ainda que de forma desproporcional em relação ao número de homens. Os investimentos familiares e a instalação das faculdades, sobretudo, da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí em 1958 facilitavam o acesso do público feminino a esse nível de ensino.

A educação com vistas a uma profissionalização estava nos projetos de muitas jovens pertencentes às famílias tradicionais do Piauí. Nos jornais observamos a recorrência de notas informando sobre suas aprovações em vestibulares de outros Estados, isso porque o Piauí, até o final da década pesquisada, contava apenas com a Faculdade de Direito e a Faculdade Católica de Filosofia, portanto, as jovens que desejavam fazer outros cursos tiveram que se dirigir para outros Estados, retornando a sua cidade depois de diplomadas para exercerem a profissão.

A escolarização foi, sem dúvida, um aspecto importante para a inserção da mulher no mundo do trabalho. Para as mulheres de classe média e alta seria mediante o acesso a educação, que mais facilmente integrariam o cenário de atividades remuneradas. As profissões que escolhiam, exigiam delas qualificações, ou seja, era necessário que investissem na educação para seguirem uma carreira profissional.

Ao analisarmos as fontes hemerográficas, orais e censitárias constatamos que as mulheres teresinenses exerciam, dentre outras profissões, a de professora, enfermeira, jornalista, advogada, farmacêutica, médica, funcionária pública, secretária, contabilista, dentista.

Dentre essas profissões, o magistério foi uma das que teve maior representatividade. As professoras da década de 1950 marcaram época com as suas reivindicações salariais, demonstrando que seu trabalho significava não apenas uma ocupação, mas uma profissão que, como todas as outras, merecia o reconhecimento em termos salariais, independente do sexo. A professora era representada como uma mulher que lutava por seus direitos na condição de profissional, diferente da professora do início do século XX, a qual era representada como mãe espiritual dos seus alunos.

No mercado de trabalho teresinense imperavam as desigualdades de gênero. As mulheres recebiam salários inferiores aos salários pagos aos homens, mesmo quando

realizavam atividades iguais aos destes. Além de baixos, seus salários atrasavam durante meses, contribuindo para agravar a situação dessas trabalhadoras.

As mulheres conviveram ainda com os entraves sociais para o acesso à esfera laboral, exemplo disso, foi a restrição feita a elas em inscreverem-se no concurso para Fiscal do Imposto de Consumo a serem realizadas no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) no ano de 1953. Segundo os organizadores do concurso, o cargo fugia às atribuições femininas.

O trabalho da mulher continuava cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem. Seu trabalho era considerado apenas como um complemento da renda familiar. De maneira geral, os homens ocupavam cargos de prestígio com a função de comando e recebiam os melhores salários, ao passo que as mulheres, na sua maioria, exerciam funções de ajudante e assistente, na qual predominavam os baixos salários.

Essas desigualdades eram justificadas nas atribuições dos papéis tradicionais masculinos de pai e provedor familiar e nos papéis tradicionais femininos de mãe, esposa e dona-de-casa. Em outras palavras, o homem por ser considerado o “chefe da casa”, principal responsável pelo sustento familiar teria que ocupar uma função de destaque no mercado de trabalho e receber um salário melhor. Podemos assim dizer que, a norma hierarquizava a participação feminina no mercado de trabalho, quando não excluía.

Mas apesar de todas essas desigualdades e hierarquias, percebemos que o trabalho feminino era cada vez mais comum. As mulheres escolhiam entre as profissões consideradas femininas, como o magistério e a enfermagem, e entre as ditas masculinas, a exemplo da profissão de advogada. Para algumas, o projeto foi de conciliação da carreira profissional com o casamento e a maternidade; para outras seguir uma carreira profissional implicou o abandono dos papéis tradicionais femininos.

A presença da mulher no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950, processo que começou em décadas anteriores, mas que assumiu proporções maiores nesse período devido a uma série de fatores de ordem econômica, política e social, concorreu para que uma outra realidade lhes fosse apresentada, na medida em que assumiam novos papéis e ocupavam novos espaços na sociedade.

Com mais frequência as mulheres frequentavam o espaço público, tanto como local de trabalho, quanto de lazer. Os bailes, os cinemas, o teatro, o carnaval, os passeios em praças, os cafés e as festas religiosas faziam parte, também, do cotidiano feminino no espaço público. Para aquelas que trabalhavam, era um momento de descanso da rotina diária.

Compreendemos com a pesquisa que, em se tratando das relações entre homens e mulheres não podemos determinar os espaços de atuação de cada um, pois ambos são livres para transitar por todas as esferas da vida, independente do sexo. Dessa forma, o trabalho feminino representa um deslocamento das fronteiras de gênero. Mais que isso, evidencia que os comportamentos e papéis não são tão fixos quanto parecem, o “ser” mulher e o “ser” homem assim como são construídos, também podem ser desconstruídos.

FONTES E REFERÊNCIAS

1 FONTES

1.1 INSTITUIÇÕES DE PESQUISA

Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí – Teresina (PI)

Centro Pastoral Paulo VI – Teresina (PI)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Teresina (PI)

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco – Teresina (PI)

1.2 PERIÓDICOS CONSULTADOS

Almanaque do Cariri, 1952.

Diário Oficial, 1950-1958; 1960.

Estado do Piauí, 1957; 1959; 1960.

Folha da Manhã, 1950; 1958-1960.

Jornal do Comércio, 1950-1954; 1956-1960.

Jornal do Piauí, 1951-1958; 1960.

O Dia, 1951-1960.

O Dominical, 1950-1960.

O Piauí, 1950-1954.

Revista Panóplia, 1954; 1955.

Revista Voz do Estudante, 1950; 1951.

Revista Zodíaco, 1950; 1958.

1.3 ARTIGOS PUBLICADOS EM JORNAIS E REVISTAS

A ENFERMAGEM no Brasil. *O Dominical*, Teresina, ano 22, n. 25/58, 22 jun. 1958, p. 1.

A ESCOLA Ana Neri. *Jornal do Piauí*, Teresina, 26 maio 1957, p. 10.

A INAUGURAÇÃO do cinema católico. *O Dominical*, Teresina, 27 jan. 1952, p. 1.

A INSTRUÇÃO em Teresina. *O Dia*, Teresina, 2 mar. 1958, p. 2.

A MÃE desnaturada apresentou-se a polícia. *Folha da Manhã*, Teresina, 8 jul. 1958, p. 6.

A MULHER e a educação dos filhos. *Jornal do Comércio*, Teresina, 24 fev. 1957, p. 2.

A MULHER e a educação dos filhos. *Jornal do Comércio*, Teresina, 21 fev. 1957, p. 2.

A MULHER jornalista. *O Dia*, Teresina, 1 dez. 1957, p. 2.

A MULHER verdadeiramente feminina. *O Dominical*, Teresina, 12 fev. 1950, p. 4.

A PROFESSORA e a servente. *O Dia*, Teresina, 23 out. 1958, p. 1.

A PROFESSORA primária. *O Dia*, Teresina, 2 jan. 1958, p. 5.

A PROFESSORA primária. *O Dia*, Teresina, 5 jan. 1958, p. 3.

A PROFESSORA primária. *O Dia*, Teresina, 9 jan. 1958, p. 4.

A PROFESSORA Regina Gondim. *O Dia*, Teresina, 28 nov. 1957, p. 2.

ADITAMENTO – Estatutos da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, de Teresina – Estado do Piauí. *O Dominical*, Teresina, 1 mar. 1959, p. 2.

AMPARANDO a maternidade. *O Dominical*, Teresina, 28 fev. 1960, p. 2.

ANIVERSÁRIO. *Jornal do Piauí*, Teresina, 20 nov. 1958, p. 2.

ANIVERSÁRIOS. *Jornal do Piauí*, Teresina, 6 set. 1956, p. 2.

AOS NOIVOS. *O Dominical*, Teresina, ano 1, n. 36, 30 dez. 1951, p. 3.

APELO às mães. *O Dominical*, Teresina, 18 set. 1955, p. 1.

AS DEZ mais elegantes do Piauí em 1956. *Jornal do Piauí*, Teresina, 6 dez. 1956, p. 5.

AS PROFESSORAS e o aumento. *O Dia*, Teresina, ano 10, n. 785, 30 jun. 1960, p. 1.

AS PROFESSORAS ganham pouco. *O Dia*, Teresina, 7 fev. 1960, p. 1; 3.

ASSOCIAÇÃO Profissional de Professores. *Jornal do Piauí*, Teresina, 11 nov. 1956, p. 6.

ATIVIDADES do SESC em Teresina. *O Dia*, Teresina, 7 nov. 1957, p. 3.

ATUALIDADES de cinema. *Jornal do Piauí*, Teresina, 10 out. 1957, p.7.

AUXILIAR de escritório. *O Piauí*, Teresina, 4 abr. 1950, p. 2.

AUXILIARES de escritório. *O Dia*, Teresina, 15 ago. 1954, p. 5.

BAR, mercearia e Café Iracema. *Estado do Piauí*, Teresina, 3 jul. 1957, p. 3.

BAILES carnavalescos em todos os clubes de Teresina. *Jornal do Piauí*, Teresina, 25 fev. 1954, p. 1.

BÔDAS de ouro da Escola Normal Antonino Freire. *O Dominical*, Teresina, 29 maio 1960, p. 2.

CAFÉ Avenida. *O Dia*, Teresina, 18 mar. 1951, p. 1.

CAFÉ Brasil. *Folha da Manhã*, Teresina, 29 mar. 1959, p. 3.

CAFÉ Dragão. *Folha da Manhã*, Teresina, 27 maio 1950, p. 5.

CARNAVAL em Teresina. *Jornal do Piauí*, Teresina, 27 fev. 1955, p. 4.

CASAMENTO. *O Piauí*, Teresina, 25 fev. 1950, p. 3.

CENTRO de Estudos e Recreação do Magistério Piauiense (CERMAP). *Diário Oficial*, Teresina, 5 jun. 1956, p. 6.

CENTRO de Estudos e Recreação do Magistério Piauiense (CERMAP). *Diário Oficial*, Teresina, 12 jun. 1956, p. 2.

CINE Teresina. *Folha da Manhã*, Teresina, 16 jun. 1959, p. 5.

CINE São Tarcisio. *O Dominical*, Teresina, 23 ago. 1953, p. 3.

CINE-JORNAL. *Jornal do Piauí*, Teresina, 19 maio 1957, p. 9.

CINEMA... outro problema. *Folha da Manhã*, Teresina, 6 jan. 1958, p. 3.

CINEMAS. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 out. 1954, p. 4.

CLASSE desprotegida. *O Dia*, Teresina, ano 7, n. 510, 10 nov. 1957, p. 1.

CLUBE dos Diários. *Jornal do Piauí*, Teresina, 26 abr. 1953, p. 2.

CLUBES das donas de casa. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 398, 1952.

COLAÇÃO de grau das professorandas de 1952. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4 dez. 1952, p. 4.

COLÉGIO e Escola Técnica de Comércio “São Francisco de Sales”. *O Dominical*, Teresina, 12 abr. 1953, p. 3.

COLÉGIO Estadual do Piauí. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 161, 1952.

COLÉGIO Estadual do Piauí. *Folha da Manhã*, Teresina, 17 jan. 1959, p. 3.

COLÉGIO Estadual do Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, 27 mar. 1955, p. 3.

COLÉGIO Estadual do Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, 19 set. 1957, p. 3.

COLÉGIO Estadual do Piauí. *O Dia*, Teresina, ano 5, n. 316, 18 dez. 1955, p. 1.

COLÉGIO Sagrado Coração de Jesus. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 169-170, 1952.

COLÉGIO Demóstenes Avelino. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p.139, 1952.

COMO cuidar do bebê. *Jornal do Comércio*, Teresina, 22 nov. 1952, p. 3.

COMO cuidar do bebê. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4 mar. 1956, p. 9.

CONCURSO Miss Comerciária 1955. *Jornal do Piauí*, Teresina, 23 out. 1955, p. 12.

CONCURSO Miss Comerciária de 1955. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 ago. 1955, p. 7.

CONCURSO Miss Secretária 1959. *O Dia*, Teresina, 19 jul. 1959, p. 5.

COROAÇÃO de Miss Comerciária 1955. *Jornal do Piauí*, Teresina, 6 nov. 1955, p. 8

CONSELHOS de higiene mental aos pais. *Folha da Manhã*, Teresina, 16 mar. 1958, p. 4.

CONSELHOS para o lar. *Jornal do Piauí*, Teresina, 23 out. 1955, p. 4.

CONSELHOS para o lar. *Jornal do Piauí*, Teresina, 7 ago. 1955, p. 4 .

CREME Puff. *O Dia*, Teresina, 1 set. 1960, p. 3.

CRIANÇA devorada pelos cães – infanticídio. *Folha da Manhã*, Teresina, 8 jan. 1958, p. 4.

CURSO de admissão. *Jornal do Piauí*, Teresina, 13 jan. 1953, p. 3.

D. HERCÍLIA Almendra. *Jornal do Piauí*, Teresina, 21 fev. 1954, p. 5.

DEZ milhões de mulheres desmentem a fragilidade do sexo. *O Dia*, Teresina, 19 fev. 1956, p. 2.

DIVÓRCIO e romantismo. *O Dia*, Teresina, 4 mar. 1956, p. 3.

DOCUMENTO precioso sobre as modas femininas. *O Dominical*, Teresina, ano 20, n. 36, 1 jan. 1956, p.1.

DOIS problemas – cinema e aeroporto. *Folha da Manhã*, Teresina, 19 maio 1959, p. 3.

DR.^a MARIA Leonília de Freitas – Cirurgiã-dentista. *O Dominical*, Teresina, 19 fev. 1956, p. 3.

DR.^a. IRACEMA Cardoso. *Estado do Piauí*, Teresina, 11 out. 1959, p. 2.

DRA. TERESINHA Cordeiro. *O Dia*, Teresina, 14 dez. 1952, p. 4.

DUAS ou três centenas de professoras primárias comparecem a Karnak. *Jornal do Comércio*, Teresina, ano 13, n. 1346, 7 fev. 1960, p. 1.

É PECADO namorar? *O Dominical*, Teresina, 19 nov. 1950, p. 3.

ELAS... *O Dominical*, Teresina, 7 nov. 1954, p. 1.

ELEIÇÃO no CERMAP. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4 out. 1956, p. 5.

ELEITA Miss Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, 24 maio 1956, p. 4.

ENSINO: maior disseminação do ensino em todo o país. *Jornal do Piauí*, Teresina, 31 jul. 1956, p. 7.

ESCOLA de Auxiliar de Enfermagem – colação de grau da turma pioneira. *Jornal do Piauí*, Teresina, 13 out. 1960, p. 4.

ESCOLA de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot. *O Dominical*, Teresina, 22 fev. 1959, p. 2.

ESCOLA de divórcios. *O Dominical*, Teresina, 30 jan. 1955, p. 2.

ESCOLA de Enfermagem “Alfredo Pinto” do Ministério da Educação e Saúde. *Diário Oficial*, Teresina, ano 20, n. 14, 14 fev. 1950, p. 1.

ESCOLA doméstica N. S. de Nazaré. *O Dominical*, Teresina, 21 out. 1956, p.1.

ESCOLA Normal Antonino Freire. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 135, 1952.

ESCOLA Normal. *Folha da Manhã*, Teresina, 16 maio 1959, p. 5.

ESTÁ noiva? *O Piauí*, Teresina, 26 jul. 1952, p. 2.

ESTATUTOS do Patronato Dom Barreto. *Diário Oficial*, Teresina, 19 mar. 1953, p.3.

FACULDADE de Direito do Piauí. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 123-124, 1952.

FACULDADE Católica de Filosofia. *Folha da Manhã*, Teresina, ano 4, n. 863, 8 dez. 1960, p. 1.

FALA ao *Jornal do Piauí* o Gov. Gayoso e Almendra. *Jornal do Piauí*, Teresina, ano 7, n. 527, 25 ago. 1957, p. 1.

FESTA das debutantes. *Jornal do Piau*, Teresina, ano 10, n. 880, 25 dez. 1960, p. 2.

FILHAS. *O Dominical*, Teresina, 19 nov. 1950, p. 3.

FLAGRANTES sociais. *Jornal do Piauí*, Teresina, 12 maio 1960, p. 2.

FORMAÇÃO doméstica e profissional. *Diário Oficial*, Teresina, 19 mar. 1953, p. 2.

GINÁSIO Des. Antônio Costa. *Folha da Manhã*, Teresina, 25 jan. 1958, p. 3.

GOVERNO x professoras. *Jornal do Piauí*, Teresina, 16 jun. 1960, p. 8.

GRUPOS escolares da capital. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 171-172, 1952.

INFORMAÇÕES estatísticas: ensino superior. *Folha da Manhã*, Teresina, 20 jan. 1959, p. 5.

INFORMAÇÕES estatísticas: nível superior da mulher. *Folha da Manhã*, Teresina, 9 out. 1958, p. 2.

J. K. em Teresina no dia 13. *Jornal do Piauí*, Teresina, ano 7, n. 467, 3 jan. 1957, p. 1.

MÃES solteiras. *O Dia*, Teresina, 8 mar. 1959, p. 5.

MAGISTÉRIO primário. *Jornal do Piauí*, Teresina, 16 jun. 1960, p. 3.

MAIS escolas. *O Dominical*, Teresina, 15 mar. 1959, p. 1.

MAIS uma vitória do Ginásio Des. Antônio Costa. *O Dia*, Teresina, 5 abr. 1953, p. 5.

META da educação para desenvolvimento. *Folha da Manhã*, Teresina, 4 jul. 1959, p. 5.

MISS Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, 3 jun. 1956, p. 8.

MODAS pagãs dos nossos dias. *O Dominical*, Teresina, 20 mar. 1955, p. 3.

MORTA de fome, desmaiou uma funcionária pública no gabinete do Diretor da Fazenda. *O Dia*, Teresina, 22 ago. 1954, p. 1.

MOVIMENTADA a Faculdade de Direito. *O Dia*, Teresina, ano 6, n. 394, 27 set. 1956, p. 1.

MUNDANISMO. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 fev. 1960, p. 2.

MUNDANISMO. *Jornal do Piauí*, Teresina, 25 ago. 1960, p. 2.

NO MUNDO da moda. *Jornal do Piauí*, Teresina, 18 ago. 1955, p. 2.

NO REINADO de Rei Momo. *Jornal do Piauí*, Teresina, 15 fev. 1953, p. 4.

NOSSAS professoras. *O Dia*, Teresina, 13 jan. 1952, p. 2.

NOSSOS cinemas. *O Dominical*, Teresina, 15 mar. 1959, p. 3.

NOVAS portas fechadas a Eva no serviço público. *O Piauí*, Teresina, 25 jan. 1953, p. 4.

O DEPUTADO Arruda Câmara enumera as razões pelas quais combate o divórcio. *O Dominical*, Teresina, 5 jul. 1960, p. 1.

O DIVÓRCIO e a assembleia. *O Dominical*, Teresina, ano 15, n. 36, 9 set. 1951, p. 1.

O DIVÓRCIO e a mulher. *O Dominical*, Teresina, 13 mar. 1955, p. 3.

O DRAMA da professora. *O Dia*, Teresina, ano 1, n. 4, 25 fev. 1951, p. 1.

O FEMINISMO. *O Dominical*, Teresina, 18 set. 1955, p. 3.

O FUMO e a mulher. *Jornal do Piauí*, Teresina, 25 dez. 1960, p. 8.

O GRANDE dilema da mulher moderna: entre a profissão e a família. *Jornal do Comércio*, Teresina, 18 mar. 1956, p. 5.

O MAU cinema, escola de perversão da mocidade. *O Dominical*, Teresina, 20 mar. 1955, p. 3.

O REINADO de momo em Teresina. *Folha da Manhã*, Teresina, 21 fev. 1958, p. 3.

ORAÇÃO da dona de casa. *O Dominical*, Teresina, 15 fev. 1953, p. 1.

OS ERROS da emancipação feminina. *O Dominical*, Teresina, 4 dez. 1955, p. 3.

OS PRIMEIROS namoros. *O Dia*, Teresina, 27 maio 1951, p. 2.

PRECE da recém esposada. *Jornal do Piauí*, Teresina, 24 abr. 1955, p. 4.

PRECISA-SE de uma contabilista. *O Dia*, Teresina, ano 8, n. 569, 5 jun. 1958, p. 1.

PROBLEMAS ou descuidos? *O Dominical*, Teresina, ano 23, n. 11/59, 15 mar. 1959, p.1.

PROFESSORADO primário. *O Piauí*, Teresina, 21 abr. 1951, p. 3.

PROFESSORAS normalistas de 59. *Estado do Piauí*, Teresina, ano 33, n. 198, 6 dez. 1959, p. 1.

PROGRAMA de um “São João na Roça” que o Jockey Club do Piauí realizará no seu hipódromo dos Noivos. *Jornal do Piauí*, Teresina, 12 jun. 1956, p. 2.

RELAÇÃO dos funcionários da Recebedoria de Teresina. *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 198, 1952.

RESPONSABILIDADE moral da mulher cristã. *O Dominical*, Teresina, 4 dez. 1955, p. 2.

REUNIU-SE o CERMAP. *Folha da Manhã*, Teresina, 12 jan. 1960, p. 3.

SECRETARIA de Estado da Educação e Saúde. *Folha da Manhã*, Teresina, 13 mar. 1959, p. 4.

SENHORITA Luzia da Costa Veloso. *Jornal do Comércio*, Teresina, 4 out. 1953, p. 1.

SENHORITA Maria Iris. *Jornal do Comércio*, Teresina, 27 set. 1953, p. 2.

SRTA. CLÉSIA Batista Nobre. *Estado do Piauí*, Teresina, ano 33, n. 194, 22 nov. 1959, p. 1.

SERVIÇO social da indústria – SESI. *Folha da manhã*, Teresina, 28 fev. 1960, p. 2.

SERVIÇO social da indústria (SESI). *Almanaque do Cariri*, Teresina, p. 395, 1952.

SERVIDORES para o ensino. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4 jan. 1953, p. 3.

SOBRE as mulheres. *Folha da Manhã*, Teresina, 24 jan. 1959, p.5.

SORVETERIA e Café Cristal. *Estado do Piauí*, Teresina, 6 jul. 1957, p.5.

TERESINA vibrou sob o reinado de Momo. *Folha da Manhã*, Teresina, 4 mar. 1960, p.3.

UMA BRASILEIRA de hoje. *Folha da Manhã*, Teresina, 16 fev. 1958, p. 5.

VIDA universitária. *O Dominical*, Teresina, 31 maio 1959, p. 3.

YOLANDA Machado fala a nossa reportagem. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 ago. 1955, p. 4.

1.4 DADOS CENSITÁRIOS

ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico: população e habitação; censos econômicos: agrícola, industrial, comercial e dos serviços*. Rio de Janeiro, 1952.

ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro, 1952.

ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos demográfico e econômico*. Rio de Janeiro, 1956.

ESTADO DO PIAUÍ. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 1960*. t. 3, v. 1, 2ª parte.

1.5 DOCUMENTOS OFICIAIS

ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em sua sessão ordinária de 1950, pelo governador José da Rocha Furtado (1947-1951)*. Teresina: Imprensa Oficial, 1950.

ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, em sua sessão Legislativa de 1951, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955)*. Teresina: Imprensa Oficial, 1951.

ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1952*. Teresina: Imprensa Oficial, 1952.

ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1953*. Teresina: Imprensa Oficial, 1953.

ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), em 21 de abril de 1954*. Teresina: Imprensa Oficial, 1954.

ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador General Jacob Manoel Gayoso e Almendra (1955- 1959), em 1º de junho de 1956*. Teresina: Imprensa Oficial, 1956.

ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa, pelo governador General Jacob Manoel Gayoso e Almendra (1955-1959), em 1º de junho de 1957*. Teresina: Imprensa Oficial, 1957.

ESTADO DO PIAUÍ. Governo. *Mensagem apresentada pelo governador do Estado, Dr. Francisco das Chagas Caldas Rodrigues (1959 – 1962) por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1960*. Teresina: Imprensa Oficial, 1960.

ESTADO DO PIAUÍ. Lei n. 446 de 20 de outubro de 1955.

1.6 ENTREVISTAS

CADDAH, Maria Yêda. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 27 de setembro de 2010.

CARVALHO, Eronice Soares Cavalcanti. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 1 de setembro de 2010.

FRANÇA, Rosa Amélia Tajra. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 3 de outubro de 2010.

FREITAS, Maria Leonília de. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 13 de setembro de 2010.

MEDEIROS, Helena Conde. *Entrevista concedida a Carla Daniela Alves Rodrigues*. Teresina, 1 de outubro de 2010.

2 REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio Jorge Vieira de. Sobre homens nos caminhos do magistério de crianças em Teresina-PI: de 1910 à 2000. In: PASSOS, Guiomar de Oliveira; SALES, Luís Carlos (Orgs.). *Educação: mediações simbólicas*. Teresina: EDUFPI, 2006. p. 143 -161.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Demerval et.al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 63 – 107.

AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986.

AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930 – 1964). In: MARCÍLIO, Maria Luisa (Org.). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 101-134.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAIANO, Chico. Coisas de mulher. Intérprete: Dolores Duran. In: Disponível em <<http://letras.terra.com.br/dolores-duran>>. Acesso em: 26 de jul. 2010.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607 – 639.

_____. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1960). *Cadernos Pagu*, Campinas, n.1, p. 111-148, 1993.

BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil: 1914 -1940*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 143-181.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; PEREIRA, Maria das Graças Moita R.; SOUSA, Francisca Mendes de (Orgs.). *Presente do Passado: a Faculdade Católica de Filosofia na História da Educação do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Itamar de Sousa. *História da Educação no Piauí*. Teresina: ADUFPI, 1996.

BUARQUE, Chico. Mulheres de Atenas. Intérprete: Chico Buarque. In: Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/chico.buarque>>. Acesso em: 13 de mar. 2011.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

_____. Desejos ambíguos: imagens, práticas e investimentos do desejo feminino nos anos 1950 e 1960 em Teresina. *Scientia et Spes: Revista do Instituto Camilo Filho*, Teresina, v. 1, n. 2, p. 93 – 125, 2002.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Bagaço, 2005.

_____. A Igreja Católica e a redefinição das relações familiares e das identidades de gênero no alvorecer do século XX. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p. 361-384.

_____. História, estudos de gênero e contemporaneidade. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Auréa da Paz (Orgs.). *Cidade, História e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2004. p. 261-269.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 91-106.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 13-28.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 65-78.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 217-235.

DIOGO, Maria Fernanda. Práticas sociais excludentes relacionadas à inserção da mulher no mercado de trabalho. In: ASSIS, Gláucia de Oliveira; KAMIRA, Rosana C.; SILVA, Cristiane Bereta da (Orgs.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis: Mulheres, 2007. p. 45-58.

DOBAL, Hindemburgo. *Obra Completa II. Prosa*. Teresina: Corisco, 1999.

ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 297-311.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FENELON, Déa. Pesquisa em História: perspectivas e abordagens. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 119-136.

FERRO, Maria do Amparo Borges. *Educação e Sociedade no Piauí Republicano*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FERNANDES, João Claudino. *Teresina: 1852-2002*. Teresina: Halley, 2002.

FREIRE, Maria Martha de Luna. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 153-171, jun. 2008.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP: Imprensa oficial do Estado, 2002.

FREITAS, Francisco Newton; FREITAS, Maria Leonília de; SOUSA, Francisco Antonio Freitas de. *Professor Felismino Freitas: educação como missão e vocação*. Teresina: Zodíaco, 2009.

FREITAS FILHO, Benedito da Rocha. *Faculdade de Direito do Piauí: 25 anos de sua história*. 1ª. ed. Teresina: Gráfica Ibiapina, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED, 2003. p. 147-208.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres: o século XIX*. Porto/ São Paulo: Afrontamento/ EBRADIL, 1994. p. 199-237.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 117-132, jun. 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.103-133.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 443-481.

_____. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta Júlia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (Orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 7- 18.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 111- 153.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; RÊGO, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do. *O curso de Letras da UFPI: um fio da FAFI*. Teresina: EDUFPI, 1991.

MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. *Por uma história da mulher*. Bauru: EDUSC, 2000.

_____. *Terceiro setor e gênero: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Cultura Acadêmica-Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2005.

_____. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em debate: trajetória e perspectiva na Historiografia Contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. p. 84-111.

MELO, Antonio Maurení Vaz Verçosa de. *Os alicerces da educação superior no Piauí: uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930-1970)*. (Dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Experiências na construção de fontes orais. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p. 119-141.

_____. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950-1970. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007.

_____. Olhares sobre a cidade: o lazer em Teresina da Belle époque aos Anos Dourados. *Cadernos de Teresina*, Teresina, ano 12, n. 30, p. 1-13, ago. 1999.

NEVES, Lucília de Almeida. Os desafios da história oral – ensaio metodológico. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Áurea da Paz (Orgs.). *Cidade, História e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2004. p. 273-294.

NOGUEIRA, Lídyia Tolstenko. *A trajetória da enfermagem moderna no Piauí: 1937-1977*. (Tese) Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1980). In: ASSIS, Gláucia de Oliveira; KAMITA, Rosana C; SILVA, Cristiani Bereta da (Orgs.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis: Mulheres, 2007. p. 293-309.

OLIVEIRA, Ângela Maria Macedo de. *Imagens dissonantes? A família teresinense: entre prescrições católicas e práticas culturais na década de 1950*. (Dissertação) Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. Gênero, saúde e trabalho: um olhar transversal. In: OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de; SCAVONE, Lucila (Orgs.). *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização*. Goiânia: AB, 1997. p. 1–14.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-37.

_____. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, p. 9-28, 1995

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 578- 606.

_____. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, p. 89-98, 1998.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade de Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O carnaval em Teresina. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Histórias de vário feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 74-95.

SCHPUN, Mônica Raisal. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: SENAC, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

_____. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

SILVA, Fabiana Cristina da. *Trajetórias de longevidade escolar em famílias negras e de meios populares (Pernambuco, 1950-1970)*. (Dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SILVA, Aneth Cardoso Basílio; FERRO, Maria do Amparo Borges. Ensino de Enfermagem no Piauí: elos entre a história, memória e feminização. In: FERRO, Maria do Amparo Borges; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de (Orgs.). *História da Educação: novos olhares, velhas questões*. Teresina: EDUFPI, 2009. p. 172-193.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.

_____. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. *Cadernos Pagu*, p. 77-87, 1998.

STREY, Marlene Neves. A mulher, seu trabalho, sua família e os conflitos. In: STREY, Marlene Neves (Org.). *Mulher, estudos de gênero*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p. 59-77.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, p. 29-62, 1994.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 189-222.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: UnB, 1998.

WAJNMAN, Simone. Mulheres na sociedade e no mercado de trabalho brasileiro: avanços e entraves. In: PORTO, Marta (Org.). *Olhares femininos: mulheres brasileiras*. Rio de Janeiro: X Brasil, 2006. p. 77-108.

APÊNDICES

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1) Diga seu nome completo e de seus pais.
- 2) Quando e onde você nasceu?
- 3) Fale um pouco sobre sua trajetória escolar.
- 4) Comente sobre as condições de vida da cidade de Teresina na década de 1950.
- 5) Que motivos a levaram a ingressar no mundo do trabalho?
- 6) Como era o seu cotidiano no espaço de trabalho? E no âmbito doméstico?
- 7) Como você conciliava a vida profissional com o papel de esposa, mãe e dona-de -casa?
- 8) Que repercussão teve nas relações familiares ao assumir a identidade profissional? O marido reconheceu a importância do trabalho na sua vida ou aceitou por questões financeiras? Seus pais incentivaram você a trabalhar?
- 9) O que representava para você o mundo do trabalho? E a sociedade teresinense como via a mulher no mercado de trabalho? Como percebiam a sua profissão? A sociedade reprovava alguma profissão?
- 10) O trabalho trouxe satisfação pessoal? E financeira?
- 11) Quanto ao lazer, o que você fazia para se divertir? Havia espaços para a mulher e para o homem?
- 12) Comente um pouco sobre o namoro, casamento, vestimentas e outras práticas sociais.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, ERONICE SOARES CAVALCANTI CARVALHO, autorizo à mestranda Carla Daniela Alves Rodrigues a utilização dessa entrevista, na íntegra ou parcialmente, no trabalho acadêmico-científico que aborda o tema: **Entre lutas e conquistas: a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950**. Esta pesquisa será apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Teresina, _____ de _____ de _____.

Assinatura da entrevistada

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, HELENA CONDE MEDEIROS, autorizo à mestrande Carla Daniela Alves Rodrigues a utilização dessa entrevista, na íntegra ou parcialmente, no trabalho acadêmico-científico que aborda o tema: **Entre lutas e conquistas: a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950**. Esta pesquisa será apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Teresina, _____ de _____ de _____.

Assinatura da entrevistada

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, MARIA YÊDA CADDAH, autorizo à mestranda Carla Daniela Alves Rodrigues a utilização dessa entrevista, na íntegra ou parcialmente, no trabalho acadêmico-científico que aborda o tema: **Entre lutas e conquistas: a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950**. Esta pesquisa será apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Teresina, _____ de _____ de _____.

Assinatura da entrevistada

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, MARIA LEONÍLIA DA FREITAS, autorizo à mestranda Carla Daniela Alves Rodrigues a utilização dessa entrevista, na íntegra ou parcialmente, no trabalho acadêmico-científico que aborda o tema: **Entre lutas e conquistas: a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950**. Esta pesquisa será apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Teresina, _____ de _____ de _____.

Assinatura da entrevistada

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, ROSA AMÉLIA TAJRA FRANÇA, autorizo à mestranda Carla Daniela Alves Rodrigues a utilização dessa entrevista, na íntegra ou parcialmente, no trabalho acadêmico-científico que aborda o tema: **Entre lutas e conquistas: a participação feminina no mercado de trabalho em Teresina na década de 1950**. Esta pesquisa será apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Teresina, _____ de _____ de _____.

Assinatura da entrevistada